

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS:
AO MODO DA LITERATURA,
A VIDA CONTADA PELAS PRÁTICAS PSI
- FICÇÃO

MARCIA REGINA DA SILVA MASCARENHAS

Orientadora: Professora Doutora Claudia Elisabeth Abbês Baêta Neves

Niterói
2014

MARCIA REGINA DA SILVA MASCARENHAS

**NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS:
AO MODO DA LITERATURA,
A VIDA CONTADA PELAS PRÁTICAS PSI
- FICÇÃO**

Tese apresentada ao
Programa de Pós Graduação
em Psicologia do
Departamento de Psicologia
da Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do
título de Doutor em
Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Cláudia Elizabeth Abbês Baêta Neves

Niterói

2014

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M395 Mascarenhas, Marcia Regina da Silva.

Narrativas contemporâneas: ao modo da literatura, a vida contada pelas práticas Psi-ficção / Marcia Regina da Silva Mascarenhas. – 2014.

369 f.

Orientadora: Claudia Elizabeth Abbês Baêta Neves.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2014.

Referências bibliográficas: f. 362-366.

Referências musicais: 367.

1. Práticas Psi. 2. Narrativa. 3. Ficção. I. Neves, Claudia Elizabeth Abbês Baêta. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Claudia Elizabeth Abbês Baêta Neves
(Orientadora)
UFF

Professor Doutor Luis Antônio Baptista
UFF

Professor Doutor João Baptista Rezende
UFF

Professora Doutora Heliana de Barros Conde Rodrigues
UERJ

Professora Doutora Esther Maria de Magalhães Arantes
UERJ/PUC-RJ

*Àqueles que não puderam ficar e que,
assim, me ensinaram do medo, da coragem e da liberdade.*

POR TANTO, AGRADEÇO...

À Claudia Abbês – pela generosidade, pela alegria e pela delicadeza em partilhar, também, o *para-além*;

À Heliana Conde – pela inspiração desde há muito;

Ao Luis Antônio Baptista – por ensinar/mostrar que poesia, na escrita e na vida, é força política;

À Esther Arantes – pela disponibilidade que atravessa o tempo;

Ao João Rezende – pela simplicidade com que acolhe a vida e com que transforma a erudição em saber possível;

À Marcia Moraes e ao Helder Pordeus Muniz – pela paciente leitura e pela discussão daquilo em que ainda era frágil para se acreditar;

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF – pelas transmissões;

Ao Lucas Vieira Roratto – pelo que me ensina sobre parcerias continuadas e sobre o contar atravessado de afetos;

Ao Paulo Armando Viana – pela reciprocidade que, entre o descarrilamento e o excesso narrativo, construíram um bem-querer;

À Rita e à Bia – pela paciência e pelo auxílio nos ajustes burocráticos inerentes ao per-Curso;

Aos já amigos e aos amigos tornados – pela generosidade em compartilhar suas vozes e práticas para compor “Narrativas...”;

À Denise Moneratt, à Margarida Chrysostomo Ribeiro, à Janete Borges, à Ana Claudia Mello, ao Luiz Renato Paquiela Givigi, à Iasmin Garcia – pelas vozes tornadas letras; cada qual, ao seu modo, me fez ver o que pode o movimento das portas;

Às presenças na distância - pela torcida;

Aos tantos – crianças, adolescentes, adultos, idosos, *loucos e nem tanto assim* - que confiaram em contar suas dores à minha prática psi;

À Marcia Guerra – por possibilitar que Gerárd também saiba do que se passa.

Ao Brock – pela recepção festiva, des-contraindo as orientações matinais.

RESUMO

Das tantas histórias que ouvimos – seja no terreno das práticas psi, seja para além dele -, o erro, o acaso, o imprevisto, o acidente, o excesso e mesmo o nada e a ausência, têm ares/sentido de negativo. Tornados defeitos, justificam o sofrimento e fazem da dor o adoecimento da própria vida. Queixas forjam diagnósticos, justificando prescrições medicamentosas, tornando imprescindível o tratamento.

“*Narrativas Contemporâneas...*” pretende afirmar que, ao modo da Literatura, a vida pode ser contada – e vivida/experimentada – como ficção. Para tanto, percorre algumas práticas psi, tornando entrevistas *Conversas* e conversas *narrativas/acontecimento*, interrogando, na História, na Política, na Pesquisa, na Memória, no Tempo, na Literatura, na Linguagem, *aquilo que parecia imóvel*, para encontrar, nos fios de sua constituição, a potência para outros desenhos. E, assim, re-inventar a vida, que pede passagem – projeto *ético-estético-político*.

Assim, afirma que, de modo outro, erro, acaso, imprevistos, acidentes, defeitos, excessos, nada e dores podem ser tomados, ainda, como vida. Vida afirmada para além da vida adoecida/doente que pede tratamento: vida que impõe ser re-inventada.

Palavras-chave: Práticas Psi; Narrativas; Ficção.

RÉSUMÉ

De tant d'histoires que nous avons entendues – soyez au terrain des pratique psi, soyez pour un plus de lui - l'erreur, la chance, l'inattendu, l'accident, l'excess et même le rien ont l'air/sens de négatif. Des défauts tournés, il justifien la souffrance et font de la douleur, le mal de la propre vie. Les plaintes exigent diagnostics, étant d'accord avec les prescriptions de médicaments et le traitement devient indispensable.

“Récits Contemporains...” a l'intention de l'affirmer que, à la façon de littérature, la vie peut être compté et vécue/essayée comme fiction. Pour tellement, existent des pratiques psi, que fassiez de conversations d'entretiens et conversations narratives/événement, demandant, dans l'Histoire, dans la Politique, dans la Recherche, dans la Memoire, dans le Temps, dans la Litterature, dans la Langue, cela qui a semblé immobile, pour trouver, dans les fils de votre constitution, la puissance pour d'autres dessins. Et comme ceci pour inventer changement la vie, qui demande le passage – projet éthique-esthétique-politique. D'autre manière, s'affirme que l'erreur, la chance, l'inattendu, l'accident, l'excess, les riens et les douleurs peuvent être pris, tout de même, comme la vie. Vie affirmé pour un plus de la vie malade qui demande le traitement: la vie que impose pour être inventer de changement.

Mots-cles: Pratiques Psi; Narratives; Fiction.

SUMÁRIO

CORRENTEZA	11
- Um Canto-Oferece-Uma-Continentalidade. Ou a Rompe?	16
POR UM COMEÇO	20
- Aviso!	20
- Antes! Ou: Da Necessidade de Mentir em Rebanho	20
POR UM <i>OUTRO</i> DO COMEÇO OUTRO	21
POR UM COMEÇO OUTRO	25
- <i>Fui Eu Que Inventei...</i>	26
- O Canto e As Sereias no Mar de Riscos e de Interferências	27
- Quem É ELA?	32
<i>MAR ABERTO... MAR ALTO</i>	38
MAR DE NARRATIVA	39
- Na Direção... do Ir e Vir	39
- Nasço da/na Arte... Morro na Ciência	42
- Insisto, Ainda... Quando Deixo de Ser	43
- No Vazio, Sou/Surjo Pensamento	46
- Eu/Narrativa, Segundo o Próprio – Que Também é Outro	50
- Proust e o Simultâneo	54
- Borges e o Labirinto	56
- Woolf e o Chamado	60
MAR DE POLÍTICA	63
- ELA Foi à Aula	63
- Riscos nas Interferências Orientadas	63
- ELA <i>Escuta</i>	74

- Posso Criar	82
- De Fragmentos, de Encadeamentos e de Outras Ficções	96
MAR DE PESQUISA	101
- ELA Interroga	101
- ELA Encontra Frank	112
- ELA Encontra uma Condessa Que Encontra um Professor Que...	121
<i>ISTMO</i>	134
MAR DE LINGUAGEM	135
- <i>Então, Conta Direito!</i>	135
- Desfazendo um Fecho	152
- <i>Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso – Ou: Quem Escolhe?</i>	155
MAR DE TEMPO	173
- Se Não ELA, um Intruso?!	173
- Outros Tempos	173
- Um Caso no Tempo de uma História... Amor?!	177
- Tempo <i>Outro</i> do Tempo	190
MAR DE MEMÓRIA	197
- Memória, Signo e Arte	198
- Encontros: Estratégias, Amizades e Amores Para Interferir e Formar	204
- Ao Modo da Caixa-Surpresa	217
- Ao Modo da Caixa-de-Música	228
<i>ILHA</i>	233
MAR DE LITERATURA	234
- ELA Toma a Palavra – E Nos Arrasta	236
- Outras Experiências de Verdade	240
- O <i>Fora</i> da Literatura	252
MAR DE HISTÓRIA	269
- As Mortes	269

- As Histórias Nos Sentidos Proliferados	277
- A História Que Não Existe	278
- “De Baixo”: Da Ontologia ao Oral da História ou Vice-Versa	283
- Os Inconvenientes no Uso da História	289
- Correntes e Ficções	294
MAR DE VIDA QUE CONTO	307
- <i>Mais</i> de Realidade	307
- Escrever	315
- Ama!	318
- Escreva!	321
- Queira! Afirma!	322
- Viva!	325
- <i>Ao Modo da Literatura...</i> Conto	325
- <i>Daquela Criança...</i>	328
- <i>Fernanda é o Nome Dela</i>	329
- <i>Faz de Conta e Conta</i>	330
- <i>Saí Para Fumar um Cigarro e Buscar Outros Recursos</i>	332
- <i>Renasço</i>	333
- <i>Como Correnteza, Ela Arrastava o Meu Olhar</i>	335
<i>PRAIA</i>	337
CANTO	338
- O Que Bem (Se) Entender	343
- <i>Repetir o Narrar é Fastidioso</i>	344
- Sentidos, Direções e Obediências em Re-Versos	346
- O Que Pode a Voz?	352
SILENCIO	358
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	362
REFERÊNCIAS MUSICAIS	367
ANEXO I	368
ANEXO II	369

CORRENTEZA

As Sereias. Consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato... mar...

Maurice Blanchot (2005)

Não tenho nada a fazer, isto é, nada em particular. Tenho de falar, isso é vago. Tenho de falar não tendo nada a dizer, somente as palavras dos outros. Não sabendo falar, não querendo falar, tenho de falar... não há nada, nada a descobrir, nada que diminua o que resta para ser dito, tenho de beber o mar; há, pois, um mar.

Samuel Beckett (1989)

Na direção do *canto ainda por vir... há, pois, um mar.*

Uma certeza e/ou constância do Mar é sua *ondulação* – nesta, a expressão do seu movimento dissonante: por vezes, calma; por outras, tormentas em tempestades. Outra constância e/ou certeza do Mar é sua *salinidade* – nesta composição, a expressão da heterogênese. Dos Mares, sabemos: teriam como uma *origem*, dentre outras, os leitos dos rios. Setenta por cento da superfície da Terra/continentalidade é formada por água – rios e mares/oceanos. Onde começa um? Onde termina o outro? Como afirmam suas diferenças ou o que os distanciam? Em sua heterogênese, a salinidade que decorre dos rios que trazem compostos, sais e minerais da terra, faz do Mar salgado. Quando a água do mar evapora para transformar-se em nuvens, os sais permanecem no oceano – por isso *a chuva é doce*. Se Mar é rio que se transmuta, a Chuva é Mar transmutado. As ondas - radicalidade de seus movimentos - formam-se pela ação dos ventos sobre a superfície das águas, pelos efeitos dos abalos sísmicos e eventos tais como desmoronamentos de montanhas. Mar, portanto, é também Relação.

Tal como o Mar, assim são as práticas, os discursos teóricos – também práticas -, as proposições filosóficas e literárias, os conceitos ou os grandes temas: ondulações, heterogeneidade, ressonâncias, dissonâncias e, ainda, transmutação e relação. Tal como o Mar, assim são os modos, as existências, a vida: ondulações, heterogeneidades, ressonâncias, dissonâncias, transmutação e relação. Mares e proposições, movimentos, expressões e práticas: de onde surgem? Como afirmam suas diferenças?

“Narrativas Contemporâneas...”, percorrendo seus movimentos/sentidos/direções – ainda por vir -, propõe-se descobrir. Descobrir – ressalte-se - quando este for criar.

Istmo é a faixa de terra que une uma *península* a um continente – porção de terra. O que as distancia: faixa e porção. *Istmo* é terra que diz do Mar. *Istmo* também é sinônimo de rompimento. É rompimento que toma o Mar que, assim, pode ser contra-efetuação, transgressão, aquilo que escapa. *Istmo* aponta, portanto, para o paradoxo: quem interrompe quem? Mar rompe/invade Continente e Continente rompe/invade Mar – *ao mesmo tempo!* Assim, as práticas psi, as narrativas, as palavras, a escrita, a pesquisa. Assim, o *Canto* – das Sereias, da Banca. Assim, as insistências. Assim, a vida. Assim, portanto, ELA dirá: Sim, *é muita Vida!*

Como evitar tomar tantas informações como classificação numa lógica representativa e aristotélica? Buscando, nesta operação *talossográfica*, alguns intrigantes que nos desnorteiem para outras direções. A cada um a que melhor convir.

“... Mesmo que eu mande em garrafas mensagens por todo o mar...” (BLANC; BÔSCO, 1988) - Do Mar vem, ainda, a voz musicada de João Bôsko - compositor que nasceu/*teve origem* em Minas Gerais, um estado sem mar; no entanto, rico em rios. “*Seja generosa...*” – Em meio aos *Mares*, aos excessos e a tanta fragmentação, a voz da orientadora pede que ELA – pensamento/movimento que, acolhendo as intensidades no silêncio, toma a palavra e nos conduz nesta “Narrativas...” - “dê pistas ao leitor”. “*É muito mar!*” - As vozes outras da Banca do Exame de Qualificação também advertem. Por isso, será preciso criar algumas praias. É preciso, portanto, que seja intensificada nesta operação *talossográfica*, uma clareza. Quem sabe afim ao método/moço cartográfico – mais familiar aos leitores/pesquisadores –, tratar-se-ia de aprofundar esse estudo das águas salgadas. Difícil, aqui, resistir ao jogo/provocação/brincadeira paradoxal das palavras: aprofundar para não afundar – porque “*é muita água*”. Assim, que sejam apropriados outros sentidos/direções:

Mares imensos são chamados *Oceanos* – imensas porções de águas salgadas que cercam os continentes. Mar Aberto, Mar Alto. Istmo. Ilha. Praia. São diferenças em Relação. *Mares* são movimentos que, em revezamento, se continentalizando, disponibilizam-se em paragens. Nomes, definições – classificações?! *Mares!*

Lembremos que, ainda que inquestionavelmente horizontais, os *Mares* têm oscilações – também ondulações – verticais. Estas provocadas pela gravidade. Nos seus efeitos, as marés – enchem, esvaziam, sobem, descem. Propomos pensar tais informações como movimentos/*modos* marítimos – buscando inspiração para tomar a vida.

Interrogando como os *Mares* se comunicam/relacionam, encontramos uma espécie de *tiranía das consistências* - ou privilégio dos continentes: terra firme, pés no chão e seguras estabilidades. Assim, e também, as práticas psi.

Encontramos “causas e razões” – desta feita, era Gilles Deleuze (2014) trazendo “uma preciosa informação para a imaginação” (p. 17). Ocupado em diferenciar as *ilhas*

oceânicas e as ilhas continentais, o filósofo permite que apontemos para este necessário revezamento.

Um as nos fazem lembrar que o mar está sobre a terra, aproveitando-se do menor decaimento das estruturas mais elevadas; as outras lembram-nos que a terra está ainda aí, sob o mar, e congrega suas forças para romper a superfície (DELEUZE, 2014, p. 17).

Assim, encontramos *paragens* que nos fazem acatar a voz orientadora – ‘pistas, garrafas que atravessem, mas que cheguem à, que possibilitem o acesso às praias. E que, então, encontrem possíveis leitores ou, mesmo, para que leitores sejam possíveis.’ Assim, acatemos – e aproveitemos! - as suas provisoriidades.

Encontramos, no Serviço Público, o paradoxo – a simplicidade no mais vida. Na simplicidade dos encontros que compõem – e que expandem a vida -, está também aquilo que tomamos por ‘muita coisa’. Porque é na simplicidade que sentidos/movimentos oferecem-se a favor da vida, rompendo superfícies. Mesmo quando, em correntezas, trata-se da vida pedindo nossas coragens.

Isso aprendi na Literatura. Acho que não foi com a Psicologia, não. Por isso, minha prática psi é literária? Não sei. Mas não importa. Porque penso – e quero! - que as histórias vividas, contadas, ouvidas, partilhadas e que, assim, se redesenham, possam ganhar ares de literatura e poesia.

“Isso não poderia acontecer comigo só quando eu já tivesse 18 anos?! Teria mais experiência, saberia o que fazer...” – aos 15 anos, é assim que Paula, num suspiro/desabafo, refere-se ao que vive em relação à Nicole. Falaremos, então, da sua paixão por uma antiga amiga de colégio também antigo.

Paula chegou com encaminhamento para Psicologia e para a Psiquiatria. No final de semana anterior àquele dia, tinha dado entrada na

Emergência de um grande hospital: crise de ansiedade ou síndrome do pânico (?!), ansiolítico via venosa, encaminhamento para acompanhamento ambulatorial.

Durante alguns meses, Paula insistiu em descrever os sintomas que a impediam de frequentar o novo colégio: as pernas não obedecem, o coração dispara, a boca treme. Desacreditava em poder deixar as consultas com a psiquiatra, assim como o uso das novas medicações – ainda que esta fosse condição para a continuidade das novas marcações na Psicologia comigo – meu fazer psi, como chamo.

A boca é sua principal preocupação: boca que treme, que seca, que fica anestesiada, que recusa a comida. E que insiste em descrever-se. Efeito da medicação ou experiência da agonia que insiste pela expressão e pela vida? Paula quer falar/contar. Vem, por um longo tempo, acompanhada pela mãe. Sugiro que, então, esta mãe fique aguardando sua vez na fila da Psiquiatria. As pernas que não obedecem parecem concordar em vir somente para as entrevistas comigo – “aqui, eu consigo.” Outra perna?! Outro corpo?! Outra Paula?! O coração não impede que Paula arrisque-se pela vida. Desafios são acatados. Por Paula e pela prática psi que posso.

Além da medicação, a psiquiatra ofereceu um folheto explicando sobre ansiedade, síndrome do pânico e congêneres – “é o que eu tenho”, insistiu, por algum tempo. Até que, optando entre as consultas com a psiquiatra e os nossos encontros – ou a Psicologia ou a Psiquiatria!, coloco -, abrindo mão dos remédios e me entregando o folheto, pode falar da sua paixão. Nicole era fisicamente parecida com ela, e, por sua vez, parecia-se com uma cantora de grande sucesso no público juvenil. Vontade de espelho? Vontade da diferença? Vontade de aventurar-se, diríamos... Juntas. Ser tomada pelo patológico ou pela vida? Cabe, ainda ou neste caso, escolher.

Lembramos de uma novela que mostrava o amor entre duas meninas de classe média alta – produção de subjetividades e de vontades. A mídia

autorizava a diferença e Paula tentava levar o assunto para as conversas com a mãe – “queria contar o que eu sinto de verdade”. Sem sucesso nesta direção, Paula fez contato com Nicole – telefonemas, encontros marcados, encontros consumados. Coragem para experimentar a disritmia de um coração que sugeria estar vivo e não ameaçado pela morte. Cabe, sim, escolher.

Paula vem às marcações por mais dois anos. Nicole perde o encanto, Paula ganha e perde um namorado. Paula se encanta por uma nova amiga. Paula matricula-se num curso de violão e encanta-se pelo jovem professor. Paula conclui o Ensino Médio, vive a angústia das tentativas do primeiro emprego. Paula vai à vida. Porque a vida vai à Paula.

Insistimos! Quem dera as histórias vividas, contadas, ouvidas, partilhadas e que, assim, se redesenham, pudessem ganhar ares de literatura e de poesia... Quem dera – todos os nós envolvidos - pudéssemos movimentos, cores, sabores e perfumes outros – para longe do fardo da doença e do tratamento. Ainda que aqueles – literatura, poesia, redesenhos – não garantam paz ao pensamento e, por vezes, afirmem-se como correntezas.

Guimarães Rosa (1988), que fala na voz do Riobaldo tomado de amor por Diadorim, ensina que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (p. 52). No meio e/ou na travessia, haja coragem! Para viver um amor e para reinventar uma prática psi. E você sabe: isso não é para qualquer um.

Um-Canto-Oferece-Uma-Continentalidade. Ou a rompe?!

“O oceano imperecível surpreende a cada nova narração, impedindo paz ao pensamento” (BAPTISTA, 2012, p. 110). ELA também é levada pelo *Canto* – do professor que, tornado estrangeiro, forjou de veludo, de vidro e de plástico a *experimentação narrativa* que interrogava a vida dos ex-pacientes psiquiátricos. O professor, tornado pesquisador, tornado estrangeiro, tornado *Canto*, no território italiano, atravessando mares, afirmando a força política da fala poética para além da metáfora, contou assim:

Silenciosamente parte a caravela. Pedacos de tempos deixam a Praça Flume em direção a outro lugar. Ruídos de vozes em pedacos emudecem. A velha Roma silenciosa nao é mais a mesma. A embarcação vai embora; destrói, constrói, reconstrói, arrasando fronteiras e o outro. O estrangeiro também não é mais o mesmo, após ouvir marinheiros que não usam o eu, jovens torturados jogados ao mar, louvações de encantamento, escravos do ontem e do agora e outras vozes emitidas das madeiras cobertas por musgos (...) A caravela vai-se, mas a eternidade do oceano permanece queimando os olhos do estrangeiro; preenche-os de sopros de oxigênio, porém, dizimando qualquer apatia ou desencanto (BAPTISTA, 2012, p. 109/110).

Foi experimentando, ou seja, vendo, sentindo, respirando outros mares e continentalidades, que o professor-tornado encontrou um autor croata – P. Matvejević. *Canto* proliferado, portanto. E, juntos, insistiram.

O eterno que fica lembra-o dos vários termos da palavra mar, usados pelos gregos no passado: hals, o sal, mar como matéria; pelagos, a extensão, mar como imagem; pontos, mar como vastidão e viagem; thalassa, mar como experiência e acontecimento; colpos, aquela parte do mar que abraça a costa, reentrância, golfo; laitma, a profundidade marinha, cara aos poetas e aos suicidas (Apud. BAPTISTA, 2012, p. 110).

Nos textos dos poetas e navegadores– assim como os do professor-tornado – tais termos multiplicam-se em sentidos/direções – e isso é o *Canto*!

... matéria-imagem, imagem-acontecimento, profundidade-vastidão, matéria-profundidade, e assim, ao infinito, transfiguram os limites da realidade. [Poetas e navegadores gregos desdobram o mar, produzindo o aturdimento da diferença. O Mediterrâneo multiplicado ao infinito por meio das histórias dos seus narradores transborda os limites de suas margens (BAPTISTA, 2012, p. 110).

No “oceano imperecível... uma nova narração... impedindo paz ao pensamento” (p. 110). Está intensificado o convite.

Há, pois, o Mar! - Tal qual as práticas, as narrativas; as palavras, a escrita, as vozes; tais quais os discursos teóricos, as proposições filosóficas e literárias e os grandes temas; tais quais os modos, as existências, a Vida: também insistências, fragmentaridades, correntezas, excessos.

*Amaram o amor urgente
As bocas salgadas pela maresia
As costas lanhadas pelas tempestades
Naquela cidade distante do mar*

*Amaram o amor serenado
Das noturnas praias
Levantaram as saias
E se enluaram de felicidade
Naquela cidade que não tinha luar*

*Amaram o amor proibido
Pois hoje é sabido
Todo mundo conta
Que uma andava tonta, grávida de lua
Outra andava nua
Ávida de mar*

*E foram ficando marcadas
Ouvindo risadas*

*Sentindo arrepio
Olhando pro rio
Tão cheio de lua
E que continua correndo pro mar*

*E foram correnteza abaixo
Rolando no leito
Engolindo água
Boiando com as algas
Arrastando folhas
E a se desmanchar*

*E foram virando peixes
Virando conchas
Virando seixos
Virando areia
Prateada areia
Com lua cheia
E à beira mar.*

Chico Buarque (1980)

POR UM COMEÇO

Aviso!

Garrafas foram lançadas. Com mensagens, servem, também, de bússolas ou de pistas oferecidas ao leitor. Nelas, um organizador para as mudanças de vozes neste percurso que chamo “Narrativas...”

Vozes da autora/narradora: margem 0”; espaço entre linhas 1,5; tamanho da letra 12.

Vozes advindas do Serviço Público: margem 1,0”; espaço entre linhas 1,5; tamanho da letra 12; itálico.

Vozes de autores em citação com mais de 4 linhas: margem 4,0”; espaço entre linhas simples; tamanho da letra 11.

Vozes da ELA: margem 2,0”; espaço entre linhas simples; tamanho da letra 12.

Vozes da prática psi em *Conversa*: itálico.

Vozes da ELA em *Conversa*: tamanho 12.

Mais...

Antes! Ou: Da Necessidade de Mentir em Rebanho

A vida faz o verso. E também inverte. “Para o bem e para o mal.” – reverbera, aqui, a advertência da Professora que faz da voz/do oral ferramenta de intervenção na história. “Mentimos em rebanho!” - também ensina Nietzsche, a quem, agora, grito por socorro.

Ao finalizar o acabamento de uma tese, retomar seu começo – é o que pede a convenção acadêmica. Chama Conclusão ou Considerações Finais o que chamo acabamento e Introdução o que chamo começo. O começo é, efetivamente, o texto final! Um círculo?! Introdução... Retomá-la. Refazê-la?!

Se não importa por onde entramos, cabe um acordo de paz. “Convocar o leitor de um modo que ele queira e possa a leitura!” – pede a voz da orientadora. Evitar que ele afogue-se pelo caminho ou já nas primeiras páginas – re-considero.

“Por Um Começo Outro” seguia-se de “Correnteza” e precedia “Por Um *Outro* do Começo Outro”. No entanto, se, aqui, mudo a ordem, o sentido/a direção, sirvo-me deste preâmbulo para reiterar que sentidos podem ser este, aquele ou outro. Porque é do sentido proliferar.

Assim, concordando com esta espécie de trapaça – é próprio da vida, repito, inverter o verso – retomo. E efetivamente inverto o que já estava ali como Começo. Minto, também, afirmando que já sabia onde “Narrativas...” ia dar. Para, então, contar.

POR UM OUTRO DO COMEÇO OUTRO

*Estavam prestes a se encontrar:
A Vontade, o Medo, o Começo e o Novo.
Mais adiante, juntariam-se a eles:
A Coragem (força na tentativa) e o Prazer (de Conseguir).
- Era a Vida Pro-Vocando Outros Rumos... e Encontros.
ELA*

Cada Mar... veio vindo. Cada *Conversa*, também. Em que sentido? Vários. Direções? Muitas. Na *Pesquisa*, parecia tratar-se da *História* ou na *História*, tratar-se da *Pesquisa* e da *Memória* e, mesmo, da *Política* ou do *Tempo*. Numa espécie de revezamento aleatório onde o acaso afirma a necessidade, tratava-se, insistentemente, da Vida. Ainda assim, para onde nos levariam as questões produzidas no *percurso* de “Narrativas...”? Por que projetos se fazem? Por que antecipar seus percursos? Por que Pesquisar? Por que Narrar? Por que agitar a História? Para que interrogar a Política? E a Memória? E o Tempo?

ELA, como movimento e/ou como pensamento violentado que irrompe em meio às tantas vozes, auxilia na condução de “Narrativas...” pelos Mares. Por vezes, organizando; por outras, nem tanto. Para afirmar que, *ao modo da Literatura, a vida é uma ficção*, reveza-se com a pesquisadora/narradora. Na intenção de arejar a vida, as práticas e as tantas vozes, conduzindo ou des-conduzindo o leitor e ao que pudermos, aqui, chamar de nós, fazemos o convite/desafio. E advertimos que, para fazer novos/outros encontros, construir e contar novas/outras histórias, é preciso aliar medos e coragens. O acaso, afirmando a necessidade, fará – por vezes, impondo-nos! - sempre suas escolhas. E, na lógica do absolutamente necessário, onde o acaso afirma-se, torna-se falsa a questão de saber – e de dizer – qual Mar veio primeiro. Cada Mar veio vindo: ora, tormento; ora, calmaria; ora, fluxo; ora, refluxo/repuxo. Correnteza.

Cada *Conversa*, também. Em movimentos diversos: reticente, disponível, surpreso, formal, informal. Alegres, endurecidos. Foram dispersões que nos arrastaram. E podemos ainda afirmar que foram exatos *Cantos da Sereia* os movimentos que forjaram as

escolhas das práticas psi que, por sua vez, forjariam as *Conversas*. Estas também obedeceriam à lógica do acaso?

Uma prática de chefia que também atua como prática psi – põe a mão na massa, poderíamos dizer - disse *sim* desde o primeiro momento. Ou não? Porque se tratou de um primeiro convite, quando o projeto era outro – interrogar a história das práticas psi na Saúde do Município do Rio de Janeiro, desde a criação do cargo, em 1996. A Direção da Unidade precisaria concordar – o que foi determinante para desistir do percurso já exaustivo no enfrentamento do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro. O convite foi desfeito, para, no tempo outro, ser re-feito.

Uma prática psi permeada de Literatura. Ah, a Literatura! Que, no título de uma pesquisa, fez da vontade de chegar mais perto para saber o que pode ‘minha vida em suas mãos’, um convite. Não sem uma insistência. O que contaria?

Uma história de amor pode ser extraída de um *caso* levado para supervisão, num ambulatório de saúde mental, na busca de um diagnóstico. Como, então, contar de modo outro? É possível para uma prática psi outra?

O inusitado afirmado num percurso pelo Serviço Público: trata-se de uma escolha ou de querer (afirmar) o acontecimento? A intenção no concurso público era a Saúde; no entanto, os candidatos foram levados à afirmação de sua prática na Educação. Para além da indignação, para que serve a prática psi? Intervir, formar. E amar – pude concluir naquela *Conversa*.

Ela me conta da percepção da minha prática psi como uma espécie de ‘Onze de Setembro’ – que faz desabar *alicerces*. E, daí, surge a minha vontade de interrogar seu modo político partidário militante e artista atravessando a sua prática psi. Atravessamentos?! Distâncias?! Até onde?

Interrogar, também, uma prática de consultório permeada de sensibilidade para a arte e a cultura. Que, então, me surpreende trazendo seu percurso no serviço público e/ou num hospital de emergência. Mesmas questões? Mesmas subjetividades? Mesmas intervenções?

‘A’ *Conversa* acerca da prática psi de orientar pesquisas - formar?! – tinha, também, um certo sabor de despedida. E, ainda assim, ganhou ares de orientação.

A questão da identificação – ou não - dos profissionais e dos locais onde suas práticas afirmam-se atravessou “Narrativas...”. Talvez como efeito, numa espécie de armadilha, em ter que responder – e aliarmo-nos – ao proposto/imposto pelo Comitê de Ética em Pesquisa Com Humanos. Tal questão, por vezes, constrangeu nosso percurso até que... se tornou falsa. Assim, alguns profissionais e seus locais de trabalho foram identificados. O critério? Quando foi considerado absolutamente necessário para que a intensidade das forças em jogo nas *Conversas* fosse afirmada.

A *Conversa Outra* é como ELA chama o momento do Exame de Qualificação. Esta não teria também sido forjada ao acaso? Era preciso escolher quem chamar era afirmar uma *vontade de ressonância específica* – misto de *dar notícias*, de *comemorar* um percurso, de *pedido por novos rumos/mares*. E teve até convite. Que ficou assim:

É Coral de Babadinho!

Psii! Ei, vocês aí! Das interrogações das cidades, dos grupos, das formações críticas, das artes do tempo! Ei, vocês das histórias!

Convido-vos ao Mar – este *em-mim*. Se não a um mergulho, a um molhar os pés. A um pisar – este modo que inaugura um paradoxo, porque quando me pisares, não serei eu a te sustentar; porque tocarás a areia, esta que, ainda que me toque, também não me sustenta.

Ei! Psii! Venham comigo, vocês! Vocês que, um dia, me possibilitaram...

... Experimentar que *pisar as calçadas de Copacabana é um acontecimento* - e fazer com que aquilo que, na vida, tinha anestesiado o que faz vibrar, fizesse daquelas calçadas de tantos anos, de novo, o *vislumbre da primeira vez*.

... O desafio de me ocupar dos efeitos das *fantasias* de uma *Eudoxa-em-mim* e a continuar... *desconsequindo*.

Ei, vocês! Que, assim, possibilitaram a experiência de ultrapassar a banalizada *colcha de retalhos* da forma(ção) para afirmar, no labirinto da fragmentação, uma prática psi reinventada. Venham ver meu movimento de até agora, nessa, por vezes insustentável, leveza que tento imprimir à vida – também minha. Venham! Quero mostrar a vocês as *mobilidades* e as *imobilidades*, as *dessujeições metodológicas*, a *abertura do pensamento ao desatino*, a *aliança que torce e bebe dos sonhos que posso partilhar* – com a Claudia (Abbês), também por aqui, neste *Mar-em-*

mim. Nesta política, pesquisa, história, memória, linguagem, literatura e narrativa desse tempo tanto de *vocês-ainda-em-mim.*

Venham! Porque, aqui, *labirinto* se faz verbo em movimento e me percorre. Em Narrativa, em História, em Pesquisa, em Tempo, em Memória, em Política, em Literatura, em Linguagem, em Vida. Então, venham! Venham! Quero mostrar o que ainda aprendo com vocês. A ir e vir. E ouvir e ver... Que *existir é fazer política*; existir é político. E que fica mais bacana quando é ético e estético – em tentativa de *montagem literária*. Assim, eu labirinto; tu labirintas; ele labirinta e... vocês me dizem por onde e como sair. Ou continuar.

É coral de babadinho! – Foi contando uma história que a orientadora desfez a tensão. Era o momento de definir o material que iria para a Qualificação do percurso que fizemos até aqui. Definir as datas e a(s) banca(s). Definir era menos que escolher, mas re-direcionar afetos.

Queria vestir-se para a festa. Procurava a blusa que combinaria com a saia. A saia vermelha esperava. Para compor. Foi oferecida a blusa – *é coral, de babadinho!* A procura, a espera – queriam afinidades. Tinha virado condição? O proposto apontou para uma dissonância. Lá, a ocasião era de festa. Não serviu. Aqui, o fragmento serve - porque também alegra a vida.

Venham!

Eles vieram.

ELA, num momento de conversa silenciada, apenas ouvia e experimentava o reverso do seu verso. Agora, ao invés de propor, somos *levadas* pelo Canto das Sereias. *Canto da Banca* – dirá. Interrogada acerca do leitor – “... *seu texto não é para qualquer leitor*” -, seu silêncio faz barulho. ‘Você saberia fazer concessões?! – me perguntaria. Eu responderia que sou tal como a vida que, por vezes, afirma o fragmento, o disperso, o sem nexos, o excesso. A Banca insiste: “*Importa quem vai te ler?*” E mais: “*A não ser que você não queira...*” A vida me confunde, também – eu diria. Exatamente quando, provocando nossos medos, chama as nossas coragens. Satisfeita, ELA pensa/cala/decide: por vezes, viver – *em meio a fragmentos e excessos* - também *não é para qualquer um*. Mas lembra que, ainda assim, é generosa a vida, quando nos oferece o que apazigua o disperso, o paradoxo, o fragmento. E possibilita a construção e a oferta garrafas que devém bússolas.

POR UM COMEÇO OUTRO

ELA repete: “nunca digo o sentido daquilo que digo” (DELEUZE, 1988, p. 31). Porque também leu no “Paradoxo da regressão ou da proliferação indefinida” (p. 31). Acreditam – ELA e Deleuze - que “é este também o paradoxo de Lewis Carroll” (p. 32), que aparece *rigorosamente* sendo operado *Do Outro Lado do Espelho* (CARROLL, 1999) no “encontro da Alice com o cavaleiro” (p. 32). Lá (CARROLL, 1999), o Cavaleiro respondendo à Alice, afirma que “sim, fui eu (que inventei), mas já inventei um outro melhor do que este aqui” (CARROLL, 1999, p. 269). Então, despedindo-se, orienta e encoraja Alice: “Basta seguir em frente, descer a colina, atravessar o regato, e então você será uma Rainha...” (CARROLL, 1999, p. 277) Estaria apta às suas próprias invenções – ainda que não soubesse. Alice - então, sozinha – é quem repete: “Espero tê-lo encorajado...” (p. 277) E, voltando-se para a colina, afirma: “Agora, vamos lá. Basta saltar um regato, e por fim serei uma Rainha!” (p. 277) Aqui, trazendo o filósofo francês, o escritor e matemático inglês, o *Cavaleiro* e *Alice*, ELA inaugura esta *Narrativa* que, inventada, tornar-se-á Tese. E sugere:

que se faça de versos e/ou de versões que, por sua vez, proliferem direções. Para tal, *basta* a coragem para saltar ou *seguir em frente* – que, aliás, talvez sejam a mesma coisa...

O cavaleiro anuncia o nome da canção que vai cantar “O nome da canção é chamado Olhos Esbugalhados

– “Oh, é o nome da canção?”, diz Alice.

– Não, você não compreendeu, diz o cavaleiro. É como o nome é chamado. O verdadeiro nome é: o Velho, o velho homem.

– Então, eu deveria ter dito: “é assim que a canção é chamada”, corrigiu Alice.

– Não, não deveria: trata-se de coisa bem diferente. A canção é chamada Vias e meios; mas isto

é somente como ela é chamada, compreendeu?”

– Mas, então, o que é que ela é?

_ Já chego aí, diz o cavaleiro, a canção é na realidade Sentado sobre uma barreira (DELEUZE, 1988, p. 32).

Fui Eu Que Inventei...

E foi assim que ELA insistiu. Seguindo em frente, com coragem para narrar - repetindo que, por vezes, *fui eu que inventei*. Insistiu na proliferação, que nunca diz o sentido daquilo que diz; insistiu na proliferação dos títulos e versos que propõe; insistiu nas versões e nos sentidos; insistiu nas coragens – suas e nossas.

ELA repete: *Consta que...*

... elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. Elas não o enganavam, portanto, levavam-no realmente ao objetivo. Mas, tendo atingido o objetivo, o que acontecia? O que era esse lugar? Era aquele onde só se podia desaparecer, porque a música, naquela região de fonte e origem, tinha também desaparecido, mais completamente do que em qualquer outro lugar do mundo; mar onde, com orelhas tapadas, soçobravam os vivos e onde as Sereias, como prova de sua boa vontade, acabaram desaparecendo elas mesmas.

Blanchot (2005)

ELA, aqui como *Começo*, se quer ao modo de um específico canto: o *Canto das Sereias*. Trata-se de uma específica narrativa, proposta por Maurice Blanchot (2005) – por sua vez, inspirado nas narrativas homéricas. Canto que se faz convite ao compartilhar de um verso – este, então e por sua vez, que se quer transformado para fazer-se reverso, disperso, diverso, transverso. E, ainda, *Canto* a ir nesta ou noutra direção, em

proliferação, para, então, ser multiplicado. Neste canto/convite/compartilhar, cada um criará e/ou lidará com o seu. Proposta feita, também, por um Deleuze nietzscheano, proliferado e fazendo proliferar, em “Pensamento Nômade” (DELEUZE, 2014):

“Se você quiser saber o que eu quero dizer, encontre a força que dá um sentido, se for preciso um novo sentido ao que eu digo. Conecte o texto a esta força. Desta maneira, não há problema de interpretação...” (p. 324)

ELA propõe.

Ligue à sua vida e à sua prática o que se segue. Seja verso, reverso, disperso, diverso e/ou versão. Seja mais: diversão.

O Canto e as Sereias No Mar de Riscos e de Interferências

Foi urgente tornar Projeto de Doutorado as tantas inquietações derivadas de *um* fazer psi. As estratégias criadas na tentativa de sobreviver e, mesmo, de *querer* o/no Serviço Público, tomando a vida para além das queixas e da dor tornada sofrimento e doença, diagnósticos e prescrições medicamentosas, ampliaram-se, querendo interrogar outras práticas (psi). Diante de inquietações tornadas urgências e de urgências, sobrevivência; diante sobrevivência tornada projetos e de projeto tornado pesquisa; diante interrogações, era preciso tomar e interrogar ainda o *tempo*, a *memória*, a *história*, a *política* e a própria *pesquisa*. Para – *ao modo da Literatura* - torná-los/fazê-los *narrativas*.

Das tantas histórias que ouvi – fosse no terreno das práticas psi, fosse para além dele - o erro, o acaso, o imprevisto, o acidente, o excesso, e mesmo o nada e a ausência, tinham ares de negativo. Tornados defeitos, justificam o sofrimento e fazem da dor o adoecimento da própria vida. E, em alguns casos, tornam imprescindível o tratamento. Está no ar – nestes tempos de Capitalismo Mundial e Integrado (GUATTARI, 1987). Das tantas narrativas que ELA pretende trazer, tendo como plano móvel um mar – seja, aqui, o mar das narrativas –, propõe-se, de modo outro, que erro, acaso, imprevistos, acidentes,

defeitos, excessos, nada e dores sejam tomados, ainda, como vida. Vida afirmada para além da vida adoecida/doente que pede tratamento; vida que, por vezes, pede re-invenção.

Há na Vida - como na Arte - lugar para a subversão. Eis nossa (hipo)tese! Há na vida – como na arte - a operação incontestável da ficção. Eis nossa tese.

Daquela vez, interrogando a palavra, o desafio foi construir uma Monografia. O tema, a questão, o interesse, de um lado, não eram tão próximos aos específicos das *instituições* e das análises que habitavam o outro lado, envolvido com os *movimentos sócio-políticos*. Ainda assim, a distância/diferença não impediu o *dizer sim* ao lançar-se em uma orientação – que implicou desafios de leituras outras e tantas, numa espécie de *afinação* de sentidos/direções. *Linguagem, palavras, clínica e filosofia aristotélica* forjaram o que *pode a palavra na clínica* e uma parceria na ousadia de topar o risco - no ‘partir’ do que não se sabia tanto ou se sabia diferente para desenhar riscados de uma possível *clínica da diferença* num saber/fazer/poder *outros*. Era 1997 no tempo cronológico e construímos uma monografia de Especialização (MASCARENHAS, 1997).

Agora, ELA ajuda a contar que a aposta no risco – *eterno retorno* da afirmação na criação de outros possíveis seria redundância?! - é forjada para aliar Literatura, Políticas e Contemporâneo ou Narrativas, Ficção e Capitalismo. E, então, dar forma, ao modo da intensificação de uma (hipo)tese, ao que escapa: a vida é ficção. Para tal, é preciso *narrar* e ver que *práticas psi* tantas e outras forjam a *memória, a história, a pesquisa, a política, o tempo*. É necessário fazer a *Literatura* – seu modo - *interferir* no Capital – seu modo – para que a vida possa ser tomada como obra – de *arte?* - *Ficção!*

Singularidade, diferenciação, acontecimento, sentido – foram noções que envolveram rigorosas apropriações e que, por sua vez, aliaram pensamentos de específicos filósofos a tantos outros não filósofos – em concordâncias e dissonâncias. Como o que Deleuze fez, ao compor com os estóicos (DELEUZE, 1988) para formular uma outra lógica do sentido e propor uma (outra) filosofia da linguagem. Como Deleuze fez, ao compor com Marcel Proust (DELEUZE, 2006a), para afirmar uma repetição do tempo na diferença - para além da representação – e do platonismo. Assim foi a quando a palavra era interrogada em um movimento que, agora, se intensifica e estende-se para dar forma a

“Narrativas...”, a interrogar a Literatura na sua possibilidade de composição. Então, percorrer a específica crítica literária de Maurice Blanchot e enveredar pelo literário para, então, torná-los ferramenta crítica para lidar e, mesmo, para contar e produzir vida – *modos de estar nos verbos...* Estes, ainda, *em meio ao Capital*.

Narrativa, impessoal, fragmento, ficção – são, portanto, noções outras que aguardam direções.

Em “Narrativas...”, para captar as *forças* que sustentam – do um e do outro lados – essa renovada *vontade do risco*, tratou-se de percorrer pensamentos tornados textos assinados por Neves: nome proliferado e *interferência*.

Orientar-se no pensamento e na vida implica não o traçado de coordenadas fixas ou referências preexistentes, mas um liberar-se no próprio movimento e nele/com ele traçar suas coordenadas de longitude e latitude. Trata-se de instituir um pensamento e ‘uma vida’ (NEVES, 2009, p. 199).

Uma das marcas desse encontro/orientação foi/é tomá-lo como forças em experimentação: aliar Literatura – um modo - ao percurso do outro *modo de estar nos verbos da vida* com a Análise Institucional e as políticas públicas de formação – outro modo - e interferir desde aí. Não, é claro, sem a exigência de um rigor.

Temos, então, o desafio de selecionar na experimentação que compõe nosso corpo em sua ativação da potência de agir (...) que não implica a intencionalidade de uma consciência ou de uma vontade individual, mas se faz numa experimentação em meio aos encontros que nos produzem e produzem nosso interferir desde sempre coletivo (NEVES, 2009, p. 205).

Então, novamente, orientar. Nessa insistência do *encontro* e da *vontade*, menos que um fazer junto de dois – lados –, trata-se de experimentar e/ou abrir espaço, também, para o que diverge. Orientar e interferir e/ou interferir e/ou orientar. Se já não importa o onde começa, mas a processualidade, onde está a *liga*?

ELA lembra do preconceito que trazemos em torno da noção de *coletivo*, da dificuldade para operar o sentido que trazia e que sustentou a Sócio-Análise – e/ou uma específica militância que agrupava indivíduos com consciência e comprometimento políticos. Víamos, ali, um resquício de... representação. E, assim, afirmávamos nosso *desengajamento*. Com Neves, aprendemos que não podia ser diferente. É que os conceitos têm história, a das lutas que impuseram sua constituição. E é também em meio a elas/lutas que os sentidos serão deslocados.

Neste *preconceito*, talvez a dificuldade persistisse: operar o *sentido*, já deslocado. Buscá-lo, agora, num *impessoal* povoado de elementos heterogêneos que incluem palavras e cores, modos, pensamentos, posicionamentos... e divergências capazes de arejar e de pro-mover rupturas/questionamentos/reinvenção da/na vida. A liga poder ser, portanto, este desafio: fazer deste *preconceito* a aposta num modo *desengajado* de se/fazer política. Neves (2009) ensina/adverte: para “um modo diferente de fazer política”, é necessário estar “em meio a” (p.192).

É preciso re-inventar modos, portanto. Lembremos a advertência feita por Felix Guattari, em “Capitalismo Mundial Integrado e a Revolução Molecular” (1987) acerca dos riscos de captura das práticas na militância.

Retornamos à dolorosa questão: como *inventar* novos tipos de organizações capazes de operar de acordo com essa junção, esse acúmulo de efeitos das revoluções moleculares, lutas operárias, lutas de emancipação... que justamente têm consequência o fato de que não se possa mais falar de massas indiferenciadas (GUATTARI, 1987, p. 222).

Quando *coletivo* ganha outro sentido/direção, caberia ainda falar *em nome de* e/ou daquilo que se diferencia? Assim, que possam ser ultrapassados um modo partidário ou grupalista/gueto, quando estes não servem mais - visto que capturados e sem força de invenção de novos modos. O que, de modo algum, destitui a história. Então, a aposta na força de uma *despolítica*.

Houve tempo em que acreditamos na possibilidade de estar fora de um determinado regime de produção capitalista e, em oposição a ele, montamos nossas estratégias de combate contra a exploração, contra a sujeição da expressão e da criação de modos de existência. Baseando nossas estratégias de luta num certo marxismo 'revolucionário', buscamos, nele, ideologias que nos garantissem interferências opositivas exteriores ao modo de funcionamento do capital (NEVES, 2002, p. 12).

No entanto,

Fomos deslocados (...) aí que reside a força ético-política de seu pensamento, na convocação à criação de outros modos de estar nos verbos da vida. (NEVES, 2009, p 192).

ELA repete.

Não tenho nada a fazer, isto é, nada em particular. Tenho de falar; isso é vago. Tenho de falar não tendo nada a dizer, somente as palavras dos outros. Não sabendo falar, não querendo falar, tenho de falar. Ninguém me obriga a isso, não há ninguém, é um acidente, é um fato. Nada poderá jamais dispensar-me disso, não há nada, nada a descobrir, nada que diminua o que resta para ser dito, tenho de beber o mar, há pois um mar (BECKETT, apud BLANCHOT, 2005, p. 313).

“Há, pois, um mar” (BLANCHOT, 2005, p. 313).

Quem É ELA?

Que canta e interroga: “*Pela Janela... pela Tela... Quem é Ela?*”

*Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores
Que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kathlo
Cores
Cores*

*Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção
No que meu irmão ouve
E como uma segunda pele
Um calo, uma casca
Uma cápsula protetora
Ah, eu quero chegar antes
Pra sinalizar
O estar de cada coisa
Filtrar seus graus...*

*Eu ando pelo mundo
Divertindo gente
Falando ao telefone
E vendo doer a fome
Dos meninos que têm fome*

*Meu amor, cadê você?
Eu acordei
Não tem ninguém ao lado*

*Pela janela...
Pela tela...
Remoto controle...*

*Eu ando pelo mundo
E os automóveis correm
Para quê?
As crianças correm
Para onde?
Transito entre dois lados*

Eu gosto de opostos

*Exponho meu modo
E me mostro
Eu canto para quem?*

*Eu ando pelo mundo
E meus amigos, cadê?
Minha alegria, meu cansaço
Meu amor, cadê você?
Eu acordei não tem ninguém ao lado
Quem é Ela? Quem é Ela?*

Adriana Calcanhoto (1992)

ELA que se inventa! ELA... que é tanto... ELA... que veio vindo, ouvindo, contando e, até, cantando. E teria que (se) explicar. ELA que veio contando e narrando. E teria que (se) sustentar. ELA querendo o *Canto - seus e outros -*, fazendo convites e adentrando Mares. ELA que veio, acreditando ser primeira. Pela *lógica*, até podia ser que sim. Mas, também pela lógica, podia ser que não. Importa é que ELA veio vindo, ouvindo, contando, adentrando e querendo-se primeira.

ELA: a *Narrativa*; ELA: a *Política*; ELA: a *Pesquisa*; ELA, a *Linguagem*; ELA o *Tempo* – ih! Um intruso?!; ELA: a *Memória*; ELA: a *Literatura*; ELA: a *História*; ELA: a *Prática Psi interrogada*; ELA: a *Vida*; ELA: a *Ficção*; ELA: a *Tese*.

E mais: ELA que, ora, irrompe e interroga e que, ora, afirma. ELA, ao modo da Literatura, ficção e excesso. E que faz de “Narrativas...” espécie de obra de excesso. Tal como inspira a leitura feita por Maurice Blanchot (1997) da obra do escritor francês nascido no século XIX, André Gide.

Seu movimento de escrita que, através da crítica de Blanchot, ganha visibilidade e permite a problematização da autoria e da obra, vai em direção ao que podemos afirmar, também, em relação à vida. Essa *experiência da/na Literatura*, paradoxal, estende-se aqui à “Narrativas...” e aos Mares. E, então, ELA (nos) mergulha.

“Obra excesso, obra de extrema medida...” (BLANCHOT, 1997, p. 206) – afirma o crítico francês. Medida também extremada que, para além da contenção, da delimitação, da circunscrição, atingindo o limite, opera um transbordamento.

Desde 1893, a propósito de *A Tentativa Amorosa*, ele escrevia

em seu Diário: eu quis indicar, nessa Tentativa Amorosa, a influência do livro sobre aquele que escreve e durante essa própria escrita. Pois saindo de nós, ele nos muda, modifica a marcha da nossa vida... Portanto, é um método de ação sobre si mesmo, indireta, o que mostro ali: e é também, simplesmente, um conto (GIDE apud. BLANCHOT, 1997, p. 207).

ELA, “Narrativas...” e Mares, ao modo da Literatura, insistem. Na problematização da subjetividade do escritor e/ou do indivíduo, a possibilidade de devir.

... a Literatura contemporânea tem de ser mais do que literatura: uma experiência vital, um instrumento de descoberta, um meio para o homem de se por à prova, de se tentar, e nessa tentativa de buscar ultrapassar os seus limites (BLANCHOT, 1997, p. 207).

Liberdade é ultrapassar limites – da/na vida como ficção.

Muitas vezes afirmam que o romancista seria um escritor capaz de dar vida a seres distintos cuja liberdade disporia dele. Mas quando atribuímos à literatura o poder de criar uma vida, diferente da de quem a cria, é para admirar a força de liberdade da ficção – não para reconhecer nessa liberdade o meio, procurado pelo autor, de por em jogo o sentido de sua própria liberdade (BLANCHOT, 1997, p. 208).

Para tal, é preciso aliar medo e coragem. Seja quando se trata de criar uma escrita, uma pesquisa, uma memória, uma história; seja quando, forjando políticas, linguagens e

práticas, afirmamos a experiência que ficciona. Literatura? Subjetividade? Vida! Assim, ELA e os Mares – em excesso, simplesmente.

Bem diferente é o poder de se experimentar a si próprio, arriscar-se nessa experiência vitalmente perigosa que seria a arte para o artista, o romance para o romancista e, de maneira mais geral, o fato de escrever para aquele que escreve (BLANCHOT, p. 208).

E não seria assim o poder de experimentar viver – para aquele que vive? “Ser fiel ao ato de escrever” (p. 209) - e ao ato de viver - pode ser “não ser infiel a nada, nada trair” (p. 209), mas “seguir o caminho que leva mais longe, que permite a aventura mais importante e a mais ousada” (p. 209).

Nesta ousadia irresistível, é a palavra que transborda.

Interrogando-se sobre o sentido da sinceridade artística, o jovem Gide a definia com estas palavras: Acho isso provisoriamente: que a palavra seja sempre uma necessidade dela; é preciso que seja irresistível, insuprimível, e do mesmo modo para a frase, para a obra inteira. (BLANCHOT, 1997, p. 210).

Compromisso literário? Compromisso com a vida? Modo de uma vida. Porque se, quando jovem, o escritor *respondia* - distanciando-se de - questões cartesianas, na idade madura, ocupa-se com o *bem escrever*. Outros Gides de Gide – dirá ELA. Assim - Gide, Blanchot, ELA, nós: “então, escreva conforme a harmonia da linguagem de tal modo que, uma vez traçada a frase, uma vez a obra acabada, os recursos da língua não permitam nela mudar nada” (BLANCHOT, 1997, p. 210).

Que isso sirva para a obra, para a escrita, para a leitura, para a pesquisa, para a narrativa. Assim, a *sinceridade* diante da vida. Recursos da língua, recursos da *ELA-em-mim* – que

não permitem mudar. *Assim*, os Mares. Excessos. Também porque “é bem possível que escrever bem seja, para quem escreve, a melhor maneira de se aventurar e contestar, mas o contrário também é possível” (BLANCHOT, 1997, p. 211.). E, nesta *sinceridade outra* que coloca a escrita - no “admirável princípio de contestação” (p. 212). Trata-se, ainda, de dar início a uma ficção que falsearia uma ‘verdadeira realidade’, também ficção. E

nem o artifício, que é a consciência satisfeita da mentira, nem a banalidade, que é o consentimento à má-fé comum, nem o culto das diferenças, que quer salvar a impostura considerando-a – mentirosamente – única. O próprio silêncio é falso, pois é apenas a linguagem que se ignora e que, aliás, por essa renúncia à linguagem, se faz ouvir muito bem (BLANCHOT, 1997, p. 213).

Suportar o Excesso na escrita é suportar ouvir o *fora* da linguagem ou a linguagem *outra*.

Movimento misterioso e perigoso do ato de escrever, pelo qual aquele que escreve, começando uma frase sem saber aonde o conduz, empreendendo uma obra na ignorância do seu fim, se sente ligado ao desconhecido, engajado no mistério de uma progressão que o supera e pelo qual se supera, progressão em que ele arrisca se perder, perder tudo e também encontrar mais do que procura (BLANCHOT, 1997, p. 215).

Portanto e *assim*, os Mares!

Quando vemos Teseu sair do labirinto, glorioso vencedor de

um combate ao qual ninguém assiste, é justo que suspeitemos de trapaça ou ilusão. Pois só existe labirinto para aquele que o experimentou, e a experiência só é real para aquele que nele se perde realmente, e aquele que se perde nele já não está vivo para dar o testemunho de sua perda e nos dizer: Entrar no labirinto é fácil. Nada mais difícil do que sair dele. Ninguém o consegue sem antes ter ali se perdido (BLANCHOT, 1997, p. 217).

Gide – movimento inspirador de “Narrativas...” - é o que escapa. *Gide* – processo de escrita - é paradoxo. ELA salienta: *perder-se e/ou não estar vivo para, então, tornar-se outro.*

Para ELA, ao modo da experiência da Literatura, trata-se, não de dar testemunho, mas contagiar com o que viveu. Walter Benjamin (1981) chamou *entretecer*. E de lembrar que Teseu não estava só! Não esqueçamos da sua paixão/parceria *com Ariadne!* – que lhe ofereceu o novelo de lã. Para além de subjetividades comunicantes, tomemos Teseu/Ariadne como Relação. ELA – que acredita não estar só no que tece - convida o leitor à experiência labiríntica das “Narrativas...” em excessivos dos Mares, ao Canto das Sereias às “Narrativas...”: Experiência-Ficção com realidade que o torne assim efetivamente um *não-qualquer-leitor*.

Há, pois, o Mar...

MAR ABERTO... MAR ALTO...

*Por uma abertura mais ou menos ampla, comunico-me com
aquele que me (dá) forma. Aberto... Onde começaria o
mais ou menos? Onde começo? Onde termino? Forma?!!!
Em que sentido/direção?
Aberto, vou devir Alto. Então, deixando, cada vez mais, de
sofrer influências da continentalidade e participando, de
certo modo, da vida e das características dos Oceanos,
estarei fora dos limites – das águas territoriais. Limites?!!!
Até onde?
Em que sentido/direção?
O que posso, agora, porção de onde não se avista a terra e
o que, nela, desenha formas? Ser meio!
Em que sentido/direção?*

MAR DE NARRATIVA

Há, pois, um Mar... De Narrativas.

As Sereias. Consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade de canto. Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato...

Maurice Blanchot (2005)

Mar.

Não tenho nada a fazer, isto é, nada em particular. Tenho de falar, isso é vago. Tenho de falar não tendo nada a dizer, somente as palavras dos outros. Não sabendo falar, não querendo falar, tenho de falar... não há nada, nada a descobrir, nada que diminua o que resta para ser dito, tenho de beber o mar, há pois, um mar.

Samuel Beckett (1989)

Na Direção... do Ir e Vir...

Teve um dia que era um *dia de desaniversário* – como eu tinha aprendido com a Alice - aquela do “País das Maravilhas” (CARROLL, 1999). E, neste dia, eu queria oferecer um presente. Tinha aprendido – mas, desta vez, não foi com a Alice - que tinha presente de menino e presente de menina. Também que tinha presente de adulto – que, então, fazia obsoleta a ocupação com essa diferença... Eu tinha um *desaniversário* e uma *vontade* enorme de oferecer um presente. Diante mim, ainda, tinha um carinho por uma pessoa - um ser - bem bacana: um misto de menino, de menina, também de adulto. E as possibilidades se ofereciam: uma bola? uma boneca? um disco? um livro? Então, eu resolvi que seria *eu* o presente. Assim, forjava-me ELA. Uma história, *eu-também-uma-narrativa*.

Era uma vez a *Vontade de Ir* – e também *de Vir*. *Vontade-de-ir-e-de-vir* vivia intensamente. E, por isso também, acabava – e/ou começava - metendo-se em muita confusão. Às vezes, a confusão provocava um susto; mas, quase sempre, depois também alívio, boas gargalhadas e muita história p’ra contar. Aprendizado? – quem sabe? Alguns diziam que sim. Outros, que eram marcas. Também cicatrizes e memórias. Importa é que *Vontade-de-ir-e-de-*

vir acreditava que isso é que era viver intensamente: ter histórias para contar. E que, para viver, tinha que correr riscos, se arriscar. Mas que nem sempre arriscar-se era, intencionalmente, colocar-se em perigo, antecipando-o. *Vontade-de-ir-e-de-vir* não gostava de doer, mas acreditava que também isso fazia parte do viver. *Vontade-de-ir-e-de-vir*, em seus movimentos, encontrava muita gente – de umas, fazia amigos; de outras, nem tanto. Daqueles, muitos também iriam sem mais voltar. *Vontade*, como todo mundo, gostava de ser feliz. Ou, pelo menos, alegre. E de espalhar alegrias – proliferar! Gostava dessa palavra que também tinha aprendido.

Um dia, *Vontade* encontrou o *Medo* que lhe falou do seu encontro com a *Coragem*. *Medo* confessou que sentiu uma espécie de fascínio – misturado com uma pontinha de inveja. *Medo* explicou que muitas vezes – aliás, achava que eram quase todas as vezes – sentiu-se imobilizado. É que *Coragem* pareceu-lhe tão forte, tão decidida, tão firme, tão potente... que ele viu-se, além de imobilizado, também apaixonado. Mas não pode fazer nada (acho que, diferente da *Vontade*, *Medo* não sabia arriscar, correr riscos). E *Coragem* se foi. *Vontade*, então, resolveu lhe contar uma história que tinha ouvido e aprendido de tanto repetir – afinal, se ouvir podia ser aprender, repetir podia ser, também, contar...

Era a história de um *Amar* que encontrou um *Amado*. E *Amar* também sentiu o que ele – o *Medo* – tinha sentido: uma espécie de fascínio, uma admiração, um respeito... uma inveja. Mas com o tempo viu que a inveja não era só uma pontinha e, sim, o sentimento inteiro. *Amar* viu que era a própria *Inveja* – pois o que via no *Amado* era tudo o que queria para si, era tudo o que queria ser. E *Amar* pensou que ser e *Amar* assim não era bacana. Para ninguém. E decidiu tentar mudar. Mas isso era uma outra história...

Há um tipo de presente que fica por aí – é aquele que a gente joga no mundo. E isso, talvez, não implique, necessariamente, ser sem fim. Ou, aqui, torne-se falsa questão. Há um tipo de contar/narrar que, finalizado, provoca outros e outros. Fica sem fim, portanto, o próprio narrar. Há um narrar que, para além do ensinar, do explicar ou do esclarecer, para além do construir conhecimentos, para além de forjar sabedorias, quer apenas ser. Ser. E provocar. Quer proliferar.

Quando forjo-me *Narrativa*, quero contrapor-me a esclarecimento para ser um “movimento de desagregação inquietante” (BLANCHOT, 2005, p. 310). Assim, afirmo-

me como risco e “ligada à metamorfose” (p.11) – presentificando-a -, imponho-me como fala “errante” (p. 309) para criar um *outro* tempo do tempo, *outro* espaço do espaço, *outra* escrita da escrita. E transmuto-me. E crio. E prolifero. Insisto. É assim – que sou – como na escrita e na proposta de Maurice Blanchot. E, aqui, é assim que (me) sugiro: um percurso que chamo também de *ir e vir* – ir a um antes e vir; ir a um depois e vir.

Óbvio que quando conto, resgatando Tradição, Moderno e Pós-Moderno, não quero enfatizar uma linha cronológica, evolutiva e linear, do tempo, mas trazer momentos/acontecimentos/questões/narrativas, em ruptura, que dão sentido/direção às diferenças. Porque e também, Maurice Blanchot – de modo explícito, até então, minha inspiração afirmativa - não parece caber inserido numa cronologia e/ou tomado como um evolutivo. Suas formulações – tornadas, aqui, peças de montagem - são mais uma diferença em processo. São diferenciações que me atravessam, de modo oblíquo. Servindo-se do que se pode chamar Clássico, Blanchot (2005) ‘parte’ da Epopeia ao trazer o poeta grego Homero e seu personagem Ulisses. Blanchot ‘parte’ do Moderno quando traz Miguel de Cervantes e “Dom Quixote”. Blanchot ‘parte’ do Pós-Moderno, com Marcel Proust, Franz Kafka, Virginia Woolf, Antonin Artaud, Jorge Luis Borges. Assim, Blanchot rizoma para afirmar-me (*Narrativa*) como o próprio *acontecimento*. Importa, neste movimento, considerar estes escritores e obras para além de uma classificação representativa e situá-los em momentos – plano histórico – onde questões e modos os inserem de modo diverso em relação a outros. Uns, numa aparente espécie de conforto em relação à sua época, outros, em movimentos críticos mais evidentes. Todos, no entanto, criando por vir, num modo *outro* de narrar. Então, é preciso lembrar uma das (minhas) *estranhezas*, ou melhor, “uma das pretensões da Narrativa: ELA só ‘narra’ a si mesma, e essa relação, ao mesmo tempo em que se faz, produz o que conta...” (BLANCHOT, 2005, p. 9) Trata-se, ao modo do *Canto da Sereia*: prometer o poder de falar, com a condição de ali desaparecer. Para que, assim, o *acontecimento* se afirme. Ou, o que dá no mesmo, para que, assim, a própria *Narrativa*, deixando de ser relato, comunicação ou descrição – modos representativos -, afirme-se como *acontecimento*.

Nasço da/na Arte... Morro na Ciência

Walter Benjamin (1987) situou, na história, uma minha ocorrência - o que permitiu pensar na possibilidade de uma espécie de *meu antes e depois*: o que a *Narrativa* deixa de ser para tornar-se. Da Tradição ao Moderno ou do Moderno ao Pós-Moderno, uma outra *Narrativa*?!

François Lyotard (2011), num mesmo movimento, ao olhar para antes, aponta para o que se torna: no Pós do Moderno, outra *Narrativa*?! “Deslegitimação da ciência como saber” (LYOTARD, 2011, p. 69) operada pelo discurso não-científico (narrativo) e pelos jogos de linguagem - é o que os *novos tempos* inauguram.

Hoje, a *experiência* é outra. Silviano Santiago (2000), ocupado com o narrador pós-moderno, mostra que, em relação ao que Walter Benjamin propõe em “O Narrador...” (BENJAMIN, 1987), outras questões são colocadas. A discussão atual parece deslocar-se *no ir e vir* - o que me agrada, obviamente. Hoje, quando pós-modernos ocupam-se do Narrador, faço eu um esforço para me *dessubjetivar* - e, para tanto, para me *desobjetivar* - para, repito, fazer-me *movimento*. E onde me torno processo e quando modos afirmativamente *desagregados* são gerados, afirmo-me. Modos que não me explicam, mas que me afirmam.

Walter Benjamin (1987) me afirma como *atividade* - aquilo que liga a mão à voz, o gesto à palavra. Poesia?! Magia? Técnica? Artesanal; artes(a)nato - nasço da/na arte? O que me cria e/ou me dá condição de ser? Por pretensão, torno-me benjaminiana para contar. Que...

...O mestre/artífice sedentário e os aprendizes migrantes são os primeiros mestres na arte de narrar. Os artífices me aperfeiçoam. Suas fontes, as experiências - que passam de pessoa a pessoa. Num específico momento da história - e do modo de produção político, social, econômico - estes dois grupos se interpenetram: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Com diferentes experiências, estes dois estilos de vida que produziram suas respectivas famílias de narradores misturam-se. Benjamin (1987.) traz, se não de mim/*Narrativa*, daquele que me opera, uma dimensão utilitária: através de “um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio, uma norma de vida, de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselho” (BENJAMIN, 1987, p. 200).

O escritor e crítico Walter Benjamin (1987) explica que “aconselhar é menos que responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (p. 200). Assim, o que chama de “conselho - tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (p. 200). Para Benjamin, historiador - e “pensador materialista”, como lembra a leitura de Baptista (2010) -, *a morte da narrativa* se dá com o surgimento do Romance – no período Moderno. Trazendo as diferenças que separam Narrativa e Romance, Benjamin afirma: “o narrador retira da experiência – !sua e relatada pelos outros – e incorpora as coisas !narradas às experiências dos ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Seguindo Benjamin, vemos que o romancista segrega e, quando a experiência é impressa, é a própria vida que perde espaço. Tornada informação, a experiência fica subtraída desta a riqueza da vida que é a “perplexidade” (p. 201). Isso “porque, na informação, os fatos já nos chegam acompanhados de explicações” (p. 203) – tendo seu sentido fechado. Até onde - interrogará a Pós-Modernidade?

Insisto, Ainda... Quando Deixo de Ser

Servindo-se de alguns dos contos de Edilberto Coutinho, escritor brasileiro, Silviano Santiago (2000) – que me foi apresentado por Verônica de Aragão, professora e escritora brasileira (2009) – dirige-se a Walter Benjamin, apresentando-o ao Narrador Pós-Moderno. “Nas Malhas da Letra”, Santiago afirma.

O narrador pós-moderno é o que transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar ‘autenticidade’ a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade (SANTIAGO, 2000, p. 46).

Na “reviravolta estética” (SANTIAGO, 2000, p. 49) – realizada ao modo da reportagem e/ou do conto, no livro de Coutinho -, o narrador pós-moderno é aquele que tem o olhar voltado para o outro e que, “ao dar fala ao outro acaba também por dar fala a si, só que de maneira indireta” (p. 50). Numa *proliferação textual* e/ou ao modo de um dispositivo de análise, Silviano Santiago apropria-se dos trabalhos – *ficção* - de Edilberto Coutinho para empreender o que chamo *interlocução* com Walter Benjamin. Nele/nela, vai lhe contar acerca da *boa nova*: a narrativa pós-moderna! Onde a *experiência* é outra. Edilberto Coutinho torna-se escritor, sendo, ainda, jornalista. Em um de seus contos – “Sangue na Praça” -, um jornalista brasileiro [que é o narrador do conto] em visita à Espanha, com sua jovem companheira, encontra-se numa *plaza* de toros com o romancista americano Ernest Hemingway... (SANTIAGO, 2000). No conto, a “reaproximação final e definitiva entre repórter e romancista, entre produção jornalística e produção literária” (p. 48) afirma a *experiência* e a *ficção pós-moderna*.

A *experiência* em mim/*Narrativa* afirma-se como plural e *impessoal*. Ainda que para isso, eu precise divergir de Santiago (2000), indo além de um *subjetivismo* intensificado pelo Pós-Moderno.

A figura do narrador passa a ser basicamente a de quem se interessa pelo outro (e não por si) e se afirma pelo olhar que lança ao seu redor, acompanhando seres, fatos e incidentes (e não por um olhar introspectivo que cata experiências vividas no passado) (p. 49/50).

Na minha divergência, interrogo: experiência do outro?! Não haveria, aí, um atravessamento pelo outro que possibilitaria afirmar uma experiência de si como um *Impessoal*?! De modo inverso, ainda assim a *mão do oleiro no vaso benjaminiano*...

Sayonara Amaral de Oliveira (pdf, s/d), crítica literária, por sua vez, serve-se de João Gilberto Noll, escritor gaúcho e pós-moderno, para, numa interlocução pouco menos direta com as formulações benjaminianas, fazer suas considerações. É afirmativa quando aponta para “a diluição do humano na narrativa e no pensamento contemporâneo” (OLIVEIRA, p. 2). Não se trata nem de vazio existencial nem de “fascínio niilista, mas

da queda do sujeito transcendente” (p. 13). Trata-se da condição pós-moderna, onde “as incertezas de que se cerca o sujeito quanto ao estatuto de sua auto-referencialidade” (p. 1) espriam-se: indo da vida para a Literatura e da Literatura para a vida. *Impessoal?* – persigo. Desde quando ou onde?

... na prosa moderna, no início do século XX, quando as suspeitas sobre a noção do Eu estável ganham relevo e se desdobram no que se convencionou chamar ‘crise do narrar’... (OLIVEIRA, p. 2)

Hoje, portanto, o que temos é inquietude – e/ou questionamento - do ponto de vista da posição do narrador diante do que é narrado - e do que é vivido. Citando autores/obras como Proust, Joyce, Woolf, Oliveira argumenta como seus procedimentos de escrita são “fontes inesgotáveis de questionamento de seus mundos, dos seus textos e de si mesmos” (p. 2). O que faz deles – mundo, textos, si mesmos - *pós-modernos*. Acredito/repito/insisto que, nessa relação entre Literatura e Vida e/ou Vida e Literatura, a vida e seus sentidos/direções são questionados – operando, ao mesmo tempo, uma *desubjetivação* e *desobjetivação* da existência. E mais: mesmo modo? mesma vida? Onde terminaria um *modo Literatura* para ter início um *modo vida*?

Segundo Aragão (2009), os teóricos do pós-moderno apontam para o *fim do sujeito*:

O sujeito que narra só adquire vida com a ação do outro. Tanto o observador como o observado só conseguem ter vida unindo-se mutuamente. Assim, o texto dessacraliza a antinomia sujeito x objeto: cria-se uma única coisa, dupla, dúbia, polarizada, mas una. Não há um sujeito privilegiado na narrativa: observador e observado fundem-se (ARAGÃO, p. 63).

Acredito que, *finalizado*, o sujeito/modo pode nascer *outro* e múltiplo – na literatura e na vida: como ficção.

No Vazio, Sou/Surjo Pensamento

Michel Foucault (2001) refere-se a mim, nomeando-me “*O Pensamento do Exterior*”. E descreve, assim, um movimento – aquele que percebe em Maurice Blanchot, seja quando este forja-se em crítico literário, seja quando em escritor, seja, ainda, como homem/modo. Sabe-se que Maurice Blanchot – *modo de existência* - era avesso a aparições públicas, o que aponta para uma espécie de coerência com o que afirmava em suas produções: na presença da ausência o que se afirma é o *Impessoal*. Onde quer que seja, vejo em funcionamento aquilo que ‘teoricamente’ propõe em sua análise crítica de escritores/movimentos alheios: no *vazio*, no *impessoal*, no *desaparecimento*, na *presença da ausência* – todos afirmativos - uma “abertura para uma linguagem da qual o sujeito está excluído” (FOUCAULT, 2001, p. 221). Aí, Foucault e Blanchot encontram-se. Para diferir?

Se Michel Foucault ficou emblemático afirmando a *morte do sujeito*, apontando para sua condição de *produto* da/*na história*, Maurice Blanchot (1987), com a *destituição do sujeito*, apontou para a ocorrência da narrativa como *espaço literário*. Aliás, foi Michel Foucault quem me apresentou a Maurice Blanchot – o que me possibilitou fazer atravessar o literário à vida para, nela, afirmar a ficção. Juntos, eu/*Narrativa* e Michel Foucault, contamos assim:

A partir do momento, efetivamente, em que o discurso pára de seguir a tendência de um pensamento que se interioriza e, dirigindo-se ao próprio ser da linguagem [ou seja, para um ‘exterior’], devolve o pensamento para o exterior também e de uma só vez: narrativa meticulosa de experiências, de encontros, de signos improváveis - linguagem sobre o exterior de qualquer linguagem, falas na vertente invisível da palavra; e atenção para o que da linguagem já existe, já foi dito, impresso, manifesto – escuta não tanto do que se pronunciou nele/discurso,

mas do vazio que circula entre suas palavras, do murmúrio que não cessa de desfazê-lo, discurso sobre o não-discurso de qualquer linguagem, ficção do espaço [literário] invisível em que ele aparece (FOUCAULT, 2001, p. 226).

Desinvestido da/na transcendência e/ou da/na produção desta, correlativa à crença em um sujeito natureza-existindo-desde-sempre - metafísico, racional e esquecido de sua condição histórica -, o discurso, o pensamento e a linguagem não mais servem à lógica representativa/significativa/especular/reflexiva de uma realidade em compromisso com as certezas, as garantias, as adequações comprovadamente verdadeiras. E, assim, possibilitam ao homem devir *outro*, devir *Impessoal* e afirmar o *outro* da vida – sua condição de *ficção*.

Retomando um *aparentemente* literário, Foucault (2001) conclui:

É por isso que a distinção entre ‘romances’, ‘narrativas’ e ‘crítica’ não cessa de se atenuar em Blanchot, para não mais deixar falar, em *L’attent l’oubli*, senão a própria linguagem – essa que não é de ninguém, que não é da ficção nem da reflexão, nem do já dito, nem do ainda nunca dito, mas ‘entre eles, como esse lugar em sua imobilidade, a retenção das coisas em seu estado latente’. (p. 226/227).

Como dizer que a *Vontade* em mim – *de ir e de vir e de narrar* – me cria, se não afirmando? Rompo com os limites entre *ficção* e *reflexão* – apontados por Foucault como um feito operado por Blanchot – ou faço deles falsa questão, para, afirmando essa linguagem *outra* e *improvável*, entender que *ficção* e *reflexão* afirmam-se tanto na Literatura quanto na Vida. Reflexão é, ainda, *ficção* – ainda que como produção transcendente, por vezes, faça-se obstáculo à vida em seu processo de criar-se.

Foi assim que ler, consentindo, dizendo *sim* às primeiras linhas d'O Encontro Com o Imaginário, Blanchot (2005) me fez seduzida/fascinada. *As Sereias: consta que elas cantavam...* Lá, o crítico literário pedia que não fosse esquecido que o *Canto* destinava-se aos navegadores - homens do risco e do movimento ousado. E eu me quis assim. Em Michel Foucault, também elas/as *Sereias*. Que me fazem perguntar: Foucault lendo Blanchot se faz poeta?

As Sereias são a forma inapreensível e proibida da voz sedutora. Em seu todo, elas são apenas canto. Simples sulco prateado no mar, oco da onda, gruta aberta entre os rochedos, praia de brancura, o que são elas, em seu próprio ser, senão o puro apelo, o vazio feliz da escuta, da atenção, do convite à pausa? Sua música é o contrário de um hino: nenhuma presença cintila em suas palavras imortais; somente a promessa de um canto futuro percorre sua melodia. Aquilo com que elas seduzem não é tanto o que fazem ouvir, mas o que brilha no longínquo de suas palavras, o futuro do que elas estão dizendo. Seu fascínio não nasce do canto atual, mas do que ele se propõe a ser. Ora, o que as Sereias prometem cantar para Ulisses é o passado de suas próprias proezas, transformadas para o futuro em poema... (FOUCAULT, 2001, p. 234)

As Sereias e/ou o Canto; As Sereias-Canto – o convite ao por vir. Assim, Blanchot (2005) conta de mim – e eu ritornelo:

As Sereias: consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes

e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, por seu seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. Elas não o enganavam, portanto, levavam-no realmente ao objetivo. Mas, tendo atingido o objetivo, o que acontecia? O que era esse lugar? Era aquele onde só se podia desaparecer, porque a música, naquela região de fonte e origem, tinha também desaparecido, mais completamente do que em qualquer outro lugar do mundo; mar onde, com orelhas tapadas, soçobravam os vivos e onde as Sereias, como prova de sua boa vontade, acabaram desaparecendo elas mesmas (BLANCHOT, 2005, p. 3).

Lá, o lugar outro do *Canto*. Lá, o lugar/espaço do literário – lugar da escrita e da leitura, outras. Lá, para onde Blanchot (2005) nos/vos leva - navegadores, escritores, pesquisadores, narradores: “homens do risco e do movimento ousado” (p. 4). Nesta aventura consentida, a abertura de um *outro tempo* do tempo, *outra palavra* da palavra – metamorfoses que fazem da cada *narrativa* um espriamento de acontecimentos. Para tanto, impõe-se

mudar constantemente de direção, ir como que ao acaso e evitando qualquer objetivo, por um movimento de inquietação que se transforma em distração feliz (BLANCHOT, 2005, p. 7).

Ou/porque:

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê é indispensável

para continuar a olhar e a refletir
(FOUCAULT, 1994. p. 13).

Da *narrativa* blanchoteana - algo escapa ao tempo cotidiano e ao mundo da verdade habitual: o acontecimento – “lugar onde o canto acontece de fato” (BLANCHOT, 2005, p. 8).

Não o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o acesso ao acontecimento, o ‘lugar’ onde ele [acontecimento] é chamado para acontecer, acontecimento ainda por vir e cujo poder de ‘atração’ permite que a narrativa possa esperar também ela realizar-se (p. 8).

Assim, se é da *narrativa* só narrar a si mesma, é, também, “ao mesmo tempo que se faz, (que) produz o que conta” (p. 9). Escapar ao modo de contar sobre (distanciado/apartado) uma realidade separada dela/*narrativa*, realidade de um mundo representado pela palavra para investir na *palavra* que produz, *palavra-narrativa*, ao modo de um *tratamento* das *conversas* – matéria/ousadia nestes Mares de “*Narrativas Contemporâneas: Ao Modo da Literatura, A Vida Contada...*” Se já “não se trata de uma lembrança” (BLANCHOT, 2005, p. 25), estaremos diante - em meio a/imanência - da “transmutação da lembrança numa realidade captada diretamente” (p. 25). Neste tempo *outro* da *narrativa outra*, trazemos a experimentação de uma exterioridade no próprio tempo, na própria escrita; trazemos a *narrativa* como *acontecimento*.

Eu/Narrativa, Segundo o Próprio – Que Também é *Outro*

Maurice Blanchot (1987) também é tomado pela metamorfose. Em que sentido? Quando, teórico e crítico de Literatura, propõe que a leitura seja algo que faça do livro

o que o mar e o vento fazem da obra modelada pelos homens: uma pedra mais lisa, o fragmento caído do céu, sem passado, sem futuro, sobre o qual não se indaga enquanto é

visto (BLANCHOT, 1987, p. 194).

Quando insiste que

a leitura nada faz, nada acrescenta; ela deixa ser o que é; ela é liberdade - não uma liberdade que dá o ser ou o prende -, mas liberdade que acolhe, consente, diz sim... (p. 194)

Paradoxalmente, Blanchot vê nesta atividade - que chamo *liberdade* – algo mais positivo e mais criativo: “embora não produzindo nada” (p. 197) – que tenha a utilidade e/ou os sentidos reconhecidos e/ou cotidianos. E, assim, me convida à sua própria – *outra* - leitura.

Ler, no sentido da leitura literária, não é sequer um movimento puro de compreensão, o entendimento que manteria o sentido perseguindo-o com insistência. Ler situa-se aquém ou além da compreensão. Ler tampouco é exatamente lançar um apelo para que se descubra, por detrás da aparência da fala comum, atrás do livro de todos, a obra única que deve revelar-se na leitura. Sem dúvida existe uma espécie de apelo, mas só pode vir da própria obra, apelo silencioso, que no ruído geral impõe o silêncio, que o leitor só escuta respondendo-lhe, que o desvia das relações habituais e o volta para o espaço junto do qual, ao permanecer aí, a leitura torna-se aproximação, acolhimento encantado de generosidade da obra, acolhimento que eleva o livro à obra que ele é... (BLANCHOT, 1987, p. 196/7)

Impondo *silêncio* ao que é cotidianamente reconhecido, trata-se de um Blanchot-leitor/leitura que, com a *simplicidade do sim*, metamorfoseado, opera sua teoria-crítica. Ao (me) propor como noção – *Narrativa* –, estendendo meu sentido/direção, percorro alguns dos movimentos operados por Blanchot que, por sua vez, se serve de movimentos de escritores. Aqui, de modo mais consistente, Marcel Proust, Virgínia Woolf e Jorge Luis Borges, passando por ou partindo de Homero.

Na busca deste alargamento de sentido, será também ‘ouvir’ as práticas psi: nada a descobrir ou desvelar, mas a acolher. Até onde? – perguntará um ouvir implicado em um percurso que insiste em tomar a vida para além do defeito, da doença e do diagnóstico a justificar medicações. Até onde e/ou ao modo das *Conversas* responderá “*Narrativas Contemporâneas...*”

Reconheço que é exato, que não tenho o dom da realidade. Eu me desencarno deliberadamente, até certo ponto, pois desconfio da realidade... Mas para ir mais longe (WOOLF, apud BLANCHOT, 2005, p. 146.).

Quando tornada *Romance*, a *Narrativa* se apazigua. Para além de Walter Benjamin, é com Ulisses, personagem do poema épico/romance “*Odisseia*”, atribuído ao grego Homero, que vemos essa operação. Acompanhando a aventura grega, através do olhar de Blanchot, vemos, no encontro de Ulisses com as Sereias e seu canto enigmático, o surgimento da *Narrativa*. Esta inaugura uma luta – entre o humano obstinado a não jogar o jogo dos deuses e a imensidão do excepcional que escapa ao cotidiano. E Homero escreve. E cria um Ulisses heróico - ao modo grego: portanto, humano, prevenido, prudente que, num “gozo covarde, medíocre, tranquilo e comedido, como convém a um grego da decadência” (BLANCHOT, 2005, p. 5). Como, aliás, convém a tantos dos homens/modos ocidentais e atuais. Na ficção homérica, o herói acredita poder *vencer* as Sereias, decifrando seu canto – o que lhe permite gozar (do espetáculo) das Sereias sem correr risco. No entanto...

É ouvindo o Canto das Sereias que Ulisses se torna Homero, mas é somente na narrativa de Homero que se realiza o encontro real em que Ulisses se torna aquele que entra em relação com a força dos elementos e a voz do abismo (BLANCHOT, 2005, p. 9).

Se, agora e deste modo, a *Narrativa* está ligada à metamorfose é porque ela presentifica a ação da metamorfose – esta, por sua vez, em diferentes engendramentos. Metamorfose na escrita: do lugar do narrador, do tempo, da literatura, dos modos. Diferente do *Romance*, que avança por conta de um tempo cotidiano encadeado, coletivo ou pessoal, a *Narrativa* avança porque tem o *outro* (do) tempo, onde o canto real torna-se canto imaginário, que está sempre à distância, num “espaço [ainda] a ser percorrido, num lugar [para] o qual conduz como ponto onde cantar deixará de ser um logro/engano” (BLANCHOT, 2005, p. 11). A noção de *imaginário* – obviamente, complexa na proposta de Blanchot – afasta-se da capacidade de um sujeito psicológico duplicar a realidade. Aqui, tem estreita ligação com o *por vir*, com o *virtual* ou com o *inatual* – aquilo ainda não realizado que poderá vir a ser ou não. *Narrativa* é espaço, portanto, vazio - de sentidos prévios e reconhecidos. *Narrativa* é abismo – porque convida à criação, sem nenhuma garantia de apaziguamento, ainda que não o exclua.

Cabe à *Narrativa/Canto* percorrer/afirmando este/neste espaço – distância entre o habitual e o não reconhecido. Movimento que, por sua vez, é operado pela transformação exigida pela plenitude vazia desse espaço – vazia de reconhecimentos, de permanências, enfim, de garantias! Assim, torno-me a própria transformação, exercida em todas/muitas direções. Assim, transformo - também e a começar por - aquele que escreve/ narra. Minha (prévia) utilidade (reconhecível)? – falsa questão!

A narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o acesso a esse acontecimento, o lugar aonde ele é chamado a acontecer, acontecimento ainda por vir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar,

também ela, realizar-se
(BLANCHOT, 2005, p. 8).

Proust e O Simultâneo

Se a metamorfose imposta pela *Narrativa*, na “Odisséia”, transforma Ulisses em Homero e Homero em Ulisses - e esta é a proposta de Blanchot (2005) para a experiência de Marcel Proust –, “Em Busca do Tempo Perdido”, a metamorfose é a do *tempo* que reverbera na metamorfose do Eu/homem/escritor. É que

falando do tempo e vivendo aquilo de que fala, e só podendo falar através daquele outro tempo que nele é fala, Proust mistura, numa mescla ora intencional, ora onírica, todas as possibilidades, todas as contradições, todas as maneiras pelas quais o tempo se torna tempo (BLANCHOT, 2005, p. 15).

Proust vive o tempo da *Narrativa*...

... encontra então em sua vida as simultaneidades mágicas – memória, direi– que lhe permitem contá-la ou, pelo menos, nela reconhecer o movimento de transformação pelo qual ela se orienta em direção à obra e em direção ao tempo da obra em que esta se realizará (BLANCHOT, 2005, p. 15).

Nesta memória,

o tempo é capaz de um truque mais estranho. Certo incidente insignificante que ocorreu em dado momento, outrora, esquecido, e não apenas esquecido, despercebido, eis que o curso do tempo o traz [e o

leva] de volta e não como uma lembrança, mas como um fato real, que acontece de novo num novo momento do tempo (p. 16).

E Proust escreve. E vive no que escreve.

O passo que tropeça nas pedras niveladas do pátio dos Guermantes é de repente – nada é mais súbito – o mesmo passo que tropeçou nas lajes desiguais do Batistério de São Marcos: não ‘um duplo, um eco de uma sensação passada... mas essa própria sensação’. Incidente ínfimo, perturbador, que rasga a trama do tempo e, por esse rasgo, nos introduz em outro mundo: fora do tempo... (BLANCHOT, 2005, p. 16)

Abolindo tempo cronológico, Proust de Blanchot pode afirmar:

agarro o instante de Veneza e o instante de Guermantes, não um passado e um presente, mas uma mesma presença que faz coincidir, numa simultaneidade sensível, momentos incompatíveis, separados por todo o curso da duração (PROUST, apud. BLANCHOT, 2005, p. 16/17).

É na simultaneidade da memória que Proust abole o tempo cronológico para fundar o *outro tempo do tempo*. E Blanchot (2005) explica:

a simultaneidade que fez juntarem-se o passo de Veneza e o passo de Guermantes, o então o passado e o aqui do presente, como dois agora levados a se sobrepor, pela conjunção desses dois presentes que abolem o tempo (p. 17).

É a “experiência de uma estrutura original do tempo” (BLANCHOT, 2005, p. 18) - porque um *outro* do tempo – ao se relacionar com a possibilidade de escrever, introduz o tempo [outro] na própria narrativa. Assim, a metamorfose de Proust,

na sombra que é o narrador tornado personagem do livro, o qual, na narrativa, escreve uma narrativa que é a própria obra e produz, por sua vez, as outras metamorfoses dele mesmo que são os diversos Eus cujas experiências ele conta (p. 21).

Borges e o Labirinto

Blanchot (2005) vê, com Jorge Luis Borges, a *Narrativa* impor o Infinito (ao) Literário que, então, forjado de “trapaça e de falsificação” (BLANCHOT, 2005, p. 138), produz a metamorfose do/no mundo. É quando “o mundo pervertido em uma soma infinita dos possíveis” (p. 140) é afirmado. Esta soma dos possíveis está para além da Literatura, ou seja, na vida, sendo a própria condição da realidade: ficção. Ainda que tal qual um livro de Borges.

“Ficções” (BORGES, 1989), um destes livros na obra do escritor argentino, é apresentado por seu editor como trazendo “o reino do absurdo”. Ainda que assim seja apresentado, acredito que o labirinto/caminho proposto, descrito e operado por Borges, ou por sua Literatura, menos que fazer uma reflexão acerca do real, denuncia o real em sua condição de excesso e de *ficção*.

Percorro as impressões de Blanchot (2005) numa interferência que sustente minha (hipo)tese.

Em Borges, “infinito é uma ideia que corrompe outras... suspeito que Borges recebeu o infinito da Literatura” (BLANCHOT, 2005, p. 136). A Literatura deu a Borges a possibilidade de pensar/perceber o infinito. Menos que um conhecimento – calma/apaziguamento do espírito – deu a Borges “a experiência da Literatura” (p. 136) e, nela, a experiência do infinito: jardins, mundos com hemisférios, biblioteca, jardins e tempos que se bifurcam/multiplicam. Labirintos – ficções. E se “a verdade – como

condição – da Literatura está no erro do infinito” (p. 136), esta é também a condição/verdade da realidade/da vida.

Para Blanchot borgeano, também “homem essencialmente literário” (p. 137),

o mundo onde que vivemos, tal como vivemos, é felizmente limitado. Bastam alguns passos para sair do nosso quarto, alguns anos para sair de nossa vida. Mas suponhamos que, neste espaço estreito, de repente obscuro, de repente cegos, nós nos perdêssemos. Suponhamos que o deserto geográfico se torne um deserto bíblico: não é mais de quatro passos, não é mais de onze dias que precisamos para atravessá-lo, mas do tempo de duas gerações, mas de toda a história da humanidade e, talvez, ainda mais (BLANCHOT, 2005, p. 136).

Entendo e proponho o mesmo para um mundo *outro* que *pede* para ser criado – que também vivemos. Este, *ao modo da Literatura*, supõe um outro *modo homem*.

Para o homem medido e comedido, o quarto, o deserto e o mundo são lugares estritamente determinados. Para o homem desértico e labiríntico, destinado à errância de uma marcha necessariamente um pouco mais longa de que sua vida, o mesmo espaço será verdadeiramente infinito, mesmo que ele saiba que isso não é verdade, e ainda mais se ele o sabe (BLANCHOT, 2005, p. 136/137).

Sejam “o homem desértico e labiríntico e o homem medido e comedido” (p. 137) dois modos de existência e/ou sensibilidade em meio à vida. Um, habitando as permanências

de uma vida reconhecida; outro, “destinado à errância” (p.137), aos desvios, ao risco, ao por vir – em ambos, repito, como condição, a vida como *ficção*.

Através de Borges, Blanchot traz sua concepção de *devir* – infinidade, lugar do extravio, *labirinto*, que também pode aprisionar. Ainda assim, escaparia ao modo moralesco que sustenta a dicotomização?

A errância, o fato de estarmos a caminho sem poder jamais nos deter, transforma o finito em infinito. A isso se acrescentam estes traços singulares: do finito, que é no entanto fechado, podemos sempre esperar sair, enquanto a vastidão infinita é a prisão, porque é sem saída; da mesma forma, todo lugar absolutamente sem saída se torna infinito. O lugar do extravio ignora a linha reta... (BLANCHOT, 2005, p. 137)

Blanchot situa Borges como “homem essencialmente literário: para ele, o livro é, em princípio, o mundo e o mundo é um livro” (p. 136). Esta afirmativa diz que não há mais ponto de referência: o mundo e o livro remetem um ao outro. Por isso, “esse poder infinito de espelhamento, essa multiplicação cintilante e ilimitada – que é o labirinto da luz” (p. 138). E mais: quando

o livro é a possibilidade do mundo, devemos concluir que está também agindo no mundo, não apenas o poder de fazer, mas esse grande poder de fingir, de trapacear, de enganar de que toda obra de ficção é o produto, tanto mais evidente quanto mais esse poder estiver dissimulado (BLANCHOT, 2005, p. 138).

Não há mais ponto de referência – como também afirmam os teóricos pós-modernos. Se morreram os deuses homéricos, as metafísicas, as transcendências, a Ideia, a Razão, o Cogito, Deus e o Homem, a questão de ‘prisão’ e de ‘liberdade’ em relação ao infinito das possibilidades e ao finito dos possíveis deve ser remetida à criação de mundos e

modos. Ao modo da Literatura: esta que “não é uma simples trapaça, é o perigoso poder de ir em direção àquilo que é, pela infinita multiplicação... irrealidade negada...” (BLANCHOT, 2005, p. 140). Tal como a vida, insisto.

Quando Borges (1989) encontra, numa Enciclopédia, a existência de um mundo que chama Uqbar, ele atribui esta descoberta à multiplicação.

Devo à conjunção de um espelho e de uma enciclopédia o descobrimento de Uqbar. O espelho inquietava o fundo de um corredor numa quinta da Rua Gaona, em Ramos Mejía; a enciclopédia falazmente se chama The Anglo-American Cyclopaedia... O acontecimento ocorreu faz uns cinco anos. Bioy Casares jantara comigo naquela noite... Do fundo do corredor, o espelho nos espreitava. Descobrimos (na noite alta esta descoberta é inevitável) que os espelhos têm algo de monstruoso. Então, Bioy Casares recordou que um dos heresiarcas de Uqbar declarara que os espelhos e a cópula são abomináveis, porque multiplicam o número de homens. Perguntei-lhe a origem dessa memorável sentença e ele me respondeu que The Anglo-American Cyclopaedia a consignava, em seu artigo sobre Uqtar... Conjetei que esse país indocumentado e esse heresiarca anônimo eram uma ficção improvisada pela modéstia de Bioy para justificar uma frase (BORGES, 1989, p. 1).

Ficções: o que seriam para além da multiplicação de frases justificadas?

Woolf e O Chamado

Segundo Blanchot (2005), no movimento/espço – literário - de Virgínia Woolf, a metamorfose ocorre quando escrever faz-se “vocaçãõ” (p. 144). Trata-se de um chamado para o instante – onde sair de si e da vida/realidade (cotidianas) é condiçãõ.

É um erro acreditar que a Literatura pode ser colhida ao vivo. É preciso sair da vida... É preciso sair de si e se concentrar o máximo possível num único ponto (WOOLF, apud BLANCHOT, 2005, p. 146).

Mais:

Reconheço que é exato, que não tenho o dom da realidade. Eu desencarno deliberadamente, até certo ponto, pois desconfio da realidade... Mas para ir mais longe (WOOLF, apud BLANCHOT, 2005, p. 146).

Sair. Deliberadamente. Ir mais longe. Autoficcioneando – como sugerem *Mr Dalloway*, *As Ondas*, *Orlando*, *Rumo Ao Farol*, por exemplo.

Diante do que vê operado como luta – *durante toda a vida* -, está a “atitude do escritor” (BLANCHOT, 2005, p. 141) que, *privado de si*, escreve. Diante do seu “*Diário*”, “emocionante, mas de leitura frequentemente penosa” (p. 142), uma estranheza: “aquele que nos engana nos preserva” (p. 141). Assim é a escrita para Woolf.

Virgínia Woolf é, para Blanchot, também um enigma: como “um escritor de tal delicadeza numa dependência tão grosseira?” (p. 142) Isso porque na relação de Virgínia, sua escrita e seus leitores (entre eles também amigos), existe a expectativa de um julgamento, de reconhecimento e de sucesso.

Quando ela escreve, evoca (chama) o que pensarão certos amigos seus, todos especialistas, críticos, poetas, romancistas de primeira categoria. Quando acaba de escrever, espera o julgamento deles... se o julgamento é bom, ela fica feliz

por um instante; sem não é tão bom, fica aniquilada por muito tempo (BLANCHOT, 2005, p. 143).

Se, aos olhos de Blanchot (2005), “um escritor tem necessidade de anonimato” (p. 143), importa é que Woolf carrega, também “como um fardo, o peso de suas lisonjas e encorajamentos” (p. 143) E, se é vulnerável, tornar-se fraca permitiu-lhe “somente afastar-se de uma fraqueza mais essencial, uma insegurança a qual – no entanto – ela não escapa” (p. 143). Esta fraqueza está em seu talento. –“Talvez, eu não esteja certa de meus dons” (WOOLF, apud BLANCHOT, 2005, p. 143) – justifica-se.

O crítico faz intensificar uma direção possível para *vocação*. O que a chama? Para onde? Para o *desamparo*- continua Blanchot (2005).

De onde tira, então, até o fim as possibilidades quase desarrazoadas de trabalho, reescrevendo não sei quantas vezes cada um de seus livros, apoiando-os, mantendo-os acima de seu desanimo, ao qual ela não os entrega nunca? (p. 147)

Desamparo, vocação, luta. Para Woolf, desespero e, também, trabalho.

Assim que paro de trabalhar, parece que afundo, que afundo. E, como sempre, fico persuadida de que, se mergulhar mais fundo, atingirei a verdade. É a única compensação: uma espécie de nobreza, de solenidade (WOOLF apud BLANCHOT, 2005, p. 151).

Se, ao *ir e vir*, não afundo é porque insisto e busco ir mais longe. Lá, encontro não a verdade, mas os labirintos - onde acredito que também a liberdade encontre a arte/a narrativa/a escrita da vida. Chamo e interrogo este movimento – operado pela *narrativa* proposta por Blanchot - sem a pretensão de dar uma resposta definitiva, assim como realizar um estudo sobre a obra de Maurice Blanchot. O que pretendo é, repito, percorrer seus movimentos – que encontro, principalmente, em *A Parte do Fogo* (1997); Espaço

Literário (1987); O Livro Por Vir (2005) e Conversa Infinita (2007) ao tratar/ler/teorizar/criticar livros/obras/autores citados.

*Aonde será que isso começa?
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem.
A outra viagem que não cessa*

*Ceguei ao nome da cidade
Não a cidade mesma espessa
Rio que não é rio: imagens
Essa cidade me atravessa*

*Será que tudo me interessa?
Cada coisa é demais e tantas
Quais eram minhas esperanças?
O que é ameaça?
O que é promessa?*

*Ruas voando sobre ruas
Letras demais, tudo mentindo
O Redentor, que horror, que lindo
Meninos maus, mulheres nuas*

*A gente chega sem chegar
Não há meada, é só o fio
Será que pra meu próprio Rio
Este Rio é mais mar que mar?*

Caetano Veloso (1992)

MAR DE POLÍTICA

ELA Foi À Aula...

Gostava de aprender as palavras. Depois, gostava também de misturá-las. As aulas e as palavras. Aprendeu que *politicus*, que vinha do latim, era adjetivo: “político, relativo ao governo e ao Estado” (FARIAS ERNESTO, 1982). E que, quando tornado “substantivo feminino – política -, era ciência do governo dos povos e ciência ou arte de dirigir os negócios públicos e arte de dirigir as relações entre os estados”. Mais: “astúcia, artifício, civilidade e maneira hábil de agir” (HOLLANDA FERREIRA, 1977).

ELA gostou de lembrar que Michel Foucault, filósofo ou psicólogo ou historiador – enfim, alguém que também misturava -, entendia “a política como uma ética” (FOUCAULT, 2010. p. 220) Que, com ele, aprendeu que “o pensamento e a ação – teoria e prática - estão ligados de maneira ética, e que esta maneira produz resultados que é preciso chamar de políticos” (p. 221) *Político/a* era algo, portanto, que lhe parecia menos que passível de uma única definição, mas de várias/ilimitadas operacionalizações. Ou seja, que era necessário ver a definição/o sentido de *político* proliferar em funcionamentos nas diferentes apropriações possíveis, tais como as palavras e suas direções ou as *versões dos versos* – que sejam diversos! Era necessário... nas diferentes apropriações que, selecionadas por ELA, faziam - e fazem - d’ELA também política/posicionamento/operação.

Riscos Nas Interferências Orientadas

Era 2010. Naquele ano, dos tantos registros feitos, ELA trouxe alguns que ganham destaque por operarem uma interferência.

Ali, um sentido provisório foi: aquilo que, provisoriamente, desarruma minhas crenças. Interferência – aprenderia, no entanto, com maior rigor. “*Interferências no Contemporâneo*” deu título a uma das aulas. Foi quando ouvi que *estar em meio a é condição para interferir* (proferido em aula.). E não era questão de uma específica escolha; não era questão de uma específica militância (não era questão de engajamento – palavra de hoje para falar de *militância política*). Era, então, questão de posicionamento que ia para além de uma escolha pessoal de fórum íntimo – “intencionalidade de uma consciência” (NEVES, 2009, p. 205) - e para além de um posicionamento partidário (ao

modo de filiação). Parecia-me ser o *inexorável* – ligado a um *modo de existência* inquietado: querer ser *atravessado por*.

Naquela aula, *Claudia* – que, no registro escrito ou textos assinados, se torna *Neves* - propõe a/uma *problematização*: que, aliando as noções de *interferência* e de *contemporâneo*, seja interrogada a condição do *público* – e do *político* - no atual Capitalismo.

O *Contemporâneo*, tomado como *atualidade*, é onde o presente se coloca com suas/as forças que o constituem como tal, assim como as forças que estão em vias de torná-lo outro – provocando, com seu desmanchamento, um possível *fora*. Trata-se da constatação de que estamos *imersos* em um campo de forças – não dicotômicas; também porque múltiplas e heterogêneas - em luta por afirmação. Constatação que confirma estarmos *em meio a* um outro sentido/definição de *político*: forças em relação. Pediriam governo?! Seriam astúcia?!

A palavra *fora* torna-se noção quando é apropriada como aquilo que escapa e que faz escapar – intensidade problematizadora. A noção de *fora* foi proposta por Maurice Blanchot e apropriada, de modo rigoroso, por Michel Foucault, por Gilles Deleuze e, próximo de nós, por Peter Pal Pelbart. Não se trata, assim, de uma exterioridade separada daquilo que vai esvaziar de sentido. Trata-se de uma intensidade que *engendra* outras direções. ELA afirma.

Política, estou *em meio a* um campo problemático intenso – engendrado por e engendrador de problemas/questionamentos. Cabe intensificar - e insistir, com paciência - a colocação em questão daquilo que, sem história, parecia imóvel, existindo-desde-sempre. Imóvel porque sem dar visibilidade à história da luta de forças que constituiu sua possibilidade!

ELA forjada (em) *Política* conta como faz para captar as forças que sustentam – de um e de outro lados – a *vontade do risco* na aposta de mais uma orientação. Em fazer com que a Literatura – *ao modo da* – interfira no Capital para que a vida possa ser tomada como obra – de arte. E mais: ficção. Trata-se de percorrer pensamentos - e vozes - tornados

registros/textos assinados por NEVES (2002; 2004; 2009; 2011). E também ousar, com eles, operar uma *interferência*.

Orientar-se no pensamento e na vida implica não o traçado de coordenadas fixas ou referências preexistentes, mas um liberar-se no próprio movimento e nele/com ele traçar suas coordenadas de longitude e latitude. Trata-se de instituir um pensamento e ‘uma vida’ que problematizem o instituído e não pensar e viver a partir dele (NEVES, 2009. p. 199).

Saliento, assim, uma das marcas desse *novo* encontro orientador. Encontro *político*, portanto, visto que forjado como forças que trazem, também, percursos diversos do/no outro “modo de se estar nos verbos da vida” (NEVES, 2004, p. 4; 2009, p. 191.) - seja com a Análise Institucional seja com a Literatura - e instituir, neste *risco*, uma *orientação*. Que vá, novamente, na direção/sentido de uma experimentação. Então, interferir desde aí. Não, é claro, sem a exigência de um rigor:

Temos, então, o desafio de selecionar na experimentação que compõe nosso corpo em sua ativação da potência de agir (...) que não implica a intencionalidade de uma consciência ou de uma vontade individual, mas se faz numa experimentação tateante em meio aos encontros que nos produzem e produzem nosso interferir desde sempre coletivo (NEVES, 2009, p. 205).

Então, de novo, orientar. Nessa insistência do encontro e da *vontade*, menos que um fazer *junto* de dois lados *harmônicos*, trata-se de abrir espaço, também, para o que diverge e para o que aponta, por exemplo, para um *coletivo* como coleção de sentidos, de percursos, de modos, de saberes e de não saberes. Aí, tatear e reafirmar a aposta na

confiança que constrói parceria, que ousa a pesquisa para afirmar diferenças na sustentação da (hipo)tese: *narrativas contemporâneas - ao modo da Literatura, a vida contada como obra de arte?* – Ficção.

Orientar e interferir e/ou interferir e/ou orientar. Quando já não importa o onde começa, mas a processualidade rizomática - ou o *rizomodo* -, onde está a liga? Onde está aquilo que Neves chama *agenciamento coletivo* e que faz, mesmo, com que a própria noção desloque-se, para expandir-se em outros sentidos? Estaria naquilo que também diferencia.

Haveria no sentido de *coletivo* apropriado por Neves um resquício do que sustentou, mesmo, uma sócio-análise e uma militância que agrupava indivíduos com consciência e comprometimento políticos – também partidário?! Trago, porque atravessada por diferentes percursos, meu preconceito em relação ao sentido de *coletivo* como agrupamento de individualidades. Querendo afirmar o *coletivo* como um povoado de elementos heterogêneos que incluem palavras, cores, gestos, e modos, e mares, e ares, pensamentos, posicionamentos também diversos, é no campo da Filosofia da Linguagem proposta por Gilles Deleuze e Felix Guattari de modo mais consistente em “Mil Platôs” (2008) e em “Kafka: Por Uma Literatura Menor” (1977). A noção de *agenciamento coletivo de enunciação* é afirmada como condição de possibilidade para todo o percurso de pesquisa traçado. Sentido, óbvio, hoje percorrido/operado por NEVES (2002).

Houve tempo em que acreditamos na possibilidade de estar fora de um determinado regime de produção capitalista e, em oposição a ele, montamos nossas estratégias de combate contra a exploração, contra a sujeição da expressão e da criação de modos de existência. Baseando nossas estratégias de luta num certo marxismo ‘revolucionário’, buscamos, nele, ideologias que nos garantissem interferências opositivas exteriores ao modo de funcionamento do capital (p. 12).

Deleuze/pensamento (e Guattari) – neste momento – compõe a liga na afirmação do paradoxo intensificado: *militância* e *desengajamento*, ao mesmo tempo. Até porque sabemos, também, de Deleuze *outro* em cada diferente parceria e apropriação. Deleuze – já tão impregnado de Nietzsche – como pensamento/força que insiste e desloca. Por que, então, não pensar diferentes Neves? Afinal, “fomos deslocados (...) aí que reside a força ético-política de [e seu] pensamento, na convocação à criação de outros modos de estar nos verbos da vida” (NEVES, 2009, p. 192). Então, e aí, *Política* insiste: Neves forja-se como força estética. Dizer ética e política seria um óbvio. Retorna para, orientando, interferir em e, assim, (me) fazer não sufocar as (nas) políticas públicas – especificamente no Serviço Público/SUS.

Deleuze e Nietzsche e Foucault e Neves e ELA aliam-se, propondo a própria noção de *política* como imediata *criação* e/ou força criativa. Para tal, é necessário perceber, na “capacidade de afirmar a singularidade como absoluta, que a diferença ocupa o lugar do ser e o acontecimento, o lugar do sentido” (NEVES, 2009, p. 192). É preciso tornar a noção de *política* acontecimento - singularidade, diferença - e, em cada operação, interrogar acerca do seu sentido: o que *quer* no que *pode*? Tais conceitos implicam rigorosos tratamentos, visto que aliam os pensamentos destes filósofos a tantos outros – em concordâncias e dissonâncias éticas, políticas e estéticas. Um possível da/na vida. Como o que Deleuze (1988) fez, ao compor com os filósofos estoicos para formular uma outra lógica do sentido e propor uma (outra) Filosofia da Linguagem. Como Foucault (2001) fez ao ocupar-se de M. Blanchot, de M. Duras, de A. Breton, de R. Roussel, problematizando o campo da Literatura.

Indo do Contemporâneo ao Capitalismo, ELA entende que é importante e salutar, sempre que possível - e, quando não for, criar condições para -, dar espaço para as diferenças/diferenciações. Não atrapalhar, pelo menos, como sugere Felix Guattari, oferecendo “oito pistas para uma esquizoanálise” (GUATTARI, 1987). Quer seja: “Não atrapalhar. Em outras palavras, deixar como está. Ficar bem no limite, adjacência do devir em curso, e desaparecer o mais breve possível...” (p. 139) É preciso ocupar-se não apenas das diferenças que (já) se apresentam como formalizações individuadas e/ou cristalizadas em seus *contornos provisórios* - como ensina Neves - num processo de constituição tantas vezes não percebidos. É preciso ocupar-se das intensidades

experimentadas numa espécie de desconforto ou mesmo das formalizações que sugerem *recusa*, porque tomadas, por vezes, como defeituosas, num sentido pejorativo/desqualificado. Estas últimas, de modo mais radical, são as que trazem uma crítica e que apontam para a vida em processo que, *em vias de, pede passagem*. Ou seja, estas são as que, ao mesmo tempo em que operam uma denúncia daquilo que se quer fixo/imóvel como a verdade, possibilitam a reinvenção da/na vida. Não ao modo de uma reconciliação numa síntese como promessa diante de contradições instaladas, mas como operadora da proliferação e da afirmação de outras direções/sentidos possíveis.

Assim, *em meio ao* Contemporâneo – habitando sua *atualidade* -, quando tantos fazem das Reformas Psiquiátricas *palavra-de-ordem* – antes, na história, foram a *tomada de consciência* -, ELA faz sua aposta outra: na *palavra-desde-a-desordem*, uma destruição. Se descrença, se preconceito ou se espécie de cansaço diante de uma militância engajada capturada pelos universais, se *ignorante* ou não, diante e/ou em meio ao seu submetimento ao Capitalismo, ELA pergunta até onde uma outra aposta é possível? Em meio ao que aprende agora, ritornela: *sim, é possível*. É que, dizendo *sim* ao orientar uma pesquisa, Neves (2002) diz *sim* a um modo de interferir, de fazer política, de provocar... deslocamentos – “...atentos a outros modos de viver (...) outras maneiras de interferir e de fazer política” (NEVES, 2002, p. 132). ELA/Eu/*Política*, podemos, então, ser *astúcia*. Diante do meu cansaço – *enfraquecimento político?!* -, Neves (2009) traz sua força/aposta, lembrando que “a única resistência digna do presente é a criação” (NEVES, 2009, p. 192). Então - é claro - para tanto, é preciso *astúcia*. E, lembrando o rigor, vejo que é necessário conhecer/entender como se tece o Contemporâneo e, nele, o Capitalismo. É que é preciso “pensar a produção social da existência para além e aquém de suas encarnações num estado de coisas e enunciados” (NEVES, 2009, p. 199) tomados como verdades. É preciso ir além, ousar.

Inserida no Capitalismo Contemporâneo, a Reforma Psiquiátrica, em sua terceira versão, dá nome a diferentes posicionamentos teórico-práticos – políticos, portanto – na intenção de ‘governar’/tratar modos de estar na vida. Estes modos, diferenças ainda excluídas, hoje chamados ‘transtorno mental’. ELA chama *preconceito* seu posicionamento *contrário*.

Entendo e recuso este reformar que, como *políticas de matar a vida*, forjam rearranjos de *mesmos*. Com práticas tutelares, infantilizadoras, ainda referenciam profissionais

de saúde mental como detentores do melhor saber/poder dizer e tratar e que calam diferenças com medicalização e terapeutização abusivas da existência. Entendo, ainda, que esta operação de saber/poder faz-se em um pacto com a regulação financeira e política de um Estado que, ainda num sistema único, vende a saúde e/ou a doença (também mental), legitimando – e, obviamente, lucrando com - a proliferação de OS, de CAPS, NAFS, ESF. Às custas da vida de tantos. Reformar? Destruir!

Se o que se ousa é uma crítica ao que se coloca como o *mesmo*, é preciso interrogá-lo em suas condições; se o que se quer é pensar o *Contemporâneo* e operar uma crítica, é preciso que estejamos incluídos nesta interrogação. Fazer uma ontologia-histórica-de-nós-mesmos ou, nos termos de Foucault (2011) “uma ontologia do presente, uma ontologia de nós mesmos” (FOUCAULT, 2011, p. 268). Nela, interrogação/crítica, é imprescindível “a ativação permanente de uma atitude crítica de nosso ser histórico não para uma descoberta de [um] si mesmo, mas para a ‘invenção de si’” (NEVES, 2002, p. 16).

Neste ponto, ELA salienta que Neves – outrora, operando “interferências opositivas exteriores ao modo de funcionamento do capital” (2002, p. 12) -, hoje, recupera Marx. E o faz, re-inventando-o - deixando isso explícito. “Podemos dizer que estamos num pós-marxismo, mas com Marx” (NEVES, 2002, p. 21), onde o sentido proposto de ‘pós’ é: “desestabilização do legitimado, como singularidade que aponta que o capitalismo também tem história. E não [pós] como ultrapassamento do passado” (p. 21).

Marx também foi “crítico do seu presente” (NEVES, 2002, p. 24) – que chamou real – como mostrou Foucault em “O Que São As Luzes?” (FOUCAULT, 2011).

Pensar o contemporâneo sem levar em conta, ao mesmo tempo, as contribuições críticas de Marx sobre o funcionamento do capitalismo e da produção da existência, é fazer uma ‘análise de avestruz’, ou seja, enfiar a cabeça na terra (NEVES, 2002, p. 20).

Na recuperação, uma aposta.

...fazemos uma aliança com Marx quando ele afirma que a transformação social [sua singularidade histórica] reside no complexo movimento do próprio real. Um real que se produz historicamente, um real rico de acontecimentos que nos possibilitam elaborar ações e visões críticas da existência no que ela porta de 'herança', mas também de horizonte inantecipável, e horizonte que ponteia até em minúsculas surpresas do aqui-e-agora (...) a história comporta sempre um inacabamento produtivo (NEVES, 2002, p. 22).

Recriar Marx, para trazer o que encontra de *paradoxal* no crítico do Capitalismo.

Quaisquer que sejam as formas sociais da produção, os trabalhadores e os meios de produção permanecem sempre os seus fatores. Entretanto, quando separados uns dos outros, só o são potencialmente. Para haver produção é mister que eles se combinem. O modo em que se efetua essa combinação distingue as diversas épocas econômicas da estrutura social (MARX apud NEVES, 2002, p. 31).

Formas sociais como modo de produção – específico de um momento da história e, no entanto, variável na história como possibilidade de devir futuro. Mutação dos modos/formas produzindo, na história, as diferentes tramas e expressões do Capital – então, também, diverso. E os *nossos modos* – dos profissionais/trabalhadores/produtores/consumidores das práticas e do psi? O que querem? Ou que podem no que querem? Ser *denunciado* e/ou ultrapassado?! Reinventar-se? – Até onde no dito *Contemporâneo*?

Velocidades, afirmação como imposição da criação/criatividade e da diferença – produção e consumo. Mais que *econômico* – como salienta Neves e conta ELA -, vamos

encontrar o *político* e o *subjetivo* numa específica articulação que, no caso das práticas psi, inclui o *saber/poder*, de modo que a política se espraia pelos modos de existir: mercadoria é a própria vida/modo de existência. *Saudável é ser alternativo*, diz a *palavra-de-ordem*. Ou seja, tudo é apropriado pelo Capital. *Para servir à vida?* – ELA repete Nietzsche, quando este interroga a história, dando voz à Neves (2002).

Dentre as muitas enunciações produzidas pelo modo de funcionamento do capitalismo no contemporâneo, em suas formas híbridas de dominação política e subjetiva, as que mais nos chamam a atenção são as que comprometem nossa mobilidade de antemão. Tal comprometimento se expressa na apresentação de um quadro geral – ‘tá dominado; tá tudo dominado’... - que configura um novo totalitarismo. Sob o slogan da liberalização, converte as nações e os povos e, mais especificamente, a vida em reféns das vicissitudes ondulatórias e libertinas da ‘serpente’ denominada capital financeiro (p. 48/49).

Neves (2002) esclarece:

Tal dinâmica expressa-se na internacionalização do sistema financeiro, na desterritorialização da mão de obra e da produção, num consumo cada vez mais incentivado de mercadorias, de informações, de imagens de si – descartáveis ao sabor das novas necessidades produzidas para a fruição da acumulação capitalista (p. 53).

E ELA intervém, repetindo que, dentre elas/outras necessidades, encontramos as práticas psi e seus correlatos engendramentos intervindo no capital humano/produção da vida. Como ferramenta: o saber/poder.

Numa outra vertente de análise, Neves traz a “variação: se o capital investe nos processos de produção da vida, em suas variações, é apresentando-se como seu empreendedor ontológico” (NEVES, 2002, p. 73). Assim, modos de subjetivação singulares tornam-se exigência de ser e de vida original tem como correlata a produção da experiência da falta. Sejam estas: falta da casa ideal, do carro ideal, da tv ideal, da família ideal, da carreira ideal, da cor de cabelo ideal, do amor ideal, da saúde mental ideal – enfim, da vida ideal. Transcendências produzidas pelas práticas psi? Até onde?

O capital... incita e sustenta até mesmo modos de subjetivação singulares, mas para serem reproduzidos e reificados como mercadorias de consumo de massa e identidades... (NEVES, 2002, p. 73)

Neves é afirmativa:

Em sua axiomática de dominação e assujeitamento, o capital toma a vida em sua variação constitutiva e molecular, reproduzindo-a e estendendo-a às combinações mais inusitadas na organização dos desejos, das necessidades e da criação, demandando destas os arranjos mais inusitados para seu funcionamento. Ao mesmo tempo em que ‘libera’ a vida a novas invenções, a constringe, integrando-a, impedindo ou desviando suas fugas em superfícies de estratificação e sobrecodificação. Aquilo que escapa das sobrecodificações axiomáticas, ou seja, a produção de corpos intensivos onde acontece a conectividade do

desejo, o capitalismo busca modular (p. 74).

Afinal, estamos *em meio a* – imersos, como produtores ou como críticos - da “sociedade do controle”, como vislumbrou Deleuze (1992).

No mapeamento do contemporâneo, vemos que a produção social da existência se dá numa intrincada relação entre capital e desejo. Como entender a ideia de que o modo de produção capitalista seria nosso plano de imanência? (NEVES, 2002. p. 83)

Trata-se de, intervém ELA, querer/desejar o que nos constrange – sem esquecer que isso também nos constitui. Neves (2011) ilustra com uma “política – economia de subjetividade” (p. 4). Nela, um perverso pacto: aos “psicólogos, como profissionais inseridos no sistema de saúde” (p. 4), na contratação temporária. Permite, autoriza, a criatividade, para, num momento seguinte, tornamo-nos o *descartado*. O que, segundo Neves, ocasiona um “sofrimento intenso” (p. 4) ao profissional do sofrimento. Como escapar, ainda, com vida? Como escapar para/pela vida? E, em diferentes momentos/modos, de que tipo/qualidade de vida se trata?

Na interferência, portanto, como Política, estaremos *em meio a* modos de operacionalidade que se não se excluem, que se atravessam: extensivo e intensivo.

Uma interferência goza de dimensão extensiva quando atualiza um acontecimento intensivo em forma (homem, mulher, animal, partido político), em segmentos (trabalho, casa, escola, rua) ou séries causais (filho ou filha de, nascido em, morador de). Estas atualizações são reportáveis a uma ‘intenção de’ que implica a produção de territórios que sirvam, seja para neutralizar/estabilizar as desterritorializações intensivas, seja para servir de suporte para

disciplinadas e convergentes pausas programáticas, ou até mesmo para ‘dar um tempo’ nas desestabilizações como pausa tensa (NEVES, 2002. p. 139).

Mais.

Uma interferência goza de dimensão intensiva quando é capaz de acolher um acontecimento imanente, no qual se constituiu, em sua mobilidade intensiva, fora das coordenadas espaço-temporais, não o confundindo nem com o vivido, nem com o estado de coisas e enunciados no qual ele se atualizou e foi enunciado... funciona como obra aberta e por relações de vizinhança entre devires. Constrói consistências provisórias sensíveis ao campo problemático que as dobra, desdobra em ressonância com os gritos de dor e de alegria que pulsam na intensidade vital (p. 140/141).

Capital humano: *modos de estar nos verbos da vida*, subjetividades, produção e consumo. Ainda assim, “somos construídos e construímos nossos combates. Atentos a outros modos de viver, outros estilos para novos gestos, outras maneiras de interferir e de fazer política” (NEVES, p. 132). E orientar.

ELA Escuta

Quando ELA encontrou *Escuta*, contou assim:

Escuta viu-se numa espécie de emaranhado de fios – de vozes, de letras, de escritos. E foi assim que vislumbrou mais uma possibilidade para, *ao modo da literatura*, afirmar a *vida como ficção*. No entanto, era, ainda, preciso mais: apropriar-se daquilo que se configurava como fios – e eram vários e tantos! – para *desproduzir* uma meada e, enfim, fazer surgir um outro desenho. Diante de si, mais

uma vez, histórias – contar. Deste modo, a própria *Escuta* multiplicava-se em outras. *Escuta*, que de tanto ouvir, resolveu contar.

Escuta-que-gostava-de-inverter acredita que começar nem sempre ‘pré-supõe’ (*pré-supõe...* palavra nascida redundante esta!, divaga *Escuta*) um começo; visto que este é fundado por um começar. (Tautologia angustiante esta!) Se nem sempre há um começo, de onde, então, lançar-se? De algum ponto do agir. Neste caso, era preciso afirmar o agir da escrita, num *rizomodo*.

O século XXI põe em xeque aquilo que vinha sendo problematizado pelo século XX: as grandes dicotomias e/ou polarizações. Sujeito e objeto; verdadeiro e falso; científico e sentido comum; público e privado. Walter Benjamin, François Lyotard e Robbe Grillet são, na Literatura e no Cinema, importantes vozes e escritas críticas acerca dessas mudanças que atravessam os séculos e os diferentes modos de conhecer. *Escuta* vê-se diante do Pós-Moderno – produções que questionam, que problematizam e que realizam uma crítica que sugere uma imediata criação – e consciência desta.

Escuta tenta, neste texto/*agir-da-escrita* - e neste encontro com ELA -, um exercício onde a inseparabilidade entre ético, político e estético possa evidenciar-se. *Ético*, porque afirma um posicionamento; *político*, porque enquanto *força posicionada* quer afirmar uma direção; *estético*, porque, posicionada para/na afirmação de uma direção, quer afirmar-se/construir-se como forma – em *contorno provisório*, como sugere a voz orientadora de Neves. *Agir* onde a vida possa ser vista/tomada como *ficção* e, por isso, aberta a. *À mais vida*.

Escuta - que também foi à aula lá pelas bandas da Literatura - contou o que aprendeu. Que não foi por evolução, mas por crítica – questionadora e imediatamente criativa – que a narrativa tradicional deu lugar ao romance moderno. É que este, hoje, dá lugar a uma literatura que mistura gêneros, que mistura ficção e realidade. Nela/literatura pós-moderna, o leitor é chamado a complementar o texto, a dar sua versão, co-criar *verdades*, portanto. Esta Literatura, que subtrai o travessão e os dois pontos, rompe, assim, com a estratégia da narrativa moderna que supunha uma delimitação clara entre falas/pensamentos dos personagens, do narrador e do autor. O que se afirma são jogos – de linguagem.

Escuta resgata em sua memória – construída recentemente - a lembrança da importante tarefa realizada por Philippe Lejeune – sistematizando, classificando, organizando diferentes trabalhos literários, separando por gêneros, enfatizando o ‘pacto’ de verdade estabelecido entre autor e leitor. Pacto este garantido e garantindo uma espécie de sinceridade para com o conteúdo do lido. Tarefa esta problematizada, ainda no século XX, por Serge Doubrovsky, quando oferece ao próprio crítico literário e ao leitor a ‘autoficção’, uma “elaboração de narrativas de si”, onde não se trata de uma mentira ficcional, porque

o sentido de uma vida não existe em parte alguma, ele não existe em si. Não se trata assim de descobri-lo, mas de inventá-lo, não inteiramente, mas através de seus rastros: ele terá de ser construído (DOUBROVSKY, apud GERHEIM NORONHA, 2010, p. 252).

Trata-se de invenção; não, de mentira. Trata-se, portanto, de ficção – real.

Na elaboração da narrativa de si ou *autoficção*, a ausência de compromisso com a verdade factual não pode ser tomada como erro e/ou defeito. Não se trata de mentira, *Escuta* insiste. Trata-se de “ruptura com a convenção ficcional” (NASCIMENTO, 2010, p. 196) Há, para tanto, uma espécie de *fala autônoma* para além da intenção de um sujeito, mas para onde este é chamado. Há um *dizer* – o que faz com que ELA e *Escuta* retornem ao lido em Maurice Blanchot (2005) acerca do *Impessoal*.

Nesta *fala impessoal*, o sujeito – autor, personagem, narrador e, mesmo, pesquisador – é uma espécie de *depois*, que coloca o pronome *Eu* em ditos por vezes já ditos. E não se trata de esclarecer, quando *há um todo disperso do mundo*. É que na dispersão da/na vida que não busca totalização e não deriva de uma totalização – ainda que muitos nela acreditem e por isso sofram sua falta – há o que construir, criar, inventar.

Quando? Como? Veremos.

Segundo Blanchot (1987), escrever é “interpelar” (p. 16). É “retirar a palavra do curso (cotidiano) do mundo” (p. 17). Trata-se de uma outra palavra – ou palavra de uso outro, para além da representação, da significação e, portanto, da adequação. E, mesmo das convenções. Não servindo à explicação e à descrição, essa palavra outra – “palavra essencial” (p. 32) - impõe silêncio aos reconhecimentos apaziguadores e adequações. E, para tal, inclui um *eu outro* que encadeia tempo, memória, sentidos. *Eu* que se sabe ficção! Portanto, é possível deixar falar o mundo e os modos outros – seja a narrativa, a política, a pesquisa, a linguagem, a memória, a literatura, a história, o tempo... a vida.

Deixar falar a *Escuta*, numa *Política* que, para além da governamentabilidade, se quer como astúcia nas inversões - ponderava ELA, pondera *Escuta*.

E, insistindo em reverter o verso e descomeçar, ELA conta assim:

Aconteceu, uma vez, uma determinada *Escuta*. Que de tanto ouvir, resolveu também contar. Tratava-se de histórias. Mas tratava-se, antes, de fazer inversões: de ir de lá pra cá e não tanto daqui pra lá. Tratava-se de reverter e, certamente, de um *fazer político*. Reverter para inverter, *Escuta* tinha aprendido com *Alice*. Também com Lygia Bojunga. E com Lewis Carroll e com *Pavão*. E com a *Gatinha Kitty* e com a *Escola Osartra*. E, ainda, com uns filósofos que *andou* lendo. É que *inverter* podia ser também embaralhar os sentidos, as palavras, as lógicas. *Inverter* podia ser afirmar paradoxos – andar, ouvir, ler... Insistir em verter... Até poder afirmar que *a vida é ficção* e que *a memória pode*, também, *trabalhar em várias direções e vir antes de ser*, efetivamente, *construída*. Inverter podia, mesmo, ser, *descomeçar*.

Escuta tinha aprendido, ainda, com Michel Foucault, que aprendeu com Friedrich Nietzsche, que tinha ensinado ao Gilles Deleuze, que *políticas* e *sentidos* podiam ser tomados como forças das vontades afirmadas e direções criando outros *modos de existência* – ou “modos de estar nos verbos da vida” (NEVES, 2004, p. 4; 2009, p. 191).

Note-se, pede ELA, que muitas aulas e palavras invertidas foram percorridas juntas.

Escuta tinha aprendido porque enquanto escutava, revezando-se, andava e lia. Lia Filosofia, lia História, lia

Literatura. Psicologia, mesmo, *Escuta* tinha deixado de ler a algum tempo. Ou uma *certa* Psicologia. Até porque, desde muito, *Escuta* já lia uma ‘Psicologia’ impregnada de Filosofia, de História e mesmo de Literatura que uns psicólogos – que também liam Filosofia, História e Literatura - andaram escrevendo. Mas *Escuta* tinha surgido, mesmo, da Psicologia. E, por isso, acreditando ter sido treinada para tal – escutar o psicológico – andou um tempo na dúvida se, ainda, era, realmente, *Escuta psicológica*. Porque, invertendo, *Escuta* fazia-se desobediente do seu fazer: *Escuta* que lia, *Escuta* que interrogava, *Escuta* que discordava. *Escuta-que-queria-destruir*. *Escuta* que, então, ... *contava*.

Pavão também gostou quando soube que ia para a Escola e que lá tinha vários Cursos. Tinha até um Curso chamado Linha. Foi a Lygia (BOJUNGA, 2012) quem o levou. E, por sua vez, *contou* assim:

A Escola (...) se chamava Osarta do Pensamento. Bolaram o nome (...) pra não dar muito na vista. Mas quem estava interessado no assunto percebia logo(...)

A Osarta tinha três Cursos: o Curso Papo, o Curso Linha e o Curso Filtro.

O Curso Papo era isso mesmo: papo. Batiam papo que só vendo. O *Pavão* até que gostou. Naquele tempo o pensamento dele era normal, ele gostava de conversar, de ficar sabendo o que é que os outros achavam, de achar também uma porção de coisas. Só tinha um problema: ele não podia achar nada; tinha que ficar quieto escutando o pessoal falar. Se abria o bico, ia de castigo; se pedia pra ir lá fora, ia de castigo; se cochilava (o pessoal falava tanto que dava sono), acordavam ele correndo pra ele ir de castigo.

O *Pavão* então resolveu toda hora abrir o bico, ir lá fora, cochilar – só pra ficar de castigo

e não ouvir mais o pessoal falar. Não adiantou nada, deram pra falar na hora do castigo também. E ainda por cima falavam dobrado.

O Pavão era um bicho calmo, tranqüilo. Mas com aquele papo todo o dia o dia todo a todo instante, deu pra ir ficando apavorado. Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado, o coração pra outro. Pegou tique nervoso: suspirava tremidinho, a toda hora sacudia a última pena do lado esquerdo, cada três quartos de hora sacudia a penúltima do lado direito.

O Curso Papo era pra isso mesmo: pro aluno ficar com medo de tudo. O pessoal da Osarta sabia que quanto mais apavorado o aluno ia ficando, mais o pensamento dele ia atrasando (p. 37/38).

O Pavão influenciou bastante o modo da *Escuta* – *ensinando-a* as estratégias das desobediências. Assim, se quando chegou ao Serviço Público, *Escuta* tinha algum tempo de treino em Psicologia, também tinha muito tempo de desobediências em relação a esta, indo por caminhos/direções outros/as. Desta feita, é *Escuta-que-counta* que *conta* que ouviu assim:

Chego ao Serviço Público do Rio de Janeiro, através do concurso público promovido pela, então, Secretaria Municipal de Saúde. A Unidade de lotação: um Posto Ambulatorial de Assistência – chamam PAM. O setor: Saúde Mental. Como, sabendo da potência da linguagem e da produção da diferença, escapar às armadilhas das naturalizações engendradas por orientações nosológicas que, servindo-se de diagnósticos médicos, cronificam dores e sofrimentos psíquicos? Com quem, então, contar/me aliar para criar estratégias de intervenção outras e provocar ‘pequenas revoluções’? Como colocar em funcionamento - em ações - os projetos e

percursos 'esquizo-institucionais'? Como querer Políticas Públicas, diferenciá-las das políticas de Estado e/ou governamentais, extraindo delas o ético, o estético, o político? Falariam do mesmo 'político'? Seria possível, ali, uma clínica da diferença, que problematizasse, até mesmo, o diagnóstico como uma instituição, no sentido proposto pela Análise Institucional, que coloca ao profissional psi a tarefa de – escutando – tutelar aquele que sofre? Como escapar ao Especialismo - que surge como uma instituição e/ou uma estratégia – de saber/poder e, portanto, de produção de subjetividade - forjada pela ciência como modo de desqualificar vozes/saberes e referendada exatamente por aquela destituída de seu poder de. Como, portanto, escapar ao modo representativo e à indignidade de falar em nome do outro?

Ali, *Escuta* – ELA ou a pesquisadora, em revezamento - ainda não se dava conta de que o que aquela prática psi fazia, mesmo, era *despolítica*, Política revertida. E, impregnada pela Esquizoanálise e pela Análise Institucional, precisava re-inventar seus aliados.

A *Esquizoanálise* surge como espécie de arranjo crítico que reflete os questionamentos que proliferam em torno dos movimentos de 68. Na Psicologia, o termo organiza uma crítica aos pensamentos e formulações marxistas e psicanalíticas. Tratou-se da proposta de uma análise que atravessasse e proliferasse, colocando em questão - problematizando - as relações capitalistas entre desejo e social para além das dicotomias indivíduo/sociedade; público/privado. No Brasil, a Análise Institucional, surgida de uma espécie de dissidência psicanalítica, reúne práticas que forjam teorias que sustentam práticas também psi nos campos da saúde, da educação, da clínica, da política, dentre outras. É também, por sua vez, atravessada pela Esquizoanálise.

Utilizo – tento – esse atravessamento prático-teórico no Serviço Público...

“É próprio ao dizer inventar sentidos” - afirma uma psicóloga que alia Literatura e Clínica, ato de criação e subjetividade (TEDESCO, 2005, p. 141). Sua afirmativa reverbera nos olhos, ouvidos e andanças de *Escuta*.

O dizer inventa sentidos para, então, fazê-los (sentidos) proliferar - em sentidos mesmos; em sentidos outros. Sentidos tantos que vão fazendo proliferar também direções. Seriam, assim, sentidos também direções?! – interrogava-se *Escuta*, para afirmar que sim!

Os sentidos proliferam para dizer melhor; para dizer *mesmos*; para dizer *outros*. Proliferam-se para dar ordens; para construir passagens. Para *fazer falar a vida* – que aí se reinventa, se recria. E insiste, utilizando-se de palavras e mesmo *sendo* palavras. Ditas. Ouvidas. Faladas. Escritas. Contadas. Palavras...

É da palavra aventurar-se! E dizer. E inventar e inverter. E criar mundos. E modos. É, portanto, próprio ao *dizer palavras* a potência de inventar, de produzir, de criar. Também, desinventar. No exercício desta potência, *dizer* pode inventar/produzir/criar a crença na *verdade* e contrapô-la à *mentira*; inventar/criar/produzir o *verdadeiro* e contrapô-lo ao *falso*; o *idêntico* para contrapô-lo ao *diferente* - desqualificando estes em relação àqueles. São aventuras, artimanhas e armadilhas do dizer/da palavra: que ora aprisionam, quando paralisam movimentos, ainda que seus próprios movimentos. Mas que ora liberam, ganhando e provocando outros movimentos e voltando a criar – inventar, sem mentir. Ou mentindo...

É próprio ou tarefa da palavra unir, encadear, o que se apresenta separado. É tarefa também da palavra separar, *fragmentar*, o que se quer unido. Como suportá-los – fragmentações e encadeamentos? Tarefa da palavra, do dizer, do contar, do escrever, do narrar: potência em exercício, de produção, de invenção, de criação de modos e mundos – enfim, de vidas. Sempre *umas*; sempre ainda *outras*. *Ficções*.

Aonde *Escuta* teria aprendido sobre *ficção* e sobre *fragmentos*? *Ainda não aprendi*. – responderia, aqui. Porque queria mais. E ELA nos guia em seus movimentos.

Ouvi que, Por Enquanto, Temos Hoje.
No hoje, temos a Paciência.
Na paciência, insisto e forjo a Escrita. Com ela, a Escuta.
Paradoxo: aliar paciência e insistência. Desafio.
Enquanto escrevo, produzo. Invento?! Minto?!
Insisto. E repito. A mim e a tantos que li/ouvi.

... Suportar a fragmentação até ser possível forjar o encadeamento.

... Habitar o encadeamento para, assim, suportar o fragmento – a vida, na vida. Seria apenas e tanto um recurso literário? Seria uma estratégia política – outra palavra/expressão redundante! É possível, para além do trauma, viver o que irrompe e fragmenta em sua positividade: aquilo que problematizando a existência – um modo de existir/ser/estar/pensar/perceber/sentir/amar – nos atravessa e que, numa pausa tensa, convida-nos ao devir.

Enquanto ELA/*Política* retorna sua atenção ao contar de *Escuta*, a orientadora afirma: ‘Aqui está Deleuze apontando que pensar a existência como obra de arte implica criação, paciência e prudência... e que isto ocorre em *gargalos de estrangulamentos*. Está lá em *Conversações* (DELEUZE, 1992), onde o filósofo fala de Kafka, de Woolf, de James em suas impossibilidades’.

A criação se faz em gargalos de estrangulamento... Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador (DELEUZE, 1992, p. 167).

Posso Criar

ELA interroga.

Enquanto escuto,... enquanto conto... Posso criar. Invento?!
Minto?! – Quem saberá?

Mirela contou que, quando chegou à sua nova casa, foi interpelada/recepcionada, ao acaso, pela vizinha. Tinha levado uma amiga para conhecer o pequeno apartamento onde iria morar, por pouco tempo – até que reorganizasse sua vida. No corredor, a conversa:

- *Você é casada?*
- *Não. Sou separada.*
- *Você vai morar sozinha?*

- Vou. Meu marido – ex – não quis vir comigo. Mas uma sobrinha virá. De vez em quando...

- Eu sou viúva e moro com uma sobrinha – mas que está de mudança para São Paulo. Qualquer coisa que precisar...

Consumada a despedida, aquele diálogo, testemunhado pela ‘amiga’, provocou outro:

- Por que você mente?

- Não minto. Conto história.

- Seu ex não quis vir contigo?!

- Não. Sou separada – há dez anos, lembra? Quando nos separamos foi porque ele não quis seguir na vida comigo. E tenho uma sobrinha, lembra? Quem sabe, um dia, ela aparece por aqui.

Escuta- que-conta insiste.

Quando chego àquela Unidade, deparo-me com uma greve. A Saúde do Município do Rio de Janeiro estava em greve, porque seus profissionais reivindicavam. Do outro lado (de fora), usuários aguardavam. E também reivindicavam: saúde – como ausência de doença. Da Chefia do Setor de Saúde Mental – uma psiquiatra – uma cópia do CID 10 (Classificação Internacional das Doenças em sua 10^a edição) e uma sala/consultório vieram acompanhadas das primeiras orientações: “Logo esta greve acaba; enquanto isso, leia alguma coisa.” A outra psicóloga do Setor ofereceu: Ana Cristina Figueiredo – “Vastas Confusões e Atendimentos Imperfeitos. A Clínica Psicanalítica no Ambulatório Público”(2002). Psicanálise?! – Era, novamente, colocada a questão: como escapar ou como encontrar aliados?

E Lygia Bojunga (2012) retoma.

(...) – Não sai aqui do Curso.
Você saindo, você escorrega,
você cai, cuidado, hein?
Cuidado. Olha, olha, você está

escorregando, tá caindo, não disse?! (...) Lá pro meio do Curso ele pegou um jeito esquisito de andar: experimentava cada passo que dava, pra ver se não escorregava, se não caía (...) Então, as notas dele começaram a melhorar.

No principio do Curso o Pavão só tirava zero, um dois, no máximo. Mas com o medo aumentando, as notas foram melhorando: três, quatro, cinco e teve um dia que o Pavão teve tanto medo de tanta coisa que acabou ganhando até um sete. (Nota dez era só pra quando o aluno ficava com medo de pensar. Aí o Curso estava completo, davam diploma e tudo.) No dia que o Pavão ganhou nota sete, de noite ele sonhou. Um sonho muito bem sonhado, todo em amarelo, azul e verde alface. Sonhou que o pessoal do Curso Papo falava, falava, falava e ele não escutava mais nada: tinha ficado surdo. Acordou e pensou: taí, o jeito é esse. Foi pra aula. Estavam encerando o corredor da escola. Pegou um punhado de cera e, com um jeito bem disfarçado, tapou o ouvido. (...) Fizeram tudo. Falaram tanto que ficaram roucos. Um deles chegou até a perder a voz. Mas não adiantava: o medo do Pavão não aumentava; não se espalhava; tinha empacado na nota sete e pronto. Resolveram então levar o Pavão pro Curso Linha. E o Pavão foi. Com um medo danado de cair. Examinando a perna a toda hora (...) (p. 38/39/40)

Em revezamento, *Escuta*.

Depois de um ano, um cartaz divulga e oferece: 'Curso de Atualização em Atendimento Ambulatorial em Saúde Mental – promovido pelos Programas de Saúde Mental das Secretarias Municipal e Estadual'. – Aliados?! Formalizada a inscrição, vou escutar. Lá, tratava-se de uma estratégia – Política e política – de implicar, através do profissional/servidor inscrito, a Unidade de Saúde na formulação e execução de um projeto compromissado com a construção de rede de cuidados também para além dos muros das Unidades. Re-inventar os modos de intervenção! Até onde?!

Era necessário começar ali, na Unidade, a construção do que se pudesse chamar e atuar como 'rede'. A fim de aproximar-se à resolutividade, de evitar a cronificação ambulatorial, a reduzir custos e demandas medicamentosas, de evitar pedido de aumento do número de pessoal, de reduzir filas de espera e agendamentos longínquos, de encaminhamentos vagos e recusas ('não há vagas') – solicitavam os gerentes. Acredito que, certamente, já ali, o germe do que, para além da Saúde Mental, estava sendo preparado e o que seria instituído, através do Ministério da Saúde, como Política Nacional de Humanização. Nestas vozes – Políticas e políticas – professores e alunos, na sua maioria, psicanalistas. Um quase-Curso Papo?!

Meu projeto tentou conciliar a necessidade de formalizar, dentro da Unidade, também como equipe, para então propor a grupalização da clientela. Entendia como necessário o agrupamento dos profissionais como condição para agrupar a clientela.

O Projeto retorna à Unidade – Setor Saúde Mental – sendo acolhido pela gaveta dos tempos modernos: o arquivo de um computador na sala das Chefias. Minha cópia perde-se num incidente com a placa-mãe deste dispositivo tecnológico mal operado. E durante dois anos, percorrendo, em vão, salas da Secretaria Municipal de Saúde, reivindiquei: a avaliação que seria feita por uma banca – uma cópia possível. Anos depois, ao acaso, este material é resgatado na forma de disquete, esquecido pelo

tempo e já tornado obsoleto. [Não teria sido sete, caso tivesse havido nota o projeto proposto.]

Em revezamento, Lygia (2012).

O Pessoal da Osarta tinha ouvido falar numa operação que fizeram num galo de briga: costuraram o pensamento dele só deixaram de fora o pedacinho que pensava o que os donos do galo achavam legal; o resto todo sumia dentro da costura (...) O curso ficou se chamando Curso Linha.

Os cinco donos do Pavão foram lá na Osarta resolver o que é que sumia. Cada dono queria (...) Foi uma gritaria daquelas (...)

O Pavão estava na sala de espera e com aquela gritaria ficou sabendo de tudo (é claro que já tinha se livrado da cera). Caiu na maior fossa quando viu que só ia poder pensar o que os outros queriam. Quase chorou. Só não chorou porque estava louco pra ouvir tudo e achou que chorando atrapalhava.

(...) marcaram a operação pro dia seguinte. Mas na hora de escolher a cor da linha a briga começou outra vez (...)

O Pavão não dormiu. Passou a noite inteirinha fazendo ginástica. Um-dois, um-dois. Uma ginástica meio esquisita: no um ele deixava a perna bem mole, bem à vontade; de repente – dois! – puxava a perna com toda a força. Repetia o exercício uma porção de vezes. Quando uma perna já estava bem treinada, ele passava pra outra. Depois treinava o pé (...) Depois treinou o bico, o olho e foi subindo até chegar no pensamento. Porque o que ele queria mesmo era isso: dar um

puxão no pensamento (...)
Treinou o puxão de pensamento
até a hora da operação. E na
hora não houve jeito de
costurarem o pensamento do
Pavão. Costuravam de um lado.
Quando começavam a costurar
do outro, o Pavão dava o tal
puxão e pronto: a linha
rebitava (...) Foram perdendo
a paciência (...) Acabaram
desistindo (p. 40/41/42/43/44).

Ali, pude, também, atuar num outro Setor da Unidade: a Clínica do Adolescente. Tratava-se de uma organização/estrutura que (já) tentava desburocratizar o atendimento ao usuário adolescente. Aliados?! Equipe?! Neste Setor, “emprestada”, uma outra orientação: participar do Grupo de Trabalho promovido pela Gerência do Programa de Saúde do Adolescente (GT), onde, mensalmente, são discutidas questões em torno da violência contra a criança e o adolescente. Local/prática destinado ao debate e explicitamente colocado e oferecido como estratégico de formulação de Políticas Públicas/Governamentais – ainda que acolhesse políticas públicas - queria sensibilizar profissionais, dar visibilidade a trabalhos, pesquisas, atuações e intervenções na prevenção e no tratamento de crianças, adolescentes e, mesmo seus cuidadores e/ou agressores, crianças e adolescentes em situação de risco social e vítimas de violência.

Anos depois, atuo de modo exclusivo e “emprestado” na Clínica do Adolescente. Engendrando, todos os dias, minha condição, ou seja, recriando, a cada solicitação informal para atuar na Saúde Mental, argumentos que justificassem este “empréstimo” a um Programa da Saúde Coletiva. Como, por exemplo, ser a única psicóloga que “tem experiência” com adolescentes e atua no Setor. Mais tarde, percebi que

ter “experiência” tinha a ver com uma específica ‘disponibilidade’: usar tênis.

Considere-se que a organização do Setor Clínica do Adolescente respondia ao Programa do Adolescente, da Saúde Coletiva, numa equipe que, chefiada por uma Pediatra, constava de três médicos pediatras e hebiatras (palavra que nomeia o médico especialista em adolescência), uma fonoaudióloga, uma assistente social e uma agente de saúde, misto de enfermagem e administrativo. Considere-se que por *política pública* entendo práticas, atitudes, mudanças, movimentos engendrados a partir da relação entre usuários e profissionais de saúde dentro das unidades de saúde, no momento mesmo dos atendimentos, consultas ou decorrentes destas, orientados pelas necessidades visualizadas nestas relações; que naquele momento, eram visíveis as dissonâncias entre duas áreas dentro da Saúde – a Coletiva e a Mental (levando-nos a acreditar, se não num autoritarismo da Saúde Mental, numa espécie de *atraso* em relação à história) e que *disponibilidade* que incluía usar tênis – conforme sinalizou uma chefe de clínica, certa feita.

Costuravam de um lado. Quando começavam a costurar do outro, o Pavão dava o tal puxão e pronto: a linha rebentava (BOJUNGA, 2012, p. 44).

Do Serviço Público, *Escuta-se.*

Num dos primeiros encontros do GT/Grupo de Trabalho, a proposta era dinâmica: Pelo auditório do CASS, na Prefeitura do Rio de Janeiro, poesias e frases foram espalhadas. “Escolha uma e agrupe-se.” A poesia ou frase escolhida determinaria o grupo. Acaso? Afinidade! E lá estava Mario Quintana:

“Do Ideal

Como são belas

Indizivelmente belas

Essas estátuas mutiladas

*Porque nós lhes esculpimos
Com a matéria invisível do ar
O gesto de um braço...
Uma cabeça anelada
Um seio...
Tudo o que lhes falta.”*
Mario Quintana (1989, p. 93)

Cada coisa é demais – poesia, palavra, potência de criação, de naturalização; vaidades; potência de liberação; produção de subjetividade, produção de falta, de gestos...

Como que por propagação poética, um texto ganhou forma:

*‘Gesto de um braço...
Abraço – onde a falta seja outra ... até virar mais ainda outra.
Não a que nega as diferenças, mas a que afirma o que é, também,
potência.
Interrogar: até onde somos nós que mutilamos, também, com o nosso
olhar (vaidoso de especialistas)?
Nosso saber... Nosso dizer... Ao acreditar e agir – nossas práticas – as
diferenças como menos, menores, como falta?
Bela, a vida que sempre pode mais, re-criando-se, esculpindo-se,
refazendo-se.
Apesar de e contando com as cicatrizes – possíveis de todos nós: seres
sem pais, sem mães, sem amor, sem acreditar...
Calar, omitir é, também, esculpir.
Que gesto criará a vida sem falta?’*

*Discutiram um texto sobre resiliência – conceito trazido da Física e que
sugere a capacidade de recuperação da potência de um corpo, depois que
um ato contrário (de violência) o atinge. Com que recursos – humanos e
não humanos – contam (profissionais de saúde, usuários do serviço
público, crianças e adolescentes vítimas de violência)? Ali, nomeavam:
No Serviço Público de Saúde, aliados são chamados Equipe.*

*Poesia, Física – transdisciplinaridade. Teria, então, encontrado aliados?!
A minha escrita expressava, ali, a indignação diante do vivido como
violência. Algo talvez tão barulhento e incômodo vivenciado em alguns*

momentos do lidar/tratar o adolescente que chega ao ambulatório da Unidade:

- Me conte... Fale... Confie em mim.

E quando este, confiando, conta, recebe como 'tratamento' também sanções/punições – tais como 'realmente, você tem problemas psicológicos'. Confiar?!

Este barulho/incômodo reverbera diante do resultado de uma pesquisa/Fiocruz que revela percentual das categorias que notificaram até 2002 casos de suspeita ou confirmação de maus tratos: psicólogos – 1%. E sugere como hipótese/justificativa: “há poucos psicólogos nas Unidades de Saúde.” Mal estar anunciado. Psicólogo: Que profissional é este? O que pode? A quem atende? A quem cabe responder?

Ao médico que encaminha dizendo:- Resolve, porque é psicológico. Ou - Porque ele precisa falar. Ou ainda: - Porque ele não quer se tratar. E mais: - Descobre.

À escola, que solicita: - Dificuldade de aprendizagem. Ou - problema de comportamento.

À mãe, que não aguenta mais: - Dá um jeito neste menino, doutora.

Às Políticas Públicas: - Inclua (o que também nós, tantas vezes, já excluímos).

Ao adolescente que, ultrapassando seu pré-conceito (não preciso de psicólogo porque não sou maluco) e estabelecendo uma aliança, pede: - Não fala p'ra minha mãe, pra diretora, p'ra...

A partir daí uma difícil tarefa parece pedir para ser empreendida no tempo e no afeto - implicação: juntos, enfrentar os tantos 'nãos', as tantas vozes e vezes que nos/vos calam, que nos/vos acusam, que nos/vos desrespeitam, que nos/vos excluem. Tarefa que se recusa como simples escuta e suporte para o desenvolvimento.

Há muito, por orientações teórico-práticas, meu fazer profissional deixou para trás o compromisso com uma ética confundida com uma moral –

sigilo profissional como condição para o exercício profissional do psicólogo – para abraçar esta tarefa: construindo uma aliança com o adolescente, criar estratégias de enfrentamento aos ‘nãos’ que nos/vos...

A palavra que quer poesia pode mais? Trans-disciplinar até onde?

O Pessoal da Osarta suspirou:
- É caso pra Filtro!
Era assim que eles suspiravam quando davam com um aluno de pensamento à prova de papo e de linha (BOJUNGA, 2012. p. 44).

O adolescente: uma prioridade, em obediência a Políticas Públicas Estatais ou uma especificidade – política de afirmação - em nosso percurso? Mais uma interrogação da *Escuta*.

Rafael tem 16; Fernanda, 16; Renato, 12; Cíntia, 17; Andréa, 17. São trazidos ao Posto porque têm “problemas psicológicos” – afirmam pais, mães, tias, avós, diretores de escola e os clínicos/pediatras que formalizam os pedidos para atendimento.

Rafael é filho único. Mora com a mãe, que trabalha como doméstica, tendo folga aos domingos – “sábado, nem conta; chega em casa de noite e sempre cansada” - e com a avó. O pai? Não conhece, “mas está vivo”. A mãe, com medo da violência, proíbe que Rafael saia de casa. Só sai para a escola ou com ela, na casa das tias. “Nem na laje posso ficar”. Moram numa área de risco.

“Ela está muito agressiva; já ameaçou me bater... O médico diz que essa dor no estômago é psicológica; fez todos os exames e não deu nada. Ela sempre foi muito quieta e tímida; agora chora à toa e vive dormindo. Parou de ir à escola e falou em suicídio. É muito nervosa; toma Rivotril. Nem sei se tem mesmo que vir; mas a diretora falou que ele não vai entrar se não vier aqui.” - Fernanda é filha de comerciantes. Queixa-se de que o irmão, de 15 anos, “pode tudo; sai e chega a hora que quer; eu não posso

ir nem ao shopping com minhas amigas; tenho que ir escondido. Minha mãe vive dizendo que vai comigo, mas nunca vai. Está sempre cansada e reclama dizendo que eu vivo de mau humor. E ela?!” A padaria dos pais já foi assaltada várias vezes.

Cíntia veio sozinha. Sentia dores no peito e desmotivação para os estudos. Seu problema maior era a mãe: “bebe, cheira, vive cheia de dívidas; tem um companheiro, um senhor, que a sustenta e que não sabe que ela tem, também, um namorado mais novo que ela. E ainda me acusa de ser muito responsável; diz que pareço uma velha.”

Renato é trazido pela avó com um encaminhamento da escola. “Não sou avó dele. Sou só casada com o avô dele – que tem AIDS. A mãe era prostituta e largou ele com o pai – filho do meu marido -, que morreu no tráfico. Comigo ele é bonzinho. Quer até trabalhar p’ra me ajudar. Mas, na escola, a diretora diz que ele é impossível.” Renato estuda numa escola particular. Tem bolsa de estudos, porque a tia é funcionária. Ele não conhece pelo nome, mas é vítima do ‘bullying’ – porque é negro e pobre. Também é vítima do descontrole emocional da tia – “que me xinga de carvão e bate na minha cara com chinelo” (Isso, Renato fala fora do grupo e pede que eu não conte para a avó, porque “ela vai acreditar é na filha dela, né?”)

Em grupo, alguns podem dizer “a gente” e, sem saber que problematizam, colocar pais, professores, relações sociais e a própria sociedade na ‘berlinda’ – ou seja, em análise. Diante do exagero de cuidados – super-proteção – ou na falta deles – negligência -, discutem a pressão que sofrem diretamente vinda da violência social e cotidiana. Podem, ultrapassando o moralismo contido nas dicotomias certo x errado, algoz x vítima, especialista x problemático, sigilo x confissão, propor até estratégias de solução/prevenção ao sofrimento psíquico que chega aos ambulatórios de atenção à saúde mental – e/ou, hoje, os livram das ruas, do tráfico, da prostituição, das drogas, da morte?

Problemas psicológicos? Problemas no desenvolvimento? Problemas sociais? Escuto, mesmo, são pedidos de socorro!

O Pavão ficou com uma porção de pedaços de linha pendurados lá dentro do pensamento dele. Às vezes, o pensamento se enredava nos fiapos, ficava preso, não conseguia passar, e aí o Pavão só ficava pensando a mesma coisa, só ficava pensando a mesma coisa, só fi – até o pensamento desenredar (BOJUNGA, 2012, p. 44).

Profissionais psi: a que vieram? O que podemos?

A sala do Curso Filtro era cor-de-rosa e tinha cheiro de pasta de dente – bom mesmo da gente ficar ali.

Pegaram o Pavão e escovaram bastante as penas dele. Pra puxar o brilho. E pra mostrar como tratavam ele bem. O Pavão adorou.

Na mesa, no chão, nas paredes, em toda parte tinha filtro. Grande, pequeno, de pé, de parede, de prateleira, de metal, de barro, de acrílico, tinha filtro bem antigo e tinha filtro bem pra frente. O Pavão ainda gostou mais do Curso: achou que tanto filtro só podia ser uma coleção pra brincar. Começou a examinar eles todos.

Perguntaram:

- Qual que você quer pra você?

O Pavão se espantou: puxa vida, tudo tão bom e ainda por cima davam filtro? Desconfiou.

- Mas pra quê que vocês querem me dar um filtro?

- Pra filtrar teu pensamento; pro teu pensamento ficar bem limpinho.

O Pavão ficou pensando naquela idéia; achou meio furada.

- Gosta desse? – E mostraram um filtro desse tamanho. Uma graça de filtro. De barro. Com vela, tampa, tudo. Mas mínimo. E com uma torneirinha de metal supermínima. – Você tem uma cabeça pequenininha, precisa de um filtro pequenininho, não é? Gosta desse?

O Pavão respondeu distraído:

- Jóia.

Não deixaram ele falar mais nada. Seguraram ele com força, abriram a cabeça dele, botaram o filtro bem na entrada do pensamento, puxaram pra cá e pra lá ajeitando bem pra não entrar nenhuma idéia na cabeça do Pavão sem antes passar pelo filtro, e aí deixaram a torneira só um tiquinho aberta. Coisa à toa, não dava pra quase nada.

Com a tal escovadela de penas o Pavão saiu da Osarta ainda mais bonito do que era antes. E ainda por cima cheirando a pasta de dente. Um barato (BOJUNGA, 2012, p. 45/46).

Desfazer para refazer; interrogar para afirmar – é o que um percurso inspirado por Foucault ensina: problematizar. Interrogar as palavras e as práticas. Interrogar, na história, *aquilo que parecia imóvel*, para encontrar, nos fios de sua constituição, a potência para outros desenhos. E, assim, re-inventar a vida, que pede passagem – *projeto ético-estético-político*.

Com quem contar na construção de mais um desafio? Contar com as palavras. *Contar*.

Mas aconteceu uma coisa que ninguém podia esperar: a torneirinha do filtro veio com defeito de fábrica, não ficava regulada no mesmo lugar; às vezes ia indo, ia indo e, de repente, abria toda (aí era um tal de passar pensamento na cabeça do Pavão que era uma maravilha); outras vezes ia indo

pro outro lado e acaba fechando toda (nessas horas o Pavão apagava). (...) Como ninguém podia ver o que é que acontecia lá dentro da cabeça do Pavão, ninguém ficou sabendo do defeito da torneirinha. Mas um dia, quando ela abriu toda, o Pavão desatou a pensar normal, a lembrar de tudo, e acabou compreendendo o que é que tinha acontecido. Foi bom mesmo. Mas durou pouco... (BOJUNGA, 2012, p. 46/47)

Pavão está em tantos de nós. Sabemos o que pode o pensamento para além da obediência que leva ao seu apagamento? *Prudência!*, pede Neves. Sabemos que é no exercício que a vontade afirma-se: vontade de potência, vontade de saber, vontade de subjetivação – em usos estratégicos. Podemos, diante de linhas, forjar capturas ou linhas de fuga. *Em meio a*, ainda em Cursos e na Academia, interrogando, *contar*.

Hoje também a burocracia ganha a cena – forjada de Comitê que se supõe ou se pretende garantia de uma Ética na Pesquisa com Humanos, na intenção de protegê-los. E nos coloca em meio a, mais uma vez. Restamos imprimir um sentido/direção: desistir ou escapar. O percurso atravessado de percalços tem claro: retraçar estratégias. E insistir. Mais uma vez, diante da repetição do mesmo, forjar a repetição da diferença. Afinal, não seria aventura se não ousasse; não seria astúcia se não afirmasse um possível. E lembrando Guimarães Rosa - que também sugere - insistimos. Afinal, o que a vida quer da gente é coragem. Assim, fui parar lá pelas bandas da Pós de Letras. Mudar de estratégia, neste momento, é mudar de tema?! Não! Talvez seja mesmo intensificá-lo. Dispersá-lo. Interrogar as práticas psi para além do(s) muro(s) burocrático(s) do Serviço Público; buscá-las no mundo/modo não tutelado por equipes, coordenadores de serviços, diretores de unidades e comissões de ética. Argumento: para mudar o campo da pesquisa. Para afirmar que ficcionar com a escrita pode ser um posicionamento político.

Lá, onde 'ficção' ganha um sentido para além da imaginação, do irreal, da mentira para afirmar-se como criação. Criação de mundos. Lá, uma estratégia: ficcionar um mim que escreve e conta: a Escuta-Que-Se-Quer-Outra – pesquisar e, então, narrar.

O objetivo primeiro da pesquisa de campo traria a vida contada pelas práticas psi no/do Serviço Público do Município do Rio de Janeiro – abandonado diante da burocracia imposta pelo Comitê de Ética em Pesquisa da, então, SMSDC do Rio de Janeiro estendida às unidades de saúde. Escapar até onde - visto que a submissão a algum Comitê de Ética seria condição para continuar? Desistir? O Comitê da UFF era possível. Nesta persistência, a alegria de um encontro: com Lucas Vieira Roratto que, à época, andava às voltas com a tarefa de re-contar a História da Reforma Psiquiátrica (2012). E que, talvez sem saber, *aprendeu para me ensinar*. A insistir e, submetendo o projeto “Narrativas...”, rir em meio à trama de, *oferecendo o formato que eles querem, ganhar nosso espaço de liberdade para fazer pesquisa num projeto talvez outro*. Tudo no fio do bigode – ao modo gaúcho, paradoxalmente, firme e gentil diante da minha vida/pesquisa. Em dois momentos deste (per)curso, o *encontro* com Lucas deu mais vida à vida. Foram dias/semanas/meses a não me fazer desistir em meio ao meu entendimento como ‘burocracia imposta’ pelo Comitê de Ética em Pesquisa, agora em versão tecnológica. Aprovada a Pesquisa, sem ou com palavras para agradecer, torna-se dele também este contar atravessado de afetos .

De Fragmentos, de Encadeamentos e de Outras Ficções

“Silêncio é a gente mesmo, demais”, afirma Guimarães Rosa (1988, p. 371). *Escuta*, atravessada por um *modo-Guimarães*, intensifica reversões para fazer vazar, escorrer. E, por isso, contar. Também com a palavra. Narrar. É o que sugere um modo que aqui atravessa: um *modo-Guimarães* que, rosa, fez brotar de vida - num sertão misto de aridez e de durezas, também de movimentos, de pássaros e de liberdades, de águas, de deserto e de povoado, de noites, escuridões e clarezas. Uma proliferação do contar, assim como a delicadeza de um amor (se) sabido e vivido num dizer que escapava no não-dizer; um amor onde “o coração podia mais”, onde “o corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha

se não entende” (GUIMARÃES ROSA, 1988, p. 21). Assim o amor; assim, a literatura, assim, a vida, *uma vida* – palavras...

Escuta é atravessada por um *modo-nietzsche-guimaraniano*. Quis-se a palavra em aventura – *travessia* e *travessura*. *Palavra baralhada!* Seria, assim, a palavra solta, a palavra em desacordo, a palavra em um *devir-criança* – porque inocência e criação. Assim, se fez. Para além da representação, da significação. Para além, mesmo, da produção capturada pelos acordos de paz moralizados e moralizantes das convenções (e das éticas aí confundidas) e das *palavras-de-ordem*, a palavra fez-se passagem e, liberta, fez-se vento. Fez-se verso; fez-se invento. E convidou à aventura. No entanto, advertiu, faz-se prudente considerar o quanto se suporta... “Queria entender do medo e da coragem – sempre em par -, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder...” (GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 83) Que fossem/sejam pesquisar, narrar, escrever, amar... “A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes” (p. 445.).

A escrita está na vida. A escrita da vida. O que pode? Como pode?

Menos que de um *método*, a vida, e a escrita, se querem como movimento. Para começar, serviria qualquer um?! Método/movimento. Que fizesse proliferar o fragmento. Que fragmentasse a proliferação. Que organizasse o caos. Que negasse o encadeamento. Que afirmasse o encadeamento. Que afirmasse – a vida, na vida. Buscou-se o movimento do verbo – lá onde encontrasse a sua possibilidade de re-verberar e fazer... reverberar.

No encontro com Maria, quarenta anos, mãe da Luiza, eu esperava ouvir mais sobre a menina que viria para o “tratamento”. Ou seja, esperava argumentos que justificassem o encaminhamento feito pela médica e a necessidade de psicoterapia, aos 12 anos de idade. “Eu pedi; acho que ela precisa. Por causa do pai. Da separação. Ela fez doze anos, agora... Eu me trato aqui, na Psiquiatria...” Para contar da filha, desde a gestação, Maria relata o namoro com o ex-marido – em dois meses, veio o casamento. A partir daí, uma sociedade em uma micro-empresa e seguidas traições. Hoje, move um processo contra ele. A separação se deu há dois anos e trouxe perda do poder aquisitivo e da auto-estima e a busca do tratamento psiquiátrico. Muito ressentimento sugere que Maria

ainda tem dificuldades para afirmar a separação. Da filha, pouco fala. “Acho que ela sente falta dele; mais agora que está entrando na adolescência...” Na entrevista com Luiza, nenhuma evidência de sua “necessidade por terapia”. Falar do pai? Falar de ‘ser-adolescente’?! Falar da preocupação da mãe? Falar do quê? Falar comigo?! Luiza conclui que não teria do que falar. E eu, nada a escutar.

No encontro da Alice com Osvaldo Oval (CARROLL, 1999), a conversa acontece assim:

- ... É a glória!
- Não entendo o que você quer dizer com essa palavra “glória”.
- Claro que não entende – concordou Osvaldo Oval, sorrindo com ar superior. – Vou explicar o que significa: quer dizer “é um argumento irrespondível”.
- Mas “glória” não significa “argumento irrespondível” – objetou Alice.
- Quando uso uma palavra – replicou Osvaldo Oval, em tom de desdém, - o significado dela é aquele que quero que ela tenha. E não admito discussão.
- Isso é uma questão de saber se você pode atribuir o significado que quiser a uma palavra.
- Isso é uma questão de saber quem é que manda. E basta!
- ... Osvaldo Oval recomeçou a falar:
- As palavras são temperamentais; bem, pelo menos algumas delas, em particular, os verbos. Esses são os mais orgulhosos. Com os adjetivos, você pode fazer o que quiser, mas não com os verbos. Eu, porém, sei como lidar com eles. (p. 237).

No Serviço Público,

as palavras, com a própria Luíza, não me convencem da sua “necessidade”. A tarefa passa ser saber quem manda, ou de modo outro, passa a ser a comunicação à Maria da nossa decisão: no momento, Luíza não tem material que justifique uma psicoterapia. No momento em que sua necessidade surgir, estarei por aqui. Contrariada, Maria deixa a sala. (Calo: quem manda ali? Estrategicamente, sei: sou eu.)

No Capítulo Doze, Carroll (1999) faz o acabamento do livro, com duas interrogações. A primeira é: “De quem foi o Sonho?” (p. 302) e traz Alice quase aborrecida:

- ... como é possível dialogar com alguém que só sabe dar a mesma resposta, sempre e sempre?

... Ao invés de responder, a displicente gatinha pôs-se a lamber a outra pata, fingindo que nada tinha a ver com o problema (p. 302 e p. 304).

É quando o autor nos interpela – com a segunda pergunta: “E você: que tem a dizer a respeito desse assunto?” (p. 304)

Política, Escuta e ELA sabem que têm muito a misturar, a inverter, a dizer e a contar. Porque acreditam, muito, que Políticas Públicas/Governamentais também têm muito a serem desobedecidas para, assim, ir na direção de *políticas/forças* outras que orientem, na sua reinvenção, possibilidades de escutas e de palavras outras. Para não mais falar pelo outro. Para não mais tutelar. Para, então, acolher *direitos, garantias e diferenças* outras. Neste sentido/direção, cabe fazer *despolíticas*: dar passagem à *mais vida*. Para que esta se afirme. Como ficção.

*De tarde quero descansar
Chegar até a praia e ver
Se o vento ainda está forte
E vai ser bom subir nas pedras*

*Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar*

E o vento vai levando tudo embora

*Agora está tão longe ver
A linha do horizonte me distrai
Dos nossos planos é que tenho mais saudade
Quando olhávamos juntos na mesma direção*

*Aonde está você agora
Além de aqui, dentro de mim?*

Legião Urbana (1981)

MAR DE PESQUISA

ELA Interroga

O que *pode* e o que *quer* uma pesquisa?

ELA interroga-se:

Pesquisa, o que posso naquilo que quero?

Pesquisa-se para conhecer (mais)? Pesquisa-se para intervir? Pesquisa-se para fazer história? Pesquisa-se para contar histórias? Pesquisa-se para resistir? Pesquisa-se para insistir? Pesquisa-se para *embaralhar os códigos e*, então, *descaminhar*? Pesquisa-se para *desconhecer*? *Despesquisa-se* para fazer Literatura e/ou, *ao modo da Literatura*, ficcionar.

ELA impregna-se de questões para avançar. Traz consigo tantas outras vozes: Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Lília Lôbo, Heliana Conde Rodrigues, Ana Heckert, Tatiana Salem Levy, Luis Antônio Baptista. ELA dá e toma a palavra: ELA/*Pesquisa*.

A pesquisa de Salem Levy (2009) intrigou: forjou-se em Romance – gênero literário?!

Um ano de pesquisa e pouco mais de cem páginas escritas. Cerca de quinze publicadas, as outras oitenta e cinco arquivadas no computador onde agora escrevo. Releio os textos, não me reconheço em quase nada. Será que eu realmente acreditava chegar ao cabo dessa proposta? (p. 160)

Conhecer mais – produzir conhecimento? Intervir? Fazer História? Contar histórias? Resistir? Insistir? Desconhecer? Fazer Literatura? Descaminhar.

Enquanto isso, outro projeto começa a nascer, um projeto que não tem nada a ver com o doutorado. Os fantasmas do passado batem à porta e decido escrever sobre eles, com eles. A necessidade de escrever um romance aparece discretamente, porém, com uma força que me

ultrapassa (SALEM LEVY, 2009, p.161).

ELA, a *Pesquisa*, faz descaminhar e desconhecer.

Se a tese não existe, existe o percurso do doutorado. Fragmentado, ramificado, é verdade. Quando se começa uma pesquisa nunca se sabe onde se vai chegar. Iniciei o curso com um projeto sobre narrativa contemporânea e acabei escrevendo meu próprio romance. Entre um e outro, a experiência da escrita... de tentar abrir o espaço acadêmico a outras formas de conhecimento (p. 203).

ELA/*Pesquisa*, aqui, afirma-se: para desconhecer, para intervir, para descaminhar, para contar história. Também para resistir e embaralhar. Porque é preciso “mudar constantemente de direção, ir como que ao acaso, evitando qualquer objetivo, por um movimento de inquietação que se transforma em distração feliz” (BLANCHOT, 2005. p. 7), *ao modo da Literatura*.

ELA também alia-se a Michel Foucault (1994) e à sua célebre interrogação:

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminhar daquele que conhece? (FOUCAULT, 1994, p.13)

É que

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir (FOUCAULT, 1994, p. 13).

ELA lembra que, para *descomeçar*, foi preciso *um pouco de possível para não sufocar*. Gilles Deleuze (1992, p. 131.) insistia inspirando seu percurso no Serviço Público: fosse intensificando afinidades num pensamento outro – esquizoanálise, análise institucional e a própria Literatura -, fosse para, estratégica e provisoriamente, habitar um modo reconhecido das/nas representações das formas instituídas. Então, forjar a – e/ou forjar-se em – *Pesquisa*. ELA explica: Mar da Pesquisa é um movimento ao modo ondulatório. Modo redundante que se faz interferência para, fragmentando, menos que produzir conhecimento como meta, afirmar dissonâncias. Por vezes, excessivas dissonâncias! Como Nietzsche (2011) propõe em relação à história “crítica a serviço da vida” (p. 98): a Pesquisa deve servir. E, escapando à *vontade de saber/sabedoria*, aqui, quer estimular e criar – vida.

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da ‘história universal’: mas também foi somente um minuto (NIETZSCHE, 1987, p. 31).

É simples, mas não tão óbvio que “a própria verdade tem uma história” (FOUCAULT, 2009. p. 8). Tal como é óbvio, ainda que não tão simples, afirmar que se, aqui, a *Pesquisa* visa afirmar um conhecimento, este pretende-se como uma *verdade outra*. Não mais uma, absoluta, definitiva e/ou a melhor, mas, repita-se, a que sirva à vida em sua re-invenção. Daquela operação dos *animais inteligentes*, onde o conhecimento retroalimenta o saber/poder, visado e diferenciado pelas Ciências Humanas, muitas foram, na história, as formas de matar a vida, estancando seu pedido de re-invenção. No entanto, quando não se quer conhecer e produzir correlata *verdade sobre*, a aposta fica sendo contar/narrar – ficcionar verdades *outras*, que, por sua vez, possibilitem outras e outras... Como? Intensificando o que também Foucault (2009) viu em Nietzsche: denúncias-críticas.

Em algum ponto perdido deste universo, cujo clarão se estende a inúmeros sistemas solares, houve, uma vez, um astro sobre o qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira e suprema arrogância da história universal (FOUCAULT, 2009, p. 13).

Menos que propor um manual com etapas/passos ou regras, Foucault lê e propõe Nietzsche. É que, se na ‘origem’ e/ou no caminho do conhecimento está a mentira – tornada verdade numa espécie de *acordo de paz* -, ELA/*Pesquisa* dirá que é aí também que se pode encontrar o *des-conhecer*, o *descaminhar*. Assim, no caminho da *Pesquisa*, um *des-pesquisar* que interroga afirmando, que afirma e interroga até poder contar/narrar/ficcionar. Se/quando não há *origem*/um primeiro dia, se não há um ponto a ser atingido, trata-se de ir *pelo meio*. *Rizomando*, buscando a emergência de uma *vontade* que se afasta, agora, do modo de saber que fez surgir as Ciências Humanas - e da própria prática psi como busca da verdade – para intensificar, em uma outra sua *versão*, a ficção. *Pesquisa* quer ficcionar.

A *vontade* de *Pesquisa*: por onde começar e/ou onde *descomeça*? Num *rizomodo*.

Nós, os psicólogos, temos que desconfiar de nós próprios. Somos demasiado ‘bons’ para o nosso ofício: somos também vítimas do gosto moralesco que [ainda] hoje está na moda (NIETZSCHE, 1983, p. 135).

Tomando como espécie de *desatourização* oferecida por Nietzsche, ELA vislumbrou a possibilidade para afirmar o desinvestimento na pesquisa que busca o conhecimento para ‘melhor cuidar’. E, neste movimento, *Pesquisa* pode interrogar-nos acerca da nossa prática (psi).

Nós, os investigadores do conhecimento, desconhecemo-nos. E é claro: pois se nunca nos procuramos, como havíamos-nos

de nos encontrar?
(NIETZSCHE, 1983b, p. 7)

Numa *desobediência afirmativa* ou numa *obediência* que se quer *nobre*, o próprio Foucault (2010) – tomado como obra de uma vida - ocupou-se deste desafio colocado pelo filósofo alemão. Assinando Maurice Florence, em 1984, escreveu “Foucault” (FOUCAULT, 2010, p. 234). Na ocasião, *início da década de 1980*, Denis Huisman propôs a F. Ewald redigir o verbete que seria dedicado a Foucault no *Dictionnaire des philosophes*. A tarefa acabou sendo realizada pelo próprio Foucault.

Michel Foucault tenta agora, sempre dentro do mesmo projeto geral, estudar a constituição do sujeito como objeto para ele próprio: a formação dos procedimentos pelos quais o sujeito é levado a se observar, se analisar, se decifrar e se reconhecer como um campo de saber possível. Trata-se, em suma, da história da ‘subjetividade’, se entendermos essa palavra como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo (FOUCAULT, 2010, p. 236).

Des-pesquisar pode ser uma tarefa/prática psi. Não numa linha de continuidade retroativa, mas da vontade. *Vontade*, portanto, também fragmentada. Para tal, é preciso insistir no rigor da Pesquisa *outra*.

... a pesquisa genealógica é fragmentária porque recusa qualquer pretensão de totalidade. Não se trata, portanto, da proposta um método geral, prescritivo, válido em definitivo, capaz de validar pela simples aplicação as verdades que supõe descobrir. Por desprezar tanto quanto possível as generalizações

totalizadoras, a pesquisa precisa colocar-se no pequeno lugar de funcionamento onde a prática engendra o objeto, outro rigor aí se enuncia. A pesquisa então partirá das práticas discursivas e não discursivas e, para isso elas precisam ser verificadas e verificáveis (LÔBO, 2012, p. 12).

Se algum ‘método’ de pesquisa nos é possível, é este pelo qual somos atravessados: os modos de fazer pesquisa inspirados, narrados e operados por Nietzsche e por Foucault. *Genealogia* – um procedimento, uma ética/postura, uma inspiração. Em Nietzsche, ao modo de aforismas, em Foucault, pesquisas históricas. Apropriando-se do que viu em Nietzsche, Foucault nos oferece uma descrição - chamemos ‘didática’, porque por nós assim apreendida: a *proveniência* como lugar/momento de dispersão, de desvios, de heterogeneidade que possibilitam que forças/formas/discursos sejam afirmados em detrimento de outras forças/formalizações/discursos. Forças/formalizações/discursos que, então, são ‘negados’/vencidos/sobrepujados; a *emergência* como a entrada em cena das forças, seu *ponto de surgimento*, o *lugar de afrontamento* – visto que luta e/ou campo de forças. Assim, a história pode ser tomada como campo de lutas que, necessariamente, implica forças de resistência. No caso do próprio Foucault – como operou seu *método* a partir de Nietzsche -, não se tratou, num momento e outro, de *métodos* diferentes. Visto que enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática – estratégia – que, a partir da discursividade local (*língua maior*), ativa os saberes (*língua menor*) libertos da sujeição que emergem desta discursividade. Óbvio, portanto, que a pesquisa genealógica mais que desvendar/descobrir e relatar verdades/realidades históricas, crie. Possibilitando rupturas nas discursividades (FOUCAULT, 1992). Ressalte-se, ainda, que em Foucault, não se tratou de um método e de um outro, mas de um atravessamento numa espécie de complementaridade pelo tempo de operar suas pesquisas. Não se tratou de um método e outro. *Agitar*, sempre, *o que se percebia imóvel* é condição ao *pensar diferentemente do que se pensa* para continuar... Lôbo (2012) aponta para o que engendra essa diferença entre as *vontades de conhecimento*.

Uma enorme massa do material de pesquisa, entre todo o tipo de documentos, Foucault disponibilizou em seus livros, submetendo-os à refutação por parte dos historiadores. Pouco importava, contudo, as atribuições de julgamento de verdade e falsidade, mas da verificabilidade que possa servir de ponto de partida para novos problemas, novas Pesquisas. Isto significa que a pesquisa genealógica, ao insistir na verificabilidade das verdades que produz, incita outras verdades-meio, enquanto que a comprovação quer consolidar verdades-fim, definitivas ou, pelo menos, aproximar-se cada vez mais delas. No lugar da demonstração, a experiência (p. 7/8).

No lugar da demonstração de qualquer verificabilidade, uma experimentação: onde também uma *Conversa* traz a vida contada pelas práticas psi.

MM (a pesquisadora com nome e sobrenome): Você teria alguma pergunta para me fazer? Ou sugestão. Ou o que for.

Dayse (a prática psi interrogada): *Em relação à sua pesquisa? Ou em relação ao trabalho?*

ELA (o atravessamento de forças outras em nós): Nosso pensamento parece também interrogar. Quem fala ali? Quem pro-vocamos/chamamos? A 'prática-psi'? A 'prática-psi-chefe'? A 'prática psi que pesquisa'? Esta autoriza ser chamada a posicionar-se.

MM: Pode ser à pesquisa e ao trabalho. Falei que não iria identificar o hospital... No entanto...

Dayse: *Não tem problema.*

ELA: Aqui, abandonamos a questão da identificação – que se torna falsa.

MM: Você é minha chefe. Isso atravessa a *Conversa*, atravessa a pesquisa, atravessa o trabalho.

Dayse: *Entendi. Por eu ser sua chefe, talvez algumas coisas não possam ser usadas.*

ELA: Um problema bacana para a orientação.

Dayse: *A pergunta que eu faria é: qual é o seu interesse nas questões institucionais – assim – de buscar isso como estudo?*

ELA: Percebe, então, que nossa prática psi – também de pesquisa - é constituída pelo que chama de *clínica institucional*. Aqui, nos dois primeiros sentidos pontuados pela Análise

Institucional (no Brasil): estabelecimento e dispositivo. Não saberia/acesaria o terceiro sentido – das práticas produzidas historicamente que tendem a naturalizar-se, eximindo-se das interrogações?

Dayse: *Eu acho interessante o por quê? E como você vê esta instituição? Como é que hoje... se houve uma passagem de um olhar, de uma entrada, de alguma construção, né?*

ELA: Tentamos, agora, a apropriação de duas palavras em seu vocabulário: *passagem* implica em mudança; *construção*, em modificação efetiva – resultado desta passagem?!

Dayse: *Não tem um ano que você está aqui, mas é uma construção. Então, se tem alguma mudança no trabalho do hospital? Entendeu? Assim, do fazer – como psicóloga aqui nessa instituição. Se alguma coisa... até o próprio doutorado, com a mudança, sua, de tema, se fez você fez você construir de outra forma o seu trabalho aqui... foi a partir de alguma mudança de olhar para o hospital? O hospital também contribuiu com isso ou se, ao contrário, se buscar estudar isso está possibilitando algum outro olhar? Não precisa ser um outro, mas algum olhar.*

MM: Pois é. Perguntar é bem mais fácil.

Dayse: *É. Bem mais. Mas você pediu para eu fazer.*

MM: Bem feito para mim.

Dayse: *Mas suas perguntas são difíceis.*

ELA: Bem feito... Agora... aproveitemos para fazer uma análise de implicação – atualizar nossa *vontade de potência* em sua *qualidade*, ali. A possibilidade de rever também um percurso que chamamos *doutorado*. O que queremos, agora, quando fazemos pesquisa?

MM: Não vou dar conta de responder tudo. O doutorado me tira de um fazer isolado e, ao mesmo tempo, me faz ver que o meu fazer, a minha prática, ela tem alguma força. E eu queria interrogar a força de outras práticas – práticas diferentes. Prática de chefia, prática de equipe, prática de hospital, prática de consultório particular, o que fosse. Num determinado momento, era contar a história da nossa... a nossa história. A prática psi na Saúde do Município do Rio de Janeiro - os quatro concursos. Depois, parecia que eu ia perder isso.

ELA: Melhor calar que foi exatamente a burocratização encontrada ali, para entrevistá-la, a gota d'água para afirmar a desistência. Que, à época, a direção do hospital recusa-se à assinatura de concordância para que sua servidora participasse. Afirma que, de modo outro ao orientado pelo Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, só poderia assinar após o consentimento deste. Então, resta desistir.

MM: Mas me ampliou. De eu poder ver a força das outras práticas – dentro do Serviço Público ou não.

ELA: Pudemos, mesmo, entrevistá-la, sem passar pela concordância e/ou não da direção da sua/nossa Unidade.

MM: E acho que isso tem me possibilitado, também, ver, dentro de um mesmo Serviço, dentro de uma mesma instituição - estabelecimento, organização, dispositivo e, mesmo, práticas naturalizadas -, a multiplicação dessas práticas. Cada psicólogo faz diferente e isso tem uma eficácia não só no... para a vida daquele paciente ou para a vida daquele profissional, mas dentro de uma repercussão. Eu acredito, se eu posso falar dessa relação, aqui, do respeito que a Equipe de Saúde Mental, da Psicologia, tem aqui. Que eu acredito que seja pelo modo como você chefia, levando...

ELA: Hummm...

MM: Não sei se é levando, mas sustentando cada prática diferente de cada profissional diferente, aqui.

ELA: Por que falamos Saúde Mental? Para agradá-la? Porque fomos convencidas de que fazemos parte, mesmo, de um *arremedo de psiquiatria*?! Ainda assim, acreditamos que, ela, como chefe, pode sustentar meu modo outro de fazer, ali. Ainda que às custas de desagradar *colegas na equipe*. Como, por exemplo, não monitorar medicação psicotrópica e mesmo não sugerí-la diante do que chamam ‘paciente deprimido’, ‘paciente agitado’ ou mesmo ‘paciente psiquiátrico’.

Dayse: *Mas que o fim seja o mesmo. Que o objetivo... cada qual com o seu individual para com o seu atendimento, cada um com a sua clínica, mas que o objetivo geral seja o mesmo.*

MM: ...

ELA: Nosso pensamento também gagueja. Repetimos o que parece sem sentido/serventia... E a palavra perde, mesmo, a força de sua direção.

MM: A prática clínica hospitalar sempre dentro do... específico.

Dayse: *Isso.*

MM: E chegou num determinado momento em que eu achava que a minha prática, aqui, não tinha força, que era quase nada. E foi contigo que eu fui vendo que tinha força, sim.

ELA: Acolher a nossa diferença, de não ser psicanalista e fazer uma aposta na ‘antipsiquiatria’ foi uma luta de forças. Assim como foi possível acatar as diferenças ali já presentes, foi uma espécie de acordo puramente ‘da boca para fora’. Tratou-se de um mal entendido de ambas as partes. Porque, no dia a dia, as pessoas que fazem parte da equipe e a chefia não acataram a radicalidade do meu fazer: o *não* ao modo e ao que faziam ou ao como faziam foi tomado como *não fazer nada*. Assim como ‘estranhei/reagi’ ao modo que ali encontrei sendo afirmado. Com a chefia... um embate; com as pessoas da equipe... Importa é que não sufoquei e que, sim, essa pesquisa é estratégia de sobrevivência que vai na direção de dar consistência a criação de novas estratégias.

Dayse: *Hoje, você vê que tem, não é? Cada vez mais, claramente, tem uma prática forte.*

ELA: Uma prática com força seria necessariamente um prática forte? Por onde passaria, para ela, uma prática forte? Eficácia? Em que sentido? Em que sentido?

Dayse: *Você tem um lugar ocupado; você tem atribuições. Apesar de perceber que tem práticas, várias práticas da Psicologia – institucional, hospitalar, clínica -, eu acho que escutar... Se abrir para escutar o outro, essa capacidade, essa possibilidade que você constrói, que a gente se propôs a construir na gente, como psicólogo, eu acho que ele vai trazer possibilidades em qualquer lugar. Eu acho que esse psicólogo sabendo escutar, ele escuta na instituição, ele escuta no hospital, ele escuta... Eu acho que é a mesma ordem. A forma é outra, mas eu acho que possibilita a construção – a construção psi – naquela instituição, naquele lugar, naquele saber – clínico ou não.*

MM: E isso muda tudo.

Dayse: *Isso muda tudo. Tanto na gente. Eu acho que a Psicologia, se a gente se debruça nesse lugar, permite, também, se conhecer. O lugar da Psicologia é muito importante: mudar a vida a partir disso. Possibilita mudança na vida de muitas pessoas e não só de uma, não. É da família, do ambiente. Eu acredito muito nessa prática. Não escolheria outra profissão.*

MM: Obrigada.

Dayse: *Chegou? Deu?*
MM: Deu.

*Para quem quer se soltar
Invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
Invento lua nova a clarear
Invento o amor e sei a dor de me lançar*

*Eu queria ser feliz
Invento o mar
Invento o caminho que eu sempre quis
Invento o cais
E sei a vez de me lançar*

Milton Nascimento e Ronaldo Bastos (1972)

Foucault sugere/autoriza/*desautoriza* – desobedece de modo nobre. Para a *Pesquisa* oferece não propriamente um método, mas um *êthos*, no sentido grego desta palavra, uma atitude. *Êthos* - termo que propõe quando discute os textos de Kant sobre o Iluminismo. É Lôbo (2012, p. 13) quem reverbera essa “maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa” (p. 13). Nela, essa interrogação crítica e necessária sobre nós mesmos - *ontologia histórica de nós mesmos*.

Trabalho ético, político e filosófico como experimentação cotidiana que pode se desdobrar em pesquisas diversas, no sentido de promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos (LÔBO, 2012, p. 13).

Lôbo foucaultena intensifica/ensina este “caminho ético de pesquisa, não uma prescrição ou uma doutrina” (p. 13). A *Pesquisa-Intervenção* faz parte deste rigor oferecido/intensificado/ensinado. Trata-se de um importante percurso/moço operado que possibilita, hoje, essa *Pesquisa outra* ser afirmada. O método, como sugerem Heckert e Passos (2009), um “desvio” (p. 382). A *Pesquisa-intervenção*, no entanto, reuniu, nas

décadas de 80 e 90, diferentes modos de produção de conhecimento. Em ressonância e reverberação com uma crítica social – portanto, política - engendrada pelo que se cunhou como *Maio de 68*, com a proliferação de movimentos sociais, estas práticas-psi diversas problematizaram um modo de fazer pesquisa, seus interesses e efeitos. Menos que colher material de uma suposta realidade já dada, dando-lhe um estatuto de realidade científica, tratava-se, mesmo, de transformar realidades para conhecer. Estas realidades, em processo, forjando um campo problemático, eram colocadas em questão/problematizadas. Problematizavam, mesmo, o pesquisador – exigindo-lhe uma *análise de implicação*. A Análise Institucional no Brasil, apropriando-se de trabalhos de analistas institucionais franceses, pode ser tomada como um importante recorte aglutinador deste modo/ferramenta teórico-prático de fazer pesquisa (KAMKHAGI, 1991; RODRIGUES, 1992; RODRIGUES; HECKERT; PASSOS, 2009).

ELA *Pesquisa* para intervir. Em ressonância com a orientação, Pesquisa para interferir? E ali, quando ultrapassa o prescritivo, encontra e quer afirmar, no inusitado, o desvio.

MM: Por que você concordou com essa entrevista/conversa?

ELA: Quando a resposta vem surgindo, é melhor calarmos um constrangimento. O que queremos? Ser avaliadas? Ouvir elogios? No entanto, vê-se a política das forças afirmando-se. Interessada, a chefe surge, posicionando-se e também pedindo um posicionamento.

Dayse: *Porque eu acho que você é uma pessoa dedicada no que você busca. A pesquisadora é uma pessoa dedicada. Eu acho que tem uma sensibilidade... de algumas coisas. Eu acho quando a pessoa me convida para isso, eu acho que ela percebe que sou uma pessoa envolvida com o meu trabalho. Eu acho que é legal participar. Apesar de eu não ter feito mestrado ou doutorado, ainda. Ainda. E eu tenho claro que é ainda. Mas eu acho muito legal você ter... estudar... você estar se capacitando. Eu acho legal participar disso.*

ELA: A lógica da sociedade de consumo fica evidente: o conhecimento a serviço da capacitação, da eficiência. Não sabe que o doutorado serve como modo de dar consistência a um movimento: *um pouco de possível para não sufocar*. Seja escapando às mesmices dos enfrentamentos ao afirmar ‘desobediências’; seja na apropriação de ferramentas outras neste fazer *outro* que insiste. Não sabe, também, que o que se quer é *pro-vocar mais vida* – em nós e no outro que encontramos.

MM: E participar te provoca a ir atrás do seu mestrado, doutorado ou seja o que for?

Dayse: *Provoca. Você é uma pessoa que, de uma certa forma, me provoca.*

ELA: O sentido de provocar, aqui, parece liberto daquele que ‘chamar para briga’. E se o que quer este projeto de pesquisa é acionar movimentos – seja em nós, seja no outro, seja nas práticas psi -, fica uma espécie de sensação, já, de missão cumprida.

Dayse: ... *me provoca a... ver que é possível, com dois trabalhos, com... e com milhões de coisas. E você está indo; está fazendo. Com todas essas questões, as dificuldades, e você vai. Conheço poucas pessoas que, com dois trabalhos, se mantém no doutorado ou no mestrado. E, aí, é possível. Eu tenho dois trabalhos. E isso, neste momento, me dificulta, me impede, me atrasa. Então, sei lá, eu adio por isso.*

Pesquisa quer – e acredita que pode – pro-vocar, chamar, mexer na vida. Foi assim quando encontrou... os intensivos de incerta feita.

ELA Encontra Frank

Como escreve Guimarães Rosa, ELA/*Pesquisa* conta que *foi de incerta feita o seu encontro com Frank.*

Frank surge como proposta de atividade de greve. Em meio a uma paralisação nas diversas atividades das universidades federais, como imprimir um outro movimento que não uma óbvia interrupção? As atividades regulares da Pós-Graduação – que incluem as orientações individuais e coletivas – serão interrompidas. A *Pesquisa* continua e pode, mesmo, intensificar-se. Imprimir um outro movimento... Assim, a ideia é dar forma, em escrita/palavra/texto, aos efeitos da nossa escuta acerca da “Escuta aos Processos Intensivos na Pesquisa”- seminário acontecido na UFF, no início do que chamamos já *greve*. Nossa diz de parte de um grupo de alunos/orientandos que terão suas orientações individuais suspensas – enquanto outra parte deste mesmo grupo, não. E, se cada um trará suas diferenças, a produção *coletiva* proposta pode ganhar a cara de monstro, ao modo de *Frankenstein*. A proposta/ideia forja-se também como provocação à orientadora – professora Claudia Elisabeth Abbês Baêta Neves – que ousa e agrupa, mensalmente, seus orientandos em Orientação Coletiva, mantendo a afirmação das nossas diferenças. Como, no entanto, as alinharia? Ou: como re-constrói-nos, ao modo de *monstro-Frank*?

Quando encontra Frank, ELA/*Pesquisa* faz-se, também, texto.

Ali, sentada no cimentado de um canteiro – cadeira improvisada no espaço possível do seminário/evento/fala – um texto ganhava forma, rascunhado em uma folha de caderno. Dava movimento a questões surgidas acerca da vida atravessada – pelo vento, pelas ressonâncias, pelo intensivo.

É que este encontro/texto ganha até um título: *Frank Escuta Os Processos Intensivos e... Pesquisa*. Ali, atravessada pela *Escuta*, ELA permite que ganhem a cena os processos, os intensivos e o próprio *Frank*.

Naquele dia ali - que foi virando tarde, que foi virando noite – também ventava. E também virando vento, *eu* inventava estar ali. Eu ventava – por que no que cabia participar, um *eu* ganhava a cena, deslocava-se e também queria. Queria inventar a vida e ser inventado nela, ali, naquele lugar/espço e naquele *meio/entre* de tanta vida e de diferenças. Um *eu* escutava e, ali, não falava. Ainda assim, insistia com a *palavra*. Seriam as mesmas? Seriam os mesmos? – Mesmas *palavras*? Mesmo *eu*? Mesmas *pesquisas*?

Um dia, a Pesquisa – que era outra - interrogou: *?o que pode a linguagem?* E, misturando-se a meninos e meninas nas práticas de pichar, forjou um método/estratégia e vendo/fazendo surgir um *eu*, também, *pichador*, afirmou: a linguagem aprisiona e a linguagem libera. Vez outra, a pesquisa - já outra -, problematizando a representação da/na linguagem fundada desde a filosofia aristotélica, percorreu *o que pode a palavra na clínica*, para afirmar a diferença. Outro *eu*? Outro *método/estratégia*? Importa menos que uma resposta, ver que se tratou sempre de ir por onde não se sabia – tanto -, até chegar onde não se saberia tanto também. Um *tanto* como condição para insistir. Tratou-se de, já e desde então, brincando de *Alice – em que sentido? em que sentido?* - adentrar a Literatura e, intuindo *por um movimento de inquietação que se transforma em distração feliz, misturar-se* mais uma vez.

O que pode a/uma pesquisa para além de fazer de um *eu* um *eu-pesquisador*? O que pode a/uma pesquisa para além da construção de conhecimento/saber tornado dissertação de mestrado, monografia de final de curso e tese de doutorado? Legitimar, referenciando, muitas vozes e silenciando tantas outras? O que *quer* provocar uma pesquisa?

Naquele dia ali, onde um *eu* podia e queria fazer-se vento e sonhar com a palavra solta, com a palavra outra, a pesquisa podia querer... Fragmentar.

Fabulação – sugeriu a palavra da professora convidada, num texto que reverbera de *presente* e prolifera em

sentidos: *shift*, temporalidade, atualidade. Tratava-se da presença de uma ausência – um paradoxo de estar/ser - ali. Hoje, a Pesquisa *quer* e já *pode* a palavra *solta*, a palavra *outra* na ousadia da coragem de, novamente, misturar-se e ver um *eu* surgir. Enfim, um *eu psi*?

Um método/procedimento? Uma estratégia para, mais uma vez, *descomeçar*: insistir no *Canto das Sereias*... Ir: pelos mares e pelos ares – *ao modo da Literatura* - para, então, re-encontrar a História, a Memória, a Política – e desinvestir no uso da *palavra prévia*.

Mais uma vez: aventurar-se a narrar. No uso da palavra solta, tratar as entrevistas – então, gravadas – ao modo da *Conversa*. Até torná-las *acontecimento*. Num registro que se esforce em escapar às obediências da língua para alcançar e tocar, ainda com as palavras, a respiração da vida – tal como faz o vento que se intensifica, que se interrompe, que muda de sentido/direção -, palavra que engasga, que emudece, que enfurece, que vibra, que afirma e, mesmo, palavra que recusa, que nega, que cala... experimentar, então, *o intensivo*. Palavra que cria mundos inventa mundos.

Narrar e registrar, no tempo real – servindo-nos da utilização do recurso da gravação - e para além dele – recurso da transcrição. Narrar e registrar no tempo que – já – passa. Ir, então, mais além. Tal como faz a vida: paradoxalmente porque ao mesmo tempo; fragmentando, em tempos diversos; encadeando o disperso. E ir contando/narrando como (se) se fez/faz o caminhar/percurso. Inventa? In... Venta.

Afirmando diferenças – combates/enfrentamentos. Arrisca-se. Nas *práticas psi* interrogadas: para que contem dos seus modos e dos mundos que vêm e fazem surgir. Nestes mundos, em *narrativas*, surgem as *ficções*.

Um conto?! Um *eu conto*. Um *invento*. Eu invento. – Na des *Pesquisa*, uma *ficção*.

ELA, agora, pede.

Então, fala.

Eu atendia adolescentes. Chamavam 'clientela'. Sempre tinha sido eles ou era estratégico me ocupar deles? No estágio em Orientação Vocacional, eram eles. Às vezes, até com mais idade, mas com as mesmas questões. Meninos e meninas que se acreditavam não saber escolher ou que, já iniciado uma Graduação, tinha escolhido errado: a profissão, o curso, a faculdade. Tinham, mesmo, era medo de arriscar, de tentar e, até, de

desistir e recomeçar. Porque acreditavam na escolha certa, na profissão certa. Acho que, também, na vida certa. Queriam a vida, mas com garantias. Mas... como jovens, também duvidavam disso. Sabendo ou não, muitas vezes, estavam era obedecendo ordens e vontades dos pais. E viviam a possibilidade de tentar outro rumo como culpada. Tipo “magoar quem quer o meu bem”. Acho que faltava era acreditar mais nas suas vontades e coragens. Até para dizer “não”.

Atender adolescentes ali era lidar com outras questões. Mais novos, a maioria chegava pela vontade de outros – médicos, responsáveis, escola. E, da minha parte, era estratégico, também. Eu tinha saído de um casamento e a separação doía de um jeito que eu não suportava ouvir sobre casamentos, relações afetiva, perdas, traições, abandonos – as questões trazidas por adultos, sabe? Também tinha sido um modo de ficar longe da Psiquiatria – e da psiquiatrização da existência, tipo remédio para tratar tristezas, preocupações, aumento de peso... E para sempre. E ficar longe até da Psicologia – e da psicologização da existência, afirmando que tudo é questão para tratamento psicológico ou psicoterapia. Acho que a vida tem que ser “tratada”, sim. Mas com leveza; às vezes, com determinação. E, sempre que possível, com carinho. Então, ali, eu atendia adolescentes. Dizia que faria “avaliação” para saber se, realmente, precisariam de psicólogo. Era um modo de problematizar o encaminhamento – as visões e as vontades do médico, da diretora da escola e dos pais, responsáveis, cuidadores. Os médicos ficavam aliviados – tinham passado a bola. As diretoras e professoras esperançosas - por uma pouco de paz. Os pais – mãe e avós, na maioria – pareciam desconfiados e os adolescentes, também. Com os adolescentes, era o momento que eu costumava pensar como “início construção própria de memória”. E eles ficavam também meio fascinados. O que me parecia uma espécie de maquiavelismo da minha parte – manipular vaidades, sabe? Gostavam de falar e de se saberem falados. A estratégia do trabalho era assim: uma primeira entrevista com os dois juntos

(adolescente e responsável) para ouvir e deixar clara a queixa e também fazer um acordo - acho que era, sim, exercício estratégico de saber-poder. Porque seria ‘pegar ou largar’: um próximo encontro só com o responsável, para saber a história do adolescente desde o nascimento e eu anotaria tudo. Chamam anamnese, eu explicava. Depois, alguns encontros só com o adolescente e aí seria lido o que eu tivesse anotado. O que eu conversasse com o responsável eu traria para o adolescente e o que eu conversasse com o adolescente eu não levaria para o responsável. A não ser aquilo que a gente combinasse e, no momento de fechar a avaliação, para dizer o que a gente tinha decidido fazer – precisa ou não de psicólogo. Ali, no momento do acordo, o que acontecia era, de um lado, adolescente rindo, de outro, adulto engolindo seco e, de outro ainda, eu achando que estava pactuando com um Código de Ética moralizador dizendo do sigilo profissional. Mas, “no pegar ou largar”, eles sempre ficavam - pegavam. Nas conversas com os adolescentes, retrazando sua história, construíamos suas memórias. Vejo que, problematizando, questionando, as memórias que os adolescentes tinham, muitas vezes, eram as dadas pelos outros. Numa média de três meses, a avaliação terminava. O adolescente entendia que tinha caído numa armadilha e que, quase sempre, ia “sobrar pra ele”. Algumas vezes, na hora de comunicar aos responsáveis a “nossa decisão”, alguns responsáveis discordavam. Mas... era “pegar ou largar”. E, novamente, engolindo seco, uma diferença: largavam...

Com o Yago foi diferente. Ele queria “fazer análise”. A mãe achava que não precisava. Ele tinha quinze anos, era um bom aluno, um bom irmão, um bom filho... Mas foi ela quem procurou e conseguiu marcar. Ele queria encontrar sua identidade e acelerar o tempo: ser bem sucedido e independente... Foi bacana – e, desta vez, o embate era comigo. Ele acreditava em tudo o que eu era radicalmente contra. Eu tentei encaminhá-lo para outra psicóloga. Mas ele não quis e ficou. O “pegar ou largar” virou-se “contra” mim. Eu peguei. Ele não faltava. Ficou até

pouco antes de completar dezessete anos e saiu porque conseguiu um estágio num banco. Voltou com dezoito, em dúvida se deixava o Curso de História para fazer Jornalismo e sofrendo diante da sua primeira decepção amorosa. Ah, nessa época, eu já podia ouvir... Porque também estava novamente apaixonada.

A *Pesquisa* quer. O que já pode? Inventar mundos. Quer ficcionar e, assim, *dar passagem* à vida.

Naquele-dia-ali foi o dia em que o indicativo de greve deflagrado na UFF atravessou a organização de um evento – “Seminário Sobre a Pesquisa: Escuta aos Processos Intensivos na Pesquisa” – que seria e foi proferido pelas professoras Silvia Carvalho/UFF e Ana Heckert/UFES. A organização do evento decidiu manter o Seminário, então tornado atividade de greve. E, diante do prédio fechado, num piquete organizado por alunos *em comando*, o seminário/evento/fala aconteceu num espaço externo do *campus*.

A *Pesquisa* vai ser falada e, assim, convida para ser ouvida. “A *Escuta Aos Processos Intensivos na Pesquisa*” – as palavras, assim, são como roupa bonita, roupa de festa.

Problematizar, pensar diferentemente do que se pensa... Trata-se, ainda, de acatar e abrir espaço naquilo que é da natureza da *inteligência*: lidar com o *extensivo* – sem atrapalhar o *intensivo*. Então, espaço aberto. A professora Silvia e a professora convidada Ana falam. E vozes tantas são ouvidas. - É a vida...

Por ali, num meio – espaço encontrado/criado num momento ‘greve’- falas e escutas ‘sábias’ referem mestres: *Cecília, Cristina, Luis Antônio... Valonguinho, anos 80...* Assim, o tempo vai e vem e traz memórias/histórias – É a vida...

Sabemos do *extensivo* – desde lá do Aristóteles. Procuramos o *intensivo* – percorrido Foucault e encontrado Deleuze. Ultrapassar o *por quê?* para intensificar o *como?* – fazer *Pesquisa*. Método?! Ousadia! – *com prudência*, será falado/ouvido.

Tomando como referência este meio encontrado/criado – forma -, percebe-se (?!!) que, de um lado e de outro, surgem outras vozes. Barulhos?! Em que sentido? Em que

direção? Alguém atrapalharia alguém? Barulhos! Vozes! – É a vida...

De um lado, alunos – meninos, meninas, homens, mulheres são uma nova/outra geração de *filhos da UFF* que se posicionam diante do momento da greve e garantindo, com o corpo, o fechamento do prédio – reivindicam a qualidade do direito ao ensino público. Garantir/reivindicar o direito ao saber. De um outro lado, homens, somente homens, mas quase meninos – trabalhadores/peões de uma obra/construção – movimentam-se. Novos blocos que acolherão o saber vão surgindo.

A festa/fala/escuta também trabalha na construção – de conhecimentos. Construção, então, de todos os lados. – É a vida...

Em duplas, trios, sozinhos, em grupo, trabalhadores da construção civil findam mais um dia. Alegres e falantes, parecem comemorar. Ou comemorando e falando, parecem alegres. Outros estudantes futuros filhos vão chegando. Reivindicando, protestando, parecem entristecidos. Construindo prédios, construindo saber/conhecimento, todos fazem barulho. As ferramentas são diversas – palavras, pás, furadeiras, textos, máquinas, tijolos, canetas, cimento. Intensidades são afirmadas. - É a vida...

Intensivos são os processos que perturbam verdades. Quais verdades incomodam? Quais processos são percebidos? Vozes?! Barulhos?!

Desse meio/lugar improvisado de resistência – que não nega a greve - e de construção de conhecimento/saber, vê-se a vida atravessar. De que lado está a *Pesquisa*? Ou: a quem interessa?

De banho tomado, eles vão saindo. Olham para aquele espaço/meio. Olhar curioso e/ou de espanto. Também de banho tomado, eles vão chegando. Olham para aquele espaço/meio. Olhar de já saber? Diferenças. Chinelo, tênis, casacos, bermudas, palavras. Cigarros – talvez, aí, se igualem.

Por um momento, o silêncio abre espaço para que o saber dos já mestres seja afirmado. (Logo, no entanto, virá o microfone – instituído das/nas assembléias. E o silêncio será outro e dará lugar às despedidas.) Ensinam como fazer. Como construir. Ali, perto e em meio a – tijolos, palavras, gestos, olhares. Diferenças. Misturas.

Outras sensibilidades – enuncia a convidada e concorda a professora. Seriam percebidos os olhares diversos endereçados ao meio/espaço? Trabalhadores da construção civil destacariam-se em relação aos futuros mestres e já

militantes? Missão cumprida de mais um dia – o prédio quase pronto. Obra/prédio que vai sustentar saberes/práticas que, um dia, farão pesquisas. Perguntarão *por quê?* para começar e, depois, entenderão que é preciso ocupar-se do *como?* – seja ao modo aristotélico/cartesiano, seja ao modo foucaulteano. *Pesquisas* que serão submetidas aos Comitês de Ética que exigirão consentimentos assinados daqueles que concordarem em colaborar – estes, então, tornados, formalmente, humanos pesquisados.

A quem interessa a *Pesquisa*? *Como dar forma ao extensivo?* Construindo prédios que sustentarão saberes que excluirão outros tantos. *Como dar forma ao que se quer, afirmado como intensidade, escapar?* *Dar forma é matar o intensivo?*

- É a vida...

Que, ao modo da generosidade, oferece-se. Mostra-se. Mistura as diferenças. ‘*Mesmo espaço?*’ *Mesma lama?* *Mesmos paralelepípedos?* *Mesmo campus?* Não! São espaços diferentes. São lamas diferentes. São paralelepípedos diferentes. Campus diferente. Porque roupas diferentes, chinelos diferentes, tênis diferentes, interesses diferentes, saberes diferentes, construções diferentes.

Interferências – como evitar que palavras em gestos e intenções ganhem ares de *palavras-de-ordem?* Como cuidar para que palavras em gestos e intenções intensivas sirvam de *palavras-de-passagem* e que, aliadas à vida, possam a *Pesquisa* que queira a surpresa do não-saber? Queousem o silêncio necessário à passagem do que virá?

Hoje, aqui, a prática psi que me traz é a *Pesquisa*. Esta parece acreditar que pouco pode – afrontada/assustada diante da burocracia imposta por um Comitê. No entanto, é esta prática que também sugere o encantamento e a força de provocar o inusitado. Ousar num arriscar-se. Implicar-se num fazer sem saber fazer. Ir, misturando, e vendo o *objeto e o método* surgindo – ali mesmo onde se vê surgindo um nós/pesquisador.

Sobreviver – não enfraquecer ao driblar exigências de definir um tema, de recortar um objeto, de descrever um método e de antecipar um objetivo - *mentir é o que eles querem?!*, adverte um sotaque gaúcho. Abandonar a vaidade de saber/poder, a pretensão de falar sobre e/ou em nome do outro. Até que seja possível o exercício da coragem de ir fazendo sem saber – e sem querer saber! – onde isso vai dar. Ir somente assim, sendo alegre, somente por ir.

Hoje *eu* queria a alegria daqueles construtores – que não precisam preparar projeto para Comitê, material para Qualificação, que não se prestarão a ser examinados/avaliados por uma banca. Hoje, *eu* queria não precisar contar em palavras escritas do que fiz quando fui me misturando – campo/objeto/método – tendo, por vezes, que *matar o intensivo*, vestindo-o de palavras obedientes... Hoje, *eu* queria a palavra outra, a palavra solta, a palavra vida.

Hoje eu queria a vida – atravessada por aqui.

Misturar, baralhando códigos. Foi sempre nosso *método/modo*: ir e vir na vontade de Pesquisa. Forjá-la ao modo do *Canto das Sereias*.

As Sereias: consta que cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entenderem que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade... (BLANCHOT, 2005, p. 3).

Será que também ventava por lá?

A *palavra prévia* ganha sentido/direção num outro possível de fazer/querer a *Pesquisa*. É modo de escapar àquele que definindo um tema, recortando um problema, prescreve objetivos a serem alcançados, cumprindo etapas prescritas ao modo de um já saber o que e como encontrar o que já se sabe. Este, por vezes, faz com que o inusitado e/ou o inesperado do percurso da pesquisa seja tomado por defeito – se não na/da elaboração do projeto, nas/das etapas de sua realização, na adequação da metodologia. Ou seja, se não no *comportamento* do objeto, no *comportamento* do sujeito que pesquisa. Processo mesmo que vemos, por vezes, ser afirmado na vida que, desarrumada diante do imprevisto e do inusitado, é tomada como defeituosa e/ou doente.

Ainda que saibamos do esforço outro da *palavra* – a *prévia* – de dizer antes do caminhar, antes que este se faça e fazer calar – como erro/defeito – o que escapa como processo de diferenciação, nossa aposta é outra. E, hoje, coloca-nos diante de um embate. Responder, aos modos do uso da palavra *prévia*, ao Comitê de Ética como condição para a realização de pesquisa. Construir uma estratégia que, ainda

assim, nos faz pensar/calar: Mentir é o que se quer? Quando apostamos no misturar-se, indo em busca do que escape e nos surpreenda, quando não se tem um objetivo a alcançar, como afirmá-lo diante de um ‘comitê’ que se impõe como representante do humano pesquisado?

ELA Encontra Uma Condessa Que Encontra Um Professor Que...

Condessa é uma pesquisadora de verdade. E é, também, uma psicóloga que ELA encontrou, levando-a para aquilo que passou a chamar de *os rigores da Pesquisa* – de quem se ocupa dela para além de um pontual percurso de pós-graduação. A conversa entre elas girou em torno do Comitê de Ética em Pesquisa. ELA contou os enfrentamentos feitos para conseguir um consentimento e dar continuidade às suas “Narrativas...”. Contou da parceria feita com outro psicólogo pesquisador, Lucas Vieira Roratto (2012), (que andava às voltas com a tarefa de “re-contar a História da Reforma Psiquiátrica no Brasil”) para, ultrapassando o sentido de *mentir para eles*, dar uma forma ao projeto que, por exemplo, não teria entrevista para ser feita e, por isso, não poderia ter perguntas ao modo do questionário.

ELA: Em “Narrativas...”, as entrevistas tornaram-se obsoletas para dar lugar às *Conversas*. Estas, querendo ultrapassar o binômio pesquisador-pesquisado e, nele, suposições posicionamentos de alguém que não sabe - ou se porta como se não soubesse – e que vai interrogar e alguém que, interrogado, sem consciência, sabe o que o outro quer saber. Nesta suposição/posicionamentos, existiria uma hipótese que ao outro, de preferência, caberia confirmar.

Condessa: E o que “Narrativas...” quer?

ELA: Conversar. A princípio ou no máximo, trocar relatos. Desde que relato seja o próprio acontecimento. Conversar é o acontecimento. Nela, posicionamentos revezam-se, em concordância e discordâncias. E o saber e/ou não saber não busca confirmar ou negar nenhuma hipótese. Aliás, saber e não saber também revezam-se.

Condessa, então, lembrou de uma pesquisadora francesa ou belga. ELA interessou-se, porque, belga ou francesa, também ali, algo parecia, se não inverter, confundir uma lógica: *na pesquisa, o anonimato protege o próprio pesquisador*. Misto de intrigada e de encantada, ELA pediu que *Condessa* contasse mais. E a conversa continuou assim:

Condessa: Vinciane Despret é doutora em Filosofia e Letras pela Universidade de Liège Place Du XX Aout, na Bélgica. Em Leitura Etnopsicológica do Segredo (DESPRET, 2011), um trabalho também publicado no Brasil, Despret ocupa-se da questão – que chama política – do anonimato que provoca o ‘efeito sem nome’. Deslocada do âmbito das psicoterapias, a questão, no “domínio das pesquisas em ciências humanas”, instaura o que ela chama assimetria: “uma distribuição equivocada de poder”.

- Conta mais! – pede ELA.

Condessa: Despret faz uma discussão crítica que chama ‘Leitura Etnopsicológica do Segredo’ (2011) e parte da prática psicológica da psicoterapia, contando alguns episódios.

ELA: Histórias?!

Condessa: Pode ser. A primeira é datada de 1890, quando ‘um homem chamado Achille se apresenta no Salpêtrière’ para uma consulta com Charcot, que, por sua vez, o encaminha para o psiquiatra Pierre Janet. Ao contar “a história de sua doença, Achille revela que, durante uma viagem de negócios, havia sido infiel à sua esposa, havia, em seguida, tentado esquecer esse incidente, mas havia sido invadido pela culpa e pelo medo de ser condenado; e então que, de repente, foi possuído pelo demônio. A revelação desse segredo conduzirá lentamente Achille em direção à cura, pois ela permitirá a Janet superar o que ele chama as ‘ideias fixas subconscientes’ de seu paciente’. De algum modo, Achille está somente possuído por ele mesmo. E sempre em concordância com as teorias que impuseram essa metamorfose...” (DESPRET, 2011, p. 6)

ELA: À época, possessão e, também à época, psicanálise.

Condessa: ...ele se curará livrando-se daquilo que a teoria vai lhe ajudar a construir não somente como um segredo, mas como um segredo que simultaneamente tem o poder de torná-lo doente e de curá-lo. A pesquisadora destaca que “a cultura não apenas propõe o cuidado, mas vai guiar, influenciar inclusive a maneira como as pessoas experienciam seus problemas” (p. 7). Além do que “as proposições terapêuticas são parte integrante da cultura” (p. 7).

- Produção de subjetividade! – interrompe ELA. O que possibilita que Condessa traga uma consideração da pesquisadora tomada de Philippe Pignare.

Condessa: “Os medicamentos criaram o transtorno, os doentes são reconhecidos nessa nova sintomatologia e copiaram seus sintomas dos medicamentos psicotrópicos considerados capazes de agir sobre esses mesmos sintomas” (p. 8). Despret é mais explícita quando citando um etnopsiquiatra (Tobie Nathan), afirma: “a teoria dos terapeutas constrói a patologia que eles cuidam” (p. 8).

- Chegamos ao século XXI. – Interfere apressada ELA.

Condessa: Sim, mas ainda podemos falar de Janet e Achille. Despret considera que “o segredo desempenha seu papel: define simultaneamente o acesso e o conteúdo, atualiza a

interioridade e lhe dá consistência. Ou seja, o invisível que faz agir não está mais alhures, ele está agora no interior das pessoas, aguardando visibilidade.

ELA: Visibilidade que o terapeuta dá, ao modo do coelho na cartola. Coelho que ele mesmo colocou na cartola. E como Foucault ocupou-se de mostrar.

Condessa: *Ela sabe e faz referência ao filósofo francês. Afirmando que o segredo provoca/fabrica o segredo. “O segredo – como dispositivo teórico e técnico – constrói uma forma particular de experiência de desordem. Ele engaja o paciente em viver e em traduzir sua perturbação enraizando-a no mais profundo de sua intimidade” (p. 10). Assim, o próprio terapeuta pode – e deve – trabalhar em segredo.*

ELA: O segredo cria a interioridade, a culpa, o sofrimento e faz daquilo que se vive, defeito da existência. Ah, e nessa engrenagem, uma prática psicológica produzida/alimentada/pactuada entre terapeuta e paciente. – O coelho na cartola.

Condessa: *Então. Na cartola, se assim você quer, estão as emoções, que são forças – tornadas internas -, que nos trabalham desde o interior e que são vividas como perigosas em seu transbordamento sempre possível... A partir daí, a pesquisadora vai sustentar a dimensão política do segredo e das emoções. O segredo – “aquilo que organiza o que se mostra e o que se esconde” (p. 12) e que cria uma interioridade/intimidade - é o que separa. É lá onde os dispositivos de exploração das profundezas e das regiões íntimas vão se constituir como o principal terreno do saber do psiquiatra. E isso lhe assegura simultaneamente uma boa parte de seu poder hegemônico sobre os ‘casos’ e sua autonomia profissional.*

ELA: O segredo, então, organiza/cria/separa realidades – política de quem pode e quem ‘não pode’. Lógica/dispositivo que “Narrativas...” quer embaralhar: pólos pessoalizados. Pesquisador-pesquisado. Terapeuta-paciente já nem é mais necessário falar.

Condessa: *Não! Ainda tem outra história – que possibilita Despret deslocar a sua crítica para o âmbito da pesquisa. Quer saber? Quer ouvir?*

ELA: Claro! Conta.

Condessa: *Ela chama ‘outro aspecto do segredo’ e liga ao que chama ‘efeito sem nome’. Começa contando que ouviu de uma amiga psicanalista que havia ‘decidido publicar, sob a forma de um artigo em uma revista clínica, o caso de uma de suas pacientes. Para preservar o anonimato desta, reconstruiu o caso como se fosse de um homem. O ‘caso’ fica tão afastado da realidade que Despret chega a se perguntar se uma ficção não seria o caso.*

ELA: Então! De um modo e de outro, um caso, uma ficção.

Condessa: *Os argumentos da pesquisadora – ou os elementos dessa história – trazem a facilidade da paciente em se reconhecer no artigo, seu questionamento diante da analista em mudar seu sexo, e ainda “a intenção de proteger a autonomia do profissional, de prevenir a possibilidade de críticas externas, isto é, de manter os profanos à distancia respeitosa” (p. 17). Menos que proteger as pessoas – que analisamos ou pesquisamos – importa é ‘separar’. E, aí, a produção legitimada dos ‘expertises’ – outro pólo nessa assimetria de papéis.*

ELA: E também o profissional – analista, terapeuta, pesquisador - tem a garantia de que seu saber não será questionado. Porque, num artigo, por exemplo, ele pode escrever, sinceramente, não ser capaz de ‘curar’ seu paciente. Ou deixar escapar sua intenção malograda.

Condessa: Vamos para as histórias no âmbito da pesquisa propriamente dita. Como pesquisadora, Despret conta que “estava eu um dia na velha fábrica de Omis, perto de Split, fábrica cujas instalações haviam sido requisitadas para as pessoas refugiadas. Estava diante de um senhor de 60 anos, um agricultor mulçumano originário da Bósnia... Havíamos cumprido quase todas as etapas: eu havia me apresentado, garantido a ele o anonimato e havíamos abordado os temas que orientavam minha pesquisa”... (p. 18)

ELA: Minha pesquisa?! Quando inclui o outro não pode ser tomada como ‘nossa pesquisa’? O que fazemos com o que o outro nos conta? Tornamos nosso? Tão simples assim?

ELA quer provocar *Condessa* que, de modo bastante paciente, prossegue. O que, talvez, dê ao modo excessivo e impaciente d’ELA um outro ritmo - que não a impeça de considerar tais questões/provocações.

Condessa: Continuemos. “...me encontrava diante dele e anotava cuidadosamente em meu caderno suas declarações... Ele me falava, nesse estágio da entrevista, do desaparecimento de seu irmão. Nesse momento, ele apanhou a caneta que eu segurava para me dizer: ‘Veja a senhora, isso aqui é o que fomos. A senhora pode ter essa caneta e escrever com ela. Aqueles que fazem a política escrevem conosco. Eles não pegaram os filhos deles para jogar e os enviaram para a guerra. Eles pegaram nossos filhos e com eles escreveram a guerra. Somos apenas um grão de poeira nessa guerra.’ Ele se calou... O que fazer com essas palavras magníficas? Quem ousaria copiar as palavras de um poeta e simplesmente anunciar: ‘um poeta disse’? Esse senhor me fez um ato de resistência: tomar minha caneta nada tinha de anódino; ele resistia muito polidamente, muito gentilmente, permitindo-me assim compreender aquilo que eu propunha como posição de sujeito de pesquisa. Pois ao subordinar minha investigação ao anonimato, eu escolhia implicitamente privilegiar algumas coisas, alguns regimes de discursos; as coisas que deviam permanecer ‘cobertas’, de preferência as coisas de que podíamos nos orgulhar e que teríamos vontade de assinar... Assim, eu lhe expliquei: ‘Temos querido proteger aqueles que testemunham, mas penso que deveríamos tê-los deixado escolher...’ Ele retomou minha caneta, observou minha página e então nela escreveu seu nome” (p. 18/19).

No entanto, até onde as questões acerca da experiência vivida e verídica, como um fato, e do testemunho de um fato, este verídico, foram deslocadas? Até onde pudermos pensar em, perceber/produzir, outras forças sendo afirmadas para além da verdade. Mas ainda assim, na direção de uma consistência sempre provisória. *Conversas com as práticas psi* e ELA insistem em dar visibilidade a essas forças e/ou intensidades – porque ainda sem rosto.

MM: Como você nomeia ou percebe a sua prática? Onde ela acontece?

Dayse: *Vou começar pelo 'onde ela acontece', porque talvez seja mais fácil de responder.*

ELA: À diferença de nós, seu lugar naquela unidade de saúde tem uma consistência que organiza seu fazer.

Dayse: *Atualmente, minha prática é... em hospitais. Eu trabalho em dois hospitais. Eu nomeio... quer dizer, é um trabalho voltado à Psicologia Hospitalar. Voltado à questão do corpo e mente, junto à questão da doença... Eu nomeio como um trabalho extremamente importante; principalmente, pela dificuldade das questões clínicas e do momento de sofrimento da pessoa, na entrada no hospital.*

ELA: Nomear, neste contar, confunde classificação com uma espécie de qualificação do trabalho. E *questões clínicas* devem ser remetidas à clínica médica, ao corpo e/ou ao organismo. Neste momento de pensamento silenciado, melhor não interromper sua fala, que segue.

Dayse: *Então, eu acho que a Psicologia, ela é muito importante e acho que faz uma diferença ter o trabalho da Psicologia ou não. Não só pelo atendimento, mas pela abordagem da Psicologia, no hospital. Eu acho que ela nomeia uma outra condução para o trabalho no hospital. Como eu entendo a minha prática? Nossa! É difícil de responder isso. Bem difícil! Eu acho que a minha prática é uma prática consistente. Eu acho que sou uma pessoa bastante consistente no meu trabalho. Eu tenho um olhar bem – assim – amplo sobre ele, sobre a necessidade do trabalho no hospital, o trabalho do psicólogo no hospital.*

ELA: A pergunta sobre a prática que parece remeter de forma imediata a um Eu - prática consistente porque Eu consistente confirma o modo de estar ali.

Dayse: *No momento, eu estou na chefia, neste hospital. Mas eu acho que essa chefia representa muito mais do que eu entendo e o que eu compreendo como uma necessidade de trabalho no hospital. Então, é uma representação muito mais disso. Talvez, também, um segmento do que eu percebi, quando eu entrei neste hospital e do que eu aprendi com os chefes que passaram... o que eu passei sendo chefiada. E que dá continuidade no que eu acredito. É um hospital que tem uma densidade de trabalho muito grande. É Emergência. Uma grande Emergência no Rio de Janeiro. Então...*

ELA: Aqui, parece ser impossível ao pensamento não encadear ao dito a mesma lógica de remeter a prática ao Eu. Ou seria o inverso, numa mesma lógica. Tomar o hospital como primeiro e remetê-lo a um Eu. Como não circunscrever, mas ampliar, apontando para aquilo que é do campo, se não de uma objetividade, de uma objetivação ampla e/ou complexa e processual: as questões que atravessam aquela prática chamada 'hospitalar'?

Dayse: *As questões são muito difíceis, que entram aqui... Demandam... diversas questões ... desde morte, perdas graves, grandes sofrimentos. E eu acho que a Psicologia, ela pode trazer uma possibilidade, neste momento difícil, num tornar uma forma que seja levada para as construções da sua vida ad eterno, que faça mudanças. Apesar de todas as perdas que acontecem neste momento de entrada neste hospital.*

MM: A chefia não te afasta da prática.

Dayse: *Não! Em hipótese nenhuma. Eu acho que não dá para você chefiar – ainda mais uma área, o Setor de Psicologia, sem você estar vinculada à prática, sem você atender, sem você ver, sem você escutar, sem você estar vivendo aquela realidade.*

ELA: Impedindo que pensamentos ganhem voz, o silêncio guarda nossa insistência em chamar, desde que chegamos neste hospital, de ‘Setor de Psicologia’ o que, ali, chamam ‘Saúde Mental’. Levamos para aquela equipe, e para outras tantas dali, uma incômoda posição que reverbera com intensidades por vezes desgastantes na afirmação de outras diferenças de posicionamentos. Nossa equipe de “Saúde Mental” é composta somente por psicólogos – entre profissionais e estagiários/treinandos/acadêmicos. Ali, confirmamos a descrença naquilo que a Reforma Psiquiátrica propõe e que ‘na prática’ não acontece: a Emergência Psiquiátrica em Hospitais Gerais. Vemos, ali, – e quando falamos, obviamente, provocamos antipatias – é uma espécie de ‘arremedo de psiquiatria’. Sem psiquiatra no hospital, psicólogos ‘bem intencionados’ ocupam-se em avaliar se a medicação psicotrópica está ajustada para os pacientes hospitalizados por questões clínicas para além do emocional. Quer estes possuam algum transtorno mental ou não. Seja na linha da psiquiatrização necessária ou abusiva, recusamo-nos. Assim como é nossa recusa providenciar, através de contatos telefônicos, avaliação por profissionais/psiquiatras de outra Unidade Hospitalar – o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro e/ou Pinel –, a confirmação da medicação, do diagnóstico e uma possível transferência, após alta hospitalar. O que encontramos ali e que orienta a demanda/pedido para a Saúde Mental é o atendimento para o “paciente psiquiátrico” e/ou “agitado” – confundidos. Durante toda a conversa, a psicóloga e chefe não faz referência à “Saúde Mental”. Será que percebe? Será que vou sinalizar?

Dayse: *Então, eu continuo em clínicas, eu continuo atendendo. Juntando a isso à chefia, ao cargo de chefia.*

MM: E por que psicóloga?

Dayse: *É uma história engraçada. Isso eu sei responder fácil. Não é difícil, não. Vou lá para a minha infância, adolescência. Tem a ver com a minha história – assim. Eu tenho uma pessoa que... minha madrinha... pessoa muito diferente do que eu sou; pessoa muito ligada às coisas materiais, muito voltada para o exterior. Mas ela sempre foi muito importante para mim. E ela, conversando comigo, uma vez, disse que a única coisa que a gente tinha de verdade na vida eram os pensamentos. Aí, eu, criança, eu quis, quando crescer, buscar o que era saber sobre esses pensamentos. Então, isso para mim é muito claro. Claro que é um processo, que não foi imediato eu lembrar disso. Foi através de terapia, de análise, que eu fui construindo isso. Até meio poético. Eu acho...*

ELA: Que leveza dá o descompromisso em um falar a partir de um lugar e de um saber outro. Leveza pelo simples viver que conta...

MM: E por que esse tipo de...

Dayse: *Área hospitalar?*

MM: *Serviço público?*

Dayse: *Bom, o Serviço Público e a área hospitalar, eles vieram juntos na minha vida. Eu fui uma pessoa que passei por inúmeras internações na minha vida pessoal. E nunca tive atendimento de um psicólogo no hospital. Nunca passei por isso. Fiquei em privado e em público. Mas nunca tive atendimento psicológico no hospital. Mas eu tive pessoas muito importantes neste caminho do hospital, que me falaram coisas importantes na minha vida. E eu vi, eu compreendi, ali pequena - parece mentira, mas não é - isso eu lembro, quando criança, que entender as coisas e poder me entender na minha dor ali, na minha limitação, era o que podia fazer eu ser uma pessoa diferente, eu poder continuar nessa vida caótica. Então, eu acho que no hospital, quando eu passo num concurso público e*

tem vaga para hospital, eu digo: “caramba! É lá que eu quero”. Foi uma escolha do que tinha de possível. Então, eu estou aqui há dezesseis anos. E escolhi. Eu dei sorte, porque pude escolher a vaga que eu... porque tinha uma vaga para onde eu queria ir. Então, as duas coisas foram juntas. Público que é uma forma de arrumar emprego na área psi – que é difícil pra caramba! Mas foi recomeço. Foi uma reentrada na Psicologia. Eu estava afastada da Psicologia, nessa época. Eu tinha feito alguns concursos. Não tinha passado... Tinha passado, mas não tinha sido chamada. Marmelada. E aí o daqui foi isso. Eu fiz esse concurso. Estava trabalhando com Publicidade.. E, aí, voltei para a Psicologia, através de concurso público.

MM: Uma história para lembrar ou uma situação.

Dayse: *Quando você falou isso, primeiro, veio uma historinha - que sempre vem na minha cabeça. De um caso, aqui, que eu atendi. Eu não sou uma pessoa que fico muito... A questão dos pacientes, eu lido bem. Meu marido até brinca com isso. “Impressionante! Atende um caso gravíssimo e sai muito bem, obrigada.” Mas eu lembro que eu estava recente no hospital.*

ELA: O tempo relativiza-se ou também singulariza-se quando interroga as medidas: onde começa o ‘muito’ e o ‘pouco’?

Dayse: *Alguns anos, já. Mais de dois anos. Ou três. Eu estava tirando férias e, aí, eu atendi um caso na Pediatria – onde hoje eu estou designada... que era uma criança...*

ELA: ‘Caso’ é como as práticas psi nomeiam, descrevem, tratam, analisam uma vida.

Dayse: *É uma história um pouco longa. Mas era uma criança tida como autista. Solicitaram uma avaliação, porque ela não se comunicava de maneira nenhuma. Me aproximei dele, gradativamente. Não fazia nenhum contato, não me olhava. Não aceitava nenhuma abordagem, nenhum toque, nem nada. E, aos poucos, eu brincando com ele, fazendo uma cosquinha no pé dele e tal... para avaliar se pelo menos ele me enxergava, se era surdo; se ele era mudo, se enxergava... Fazer das sensações pelo corpo, ver se ele fazia alguma forma de contato. E, aí, fizemos um vínculo grande. Estou resumindo muito a história.*

ELA: ‘História’ é outra palavra para nomear uma vida, em seu fragmento.

Dayse: *Aí, fizemos um vínculo grande. E ele era absolutamente normal. Uma mãe surda-muda e que, talvez, a forma de se defender de tanta violência... Ele tinha sido violentado. Abuso. Teve perfuração anal grave – com uma história muito grave interna. E a maneira de se proteger dessa avalanche de dores... Ele ficou ‘representando’- entre aspas isso – um autismo, que ele não era. Ele era absolutamente saudável psiquicamente. Aí, pode construir a vidinha dele, voltar para a casa dele e tal. Bom, o que mais?*

MM: Uma força...

Dayse: *Força?!*

MM: É. Força usada para se proteger.

Dayse: *Como? Eu? Ah. Ele.*

MM: Ele.

Dayse: *Ele. Uma forma de se proteger. Com certeza. Porque a ausência que ele teve... Quem o violentava era uma pessoa da família, que estava dentro da casa que ele morava no Rio de Janeiro. O protetor era o agressor. Então, isso foi... Eu, em algum momento, construí isso um pouco, sem muitas palavras. Ele tinha só três anos de idade. Mas eu consegui construir... esse momento de pavor. Daí, consegui construir uma pessoa bem saudável. Espero que esteja até hoje. Ele deve ser um rapaz já, né?*

ELA: “Consegui construir...” – ali, ouço um coletivo de enunciação, ou seja, a prática psi construindo subjetividade. Será que se dá conta disso – tendo a Psicanálise como linha teórica de trabalho e crença? A pergunta não é afirmada. O pensamento ocupa-se daquela vida: diante da dor violentamente imposta num corpo, o mais óbvio é o grito. No entanto, a vida oferece-se numa espécie de alternativa: o silêncio absoluto - no gesto e, mesmo, no olhar. Incluiria o sentir? Até onde? Sentimento. Sensação. Uma força... O pensamento repete.

MM: E o que seria para esquecer?

Dayse: *Eu não tenho nada para esquecer aqui do meu trabalho. Sinceramente, eu acho que não tenho. Não. Talvez, até alguma situação que me incomode, mas eu não vou falar, aqui, para você.*

ELA: O que pode tanta ênfase no dizer ‘não’ a esta provocação? Insisto? Ofereço alternativa? Pro-voquemos.

MM: Mas aborrecimentos que...

Dayse: *Se eu fosse falar de aborrecimento, no trabalho... é muito mais da minha condição na chefia, de alguns impasses, de algumas questões, dificuldades, com a equipe, com algumas pessoas. Não é da equipe como um todo, mas com uma pessoa ou outra, em algum momento. Isso, sim, me tira o sono, me incomoda. Eu gostaria de não ter vivido isso. Mas, apesar de ‘não gostaria de ter vivido’, acho importante ter vivido. Muito importante. Por isso, eu acho que não tenho que esquecer, não...*

ELA: Este titubeio – gaguejar e/ou desarranjo da *máquina-de-ser-prática-psi* que parecia funcionar tão bem – sugere um constrangimento. E esquecer parece seu ultrapassamento para um *sim*. Até onde ou o que pode o falar, ali? Tudo isso não se reduz à, mas inclui o que nossa chegada àquela unidade atualiza. Chamamos ‘disputa de poder’ até entender que ‘quando um não quer, dois não brigam’. Há um desconforto, por parte de alguns, diante do modo como a chefia foi acolhendo – não sem embates – a diferença de uma prática dentro da equipe/saúde mental que inclui algumas recusas. Dentre elas, a referida como ‘não ser arremedo de psiquiatria’.

Dayse: *Eu acho que tem o que aprender.*

MM: Então, fortalece para a vida.

Dayse: *Isso! Para construção. E acho que quando eu me arrisquei em aceitar a chefia, esse convite, eu acho que é aprendizado. Eu me coloco muito para os aprendizados na vida. Então, eu acho que é aprender mais alguma coisa que fale da minha prática. Acho que é muito por aí.*

MM: O que você sugere para a vida?

Dayse: *Para a vida, façam terapia! Eu acredito muito nesse universo. Você sabe disso. Eu acredito muito nesse universo psi, nessa coisa da psicoterapia, na análise.*

ELA: Os risos surgem e são justificados pelo fato da *entrevistada* saber do nosso posicionamento crítico avesso à psicologização da existência.

Dayse: *Não acho que tenha que ser só Psicanálise – apesar de eu gostar. Mas eu acho que é um lugar que... muda. O olhar para a vida, ele muda. E ele te possibilita muito mais coisas que, até então, você não se acha possível. Então, eu acredito muito neste lugar. Então, não é todo mundo que tem que fazer; não é para todos. Mas eu acho que é uma coisa legal. Se a pessoa tem vontade, faça! Eu acho que muda. Possibilita outras coisas.*

Da conversa com a *Condessa*, ELA obteve importantes retornos. Outras considerações/provocações; outra História?! No Brasil, uma também pesquisadora, professora, prática psi, tem seu percurso indiscutivelmente ético, político e estético. Ocupado com a História Oral – legitimação das narrativas orais na sua força produtora de conhecimento e revolucionária das existências – este percurso interroga-se. “O que fazemos, efetivamente, com o que nos contam?” (RODRIGUES, 2013) Tal como a História Oral, o percurso dessa pesquisadora – chamada *Brasileira* - empenha-se em/prefere gravar as vozes dos homens até então silenciados, de homens infames – negros, índios, trabalhadores braçais, imigrantes, serviçais e, até mesmo, mulheres! (Rodrigues, 2013) Homens profanos – diria ELA. *Condessa* conta que também aprendeu com esta professora/pesquisadora *Brasileira* que,

nos anos 1960 e 1970, a História Oral norte-americana se terá firmado não tanto como um ‘arquivismo’ voltado à História das Elites, mas como um ‘ativismo’ disposto a fazer ressoar as palavras de pessoas comuns (RODRIGUES, 2013, p. 4).

Assim ou porque

essas narrativas são efetivamente dotadas da potência de nos transformar, de ser a ocasião para um questionamento do instituído (seja no âmbito da saúde, das clínicas, da formação, da pesquisa), de reinventar nossa formação e nossas práticas, de avivar nossa crítica daquilo que, como aspecto de normalização médica da vida, produz sujeitos (p. 7/8).

Sujeitos ou modos - sejam eles agentes de saúde ou pacientes, pesquisadores ou pesquisados, sequencia ELA. Sujeitos ou modos, por vezes, tão dóceis e tão

obedientemente normais que os torna quase incapazes de experimentação, de criação, de risco, de normatividade. No entanto, esta, “possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir novas normas em situações novas” (CANGUILHEM, apud RODRIGUES, 2013, p. 6) está sempre ofertada. A pesquisadora *Brasileira* cita Georges Canguilhem. E assim, ELA segue provocando *Condessa: o que fazemos com o que nos contam* quando não importa de que lugar ouvimos...? Isso é um ativismo reinventor? ELA, inquieta, silencia: “Narrativas...”/Pesquisa retroalimentaria histórias das elites nas práticas psi legitimadas como vozes de saber/poder? E/ou poderia fazer delas palavras de pessoas comuns – também profanas?

A conversa entre ELA e a *Condessa* continua. Para também contar do *Professor Gaivota* (MITCHELL, 2003). Aí, trata-se de fazer *Pesquisa* como quem faz *Literatura*. Ou fazer *Literatura* como quem faz *Pesquisa*. Como?

Das Gaivotas, ELA sabia serem aves marinhas que se alimentam de comidas vivas. E que, muitas vezes, essas habitantes do mar roubam seus alimentos. *Grande senso de oportunidade!* – considera, então. No entanto, no caso do encontro da *Condessa*, parece que o *Professor* habita um sentido outro – tolo, simplório. Sentido questionável, veremos. *Condessa* encontrou o *Professor Gaivota* fazendo história oral, lá pelos lados da América do Norte. Menos que se ocupar do que pudesse trazer da grande metrópole, ELA e a própria *Condessa* ficaram interessadas em tomar o *Professor Gaivota* como nome de acontecimento. Nome não separado de uma realidade descrita, mas a própria realidade. Porque, afirma ELA, acontecimento, no meu entendimento, pode ser exatamente o banal/o óbvio que se deixa notar pelo que escapa e, assim, afirma-se como estranho.

ELA, abusando da paciência da *Condessa*, pediu que sua interlocutora contasse a história desse encontro.

Condessa: Joseph Mitchel é um jornalista americano que resolve contar a história de um boêmio chamado Joe Gould que, por sua vez, quer contar a história oral do mundo. Mitchel faz jornalismo ao modo da Literatura – e seu trabalho chega, mesmo, a ser chamado jornalismo literário. Gould quer registrar na História Oral “o que viu e ouviu” (MITCHELL, 2003, p. 17). O boêmio é seguido de perto pelo jornalista – que afirma que “pelo menos a metade da obra consiste em conversas transcritas literalmente ou resumidas”(p.17). O título dado pelo próprio Gould – O Que As Pessoas Dizem é História - introduz seus argumentos:

O que nós pensávamos que era história – reis e rainhas, tratados, invenções, grandes batalhas, decapitações, Cesar, Napoleão[...] – é só história formal e, em grande parte, falsa. Vou registrar a história informal de gente em mangas de camisa – o que o povo tem a declarar sobre seus empregos, amores, comidas, pileques, problemas, tristezas – ou hei de morrer tentando (MITCHELL, 2003, p. 17/18).

Condessa: O que Mitchell conta é que Gould “incluiu na História Oral diversos ensaios autobiográficos”, dizendo mesmo que “todos são tentativas de explicar-se para si mesmo” (p. 23). Em seguida, ele traz uma consideração do próprio Gould, afirmando ser “introvertido e extrovertido, ao mesmo tempo (p. 23).

ELA não resiste e, com um ar sério, brinca:

Esse *Professor Gaivota* parece com *Pesquisa*; acho que, muitas vezes, ela também se serve dessa artimanha. Roubando as histórias dos outros. Boêmio tolo e desacreditado em sua fala; jornalista legitimado em sua escrita... Acho mesmo que esse Gould é um outro do próprio Mitchell. O que você acha?

Condessa, ignorando a provocação, prossegue.

Condessa: Os encontros de Mitchell e Gould se dão de modo alternado – ora, é Mitchell quem procura Gould; ora é o próprio Gould quem procura o jornalista. No percurso do boêmio, Mitchell constata, mesmo tentativas jornalísticas fracassadas: “neste momento crítico de minha vida, resolvi me dedicar à literatura.” (p. 29). No entanto, “por causa de sua franqueza, nunca foi aceito em nenhuma organização artística, literária, cultural...” (p. 29) Assim, a História Oral? Sempre a História Oral.

A História oral tem sido minha corda e minha força, minha cama e minha comida, minha esposa e minha puta, minha ferida e o sal em cima dela, meu uísque e minha aspirina, minha rocha e minha salvação. É a única coisa que tem valor para mim. O resto é lixo (MITCHELL, 2003, p. 29).

Em Mitchell, uma disponibilidade – a escuta.

...me envolvi com a vida de Gould...escutando-o. Escutei-o tanto que consegui chegar a algumas conclusões e entender, ao menos em parte, o que ele falava quando estava muito bêbado ou muito exaltado ou ambas as coisas ao mesmo tempo, e pouco a pouco sem ter essa intenção, aprendi a seu respeito coisas que talvez não fosse da sua vontade que eu soubesse, ou que, por outro lado, como ele tinha uma mente sinuosa e gostava de complicações, talvez fosse da sua vontade que eu soubesse - nunca vou ter certeza. De qualquer modo, estou certo de que sei porque nunca se encontrou o manuscrito da História Oral (p. 38).

- Certeza?! – Mitchell? Gould? - Mente sinuosa; *Pesquisa* sinuosa; vida sinuosa.

Descobri que em autobiografias e biografias, assim como em história, há ocasiões em que os fatos não dizem a verdade... (p. 72)

Escuta-que-gostava-de-inverter reaparece para ajudar no acabamento deste Mar e afirma:

Podemos considerar que fatos são imediatas interpretações – que, por sua vez, forjam verdades que convém ou não. Ou dito de outro modo, *para o bem ou para o mal*.

*Agimos certo sem querer
Foi só o tempo que errou
Vai ser difícil sem você
Porque você está comigo o tempo todo*

*E quando vejo o mar
Existe algo que diz
Que a vida continua
E se entregar é uma bobagem*

*Já que você não está aqui
O que eu posso fazer
É cuidar de mim*

*Quero ser feliz ao menos
Lembra que o plano
Era ficarmos bem*

*Olha só o que eu achei
Cavalos marinhos...*

Legião Urbana (1981)

ISTMO

Faixa de terra que une uma península a um continente. Ou porção de terra, com alguma abertura, ligada a um continente, grande porção de terra. Diante dele, torno-me, também, rompimento? Interrompida em movimentos e fluxos, o que posso agora? Fragmentar (me).

MAR DE LINGUAGEM

Então, Conta Direito!

Estaria tudo terminado, se não fosse a vida. Essa que se mexe e provoca. Do ultrapassamento da representação à Pragmática Inglesa, tinha encontrado Deleuze e Guattari. Aventurando, agora encontro Blanchot. Um avanço que retorna – no tempo – e que, então, alia Poesia, Literatura, Filosofia...

ELA ficou interessada por essa história. Mas não sabia se queria voltar no tempo. Eu expliquei que, talvez, não precisássemos voltar; que seria o tempo a vir até nós. E lembrei que isso tínhamos aprendido juntas – com Deleuze, com Proust, com Blanchot. Ainda assim, ELA me pediu que contasse. Então, resolvemos que, juntas, contaríamos.

ELA pediu que o *começo* fosse pela *Eudoxa*. Desobedeço e começo por Guimarães Rosa.

A vida inventa! A gente principia as coisas no não saber por que e, desde aí, perde o poder de continuação – porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.

Guimarães Rosa (1988)

E fica difícil deixar as palavras do escritor brasileiro – palavras que também ensinam.

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que

outras, de recente data (GUIMARÃES ROSA, 1988, p. 82).

ELA – que parecia ter medo de mexer no passado - interfere: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:... o que ela quer da gente é coragem” (p. 278). É que, se a Literatura ajuda a gente a tomar a Filosofia para *mexer* na vida, Guimarães Rosa também *ensina* sobre *agenciamento coletivo de enunciação e produção de subjetividade e modo de existência* – então, modo de *linguagem*.

E a Eudoxa? – ELA, agora, insiste.

“Mesmo que eu mande em garrafas mensagens por todo o mar...” (BLANC; BÔSCO, 1973) - Este é um dos momentos em que a orientação deste percurso - que insiste no tempo - aponta para a necessidade de *generosidade*: dar pistas ao leitor; situá-lo no entendimento do intensivo - que, então, percebe no texto. Sugere *garrafas com mensagens*. E me remete à música – e letra. Retomando o movimento orientador, situo: *Eudoxa* é uma vida – *modo de existência* - trazida na Monografia do Curso de Especialização, realizado na UFF, em 1997. Tratava-se de *uma vida*, em psicoterapia. O nome foi proposto na vontade de dar visibilidade a um modo que - sustentado na opinião/*Doxa* e aliado ao *Eu* – nega a vida em sua oferta de reinvenção.

Àquela época, eu dizia que

Eudoxa hoje está casada. Tem *dificuldade de relacionamento* e consciência de que tal dificuldade pode fazer com que, reduzindo se leque de amizades, super-investindo em seu casamento, possa vir a *estrangulá-lo*. *Eudoxa* duvida, também, de suas capacidades intelectuais [que, por vezes, confunde com percepção]. Às vezes, diz temer enlouquecer, dado os delírios de ciúmes pelos quais parece ser tomada. Não quer ser traída e ‘descobre’ também ter medo de trair. Em dado momento do seu processo terapêutico, sua terapeuta pontua que olhar ou pensar não significa estar traindo. *Eudoxa* diz-se aliviada com tal possibilidade. Após uma mudança de setor em seu trabalho, conta a sua terapeuta que está se apaixonando. Paixão que acredita [percebe] ser *retribuída*. Seu casamento segue *sem problemas* ou *estrangulamento* – fato que a confunde e a faz pensar/falar: *esse sentimento não é meu; fui tomada por ele*. Decide retornar ao seu antigo setor, colocando

um ponto final no caso. Afinal, *ele também é casado, e mesmo assim, só olhar não implica estar traindo*. Neste momento, a terapeuta pergunta: ‘Mas que tipo de fantasias você tem em relação a ele?’ *Eudoxa* ri. Sabe não viver nada nesse nível. Algum tempo depois, no entanto, relata à terapeuta as fantasias que passou a ter. Então, acusa esta de ter sugerido e autorizado a olhar, a se apaixonar, a ter fantasias.’

ELA ouve – e seu silêncio está povoado de querer saber mais. Então, continuo.

‘A pergunta naquele momento era: *Quem Cria O Que Se Cria, Quando Se Fala?* – Com ela, estariam intensificadas duas outras – já colocadas: *Por Que e Como Se Entende a Palavra?* e *O Que Se Produz Quando Se Fala?*

Eu tinha proposto uma investigação acerca do uso representativo da linguagem que permitisse seu ultrapassamento. Tinha percorrido as formulações aristotélicas para dar sentido à Linguística, de Ferdinand Saussure (1975); tinha passado pelas propostas da Pragmática Inglesa em pensar a linguagem como produção, de J. L. Austin (1990); e chegado ao Nietzsche (1987; 1983a) – para, com a palavra, despedaçar o jogo consolante dos reconhecimentos, afirmando que quando um ato falha uma verdade não se revela, porque pinga pode não ser letra. E, no agora dali, chegava ao *agenciamento coletivo de enunciação*, no que chamei de Filosofia da Linguagem Francesa proposta por Gilles Deleuze (1988) e Felix Guattari (1986).

O silêncio d’ELA, agora, ganhava voz. Tal como *Alice*, parecendo confusa diante do tanto que se passava, “começou a repassar no pensamento

todas as conhecidas que tinham a sua idade, na tentativa de ver se porventura poderia ter-se transformado em uma delas. ‘Estou certa de que não sou Ada’, comentou, ‘porque, nesse caso, eu estaria com o cabelo todo cacheado e não estou. Também não posso ser a Mabel, porque sei um monte de coisas, enquanto que ela – coitada! – quase nada sabe. Além disso, ela é ela, e eu sou eu e – gente, que confusão!’ (CARROLL, 1999, p. 29)

Ao final, ELA, impaciente, gritou: *eu também não sou a Mabel; então, conta direito!*

Contar direito era retomar. Ainda que invertendo as sequências.

Ao interrogar “O Que Pode a Palavra na Clínica?” (1997), vi, em Aristóteles, que o sentido de uma palavra é prévio. Espécie de habitante de *estados de alma*, é uma realidade que transcende a experiência individual e/ou particular e que traz, na *semelhança*, a imagem da Essência, o Ser. Às palavras caberiam aperfeiçoar-se para *fazer ver e falar* essa *Essência verdadeira* tão separada delas (palavras). Só aí as palavras poderiam receber o estatuto de verdadeiras. Como instrumento imperfeito, não seria qualquer palavra ou não seria para qualquer um (que fala), mas antes, para uma boa vontade e/ou uma (metodo)lógica o que poderia levá-las ao alcance deste estatuto verdadeiro. Deste modo, às palavras caberiam representar o real – como um já dado numa transcendência. Neste processo de desvelamento de uma essência metafísica, a palavra revela a verdade da coisa que, por sua vez, faz-se cópia do Ser.

Essa lógica possibilitou a Linguística – organizada por Ferdinand de Saussure (1975) – afirmar a separação da língua e da fala, do social e do indivíduo. E possibilitou, mais adiante, afirmar a lógica do significante e do significado. Construindo, assim, uma transcendência na linguagem. Para isso, o suporte da *convenção*.

A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro (SAUSSURE, 1975, p. 16).

Lados constitutivos que apontam para uma indissociabilidade e que garantem à linguagem a sua unidade – sem ferir a hierarquia do *sistema* linguístico.

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade: não é ilusório dizer

que é a língua que faz a unidade da linguagem (p. 28).

Ainda que aponte para uma construção pela coletividade na linguagem e abra espaço para uma quase crítica – *faculdade natural ou não* de articular palavras -, o linguísta, construindo um campo referendado científica e hierarquicamente, a Linguística, aprisiona-o num modo representativo. E revela outra faceta metafísica. Sendo *parte da Semiologia* e responsável pelo estudo dos signos, no seio da vida social, a Linguística, buscando nas línguas faladas o que há de universal, ocupar-se-á da definição daquilo que torna a língua um sistema especial dentro do conjunto dos fatos semiológicos. A língua é, então, transcendência: signo dentre os signos. Por isso,

é preciso colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem (p. 16).

Tomar a língua como *norma* – signo dentre os signos – é entendê-la enquanto “sistema fechado: um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 1975, p. 17) Ou: “desde que lhes demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação” (p. 17). “Ordem natural, um todo por si, um sistema fechado e uma classificação”, a língua é, também, “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias” (p 16). Assim,

...todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos ao mesmo conceito (SAUSSURE, 1975, p. 17).

De uma *quase-liberdade* oferecida pelo tempo, uma advertência impede uma radicalidade – a produção para além do sistema: “Escolhe! Mas o signo será este, e não outro!” (p. 89) ELA intervém.

Não importa! Mais ou menos e convenções são as brechas para críticas – onde a vida respira e se re-inventa.

E, tal qual o Coelho da Alice, sugere o apressar da narrativa – que retomo.

‘Vi, também, uma tentativa crítica de ultrapassar este modo representativo – transcendente e metafísico - de tomar a linguagem. Ainda servindo-se das convenções. J. L. Austin (1990.) propõe a linguagem como produção – um ato convencional. Na chamada *virada lingüística* – referida também às formulações de Wittigenstein -, J. L. Austin traz a *teoria dos atos de fala* – o *speech act*. O foco está nas circunstâncias em que os *proferimentos* são realizados. Lá estão as *regras de uso* da linguagem – o contexto de uso das *expressões-proferimentos* e os elementos constitutivos deste contexto. Austin coloca-nos diante dos *ilocutórios* e dos *performativos* – *atos* de dizer e de agir/performar. Porque, sozinho, o dizer não pode realizar o seu ato. “O proferimento de certas palavras é uma das ocorrências, senão a principal ocorrência, na realização de um ato” (AUSTIN, 1990, p. 26) - de fala. Mas é preciso que as circunstâncias entrem em cena, trazendo a *performance*. Ou seja, é preciso que o falante e/ou outras pessoas

também realizem determinadas ações de certo tipo, quer sejam ações físicas ou mentais ou mesmo o proferimento de algumas palavras adicionais (p. 26).

Performativo é um neologismo criado pelo autor, que deriva do *to perform* da língua inglesa – verbo correlato ao substantivo ação. Austin aproxima-o daquilo que o termo *operativo* sugere, nos termos legais do direito: “servem para efetuar uma transação” (p. 25). Serve-se dos exemplos:

‘Aceito esta mulher como minha esposa.’ – do modo como é proferido no discurso de uma cerimônia de casamento.
‘Batizo este navio com o nome de Rainha Elisabeth.’ – quando proferido ao quebrar-se a garrafa contra o casco do navio.

'Lego ao meu irmão este relógio.'- tal como ocorre em um testamento (AUSTIN, 1990, p. 24).

Outros exemplos preparam seus argumentos em relação à felicidade e à infelicidade do/no proferimento performativo. Trata-se de falar de *acertos* e de *erros*.

Para eu batizar um navio é essencial que eu seja a pessoa escolhida para fazê-lo; no casamento (cristão) é essencial para me casar que eu não seja casado com alguém que ainda vive, que é são e de que não me divorciei e assim por diante... (p. 26)

Os atos de dizer certas palavras, em situações adequadas, podem resultar malogrados. (Ainda que seja possível a bigamia no modo cristão de casamento – lembro. E calo.) De outro modo, realização com êxito é realização *feliz*.

Parece evidente que a infelicidade é um mal herdado por todos os atos cujo caráter geral é ritual ou cerimonial, ou seja, por todos os atos convencionais (p. 34).

A ênfase dada às circunstâncias faz com que Austin depare-se com o caráter convencional dos procedimentos que incluem proferimentos, assim como seus efeitos – atos de fala. Mal entendidos, desacertos, enganos, infelicidades: até que ponto são unilaterais e/ou não compartilhados, sustentando convenções? Dando movimento a esta questão, o próprio autor verá na relevância do contexto, a *força* de um ato (de fala).

A ocasião de um proferimento tem enorme importância e as palavras utilizadas têm de ser até certo ponto explicadas pelo contexto em que devem estar ou em que foram realmente faladas numa troca lingüística (AUSTIN, 1990, p. 89).

Mal entendidos, desacertos, enganos, infelicidades – Austin não se ocupa em ver nestes termos uma positividade. Concluindo, no entanto, deixa a *brecha* solicitada por ELA – para que esta história ganhe outros sentidos/direções. “É difícil dizer onde começam e onde terminam as convenções” (AUSTIN, 1990, p. 101).’

Não pude apontar vestígios aristotélicos no projeto teórico austiniano. Mas também não pude ver o autor inglês servir-se da imanência para escapar às convenções – quando a vida impõe ser re-inventada. Ainda haveria aí uma metafísica a ser superada?

Friedrich Nietzsche (1987) também serviu-se das convenções. Mas para operar a radicalização da crítica, despedaçando o jogo consolante dos reconhecimentos. O que me possibilitou afirmar que pingo pode outra coisa que não letra. O filósofo alemão, no século XIX, não tem como interlocutores Saussure e Austin. Ainda assim, problematiza a *linguagem*, denunciando seu caráter de artifício moral e metafísico. Em “A Verdade e a Mentira no Sentido Extra-Moral”, Nietzsche (1987) afirma que

Todo conceito nasce por igualação do não igual. Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono destas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo e desperta então a representação (p. 34).

O conceito de folha *deve representar*. A anulação/abandono das diferenças opera uma transcendência.

... como se na natureza, além das folhas houvesse algo, que fosse folha, espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, frisadas, pintadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que nenhum exemplar

tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial (NIETZSCHE, 1987, p. 34).

Conceituar, nomeando de modo universalizante, é prender o mundo nas palavras – arrisca-se ELA. Enquanto Nietzsche insiste.

...toda palavra torna-se logo conceito justamente quando não deve servir, como recordação, para a vivência primitiva, completamente individualizada e única, à qual deve seu surgimento... (p. 34)

Na formação dos conceitos, quando as palavras servem a um sem número de casos, são necessárias *firmes convenções*. Ou seja, é necessário mentir em rebanho, para que se garanta a verdade dos fatos. Quando o homem, “por necessidade e tédio, ironiza o filósofo, quer existir socialmente e em rebanho, ele precisa de um acordo de paz” (p. 32). Convencionalmente, uma ordem, neste acordo, é fixada como verdade. Assim, esta ordem *dita* o que *deve* ser verdade: a designação uniformemente válida e obrigatória das coisas. É quando “a legislação da linguagem dá as primeiras leis da verdade” (p. 32). Num uso, portanto, moral da palavra e da linguagem. Utilizado pelo homem que quer conservar, que usa o intelecto/a consciência para tal.

Um outro *uso* - ou *homem/modo* - é possível! Aí, a crítica nietzscheana – que ultrapassa o *não* para afirmar o *sim*, operando (as) três metamorfoses. Nelas, “o espírito torna-se camelo; o camelo torna-se leão; o leão, criança” (NIETZSCHE, 1983a, p. 43/44) - para que os códigos baralhados sirvam à vida que pode devir outra.

Três metamorfoses?! Camelo?! Leão?! Criança?! – ELA que, aqui, forja-se em uma Alice maravilhada, inter- rompe: Conta de novo!

Das três metamorfoses nomeio-vos, do espírito: como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança... criar novos valores... Inocência é a criança, e esquecimento: um

novo recomeço, um jogo de roda que gira por si mesmo, um movimento inicial, um sagrado dizer sim: o espírito agora quer a sua vontade, aquele que está perdido para o mundo, conquista o seu mundo (NIETZSCHE, 1983a, p. 43/43).

ELA dá voz ao seu silêncio: *a liberdade precisa da arte – para criar mundos.*

Espírito, Leão, Criança são *modos* – espécies de funcionamento diante da existência. Que afirmam o ultrapassamento da moral numa aposta ética e estética – redundantemente e/ou, portanto, política. Diz Zaratustra que

muitos fardos pesados há para o espírito forte, o espírito de sustentação. – O que há de pesado?, pergunta e ajoelha como um camelo e quer ficar bem carregado. Tal como o camelo, marcha para o seu próprio deserto – onde se dará a segunda metamorfose: ali, o espírito torna-se leão, quer conquistar, como presa, a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto (p. 43).

Espírito moral que carrega valores e acusa-se – má consciência – é o *Camelo*. O *Leão* é um *não* ao peso da moral – ao *dever ser*. No entanto, ainda não cria. Criar é o que pode a *Criança* – *sagrado dizer sim*, porque, *esquecimento e inocência*, nada deve, nada carrega.

Meus irmãos, para que é preciso o leão, no espírito? Criar novos valores – isso o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações – isso a pujança do leão pode fazer. Conseguir essa liberdade e opor um sagrado não também ao dever: para isso, meus irmãos, que poderá ainda fazer uma criança, que nem sequer pode o leão? Por que o leão

precisa ainda tornar-se criança?
Inocência é a criança, e
esquecimento; um novo
recomeço, um jogo, uma roda
que gira por si mesma, um
movimento inicial, um sagrado
dizer sim (p. 43/44).

Correlata às três metamorfoses, Nietzsche oferece o movimento necessário à *transmutação*: carregando o peso da moral e sofrendo, acuso a mim - *má consciência*; acuso a vida - *ressentimento* –; nego a vida - *ideal ascético*; *vontade de nada*; *nada de vontade*; *niilismo*. Todos são *modos* que precisam ser superados/*transvalorados*. Para que a vida se reinvente, é necessário transmutar *modos-morais-em-nós*. “Aquele que está perdido para o seu mundo – cotidiano, das convenções em acordo de paz – cria o seu mundo” (p. 43/44).

A liberdade precisa da arte! – ritornela ELA. *E a Eudoxa?* – insiste.

‘Eudoxa nos leva ao agenciamento coletivo de enunciação.

Ao propor uma outra lógica do sentido, Deleuze (1988a) é estóico e apropria-se das formulações destes pré-socráticos. Deleuze é carrolleano, quando se serve de “Alice...”. Ao propor uma outra imagem do pensamento, Deleuze é nietzscheano. E, problematizando a linguagem com Felix Guattari, torna-se kafkaniano. Com a noção de *agenciamento coletivo de enunciação* (DELEUZE; GUATTARI, 1977), no entanto, atravessa estes movimentos – estóico e carroll, nietzsche, kafka. E traz aquilo que alia o que coletivamente enuncia. Parece óbvio. No entanto, escolho percorrer o caminho construído por Deleuze e Guattari em “Postulados de Linguística” (1988) para entender este coletivo heterogêneo e engendrador de enunciados que opera, mais uma vez, uma crítica à linguagem metafísica. Esta, que divide o mundo em dois, para desqualificar a empiria e o que está encarnado. Trata-se, aí, de, afirmando um mundo único, mostrar, ainda, a criação de um mundo outro como forma de negar as diferenças e a vida em sua variação produtiva.

Maquínico do desejo e de corpos - e coletivo de enunciação é o agenciamento. Heterogêneo que afirma o desejo no social. Ou: um grande aparato (coleção) de equipamentos – sociais, históricos, geográficos – que aciona signos e sentidos,

movimentos e corpos engendrando, produzindo, orientando, re-orientando, desorientando, definindo e re-definindo realidades. Trata-se de *territorializações* e *des-territorialização – territórios* em movimento. Para entendê-los e experimentá-los, é necessário que se trace uma cartografia – mapas em constante movimento. *Mapas do desejo*.

Movimento do desejo num Ir e vir; tal como o mar – lembra ELA dos seus/nossos exercícios também aqui: Mar Linguagem.

O que está em jogo e/ou em funcionamento é uma *pragmática de processos de produção de territórios existenciais* – “modos de se estar nos verbos da vida” (NEVES, 2009, p.191). Numa aposta de criação de outras sensibilidades e/ou realidades, em uma reversibilidade, faz funcionar uma engrenagem produtora de sentidos e enunciados. Sensibilidades e/ou realidades sempre passíveis de serem capturadas, obviamente.

Partindo dos enunciados em uso/circulação – nesta *pragmática* que chamo *política* -, temos sujeitos/realidades sendo produzidos. Sujeitos maquínicos e enunciativos. Misto de desejo e de palavras, de corpos e sentidos, que modelados, recebidos, consumidos, podem, por isso mesmo, e também obviamente, transmutar-se.

Assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas as moléculas que lhe são acrescentadas, injetam-se representações nas mães, nas crianças, como parte do processo de produção subjetiva (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 25).

É o próprio sujeito produzido nesta engrenagem quem vai fazê-la funcionar. Sujeito que é produto, consumo, produtor. Sujeito que é produção. Sujeito, portanto, que vai permitir, ou não, seu desarranjo. “Os Postulados de Lingüística” (DELEUZE; GUATTARI, 1988) me colocaram diante das *composições de passagem* – foi quando pude afirmar a palavra/a linguagem outra, solta. A palavra como potência de vida, na direção/sentido de sua reinvenção. Afirmam Deleuze e Guattari:

A professora não se informa quando faz uma pergunta a um aluno, nem tão pouco informa

quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo... Ensina. Dá ordens. Manda (DELEUZE; GUATTARI, 1988, p.81).

Antes de informar – descrever, comunicar – a linguagem tem por função “a transmissão de palavras de ordem”. A linguagem ensina a obedecer e a fazer obedecer – “uma regra de gramática é um marcador de poder antes de ser um marcador sintático” (p. 82). Comandos agem no corpo. A linguagem supõe linguagem – transmite-se o que se ouviu, em forma de agulhão. Assim, em discurso indireto (todos os tipos de voz numa única voz), é indo de um (já) segundo a um terceiro que a transmissão da palavra funciona como palavra de ordem. Deleuze e Guattari servem-se de J. L. Austin – *atos de fala* -, de O. Ducrot – *pressupostos implícitos ou não-discursivos* - e de E. Canetti – *linha de fuga* – para, numa espécie de revezamento, avançar e afirmar

a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e podem realizar-se apenas nele (DELEUZE; GUATTARI, 1988, p. 84).

Assim, a linguagem pode ser entendida como

o conjunto de palavras-de-ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um dado momento (p. 84).

Numa relação imanente e redundante, é o caráter social – *obrigação social* ou *acordo de paz* - que liga/*agencia* atos e enunciados, corpos e sentidos. E, aí, provocam transformações incorporais. Recorrendo a Ducrot – um agenciamento jurídico – esclarecem o modo pelo qual um *acusado* é transformado em *condenado*.

O que acontece antes – o crime de que se acusa alguém – o que acontece depois – a execução da pena do condenado – são ações-

paixões que afetam os corpos
(p. 86).

Neste momento também estóico, Deleuze e Guattari (1988) tomam *corpos* em um sentido amplo. Ainda que corpos da propriedade, da vítima, do acusado, do condenado, em transformação, não se confundem. Há, aí, um “puro ato instantâneo ou um atributo incorporeal, que é o expressado na sentença do juiz” (p. 86).

Acusado e condenado são o *incorpóreo* que se dá nos corpos – e a partir deles – que se misturam com corpos/estado de coisas. Noutro agenciamento sugerido – sequestro de avião -, a ameaça do sequestrador que aponta uma arma para os passageiros é uma ação, tal qual a execução dos agora reféns – caso ocorra. Mas a transformação dos passageiros em reféns e do corpo-avião em corpo-prisão é uma transformação incorporeal instantânea. Os agenciamentos variam. O que permite a Deleuze e Guattari afirmarem que só há variação e cabe ao próprio agenciamento fazer uma espécie de paragem. Em que sentido? Na direção do empobrecimento da vida – congelando-a em formações tomadas como verdadeiras. Ou na direção da sua expansão – reinventando-se.

Aqui, reencontro *Eudoxa* – onde um modo individuado e pesado atribui-se a um *Eu* e onde, nas distribuições do discurso, pode acusar sua terapeuta – um *Tu* também individuado. A impessoalidade do agenciamento coletivo de enunciação é negligenciada. As muitas vozes numa voz são caladas e/ou desconsideradas. E da má consciência moral ao ressentimento, também moral, é a própria vida que *Eudoxa* acusa. Quer negar as transformações incorporais que tomam seu corpo e sua vida. *Que tipo de fantasias* poderão, um dia, dar mais vida à sua vida? Poderão?!

ELA, atenta, arrisca: *sim! sim! sim!*

Para tal, lembro, é preciso que *linhas de fuga* sejam efetuadas. E que, aqui, Deleuze e Guattari retomem suas considerações.

Expressar o atributo não corporal e atribuí-lo, ao mesmo tempo, ao corpo é intervir, inserir. É, ainda, agenciar. E o agenciamento – *maquínico de corpos* e *coletivo de enunciação* – é este encadeamento de expressados onde uma forma desterritorializa-se na outra. Ou seja, corpos em mistura desterritorializam enunciados e enunciados desterritorializam corpos. É uma tetralvência de *forças* que explicam os agenciamentos e, nele, o processo de deterritorialização. No primeiro eixo do agenciamento, estão os

corpos – estado de coisas – ligando-se, produzindo misturas, causando-se. Este é o aspecto material ou maquínico do agenciamento. Neste primeiro eixo também estão os regimes de signos ou máquinas de expressão cujas variáveis determinam o uso dos elementos da língua – aspecto coletivo ou semiótico do agenciamento. Num segundo eixo, onde corpos e enunciados articulam-se, estão os movimentos de desterritorialização, que quantificam suas formas e apontam para uma operação de *desforma*. Assim, um campo social se define “pelos seus conflitos e suas contradições, mas também pelas linhas de fuga que o atravessam” (DELEUZE; GUATTARI, 1988, p. 94).

As *linhas de fuga* – noção trazida de Elias Cannetti -, que dizem dos movimentos de desterritorialização, arrastam corpos e enunciados. *Que tipo de fantasia?* é o enunciado que arrasta *Eudoxa* – de um corpo-com-dificuldade-de-relacionamento para um corpo-apaixonado. Guimarães Rosa (1988) a nós juntaria-se – *agenciamento* – para “entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder” (p. 83).

Deleuze e Guattari (1988), no entanto, continuam dando pistas.

O agenciamento regula as variáveis a tal ou qual grau de desterritorialização, para determinar quais entrarão em relações constantes obedecendo a regras obrigatórias e quais servirão, ao contrário, de matéria fluente para variação (p. 103).

Distinguindo dois *usos* – tratamentos possíveis de uma mesma língua: *alta e baixa; maior e menor* -, o que dirá de suas diferenças serão o poder das *constantes* e a potência de *variação*. Não se trata de dicotomicamente opor uma língua maior a outra menor. Porque das variáveis extraem-se constantes; assim como constantes são postas, novamente, em variação. Assim como também, as línguas ou usos menores não se caracterizam como pobreza em relação às maiores ou *standard*; trata-se de um uso que, *em meio a*, impõe-se como *crítica* ao padrão.

Suponhamos: a constante ou o padrão seja Homem, branco,

macho, adulto, urbano, europeu, heterossexual... As minorias são estados objetivamente definíveis, estado de língua, estado de etnia, de sexo, com suas territorialidades de gueto; porém, também devem ser consideradas como germes, cristais de devir, que só são válidos se desencadeiam movimentos incontrolados e desterritorializações da média ou da maioria [padronizadas e dominantes] (DELEUZE; GUATTARI, 1988, p. 107/108).

Da *morte* e da *fuga* – para outros modos/territórios possíveis -, esclarecem:

A palavra-de-ordem é uma sentença de morte... Ela decreta a morte direta ao que recebe a ordem... Por mais que a morte se esforce em concernir essencialmente aos corpos, na realidade deve à sua imediatez, à sua instantaneidade, o seu caráter autêntico de uma transformação incorporal (p. 108/109).

Transformação de sentido, portanto.

Da fuga, dirão:

As variáveis entram em um novo estado, de variação contínua, e o limite aparece como a transformação incorporal que não cessa de atribuir-se aos corpos: a única maneira de não suprimir a morte, mas de reduzi-la, de convertê-la [colocá-la novamente] em variação (p. 112).

Transformar-se é o que se impõe. Morte e fuga não se confundem, assim como não se confundem os usos ou tratamentos da língua. No entanto,

a mesma coisa, a mesma palavra tem, sem dúvida, essa mesma natureza: há que extrair uma da outra – transformar composições de ordem em composições de passagem (p. 112).

Como agenciamento, a palavra é coletiva; como acontecimento, ela dá passagem ao devir. Como ordem, ela pode impedir o devir, sabemos! *Impessoal* ou *pré-individual*, não é necessariamente individual ou exclusivamente daquele que fala/profere. Muitas vezes, não somos nós que escolhemos o que falamos e mesmo com o que vamos (nos) agenciar: é ele/o agenciamento quem (nos) escolhe. Somos, portanto, feitos e efeitos de agenciamentos. Até onde? – cabe interrogar quando também nos sabemos habitantes/consumidores da forma Eu, numa consistente provisoriedade. As *fantasias de Eudoxa...*

Assim como os acontecimentos se efetuam em nós e esperam-nos e nos aspiram, eles nos fazem sinal... Chegar a esta vontade que nos faz o acontecimento, tornar-se a quase-causa do que se produz em nós, o Operador, produzir as superfícies e as dobras em que o acontecimento se reflete, se reencontra incorporal e manifesta em nos o esplendor neutro que ele possui em si como impessoal e pré-individual, para além do geral e do particular, do coletivo e do privado – cidadão do mundo (DELEUZE, 1974, p. 151).

Trata-se de querer o acontecimento. Se necessário, dizer *sim* ao *não* que nos chega – para renascer daí.

'*Eudoxa* ancora-se no medo. E ali fica. Nele, impossibilitada por um excesso de Eu, nega a vida. Nega-se aos encontros para afirmar a culpa, a acusação. Num Eu forte e

amargurado, num casamento sem problemas e mesmo sem cor ou gosto, acredita-se vitoriosa. Tal como Ulisses, personagem grego, salva-se dos riscos, perdendo o mundo e nele, o diverso. Perde, assim, o verso.’

Perder o verso. Transformar-se. Até onde? Quando? Querer o acontecimento. Dizer ‘sim’ ao que nos chega – com a coragem para *dar corpo ao suceder* e renascer daí.

‘*Eudoxa* teve seu casamento estrangulado. E, de vez em quando, deu para sentir uns medos – de dormir e de morrer; também, de não conseguir respirar. Chamaram de ansiedade e aconselharam até uns remedinhos. Ela recusou – a ansiedade e os remedinhos. E, mesmo, morrer. Separada, sobreviveu. Apaixonou-se novamente. Conta que *não rolou*. Acredita que *ainda*. Se por esperança ou se por uma aposta na vida, não sei. Mas sei o que conta: que tinha aprendido com aquela história da *fantasia*. Que fantasiar podia ser com mais gente ou sozinha. Que fantasiar também podia ser imaginar ao seu favor. E viver, de alguma forma, a presença de uma ausência. Tinha feito assim, mesmo depois de ter se separado. E continuava fazendo. Fantasia, imagina, ficciona. Assim, ama e é amada.’

ELA, que ainda está por ali, consegue afirmar um pouco de silêncio, para acompanhar minhas idas. E vindas.

Desfazendo Um Fecho...

Foi mais uma *entrevista-tornada-conversa*: *Conversa* entre práticas psi. MM é também ELA, prática psi que posso e que é possível até aqui; G é a prática psi outra, nomeada Grimm, tendo por inspiração o movimento dos irmãos alemães que, no século XVIII, ocuparam-se da criação de contos (de fada).

Era um final de manhã, era um livro e era um rádio; era a Filosofia e era a Música. Mais: era o Cinema e era a Literatura. É quando releio Deleuze (2009a) – a Filosofia interrogando o Cinema – que escuto, no rádio (a MPBFM), o músico Pedro Luis (que já foi E A Parede) falando do seu processo: Música e Letra, Letras e Literatura. Na sua vida,

também um tempo disciplinado, pelo pai, na infância: às tardes, em família, a leitura de livros. Sistemática, obrigatória e... prazerosa. Fragmentos, movimentos e um canto... É a *Sereia* que insiste. Que chama, seduz. E me leva.

A memória traz aquele título – “... Minha Vida em Suas Mãos”. E vem a vontade de convidar para uma conversa gravada a psicóloga que conheci naquela aula do curso. Ali, era 2010: a sua Literatura compartilhada com seus... Como chamaria as pessoas que atende? A Literatura e sua prática... Como chamaria sua prática? Quis saber mais, na vontade de provocar e de ser provocada. Será que toparia a *Conversa*? Assinaria o termo de compromisso – Livre Consentimento, nas palavras do Comitê?

Parto. Para as negociações. Quais seriam mais sedutoras? – Pergunto às *Sereias*. Com “minha vida em suas mãos...”, me confundo. A psicóloga parece muito reticente. E chama/provoca minha insistência. Não quer ser identificada; não entende o termo de consentimento; questiona o sigilo. Diz ‘não’?! Insisto. Também quero entender? Não! Quero a *Conversa*! Acredito que, se impregnada de Literatura, posso e pode ultrapassar tais questões para contar...

A *Conversa* é marcada – ainda tenho que (me) explicar: não é uma entrevista; é uma conversa. Mas como antecipar um como que ainda não se deu? Para dizer sim, a psicóloga parece exigir um método – tal qual um Comitê de Ética em Pesquisa. Isso - que vai sendo comum nos encontros-conversas com outras práticas psi - ali parece ranger. A Literatura ocupada com garantias no contar – histórias?! Insisto. E na praça de alimentação de um shopping, outro começo se dá. Estar ali é dizer sim. Ligo o gravador.

MM: Como você percebe e nomeia a sua prática? A minha prática, eu falo que eu atendo pessoas.

G: *Normalmente, eu diria o que, normalmente, todos dizem, que é uma prática clínica. Eu, normalmente, não me preocupo muito em nomear as coisas. Mas é o que normalmente se diz e a gente acaba repetindo, de alguma forma, o que dizem. Eu falo que é clínica, em contraposição, talvez, a outra prática mais direcionada a uma atuação empresarial. Neste sentido, que normalmente se aprende na faculdade. Eu acho que, pelo que você está me dizendo, eu poderia até dizer a mesma coisa que você diz. Na verdade, eu estou lidando com pessoas. Não sei se eu questionaria esse termo, agora, Psicologia Clínica que é o mais corrente. Se a gente for pensar em termos desta distinção, talvez essa aproximação com a prática médica, aí, talvez, a gente tivesse que pensar, realmente, um outro termo. Mas para efeitos didáticos, eu digo que é uma prática clínica.*

ELA: Depois de deixar para trás a percepção na insistência no uso da palavra 'normalmente', ela ocupa-se da problematização da/na linguagem. Intencional ou não, a problematização, obviamente, ocorre. A linguagem aprisiona? A linguagem libera? Mais adiante, será possível afirmar/lembrar/operar que das palavras-de-ordem podem ser extraídas as palavras-de-passagem.

MM: E onde ela se dá?

G: *Eu atendo dentro de um contexto de um hospital, num contexto hospitalar. Mas com características bem próximas de um consultório. Porque as pessoas vêm até nós. E, às vezes, vêm encaminhadas por médicos. Às vezes, não. ... por interesse particular. Até porque não têm condições de viabilizar um tratamento fora. Mas a nossa prática lá é muito... Eu digo que é bem parecida a uma prática de consultório, porque a gente consegue manter uma certa qualidade de atendimento no que tange, assim, a periodicidade de atendimento - semanal; no máximo quinzenal. Eu, particularmente, acho que o mesmo cuidado que eu atenderia no consultório particular. Então, a gente tenta manter ao máximo qualidade do atendimento, apesar de ser uma procura muito grande no contexto de hospital. Porque, talvez, fosse um pouco diferente de outros hospitais. Talvez, as pessoas não conseguissem manter uma prática parecida com a que a gente mantém lá. Inclusive, porque eu sou a chefe do Setor.*

ELA: Outra chefe?!

G: *Eu procuro primar pela qualidade nesse sentido. A gente já tentou evitar algumas medidas que foram impostas no sentido de direcionar a quantidade de sessões ou de juntar as pessoas em grupo para acelerar o processo. Não que a gente não pratique o trabalho de atendimento em grupo. Mas eu faço da mesma maneira que eu faria num consultório particular, agregando pessoas que eu achasse que fosse interessante estar em grupo. Não faço isso por uma pressão do hospital para adiantar o atendimento das pessoas que estão na fila. E, esporadicamente, eu atendo também em consultório particular. Mas numa parcela menor. Eu dedico meu tempo praticamente todo a atender nesse ambulatório desse hospital.*

MM: É um hospital público?

G: *Eu diria que é semi-público, porque não é aberto à população no geral. Mas também não é um hospital particular.*

MM: Tá bom. Vou ficar com o mistério de que lugar é esse.

ELA: Somos tomadas, ali, pela preocupação em identificar/não-identificar?!

MM: Mas a ideia é pegar, justamente, essas diferenças das práticas. Porque o que está pronto, arrumado, não me interessa – na pesquisa. Por que psicóloga?

G: *Boa pergunta. Na realidade, eu comecei assim... Eu estava no segundo grau ainda e me passavam, obviamente, várias opções pela cabeça. E uma delas, talvez até a primeira tenha sido a Filosofia. Eu sempre lia muito, gostava muito de Literatura.*

ELA: Eis a Literatura!

G: *Então, a Filosofia acabou não sendo uma opção muito viável. Porque eu necessitava, na época, de um retorno, mais rápido, financeiro. E achei que ia ser um pouco mais complicado. Acabei indo para a área de Letras, trabalhar com Literatura. E acho que foi uma particularidade da minha própria história, da minha própria constituição familiar, de uma série de perguntas que eu já me fazia há muito tempo. E a uma certa altura, também, eu fiquei com vontade de trabalhar numa coisa diferente. Eu era funcionária pública, antes. Queria trabalhar por minha própria conta, fazendo uma coisa onde eu*

pudesse me dedicar ao máximo, trabalhando no meu ritmo. E achei que a Psicologia tinha a ver comigo em função da minha própria vivência. As pessoas naturalmente me procuravam muito para conversar e eu não me dava conta disso. Isso foi, assim, desde criança. Eu era adolescente e tinham pessoas já trintonas, quarentonas, cinquentonas que vinham conversar comigo. Falar. Eu acho que sempre fui muito aberta e curiosa sobre as histórias das vidas das pessoas. Não no sentido de me meter, de querer saber. Mas eu sempre valorizei muito a experiência dos outros.

ELA: Experiência!!! O vivido entra em cena!

G: *E embarcava, mesmo. Achava muito curioso e interessante a diferença entre as pessoas. Então, a uma certa altura do campeonato, eu pensei: por que não conciliar isso? A vontade de fazer alguma coisa do meu jeito - porque, até então, eu era funcionária pública e todas aquelas coisas que eu detestava, que era falta de compromisso e muitas vezes você criar de uma forma diferente e o grupo, de uma certa forma, te coíbia, para que você se adaptasse às circunstâncias... Foi um somatório disso tudo. E me dei conta, de novo, que eu nunca tinha me afastado da Filosofia, no final das contas. Apesar de não ter feito, eu sempre lia muita coisa a respeito. E, aí, eu me dei conta de que eu acabei rodando e chegando no mesmo ponto. Porque, Psicologia, de alguma forma, é história de vida, é história de pessoas e você precisa da base da Filosofia. Aquele negócio, às vezes, você tenta fugir de uma coisa que é sua e acaba parando no mesmo ponto.*

ELA: E a Literatura que perseguimos? Perde-se neste ‘somatório’?

Juntas, agora, eu e ELA vamos contar de Nietzsche, de Deleuze e de Blanchot, que nos oferecem o poeta Mallarmé, que, na Poesia, também se ocupa da linguagem.

Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso – Ou: Quem Escolhe?

Quem escolhe? Quem ou o que decide acerca daquilo que nos chega? – A *intenção* de um sujeito? A vontade do que pudermos tomar como acaso/sorte/destino? A linguagem?

Quando tomamos o *sujeito* como subjetividade constituída a partir de um coletivo de agenciamentos heterogêneos, para problematizar sua condição de Substância, de Essência, de *natureza-existindo-desde-sempre*, damos movimento suficientemente a tais questões? “*Narrativas...*” apenas adiou sua retomada, impossibilitada de avançar numa espécie de sua radicalização? *Eudoxa*, modo ou funcionamento, salta do tempo e interroga – quem decide/escolhe aquilo que nos chega, se somos coletivos de agenciamentos heterogêneos? E “*Narrativas...*” aceita o desafio e faz reverberar: o que nos cabe – ainda como subjetividade produzida - a partir de então?

Se a obra de Michel Foucault orientou/orienta a problematização acerca do sujeito, a de Gilles Deleuze – também, mas não exclusivamente, com Felix Guattari – possibilitou/possibilita a apropriação de ferramentas para sua intensificação. Atualizando as considerações de Friedrich Nietzsche, Deleuze (1976) trouxe da específica poética de Stéphane Mallarmé semelhanças e distâncias – crítica filosófica. Intensificando pistas sugeridas por Michel Foucault, encontramos as formulações de Maurice Blanchot (1987) e, nela, re-encontramos a poética de Stéphane Mallarmé – crítica literária? Em todos, a crítica. Círculo? Não. Porque não fechamento, mas *abertura*. Distâncias e dispersões: na existência, o devir; na Literatura, uma *outra fala*.

Mallarmé, o poeta francês nascido no século XIX, assim como seu contemporâneo, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, exatamente porque críticos, insistem em suas atualidades. E estas, extemporâneas, forjam-se, aqui, como novas/outras ferramentas de engendrar pensamento. Pensamento que não se propõe como arranjo de respostas, mas como intensificação do *descaminhar* foucaulteano e/ou da *distração* feliz blanchoteana. Na afirmação da dissonância, a intenção é na/da construção de um pensar disperso. Sendo assim, sem o compromisso de síntese e/ou concordância/consenso.

ELA ainda intervém:

Que seja com Deleuze, com Blanchot ou, ainda, com Nietzsche, que se retrace um descaminhar distraído e feliz.

O que nos cabe? – insiste o Mar de Linguagem.

Para descomeçar, afirmar que Mallarmé trazido por Deleuze é diferente daquele Mallarmé de uma interlocução nietzscheana e diferente daquele que inspira grande parte da obra/pensamento de Blanchot. Importa, para todos e aqui, que a crítica mallarmeana surge da/na Poesia. Nela, uma linguagem *outra*.

“A tradução transcria!” afirma Álvaro Faleiros (2007) No Brasil, em 1975, Haroldo de Campos ocupou-se da tradução, para o português, de *Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso* - poema escrito no século XIX por Mallarmé. Esta tradução, porque polêmica, agita o que sugere um para além: a repetição como diferença - como impossibilidade da repetição do mesmo. E, nela, essa afirmação: *transcrição* (Faleiros, 2007), *que opera*

uma proliferação estética. Assim, menos que entender o que efetivamente o poeta francês intencionou dizer, cabe operar aquilo que o próprio Deleuze (2014) propôs acerca do pensamento e da afirmação de Nietzsche: “se você quiser saber o que eu quero dizer, encontrem a força...” (p. 324) – tornando o pensamento nômade.

A tradução na Literatura seria, ainda, Arte? *Transcrição* – propõe Álvaro Faleiros.

... boa tradução é aquela que
'em relação com a poética do
texto inventa sua própria
poética, e que substitui as
soluções da língua pelos
problemas do discurso, até
inventar um novo problema,
como a obra inventa'. E 'é
justamente por inventar novos
problemas que uma tradução
acaba por provocar uma outra
ainda; questões em processo,
sujeito e história que se
reconfiguram (FALEIROS,
2007, p. 11).

As considerações de Faleiros acerca da tradução – *transcrição* - remetem ao proposto por Walter Benjamin ao analisar o Conceito de Crítica Estética no Romantismo Alemão (BENJAMIN, 2002). É possível pensar numa específica relação entre a Filosofia e a crítica da obra de arte. Os irmãos Schelegel viram, na experimentação crítica da filosofia com a arte, não apenas a reflexão da primeira sobre a segunda, mas, na intensificação desta, um arremate. Vemos, ainda, na crítica, já a criação de uma outra coisa - obra. Assim, podemos afirmar que este tipo de crítica - que não intencionamos explicitar – é uma experimentação que cria outra obra; que faz arte.

Em “Por quem os sinos dobram, Robert Jordan, descobrindo a importância do instante em que está vivendo, repete em várias línguas a palavra agora” (BLANCHOT, 1997, p. 172). – Blanchot escreve acerca da tradução na Literatura. E afirma que “transportar para o francês uma obra grega ou latina já era realizar o essencial de um ato criador” (p. 173). Neste caso, tratar-se-ia de afirmar ou de suprimir a diferença/distância?

Traduzido do Silêncio, esse
título de Joe Bousquet, é como o

desejo de toda uma literatura que gostaria de permanecer uma tradução em estado puro, uma tradução aliviada de algo a traduzir, um esforço para reter da linguagem a única distância que a linguagem procura guardar em relação a ela mesma e que no limite deve resultar em seu desaparecimento (BLANCHOT, 1997, p. 173).

“*Maintenant, ahora, now, heute*”. Há, segundo Blanchot, um Jordan “um pouco decepcionado pela mediocridade desse vocabulário” (p. 172). Porque

‘Agora’, pensa ele, ‘palavra estranha para expressar um mundo todo e nossa vida.’ E busca outros termos: *Esta noche, Ce soir, tonight, heute Abend*. Tenta encontrar nessas palavras o que significam, para ele, seu encontro com Maria, que é também seu encontro com a última hora, encontro com a morte. Ele pronuncia então as palavras *dead, mort, muerte e todt*, depois as palavras *war, guerr, guerra e Krieg*. A palavra *todt* parece a mais morta de todas: a palavra *Krieg* é a que mais se parece como a guerra. ‘Ou seria apenas porque ele sabia menos alemão que as outras línguas?’ (p. 172)

Distância? Aproximação? – O que pode uma tradução? *Trans-criar* no limite: aproximar distanciando.

Essa impressão de Robert Jordan faz refletir. Se é exato que uma linguagem nos parece mais expressiva e mais verdadeira se a conhecemos menos, se as palavras precisam de certa ignorância para guardar seu poder de revelação, tal

paradoxo não é feito para nos surpreender, já que os tradutores sempre o encontram e já que ele representa um dos principais obstáculos e o principal recurso de toda tradução (p. 172).

Estratégia literária. Apenas?

Que a obra literária queira guardar distância, que tente afastar-se do intervalo que faz de qualquer tradução, por melhor e mais bem escrita que seja, uma obra estrangeira, eis o que explica (em parte) o gosto do simbolismo pelos termos raros, a busca do exotismo, o sucesso das ‘Histórias extraordinárias’, a vitalidade de toda literatura preciosa e de grande número de teorias que visam encontrar receitas ou fórmulas para afastar de nós a linguagem que nos parece às vezes tão próxima, que não mais a ouvimos (p. 173).

MM: Uma história para lembrar.

G: *Olha, dentro da Psicologia, eu tenho muitas. Eu acho que não vou esquecer nenhuma delas assim tão fácil.*

ELA: Falamos em lembrar; ela em esquecer?!! Ah, esses hábitos dicotômicos...

G: *Agora, uma tá vindo à minha mente... é uma neste mesmo lugar que a gente está. Talvez numa mesa um pouco para lá. De um trabalho que eu fiz num curso de Especialização que foi um estudo de caso sobre um paciente. E, aí, eu fiquei um ano fazendo o trabalho. E quando eu estava perto de fechar... Eu tinha combinado com ele da gente se encontrar novamente ver como é que estava...*

ELA: Ele?! O estudo?! O caso?! O trabalho?!

G: *... ver o resultado, entre aspas - não sei se é possível usar esta palavra – durante o tempo em que nós ficamos juntos e devolver para ele o trabalho; pedi pra ele ler, comentar. Já estava previsto. E uma das primeiras coisas que ele me falou, foi ali, na entrada. Ele olhou para mim e falou assim: ‘você acha que o psicólogo esquece o paciente? Pode esquecer o paciente?’ Aquilo foi uma coisa tão terna. De tudo o que estava por trás, entre aspas, porque a gente não sabe de tudo o que se passa na mente e no coração do outro. Mas foi uma coisa tão marcante - tanto pra ele quanto pra mim. Na verdade, eu acho que ele quis me dizer, entre outras coisas, ‘eu não me esqueci de tudo o*

que a gente viveu juntos e como isso foi importante para mim'. Então, tem mil histórias; tem mil bilhetinhos de pacientes, carinhosos que as pessoas me mandam. Recentemente, um que eu fechei e ele me disse que ele não podia fechar sem antes me dizer da importância que eu tinha tido na vida dele. Ele é professor e está fazendo doutorado, agora. E que era tão bom quando um aluno chegava para ele e falava que ele fazia diferença. Então, ele não podia deixar de dizer o quanto aquilo tudo que a gente tinha passado junto tinha feito diferença na vida dele.

ELA: Diferença: aquilo que deixa marca de sim. Mais um sentido/direção da palavra – afetada pela/na vida!

G: *Em alguns momentos, chegou a ser uma das coisas mais importantes da vida dele, foi à época em que ele estava ali. Então, são muitas histórias de pessoas com quem eu aprendi muito. E eu nunca tive receio ou melindres de dizer isso para eles, que eu aprendi muito com eles, naqueles momentos.*

MM: Quando achei que seria bacana conversar contigo pra essa pesquisa, eu acho que apostei numa sensibilidade diferenciada, no sentido de não ter que dar conta de uma teoria bem aplicada na prática. E, aí, foi ouvindo ou lendo o título de um trabalho seu, que era 'Minha vida em tuas mãos'...

G: *Já mudou. Não é mais isso.*

MM: Naquele momento ali, eu vi que era um outro olhar para o que a gente chama 'caso'; outro olhar para o que é a vida das pessoas. E, aí, eu queria que você falasse um pouco como é que a Literatura entra na sua prática.

ELA: Ah, essa insistência...

G: *Agora, você está falando da sensibilidade, eu estou pensando. Eu falei só de coisas aparentemente boas que marcaram.*

ELA: Marcaram – diz também do que é para lembrar.

G: *Mas é óbvio que tem muitas coisas dolorosas e difíceis na caminhada. Uma delas, acho, que, talvez, tenha relação com isso: até onde você pode ir? Até onde a vida do outro é da sua conta e não é? Tem muitas coisas que eu penso, muitas vezes. E algumas vezes até cheguei até pensar se devia estar fazendo o que eu estou fazendo, mesmo. Eu acho que isso complica um pouco para mim, porque como eu tenho uma autocrítica muito grande, eu estou sempre pensando: será que eu tô achando que é por aí? ...que eu estou enganada? Toda hora, eu paro pra pensar nisso. Porque, por exemplo, na dissertação, quando eu escrevi, uma das pessoas da banca fez diversas marcas, fez diversas observações; fez críticas muito pesadas. Não ao trabalho acadêmico, mas à minha prática, ao meu estilo, quase, de ser. Então, foram alguns dias muito complicados para mim. Naqueles dias, eu senti que atendi mal. Eu senti que eu fiquei muito mais crítica em relação a tudo o que eu estava fazendo. Cheguei a falar para o orientador: 'olha, isso mexeu tanto comigo, que eu estou me sentindo um pouco empedrada, meio...' Porque eram coisas que a pessoa estava dizendo... eu acho que era o que tinha mais de mim em tudo aquilo. Era o que era mais meu em tudo aquilo. Você está falando de teoria e tal. E eu fico, muito, com um pé lá e outro aqui. Eu sempre fui muito preocupada em não estar, realmente, sei lá, muito deslumbrada com as coisas que a gente estuda. E achar que você está seguindo o caminho que deveria ir e, de repente, tá se embananando. Então, eu fico sempre numa luta entre o que eu acho que é mais meu, que é mais o meu estilo, que eu tenho que preservar, de certa forma, em respeito, até, à pessoa que eu sou, com todas as falhas e defeitos que eu tenho. E àquilo que eu*

pretensamente deveria estar fazendo. Então, é uma coisa, para mim, muito dolorosa. Então, eu estou pensando nisso o tempo todo, revendo isso o tempo todo.

ELA: Questões importantes são colocadas. Por onde passa a crítica? Para além da responsabilidade de um Eu para com a vida do outro, um Tu – há muito, desdigo o “Pequeno Príncipe” (SAINT-EXUPÉRY) –, apontam para a ‘implicação’, para a apropriação teórica que atravessa e constitui uma vida, um modo. Apontam para um certo cuidado com aquilo que falamos com/ao outro; apontam para o que atravessa uma vida e (me) faz ter alguma coisa a ver com isso... Uma banca, Eudoxa... O que pode a palavra: criar mundos e modos; destruir tantos outros.

MM: Você está respondendo à pergunta que eu não fiz – alguma coisa para esquecer -. Alguma coisa para esquecer é alguma coisa que machuca a gente. E eu tento trazer uma coisa para a minha vida que é muito importante. Você usou o termo ‘empedrada’. É um outro que tem um modo de entender a vida ou a prática, uma pesquisa, que não coincide com a minha e ele não pode me endurecer. Ele não pode quebrar a minha capacidade de criar a minha prática ao meu estilo. Você está falando da experiência de quase ser avaliada – julgar é o papel de uma banca? - e que podia empedrar a sua sensibilidade. Isso é para esquecer: pessoas que não contribuem e podem tirar a força que tem a nossa prática. Maus encontros.

G: *Mas eu não sei, aí, no caso, se é empedrar a sensibilidade ou se eu estou falando, mesmo, da minha preocupação de estar, de repente, até mesmo... serve para algumas coisas. Porque isso pode acontecer. A gente se depara, às vezes, com tanto profissional que está tão acostumado à maneira de ser, de pensar e de agir, que pode estar falhando e não estar se dando conta.*

ELA: ‘Acostumado’ aqui parece ter o sentido de perder o senso crítico. Mas crítica é julgamento?

G: *Eu estou sempre tão preocupada com isso. Porque acho que é uma coisa séria demais – você estar lidando com a vida das pessoas. É ainda mais quando é nesse caso. Porque as pessoas me dão muito esse retorno. Que nem essa pessoa, no dia que fechou comigo falou: ‘olha, você atende a gente de uma forma muito diferente do que eu jamais vi’. E é claro que ele estava falando, também, de todo um contexto hospitalar. Eu acho... Não sei se ele tinha feito terapia com alguém. Não me recordo agora. E essas pessoas me dizem isso com tanta frequência que isso acaba me preocupando, às vezes. E ele me deu esse retorno: ‘você está, sempre, tão próxima e, às vezes, você está – qual foi o termo que ele usou?’*

ELA: Para esquecer!!!!

G: *Não foi ‘se implica’. Mas um termo que a gente usa muito. Enfim, foi alguma coisa ‘você está tão próxima’. E, aí, quando alguém de fora pretensamente... é um doutor, uma pessoa que tem uma carreira, tem uma vida ... E eu acho que a gente tem que ter uma certa humildade e parar para pensar, também, se a gente não está, de repente, escorregando. E foi nisso que eu me preocupei, muitas vezes, e continuo me preocupando. Não estou querendo ganhar lauréis e medalhas de ninguém. Eu estou, realmente, preocupada que aquela pessoa aproveite aquele momento da melhor forma para a vida dela. Então, se eu descobrir que eu estou fazendo algo que está boicotando ou interrompendo isso, é bom que eu saiba. É bom, pra cuidar disso.*

ELA: Desconfiemos da crítica, reativa, que vai somente até o ‘não’. Que bom que ela – crítica – possa alcançar os ‘sins’ que insistem na vida reinventada...

MM: Na sua prática de atender pessoas, usando a Literatura ou uma sensibilidade para a Literatura, desse momento ali com o paciente, em algum momento, você teve um 'não'? Na sua prática efetiva, diferente de um momento de avaliação de um trabalho de pesquisa, esse modo de trabalhar, usando Literatura, ali você viu que estava fazendo mal à vida de alguém?

A vida é um lance de dados, onde o traduzir para compreender o mais próximo possível, ao modo da Literatura, opera uma ruptura (crítica) e *transcria* – intensifica uma *desambientação*. A linguagem/a palavra quando não mais para compreender, serve para distanciar - como o acaso quer ser afirmado, repetindo o processo, diferenciando-se. Quem escolhe viver o que chega? A intenção de um sujeito? Que tipo de sujeito? Em que condições? Um sujeito produzido/efeito de agenciamentos? Um modo de existência aberto ao não linear? Aquele que quer o acontecimento e faz-se digno do que lhe chega? Ou, como sugere e problematiza Auterives Maciel Junior (2005) há, “no mundo contemporâneo, uma impossibilidade de escolher” (p. 51)? Ou, ainda, aquele que, ao modo da Literatura, *desambienta-se*?

G: *Não exatamente esse fazer mal. Mas... Eu não sei exatamente o que você está dizendo com 'usar a Literatura'.*

ELA: Caramba! Não entendi nada!

G: *Mas a gente escorrega, a gente falha, né? Nem sempre o estilo da gente se coaduna com aquilo que a pessoa vem buscar. E eu já atendi gente demais. Muita gente, mesmo. É muito nesse sentido. Porque no consultório particular, às vezes, pela própria situação do país, nem todo mundo tem condições de bancar. Lá, é uma procura muito grande. Então, eu tive – assim – o privilégio de cruzar com muitas pessoas. E a grande maioria engajou. Algumas, não. E é claro que por questões, obviamente, da pessoa também. Mas, em alguns momentos, eu chego a refletir, uma dessas situações e penso, tendo a pensar que eu, talvez, tenha escorregado, de alguma maneira, a dificultar o processo de retorno dessas pessoas. Mas isso não é uma coisa que eu possa controlar. Eu acredito que, de vez em quando, a gente fique um pouco desatenta ou não tão entregue àquele momento. Enfim, não sei. Pode ser até que seja um excesso de auto-crítica. Não sei.*

Blanchot vem ao nosso auxílio.

Que a obra literária queira guardar distância, que tente afastar-se do intervalo que faz de qualquer tradução, por melhor e mais bem escrita que seja, uma obra estrangeira, eis o que explica (em parte) o gosto do simbolismo pelos termos

raros, a busca do exotismo, o sucesso das “Histórias Extraordinárias”, a vitalidade de toda literatura preciosa e de grande número de teorias que visam encontrar receitas ou fórmulas para afastar de nós a linguagem que nos parece às vezes tão próxima, que não mais a ouvimos (BLANCHOT, 1997, p. 173).

Cabe à Literatura, na preservação de sua diferença, escapar ao cotidiano, ao ordinário – *desambientar*, portanto. E “é sabido que a Literatura clássica pediu à cultura e às línguas antigas essa desambientação” (BLANCHOT, 1997, p. 173).

Transpor para o francês uma obra grega ou latina já era realizar o essencial de um ato criador. Francine, procurando justificar o tema próximo demais de Bajazet, fala do ‘afastamento dos países que corrige, de algum modo, o excesso de proximidade dos tempos’ (p. 173).

ELA antecipa-se e afirma.

É estratégia da vida, também e por vezes, *desambientar*. Isso se dá em um reverso, num movimento de contra-efetuação que pode ser, mesmo, operado/afirmado pelo sujeito – quando este se recusa a compreender cada vez mais, e negar, aí, a afirmação do acaso como necessidade da processualidade da diferença. Onde e quando não é mais possível re-conhecer, é preciso uma *outra linguagem* da/na linguagem. É preciso deixar a representação das/nas significações cotidianas e consensuais e buscar os sentidos – *incorporais* experimentados nos corpos. Para tal, é necessário não adoecer a vida/existência.

Retomando o poeta... É na proliferação dos versos - no *Lance de Dados* de Deleuze, que lê e *transcria* Nietzsche que lê e *transcria* Mallarmé – que o acaso é afirmado como necessidade. E para trazer *semelhanças*/aproximações e distâncias entre “Nietzsche e

Mallarmé”, Deleuze (1976) parte de Heráclito – filósofo grego pré-socrático/século 500 aC. Que compreende a existência a partir de um *instinto de jogo*. Trata-se de afirmar a inocência na contra-efetuação de um modo moral – cristão e metafísico - de acusar a vida/existência, procurando responsáveis fora de nós ou mesmo em nós. Metafisicamente, racionalmente, trata-se de procurar responsáveis, explicações, determinações em um mundo de lógica outra - lógica das Ideias – e negar a existência.

Dando movimento à questão *quem e ou o que decide acerca daquilo que nos chega?*, Deleuze, já tinha proposto, a partir dos estoicos, em “Do Acontecimento” (Deleuze, 1988, p. 151). “*Querer alguma coisa no que acontece e ser digno daquilo que nos acontece*” (p. 151) é outro modo de afirmar o acaso como necessidade. Em “Nietzsche e a Filosofia” (1976), no entanto, oferece o seguinte arranjo:

Há um jogo. “A inocência é o jogo da existência, da força e da vontade” (DELEUZE, 1976, p. 19). A existência - afirmada e apreciada, a força não separada, a vontade não desdobrada – “nada tem de responsável e nem mesmo de culpada” (p. 20). Trata-se, neste caso, de afirmar o devir como ser. Ou seja, apontar para o fato da vida, em sua capacidade de mudar. Em Heráclito, Deleuze também viu distâncias que aproximou.

Heráclito negou a dualidade dos mundos, negou o próprio ser. Mais ainda: fez do devir uma afirmação... só há o devir. O devir não pode ser julgado e não pode receber sua lei de fora. O devir e o caos não se opõem. Basta afirmar o caos (acaso) para afirmar, ao mesmo tempo, o número ou a necessidade – irracionalidade que o traz de volta (DELEUZE, 1976, p. 19).

A *irracionalidade* é trazida como contraponto à razão – esta, *combatida* pelo filósofo alemão. Neste momento, Nietzsche é literalizado: não houve inicialmente um caos, como sugeriu Platão, e depois pouco a pouco um movimento regular e circular de todas as formas. Há o devir – atravessando a existência e/ou afirmando-a em sua absoluta necessidade de mudança.

Em cada afirmação da existência inocente, é preciso ter claro que a operação do jogo – chamado *lance de dados* – não retoma a divisão de mundos. “O jogo tem dois momentos que são de um lance de dados: os dados lançados e os dados que caem” (p. 21). Duas *mesas* da vida, numa mesma vida, “dois tempos do jogador ou do artista” (p. 21.).

Trata-se de um só lance de dados que, devido ao número de combinação produzida, chega a reproduzir-se como tal... Os dados lançados uma só vez são a afirmação do acaso, a combinação que formam ao cair é a afirmação da necessidade (DELEUZE, 1976, p. 21).

O homem da razão – modo de existência que tende ao domínio da conservação – é um “mau jogador”, visto que, separando a vontade do que ela pode (afirmar), acusa a vida, negando-a – e acusando-a em sua afirmação. Modo/funcionamento *Eudoxa* - que quer compreender/explicar e ter garantias e, assim, difere do modo/funcionamento jogador/artista que afirma uma “justificação estética da existência” (DELEUZE, 1976, p. 27): quando “a necessidade e o jogo, o conflito e a harmonia se casam para gerar a obra de arte” (p. 27). Trata-se da vida, *desambientada* sendo re-criada e afirmada.

Deleuze (1976) vê a aproximação do poeta alemão com a lógica platônica e assim, afirma que “Mallarmé sempre concebeu a necessidade como abolição do acaso” (p. 27) e insiste:

Mallarmé é o lance de dados, mas revisto pelo nihilismo, interpretado em perspectivas da má consciência e do ressentimento. Ora, desligado de seu contexto afirmativo e apreciativo, desligado da inocência e da afirmação do acaso, o lance de dados não é mais nada. O lance de dados não é mais nada se nele o acaso é oposto à necessidade (p. 28).

Na proliferação, o *Lance de Dados* de Blanchot que lê, traduz e *transcria* Mallarmé, no entanto, vemos a Literatura afirmando a necessidade do acaso. Intensificando esta percepção, “*Narrativas...*” propõe: a vida afirmando a necessidade do acaso. Nele, a mudança.

“Senti sintomas deveras inquietantes causados pelo ato só de escrever” (MALLARMÉ apud BLANCHOT, 1987, p. 31). Com essa afirmação de Mallarmé, ELA e Blanchot percorrem a poética crítica de Mallarmé. “Um lance de dados é o irreal e o incerto” (BLANCHOT, 2005, p. 344). Com essa afirmativa, encontram o sentido/a direção crítica ao que é tomamos por *real* e por *certo*: apaziguamentos determinados pelos reconhecimentos. Trata-se, então, de percorrer a *reversão* proposta por Mallarmé na Literatura/Poesia estendendo-a para a vida – esta *ficção com realidade*.

Blanchot (2005) propõe:

Se (de maneira um pouco apressada) admitirmos que Mallarmé sempre reconheceu, no verso tradicional, o meio de vencer o acaso, palavra por palavra, veremos que há, em Um Lance de Dados, uma estreita correspondência entre a autoridade da frase central, declarando invencível o acaso e a renúncia à forma menos casual de todas: o verso antigo. A frase um lance de dados jamais abolirá o acaso não faz mais do que produzir o sentido da forma nova cuja disposição ela traduz (p. 343).

O acaso contra-põe-se à lei – se não para vencê-la, para flagrá-la numa espécie de inoperância.

O acaso não é liberado pela ruptura verso regrado: pelo contrário, sendo precisamente expresso, ele está submetido à lei exata da forma que lhe corresponde e à qual deve corresponder. O acaso é senão

vencido, pelo menos captado e elevado à figura firme de uma forma em que ele é encerrado. Daí, novamente, como uma contradição que abranda a necessidade (BLANCHOT, 2005, p. 343).

Declarar invencível o acaso é admití-lo. Afirmando, no entanto, por uma *lei/operação* outra – movimento aberto e não linear, num espaço outro. Mallarmé vê na arte – o Livro – essa *realização*. Trata-se de uma afirmação diversa, voltada para ela mesma. Nesta operação, “falar e escrever devam cessar de convir à compreensão” (p. 297). A escrita, “colocando-se fora de um horizonte estável” (p. 300), passa a ocupar um espaço de “tensão que coloca tudo em questão” (p. 300), rejeitando “o próprio horizonte de um mundo” (p. 300). Mundo, então, cotidiano, apaziguado e reconhecido.

Se, para Mallarmé e/ou para Blanchot (2005), essa experiência da Literatura – “dispersão” (p. 300) – restringe-se à Poética, ao Livro, e à *linguagem* outra e crítica aí operada, para “*Narrativas...*”/ELA, esta é a experiência mesma, e/ou também condição, que se/nos apresenta a vida quando impõe ser reinventada. Até onde se trata de compreender? E compreender para fixá-la no mesmo? Para avançar? Quem decide? Quem escolhe? A vida, *ao modo da Literatura*, impondo-se como outra, recriada, coloca-se fora de um horizonte estável, passa a ocupar um espaço de tensão que coloca tudo em questão e rejeita o próprio horizonte do de um mundo então cotidiano, apaziguado e reconhecido. Trazendo aquilo que escapa à unidade, essa é a experiência do que “é sem entendimento, sem acordo, sem direito” (p. 300) - ainda e/ou provisoriamente. Esta é a experiência da Literatura e/ou da Vida - que para além de *pedir a compreensão o mais próximo possível*, nas regularidades, nos entendimentos, nos reconhecimentos apaziguadores, impõe-se e expõe-se como *erro*, como *fora*, como *inacessível*, como *irregular*, como *impessoal*. Tudo isso é, ainda ou já, Vida.

Um Lance de Dados nasceu de um entendimento novo do espaço literário, um espaço onde podem ser engendrados, por meio de novas relações de movimento, novas relações de

compreensão (BLANCHOT, 2005, p. 346).

E, tal como um fragmento da vida, ELA insiste em apropriar-se,

Uma frase não se contenta com desenrolar-se de uma forma linear; ela se abre; por essa abertura, sobrepõem-se, soltam-se, afastam-se e juntam-se, em diferentes níveis de frases, outros ritmos de falas, que se relacionam uns com os outros segundo firmes determinações de estrutura, embora estranhas à lógica comum - lógica de subordinação - a qual destrói o espaço e uniformiza o movimento (p. 347).

Na Literatura,

Mallarmé dotou o homem de uma experiência nova: o espaço como aproximação de um outro espaço, origem criadora e aventura do movimento poético (p. 349).

No entanto, para além da Literatura e/ou ao seu modo,

Um Lance de dados nos ensina que há algo a dizer... Todo pensamento emite um lance de dados. Essa sentença, isolada por um traço quase duro... é a cláusula - lei - e é a abertura (p. 358).

A Literatura nos ensina a escapar, portanto, à linguagem representativa/significadora. Isso é absolutamente necessário quando e onde a vida *desambienta-se*, pedindo para ser re-inventada.

MM: Por que você aceitou essa conversa, participar dessa pesquisa comigo – além do que eu sou muito chata e insistente?

G: *Primeiro, porque eu acho que você é ...você, mesmo. Outra, porque eu estou num momento da minha vida que estou tentando mudar muita coisa em mim. E eu acho que uma das coisas talvez fosse essa: de me tornar uma pessoa, talvez, mais colaborativa.*

ELA: Palavra bacana! Experimento, agora: co-labora-ativa. Trabalho ativo junto!

G: *... mais aberta. Eu tenho uma característica mais de extroversão – de introversão, aliás.*

ELA: O ato que falha quando fala diz do que quer afirmar: a extroversão! Viro psicanalista?!!

G: *Então, tem uma série de coisas que eu estou, neste momento, querendo modificar. Então, ser mais aberta, mais solidária. Estar mais disponível para ajudar. Eu acho que essa própria questão da auto-crítica, que eu estou tentando rever, com uma certa dificuldade, por tudo o que eu já falei. Talvez, em outra situação eu ainda ia ficar um pouco assim: ‘ah; será que eu devo?’*

ELA: E não ficou, quando a percebemos reticente?!

G: *Ou: ‘como é que vai ficar o que eu disser?’ Então, justamente, o que eu estou tentando agir de forma contrária do que habitualmente eu ajo e tentando me transformar em uma pessoa diferente em pequenas coisas. Eu acho que isso, talvez, tenha colaborado.*

MM: Minha vida em tuas mãos – é um trecho da Clarice [Lispector]?

G: *Não! Isso me veio. Mas não ficou. Foi uma das coisas que me mandaram cortar. Eu acho que, também, não fez muita falta, não.*

ELA: Caramba!!!!

MM: E como ficou?

G: *Ficou só Análise Fenomenológica de Histórias de...*

ELA: Parte do registro gravado é perdido. Ah! o acaso que afirma o absolutamente necessário!

MM: Uma pergunta para mim.

G: *Eu fazer uma pergunta pra você?!*

ELA: Algum tempo de espera e surge a pergunta.

G: *O que, em tudo o que você fez até agora, no Doutorado, mudou a tua vida, a tua perspectiva daquilo que você também faz ou pretendia fazer quando você começou?*

MM: Pergunta difícil.

ELA: Todas as perguntas parecem difíceis. Porque provocam análise de implicação.

MM: Ela não mudou. Ela intensificou. Intensifica o que eu quero da vida, que são essas outras sensibilidades, essas não-obediências às formas. Eu acho que é isso que eu vi no seu percurso, ali; naquele momento em que eu vi seu trabalho, um título seu. Achei que era um título de uma Literatura já formalizada – nem sei se se pode dizer isso. E eu quero intensificar essas diferenças. Pensar que eu não atendo casos. Eu acho que estou aqui vendo isso: eu acolho vidas, que me atravessam, que me emocionam, que eu passo a contar, a fazer parte daquela história, daquelas vidas que eu atendi – seja em ambulatório, em hospital, em consultório particular. Eu quero a sensibilidade para ouvir e para contar.

ELA: Mais um silêncio.

MM: Vê se é possível trazer a história de uma vida que você ouviu.

ELA: Outro silêncio.

MM: Deixa eu te explicar o porquê. Uma parte dessa pesquisa é contar, sem o compromisso com a verdade ou com a mentira. É tornar ficção aquilo que me contam – seja paciente meu, sejam encontros que eu faço, sejam vidas que encontraram pessoas que eu encontro. Teria alguma história de alguma vida que você achasse... Olha só!

ELA: Mais silêncio. Desta vez, sustentado. Não ao modo psicanalista. Mas para quem venha a história!

G: *São tantas que é difícil até eu pensar numa em particular. Estou tentando pensar. Você quer mesmo uma ou eu posso falar de um tema que diz respeito a todas elas?*

ELA: A vida?! Uma vida!

MM: Sim. Se eu achar que eu quero mais, eu vou perguntar mais.

G: *É até uma coisa que vem me intrigando de uns tempos pra cá e que, justamente, deu origem à questão da dissertação, né? A gente está falando disso tudo aí, de vidas, se é clínica, que nome é. É uma coisa que, às vezes, eu me preocupo porque a gente...*

ELA: ??!!!

G: *A gente é da área; a gente estuda, pesquisa. E a gente sabe que... não estamos ali no lugar de resolver, de transformar, de dar respostas. Mas as pessoas, de uma certa maneira, vêm até a gente com essa expectativa, com essa... Sei lá se eu chamo de ilusão. Enfim. E, de alguma forma, não deixa de estar correta – entre aspas isso -, porque nossa prática é vendida quase como um produto, não é?*

ELA: É!

G: *Se for pensar quem é o profissional a quem você tem que procurar se você está deprimida ou com estresse ou com pânico? É o psiquiatra ou o psicólogo. Muitas vezes, as pessoas vão até o psiquiatra. E aqueles mais esclarecidos...*

ELA: Críticos?!

G: *... recomendam procurar um psicólogo. Muitos chegam até a mim dessa forma. Então, assim, quando você estava falando de vidas e eu falando, desde a época da minha infância, que eu ficava tão deslumbrada com as histórias de vida – tantos os sucessos, entre aspas, quanto os fracassos, entre aspas - as alegrias e as dores dos sofrimentos. E é complicado, às vezes, deixar isso transparecer ali naquele momento, quando você está com uma pessoa. Porque ela chega até você, ela não está, de repente, tão interessada que você se deslumbre com a história dela.*

ELA: Será que é isso que pensa quando afirmamos que acolhemos vidas, que nos chegam, que nos atravessam, que nos emocionam' ou que somos tocadas pelas vidas que nos chegam?! Deslumbramento?!

G: *Ela quer que você dê respostas, que você transforme, que você fale alguma coisa que tire ela daquele sofrimento. Então, foi, mais ou menos, baseada nisso que eu escrevi, que eu tentei escrever o que eu escrevi na dissertação. Que é essa questão de colocar a vida na mão de outra pessoa. E, às vezes, não é o que elas querem ouvir, que elas precisam ter autonomia. Ou assumir a autonomia que, em algum momento da vida delas, elas perderam para reconduzir a vida delas, de alguma forma. Então, talvez muitas... as principais histórias de alguma que eu poderia de dizer tem a ver, um pouco, com isso.*

ELA: Parece que fala sobre. Impaciente, calamos: cadê a história?!

G: *Por exemplo, uma dessas histórias que acabou não entrando - porque eu tive que cortar um monte de coisas - que eu acabei chamando...*

ELA: Enfim, a história. Enfim, atravessada de Literatura!

G: *No caso, o codinome dessa pessoa de Gata Borracheira. Porque foi a história de uma pessoa que perdeu a mãe muito cedo. O pai teve vários casos extra-conjugais. E, praticamente, uma dessas pessoas com quem ele veio a se casar não queria essa pessoa em casa e colocou essa decisão na mão do pai – ‘ou você fica com ela ou comigo’. E o pai a colocou num internato. Então, coisas que me fizeram lembrar muito a história da Branca de Neve... Da Branca de Neve?*

MM: *Da Cinderela.*

G: *Da Cinderela. E, aí, quando eu falei para ela que ia escrever um pouco, contar a história dela e dar esse nome, ela falou: e eu sempre pensei em mim como Gata Borracheira. Eu tinha colocado Cinderela, na época.*

ELA: *Cinderela e Gata Borracheira são nomes proliferados para o mesmo conto dos Irmãos Grimm - que, por sua vez, proliferaram no contar de outros autores.*

G: *Uma história de uma pessoa sofrida, ao extremo. Que foi praticamente... a mãe faleceu nova; foi morar com uma madrasta que era, realmente, uma megera. Talvez, pior do que a da história, ainda. E uma pessoa que cresceu... Na verdade, depois, anos mais tarde, quando veio a se casar, o próprio marido não permitiu que ela mantivesse o nome. O nome e o sobrenome. Ficou só o nome dela e o sobrenome dele. Ficou só o nome dela e o nome dele.*

ELA: *O nome – nomeia? Diz de acontecimento? Diz de uma marca? De uma história?*

G: *Então, ela falava muito disso: de uma perda de identidade total. E um dos sonhos dela era recuperar o nome. E ela está casada com essa pessoa até hoje. É muito infeliz também no casamento. Porque a história dela com o marido é muito parecida com a do pai. Da mesma forma que o pai tinha várias mulheres e o marido também tem. Ela é uma pessoa muito infeliz no casamento. Ela estava numa depressão muito séria. E chegou até mim com esse pedido: ‘eu quero parar de tomar os remédios que eu tomo há anos da Psiquiatria’. Mas quando ela chegava perto da grande questão dela, que envolvia uma decisão - que, no final das contas, sempre envolve uma decisão – ela tinha muita dificuldade. Então, ela acabava, muitas vezes, querendo abandonar o tratamento.*

ELA: *Outro nome para a sua prática: tratamento.*

G: *É uma história de muita dor, de muito sofrimento, por tudo o que ela passou, no internato e com a madrasta, enfim, e com o marido até hoje. Essa é uma das histórias que eu estou me lembrando e o desfecho, pra mim, não foi... Talvez, eu sei que é perigoso a gente falar isso - tão bom como a gente gostaria, porque a gente não tem que ter um parâmetro estabelecido pra ninguém. Mas é claro que a gente, de alguma forma, quer ver o outro bem, quer ver o outro feliz – seja lá de que forma for. E ela não conseguiu romper com esse casamento. Ela continua nesse casamento, sofrendo, com a mesma depressão. Porque não conseguiu escolher uma outra forma, ver uma outra possibilidade de vida. Então, no último dia que ela foi, ela tomou a decisão de não voltar, porque toda vez que a gente tocava nesse assunto, eu sentia o quanto isso era difícil pra ela. E ela escreveu uma carta pra mim também. Fiquei emocionada e triste ao mesmo tempo: dela ter abandonado aquilo lá, sem... Talvez, ela tenha aproveitado alguma coisa daquele momento. Não sei. Mas é uma das muitas histórias que a gente tende a pensar que, de repente, não saíram... que não tiveram um desfecho como a gente imaginaria. O desfecho de conto de fadas, né? Ela sempre falava que toda vez que ela saía na rua e via um caszinho de pessoas, de velhinhos se dando bem, ela se emocionava e chorava, porque ela sabia que nunca ia ter aquilo. Então, é uma história difícil, de ser agredida pelo*

marido, fisicamente. Mas também uma dificuldade muito grande por causa da situação financeira dela que é muito boa. Quer dizer, ele a proveu de uma série de coisas que ela não teve na infância. Então, uma pessoa que foi criada num internato, numa situação precária de vida, abandonar uma situação – entre aspas – de luxo foi uma coisa que ela não conseguiu ultrapassar.

MM: Bacana é o termo que você usou: a palavra desfecho. *Des* é o que desfaz. *Desfecho* é o que abre o fecho. Então, não está fechado. Nada garante que ela não possa re-fazer a história dela. Recontar a história dela e ter alguém, sim, para envelhecer junto.

G: *Isso aí é uma questão pra gente...*

ELA: ?!!!

G: *Lidar com o próprio ego...*

ELA: ?!!

G: *... com as próprias expectativas egóicas da gente de achar que tem que ser de uma maneira ou de outra. E não tem que ser. Tem que ser do jeito que a pessoa dá conta, como ela consegue.*

ELA: Algo ali parece ranger. O termo ‘a gente’ que nos inclui no plano teórico que sustenta sua prática, sua vida, seu modo... Algo que nos inclui daquele excesso de ‘normalmente’...

MM: E, às vezes, a vida fica maior que esse ego. Quase sempre é ela [*a vida*] quem decide... as transformações que vamos viver.

O gravador/a vida decide que acabamos a conversa gravada. É quando a fita termina.

MAR DE TEMPO

Se Não ELA, Um Intruso?!

ELA impõe-se?! Transmuta-se.

Quando o Mar é atravessado por alguma tormenta, talvez alguns dissessem que sofresse. *Tormenta... Tormento...* Confusa, ELA faz considerações, enquanto brinca com as palavras.

No dicionário, tormenta é *temporal*. É *tempo oral*. Vejam como também as palavras brincam! É, então, tempo que fala e faz barulho. Retornando ao dicionário, é também *desordem*, é *agitação*. Em todos estes casos, é *substantivo feminino*. Parte da confusão fica resolvida: *Tempo*, assim, pode ser ELA! Mas, também no dicionário, tormento é *substantivo masculino*, é *ato* ou *efeito de atormentar*, é *tortura*, é *aflição*. *Tempo* assim, também pode ser ELA? Acho que não... Quero que não! Atormentar é, ainda, *verbo – transitivo*, que faz trânsito – que *inflige tormentos a*; é *torturar*, é *agitar*.

ELA, parecendo fazer um acordo, escolhe/afirma sentidos e direções.

ELA/Tempo, sim. Masculino e feminino; oral e desordem; agitação e, até, aflição; trânsito e verbo - não importa. Mas, aqui, sofrimento e tortura, não!

Outros Tempos

Tomar o tempo como *desordem* é o que aqui se quer afirmado. Para tal, é necessário que essa afirmação não seja tomada ao modo dicotômico e/ou dialetizado: ordem e desordem, representação e criação. Óbvio que estamos diante de dois modos – em revezamento - de perceber o *Tempo*. Desocupando-nos do seu modo representativo – produção, ainda – ou seja, desocupando-nos do Tempo-reprodutor e, portanto, da sua tarefa de dar medida ao movimento, ordenando acontecimentos em periodicidades continuadas, atingiremos, então, o *Tempo-desordenação*. Neste, a vida se re-inventa – não, é claro, sem alguma violência. Violência, por sua vez, tomada como a intensidade da força naquilo que

irrompe, contra-efetuando. Uma espécie de advertência faz-se, ainda, necessária: se, aqui, *ELA/Tempo* recorre à Literatura, à Música, à Filosofia – em seus funcionamentos críticos –, é preciso que se possa ver que é na vida que estes encontram matéria para afirmar a *desordenação*. Tornemo-nos, portanto, literatos, músicos, filósofos para que possamos perceber tal movimento/matéria em atravessamentos nem sempre *facilmente* apropriados/capturados pelo contínuo da periodicidade.

Laymert Garcia dos Santos, Caetano Veloso e Peter Pál Pelbart, em revezamento, conduzem nossa *desordenação proliferada*.

No “Tempo de Ensaio”, onde Laymert Garcia dos Santos (1989) *quer apenas* - e tanto! – “expor uma experiência” (p. 59), ELA encontra uma provocação: pensar “um tempo feito de repetição e de diferença” (p. 11). A imagem do *ritornelo* impõe-se. E, por sua vez, convoca a Música. Nela, Caetano Veloso (1968), em um refrão entoado que insiste, evoca aquilo que trará a diferença em processo – diferenciação e/ou variação.

... *Por seres tão inventivo...*
Tempo, tempo, tempo, tempo

ELA, então, transmuta-se: faz-se *Tempo*.

Se, como *Tempo*, de algum modo, distancio-me da abstração/transcendência de uma grande obra criativa é para afirmar-me na imanência. Na voz/letra (música) do cantor/artista, surjo reivindicando uma espécie de redundância auto-referendada: “compositor de todos os ritmos” (Veloso, 1968). Caetano, voz e letra e eu referimo-nos a mim/*Tempo*: que cria/compõe. Na voz/letra (ensaio) do professor, crítico literário, filósofo, essa é também minha tarefa - a criação: “o tempo se encarregará de fazer o gesto criador” (SANTOS, 1989, p. 121). Laymert Garcia dos Santos, tal como Caetano Veloso, refere-se ao meu movimento, dando-me o crédito da criação.

É preciso, portanto, que destituamos o sujeito – músico e/ou ensaísta – do lugar primeiro na criação para que possamos ver a criação do tempo em seu exercício de imanência criativa. Reversão.

ELA insiste.

Também e porque, tautologicamente, só se diz do Tempo no tempo, da criação na criação, da vida na vida, é como criador que quero ser acompanhado: voz, letra, escrita. Fala-movimento – repetido e diferenciado. Eu/*Tempo* ritornelo.

Se Laymert Garcia dos Santos, já nos idos dos anos 80, convidava à leitura de sua escrita, Caetano Veloso, de lugar outro, há muito, convidava à escuta de sua letra/música. E aqui, juntam-se a Peter Pal Pelbart e Jorge Luis Borges. E a Maurice Blanchot. Para diferir e/ou desordenar, possibilitando à *ELA/Tempo* afirmar-se.

Leitor, os textos que se seguem foram escritos ao longo da década de 80. Ao reuni-los, porém, senti que não devia acatar a ordem cronológica em que ocorreram nem classificá-los por temas ou áreas de interesse. A matéria é variada, mas não foi ela quem ditou a organização deste volume. Foi a fidelidade a um tempo feito de repetição e de diferença, a um movimento que levou os textos a se interpenetrarem. Tempo e movimento de tentar, de arriscar, de experimentar – no ato de escrever e fora dele. Por isso, tempo de ensaio. (SANTOS, 1989, p. 11)

De Santos, é preciso “ler com os ouvidos” (p. 32) e disponibilizar-se para o processo, ou seja, para o que opera a criação do que está sendo dito, enquanto isso está se dizendo. Ali, éramos tomados pela palavra e o *olhar de ler* intrigava. De Caetano Veloso, vinham os *ritmos* sustentando palavras e a própria vida: “compositor de destinos, tambor de todos os ritmos, (do) tempo, tempo, tempo, tempo” (Veloso, 1968). Em Peter Paul Pelbart (1993): “se as coisas existem na sua densidade própria, na sua textura temporal, na sua potência de criação” (p. 1), trata-se de “pensar a criação não como um milagre que vai do Nada ao Tudo, mas sim como o próprio processo das coisas que existem” (p. 1). Na ficção de Jorge Luis Borges (1989), a afirmação literária de um tempo sem uma temporalidade

ordenada. “Em Tlön... é raro que os livros estejam assinados. Não existe o conceito de plágio: estabeleceu-se que todas as obras são obra de um só autor, que é intemporal e é anônimo” (p. 12/13). Maurice Blanchot (1987), que viria depois, deixaria mais uma intrigante pista: o tempo “não é, mas retorna” (p. 21).

Na *repetição*, Caetano Veloso oferece o *ritornelo* diferenciador. Na *diferença*, Laymert Garcia dos Santos traz um pedido de atenção para o que está acontecendo/*se dizendo* no momento em que algo é dito. No entanto, é preciso uma outra sensibilidade para ver que esse algo é o tempo criando. Em Peter Pal Pelbart (1983), a “densidade temporal” (p. 1) processa *coisas* e em Jorge Luis Borges, as obras são coisas e imediatas criações de um tempo *labiríntico*. Em Maurice Blanchot (1987), o tempo é o que nos “devolve constantemente à ‘presença da ausência’” (p.21).

*És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo, vou te fazer um pedido...
Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo, entro num acordo contigo...
Por seres tão inventivo e pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo és um dos deuses mais lindos...*

Caetano Veloso (1968)

Menos que iniciar seu percurso por um específico campo ordenado – Literatura *ou* Música *ou* Filosofia, ELA/*Tempo* propõe-se como *visibilização* e *dizibilização de atravessamentos* e sugere que se entre pelo meio – ao modo do *rizoma*. Importa aquilo que, portanto, escapa à regularidade e afirma um processo, uma insistência, que seja uma permanência e uma passagem, e, mesmo, uma *desordem*. Há, neste *movimento*, um processo de *constituir-se* e de *desfazer-se* que ELA/*Tempo* opera, sem qualquer pacto consonante! *Movimento do dito - do lido, do escrito -, movimento do vivido/vivência* que se confunde com o movimento do *Tempo* no que pode de *disruptor*.

Neste caso, é preciso, aqui, suportar o paradoxo e o caos. É preciso uma outra sensibilidade! – não esqueçamos.

ELA/*Tempo* - *impessoal blanchoteano* ou *pré-individual* deleuze e guattarineamente falando – adverte que, ainda que o *Tempo* afirme-se em qualquer e toda criação, para

percorrer este *movimento* é preciso estar atento aos seus *desfazimentos* e/ou *desordenadores*. É assim que ELA se/nos propõe uma *conversa atravessada* - com estes ensaios ditos/escritos/ouvidos, com a Música, com a Filosofia, com a Literatura e com as práticas psi.

Um Caso No Tempo de Uma História... Amor?!

Era treze de outubro, e eu escrevia:

Não importa o como você faz, mas o como você conta – é como penso em colocar o chão para a *Conversa*, quando fosse ser gravada. Porque a *Conversa* tinha sido iniciada. Vários começos. Um deles poderia ser referido àquela tarde onde a intenção, na Reunião de Equipe, era a Supervisão de (um) caso. Eu ouvia. Era uma história; era uma vida. Eram, então, quase meninos, quando se conheceram há seis anos atrás. Hoje, também, o uso de drogas – que parece não dar conta de fazer esquecer. Fernanda é o nome dela. Mas é Vagner quem sofre e vem para o Ambulatório de Saúde Mental. Como a psicóloga I chamaria sua prática psi?

Ali, eu também ouvi: ‘ele enlouqueceu na menina. Literalmente. E o problema é esse: literalmente.’ Eu, em silêncio, pensava: ficou impregnado dela. De paixão. Foi tomado por. Patologizou-se? Patologizam-no? Enquanto ocupam-se de fechar um diagnóstico – confirmando uma psicose -, penso: uma história de amor. Que insiste no tempo.

Um outro começo foi, depois dali, perguntar para a psicóloga I se podia conversar para compor uma tese de doutorado. Eu pesquiso e ela, pergunta: ‘como?’ Ofereço o título da pesquisa – ainda projeto?! -: Narrativas Contemporâneas – ao modo da Literatura, a vida contada pelas práticas psi. Ela pede: não identificar... Eu afirmo: nem a Unidade, nem o profissional, nem o paciente. Como a psicóloga chamaria as pessoas que consomem, e produzem, sua prática psi? Eu explico: situar a especificidade da Unidade, já que a prática psi num ambulatório é diferente da prática psi num hospital. Falsa questão?! – talvez. Porque para além do como faz, importa como conta a vida que lhe é contada – atravessado o seu contar por posicionamentos teóricos/técnicos. Até onde?

Um ok, um anúncio da carta de livre consentimento do Comitê de Ética e um depois para combinarmos o dia e o lugar para gravarmos a *Conversa* abrem espaço para outro

começo. O dia da conversa chega e é quase desmarcado. O local combinado é sua casa e ela vai receber uma visita. Mas... quero aquela *Conversa* e aquela história...

Fernanda é o nome dela - faz eco e mobiliza a insistência em mim. Vamos conversar, enquanto a visita não chega. A conversa é interrompida algumas vezes. O celular, a campainha, a chegada da visita, a chegada do 'marido de aluguel' - que vem acertar alguns serviços no apartamento - e outros moradores da casa também estão por ali. O gravador aguarda para também insistir. Acata que é da vida ser atravessada.

Às perguntas como é que você entende ou percebe e como nomeia sua prática, ela 'respondeu', reinventando-as:

Prática Psi I (PPI): *Então... Como eu percebo a minha prática? Na verdade, eu não sei se é uma percepção – assim... De repente, pode até ser que me venha... que eu fale um pouco. São duas perguntas que eu posso até responder numa mesma coisa. Mas é: como eu percebo a Psicologia?*

ELA: Então, começaria pelo geral? Não. Começaria por um atravessamento, por uma sua experiência com a Psicologia.

PPI: *Na verdade, eu vou falar como eu comecei a perceber... antes de eu ser psicóloga. Vou falar resumidamente, para não ficar... Assim, desde pequena, eu... Como várias mães ou algumas mães se preocupam com os filhos; enfim, me colocou na terapia. Eu tinha uns 8 ou 9 anos. Desde então... eu fiquei um tempo com essa psicóloga. Depois, fui ficando adolescente e, aí, foram surgindo outras coisas e, por demanda própria, decidi procurar um profissional psi. Acho que vai emendar com o porquê eu escolhi essa profissão... Tem a ver com desde quando eu comecei a perceber, a entender, a conhecer, um pouco, do profissional, a saber, um pouco, do que se tratava. Mas foi num desses atendimentos com uma dessas profissionais psi que, numa transferência com ela, no quando eu comecei a perguntar 'como é que ela sabe o que eu tenho?', 'como é que ela me ajuda?', 'como é que ela me entende?', enfim. E, aí, eu comecei a pensar. Eu comecei a parar para pensar na profissão. E foi através de uma certa... neste caso, de uma identificação. 'Poxa, me entende, eu gosto, eu amo...' Aquela coisa do amor de transferência.*

ELA: No tempo, outra história de amor?!!!

PPI: *Foi nessa transferência que eu comecei a pensar na Psicologia. Eu quero ser uma, porque as pessoas ajudam; elas sabem o que os outros têm; elas ajudam a pessoa no sofrimento dela. Aí, foi através daí que eu pensei. Dessa minha experiência...*

ELA: Oba! A experiência!

PPI: *... enquanto analisante, enquanto paciente, cliente...*

ELA: Também parece desconfortável em nomear ou um nome parece não dar conta...

PPI: *... que eu passei a entender um pouco e a querer saber mais da profissão e por conta dessa percepção de como me ajudou. 'Então, eu posso ajudar alguém. Eu quero ser uma psicóloga!' E, aí, isso na minha adolescência, 18, 19 anos. O tempo foi passando, prestei o Vestibular, passei pra UFF... Eu venho pensando nisso que a gente está em constante*

formação. Eu não me arrependo de ter escolhido essa área. Eu amo o que eu faço. Eu acho que eu sou uma pessoa implicada. Eu corri atrás. Hoje, eu sou funcionária pública também em outro Município. Trabalho aqui em Niterói; trabalho em outros lugares – consultórios.

Coincidindo com um fechamento, o celular toca. Ela atende, enquanto me ocupo de pensar ‘corri atrás’... não do tempo, mas com o tempo. A psicóloga tem pouco tempo de formada? Tem 26 anos. E histórias para contar – é o que me importa. E falo: voltando. Peço continuidade?!

PPI: Então, aí, foi por conta dessa identificação que eu escolhi ser psicóloga. Fiquei mais um tempo na universidade e comecei a pensar que eu posso ajudar alguém, que eu posso estudar, que eu posso praticar, que eu posso... tentar acolher. Acolher, de alguma maneira, o sofrimento daquela pessoa que chega pedindo ajuda, que chega querendo saber o que é que ela tem. É lógico que a gente enquanto psicanalista...

ELA: ?!!

PPI: ... que foi a Psicanálise, que tem essa questão da nomeação... Na Psicologia, a gente sabe que são várias áreas. Enquanto psicanalista, sabe que são várias áreas. São várias áreas. Mas a Psicologia está atuando, o profissional psi está atuando em várias áreas. A linha que eu escolhi, a linha que me ofereceu o estágio, desde a universidade, no Centro de Reabilitação. A minha transferência, também, com a minha supervisora... Foi desde então que eu enveredei pelo caminho da Psicanálise.

ELA: Por amor – ainda que transferencial...

PPI: A gente faz uma aposta no inconsciente, que a gente é determinado pelo Outro, pelo grande Outro – que o Lacan vai falar – que a gente é constituído por ele, que a gente é formado por este Outro. E eu estou até hoje. Fiz Especialização na UERJ em Psicanálise; os estágios, também, na universidade foram atrás... eu fui atrás dos psicanalistas, dos estágios em Psicanálise. Pretendo fazer o Mestrado em Psicanálise. Então, como eu... essa é a minha percepção. Que eu gosto.

ELA: Apesar da Psicanálise, da transferência, da identificação, a experiência, um amor... E, nela, também a ‘implicação’ e o ‘acolher’. Como perceberia esses atravessamentos? A formação na UFF, as políticas de saúde – o acolhimento como diretriz da Humanização e da sua prática/experiência e o amor...

MM: E o Serviço Público?

PPI: Então. Aí, já é uma outra história. Na verdade...

ELA: E como não seria? Ou, mesmo, poderia não ser, se quisesse. Brinco, em silêncio: eu acreditaria na sua verdade e na sua história. E o leitor?

PPI: Os meus pais são funcionários públicos. Os meus pais não são psicólogos. Minha mãe é funcionária de um outro Município. Ela é professora... hoje tem duas matrículas na Prefeitura. Hoje não está atuando. Está em extra-classe. O meu pai é funcionário público, também. Chegou a passar em outros concursos, mas hoje ele está no Banco do Brasil. E eu já venho meio que crescendo neste meio. Foi uma escolha minha. Claro que não é porque os pais são que eu vou ser – “ah! tem que ser”. Nunca teve pressão nenhuma por parte deles, não. Então, a escolha é minha. Então, já na universidade, eu

passei a estudar. Passei. Saí da faculdade, fiquei um ano parada e fui chamada em 2011 para este concurso que eu estou: sou psicóloga de um CAPSinfantil; estou na rede de Saúde Mental de Macaé, que é esse Município de que estou falando. E na Saúde Mental de Niterói. Ao contrário do que muitos profissionais, muita gente pensa, tem funcionário público que trabalha. Porque tem gente que fala: “Ah, porque eu vou ser funcionário público, eu não vou fazer nada; porque eu vou chegar lá...” porque eu não vou ter angústia de estar lidando com o outro ali. E a gente sabe do que acontece nessas outras empresas privadas, como é que é o ambiente – pelo menos isso são relatos. Mas eu trabalho...

MM: Você atende – atende é um nome que eu uso – trabalha, também, em consultório particular?

PPI: *Também. Hoje, eu sou da Prefeitura de Macaé – por concurso; sou uma pessoa contratada pela Prefeitura de Niterói, que eu estou no Ambulatório em Saúde Mental. E tenho um consultório particular, também, aqui em Niterói. Eu subloco um horário e tal. E, em Macaé, eu estou numa clínica, também – agora, às segundas feiras - que atende Plano de Saúde. Tem o público e o privado.*

MM: Você acha que as histórias que chegam ao público são diferentes das histórias que chegam ao privado?

PPI: *Não. Não varia muito, não. O que eu percebo no Público – posso falar um pouco mais da percepção – é, primeiro, que no público, pelo menos nos dispositivos em que eu estou, é uma equipe multidisciplinar. Tanto lá em Macaé como aqui em Niterói. Lá, é um CAPSinfantil. Então, tem musicoterapeutas, tem assistentes sociais, tem fono, tem terapeuta ocupacional, tem psicólogo, tem psiquiatra. Muitas vezes, chegam com esse pedido do médico. E, geralmente, muitas pessoas que chegam - a grande maioria -, realmente, não têm recurso nenhum, para estar num consultório privado. Nem sabem, muitas vezes, o que é um consultório privado. Já vêm de uma longa história percorrendo serviços públicos. Primeiro, pela carência e, segundo, eu acho que... uma coisa que eu percebo, pela gravidade, também. Geralmente, as pessoas que chegam nestes dispositivos públicos – pelo que me parece; não sei se tem aí uma certa... aquela coisa que, para conseguir médico, uma certa... em alguns casos, você vê uma certa encenação. Realmente, tem um sofrimento ali. É claro que tem. Mas... Na maioria das vezes... São pessoas que vêm de Emergências. Lá, no Ambulatório, a rede de Saúde Mental, a porta de entrada é a Emergência. São casos muito graves, são pessoas muito pobres. E a pessoa que vai para o particular vai procurando o psicólogo. Ela não vai procurando médico. Ela vai procurando o psicólogo. A intervenção ali é com a palavra; não é medicamentosa. E a grande diferença: paga. Em consultório particular, paga; no público... É. Paga, não... Paga o possível.*

MM: É um pagamento indireto; por impostos.

PPI: É.

MM: Você acha que isso faz diferença no modo como a pessoa se implica?

PPI: *Um certo valor? Você está dizendo “ah, vou valorizar, porque eu pago?” Não.*

MM: Isso é uma falsa questão?

ELA: ... questão que fizemos!!!!

PPI: *É... Não... Assim... Geralmente, quem chega para o consultório particular... os que chegaram, até hoje, não saíram. E no público, tem uma evasão muito grande. Não sei se tem a ver com essa questão que você falou do ter valor ou não.*

A leitura de escritos de Giles Deleuze e Felix Guattari dá a Laymert Garcia dos Santos a possibilidade de afirmar – compartilhando – uma *vivência*: “aquilo que nos vivifica é aquilo que nos ajuda a acolher a vida como processo de produção” (SANTOS, 1989, p. 59). Ser acolhido pela vida como processo de produção *nos* torna também produção, visto que *somos* vida – vida específica como tantas outras vidas específicas sempre outras. *Sejamos nós: vida, dito, ouvido, diferença, repetição e tempo.*

Acolher a vida como processo de produção não é pensar a vida. É silenciar a mente, quedar-se. Desinvestir o ego e embarcar na fluidez do real, para além da significação... é ligar e se deixar ligar, é se abrir cada vez mais, é estar alerta e sereno para aceitar o Tempo que opera a transformação (SANTOS, 1989, p. 59/60).

Nessa queda, temos o próprio “tempo operando a transformação” (p. 120) da vida, nos modos de existência afirmados. ELA avança para afirmar que o dito que silencia diz também daquilo que a própria vida acolhe: os *desmanchamentos*. Se é o próprio tempo que *se* escultura, isso se dá para além dos reconhecimentos cotidianos.

Santos chama *escultura do tempo* seu próprio texto: uma sua intervenção. Diante de mim, afirma: “um incômodo porque à primeira vista ou à primeira audição, as palavras parecem entrar em conflito” (SANTOS, 1989, p. 111). - Ah, as palavras... – matéria, também, de construir. Ora, conciliando; ora, nem tanto.

Santos afirma.

De todas as artes, é a escultura a que mais enfatiza a presença material, sólida, no espaço (...) de tudo o que existe, é o tempo, o mais incapturável, fisicamente falando (p. 111).

Incapturável. Mas, ainda assim, capaz de operar. Incapturável. Mas, ainda assim, operador de *vida*. – ELA afirma. É que as palavras conciliam e reconciliam-se. No texto/intervenção e na audição, vai do material - capturado - ao incapturável. ELA lembra que suportar os paradoxos e o caos é absolutamente necessário! As palavras podem dar materialidade ao que não se captura?! Sim, e mais: criam sua realidade/densidade. Como se dá esta operação? Na experimentação, afirma ELA.

Na proposta de Santos (1989), “o conflito se dissolve se ouvirmos o termo escultura como o modo através do qual o tempo se traduz em espaço” (p. 111). E em corpos, direi. Mesmo em sujeitos/subjectividades – seus modos. E, numa outra versão possível de mim, a de Pelbart, o não-reconciliado do tempo é afirmado. E atravessado, proliferadamente, por Borges. Trata-se da vida, ao modo da Literatura.

MM: Como eu te falei, a ideia não é pensar se a prática é eficiente ou não; e, sim, as histórias que a sua prática de psicóloga trás.

PPI: *Acho que estou respondendo...*

MM: Está! Uma história para lembrar: das histórias que você ouviu na sua prática – seja no privado, no público, no infantil, na saúde mental... Uma história que...

Um atravessamento: a campainha toca. Interrompemos. Continuamos.

PPI: *Na verdade, o que me vem a respeito das situações ou das histórias para lembrar – dentro do trabalho, né? Em Saúde Mental, onde eu atuo. Então, Marcia...*

Esta interrupção foi mais longa. Ela tenta concentrar-se. E parece que falar meu nome serve a esta operação.

PPI: *Na verdade, é uma coisa que eu sempre lembro, que eu fico feliz em saber. Na verdade, é um certo reconhecimento dos pacientes. Não sei se eu poderia falar de situações. Eu não teria um caso, agora, em mente para falar. Mas é uma coisa que eu tenho para lembrar é que cada dia que eu saio do trabalho – principalmente, do Ambulatório, aqui, em Niterói. Lá, em Macaé, eu gosto muito de trabalhar, mas aqui... Não sei se é o dispositivo – aqui, é Ambulatório; lá, é um CAPSinfantil. Mas é o reconhecimento dos pacientes – assim, de falar ‘poxa...’*

ELA: Então, uma situação em uma história... de vida.

PPI: *Hoje, uma me falou assim: ‘Poxa!’ Chegou lá no Ambulatório deprimida. E que ela era uma pessoa meio que tutelada por uma mãe adotiva. Essa mãe adotiva prometia uma pensão. Essa mãe adotiva dela era uma funcionária federal. Então, segundo ela, essa mãe adotiva condicionava-a – ‘olha, você não precisa casar; você não precisa se preocupar, porque eu vou morrer e eu vou deixar uma pensão para você’. E ela falou que essa pensão girava em torno de 8 ou 9 mil reais. Então, ‘você vai ficar bem para o*

resto da vida; você não precisa se preocupar; você não precisa casar; você não precisa de homem; você vai ficar bem com esse dinheiro que eu vou deixar pra você'. E, aí, de repente, essa mãe dela falece. Ela tinha uma mãe. Essa coisa foi toda acordada. Ela tinha uma mãe, mesmo. Já é falecida. Ela tinha uma mãe biológica, um pai biológico. Mas foi uma coisa acordada para ela receber, mesmo, essa pensão, junto com o irmão dela. E ela dizendo que ela foi condicionada a isso, a vida inteira: que ela não precisava trabalhar. É advogada e tudo; exerce, mas sem gostar muito. Foi... meio que sem querer. Mas a mãe dela adotiva pagava tudo para ela. Ela tinha o salário dela, que não era um salário lá muito fixo. Mas dava para ela um dinheiro, todo mês. Bancava tudo dela: comida, passagem. Ela tinha uma vida, que ela fala: 'poxa, hoje, meu padrão de vida caiu muito. Porque...'

ELA: Reconhecimento?! Questão menor quando diante de vidas que podem diferente? Situações acolhem vidas que, por sua vez, acolhem histórias. Casos? Efeitos de casos em um mim/psi? Reconhecimentos?! Efeitos/retornos em uma prática de ajudar, de saber, de acolher, de escutar. A história, entendida como situação, é, aqui nesta Narrativa, fragmento de uma vida – foi negada ou subtraída? “Não teria um caso, agora, em mente”. Mas, ainda assim, veio. Impôs-se. E passamos a ajudá-la a contar...

MM: ... Porque essa mãe falece.

PPI: *Essa mãe falece e ela se vê desesperada, sem nada. 'O que é que eu vou fazer agora?' Ela fala: 'meu Deus, eu fui condicionada. E, agora, eu estou sem esse dinheiro'. E ela chegou ao Ambulatório, querendo porque querendo um laudo do psiquiatra para conseguir essa pensão. E ela ficou chateada, porque essa pensão... porque mudou a Lei da Adoção. Ou seja, ia ficar mais difícil dela receber, porque ela ia ter que ser considerada como incapaz. E ela não é incapaz. Eu perguntei: você quer ser considerada como incapaz? Fiquei interrogando ela, de alguma maneira. Porque, nestes casos, só consegue mesmo – essa coisa, eu não falei para ela, mas pelo que a gente vê, são pessoas com transtornos severos, mesmo. Esquizofrênicos, psicóticos, com transtornos mentais severos, mesmo. Que a pessoa não consegue ter um laço social, não trabalha. A pessoa, de repente, já passou por várias internações. Mas não é o caso dela. Hoje, é ela fala: 'hoje, eu venho aqui, me organizo, assim'. E não tem tanto tempo assim. Mas que bom! Ela estava ficando em casa, isolada, sem fazer nada.*

MM: Parece que ela passa a querer outra coisa.

PPI: *Sim. Ela coloca isso em suspenso essa questão. 'Não, sei. Estou deixando para lá.' E ela, por conta própria ... que era tutelada. E, hoje, ela está livre, para ela poder escolher, porque essa mãe dela... Enfim, hoje ela não está mais deprimida, sai de casa. Ela está cuidando. Ela era muito cuidada, está cuidando de outras pessoas.*

ELA: Retorno, óbvio, não é agradecimento!

MM: Essa história me parece assim; sua vida atravessa essa vida. E essa vida te dá um retorno. Criança não dá retorno. Não tão explícito assim.

PPI: Criança dá um certo retorno, também. Dá. Através da conversa com os pais, também.

ELA: Insistimos para desfazer a *cagada*?!

MM: Mas não de falar 'conto contigo' e 'tá servindo'.

PPI: *Tem uma coisa direta, mesmo, entre o adulto... A criança, ela expressa, ali, nas brincadeiras, no sintoma. A melhora dela você vê num desenho.*

ELA: A melhora – qualidade tornada quantidade?! Sofrimento menos indica... possibilidades outras sendo acolhidas.

MM: Mas adulto é ali num cara a cara.

PPI: *É. Ele fala isso pra você. A criança não vai chegar ‘olha, você...’ Mas um adulto.... Ela fala ‘poxa, eu venho aqui...’ Quanto que ela vê... Hoje, ela falou: ‘realmente, eu posso caminhar com as minhas próprias pernas; eu posso casar; eu posso ter filhos’. E ela está num movimento. Ela era muito cuidada tutelada. Ela está num movimento de ajudar, de cuidar de amigos. Isso está dando uma função para ela. Sai desse estado depressivo e está no mundo, aí, fazendo várias coisas ao mesmo tempo. E várias propostas. Porque ela só via uma possibilidade. Só via aquilo: a pensão. ‘Meu Deus; caramba, eu estou sem dinheiro’. E isso, no Ambulatório, ela não pede mais – o remédio, o laudo... Ela está ali para... Ela tem esse espaço para ela falar o que ela quiser.*

ELA: Há, nesta relação, produção e consumo, um convite e uma autorização. Há, nesta produção - de subjetividade – a produção de vida, num modo de existência que diz sim, quando se abre para a vida – ‘outras possibilidades’. Também nosso olhar pode mudar: ver, na prática psi psicanalítica, algo para além do não, da falta, do aprisionamento na história familiar e edípica. Nosso olhar poder mudar era, também, um dos elementos a dar movimento a este (per)curso de doutorado - lembremos. A *Conversa* segue em voz alta.

MM: Isso que você falou do tempo – não dá para medir. Um tamanho do tempo...

PPI: *A gente fala, em Psicanálise, o tempo do sujeito. Para a Psicanálise, é uma coisa que não é muito cronológica.*

Da Filosofia à Literatura, neste momento, ELA/Tempo (se) conta assim:

Que era uma vez um título que dizia “O Tempo Não-Reconciliado” (PELBART, 2000, p. 85). Na linha imaginária abaixo estava escrito o nome do autor. E eis, neste dito, um recurso da escrita, que é fazer da ausência uma presença e que, ao dizer ‘ali há uma linha que é imaginária’, fazer haver, ali, uma linha imaginária! Então, era Peter Pal Pelbart. Mais abaixo, num esforço da vontade de imaginar, escrevia-se ainda: Inventar, Criar e Ficcional. Naquela primeira linha imaginária abaixo, o nome Peter Pal Pelbart vinha dizer que o texto já tinha dono. Até onde ou por quê? É que se o texto tinha sido escrito por um, ele era para outro. Outro nome – dono?! -: Gilles Deleuze. O texto do Peter era para Gilles. Isso quem conta também, depois, é o editor do livro – o livro que tinha o texto e que, então, tinha um editor que também era outro dono do texto. Isso porque o livro, que tinha outros textos, em uma proliferação também de donos, era um livro-homenagem. Muito confuso? Então, recomeço: contam - numa proliferação de vozes donas que gera o impessoal/pré-individual - que a maior parte das contribuições remete a “uma simpatia intelectual de seus autores pela vida filosófica de Gilles

Deleuze” (ALLIEZ, 2000, p. 11/12) – o que o faz, de novo, ser o dono de todos os textos do livro.

“O Tempo Não-Reconciliado” (PELBART, 2000) faz parte desta publicação que reúne uma espécie de *intérpretes autorizados* de Gilles Deleuze que, por sua vez, faz parte de um evento homenagem ao filósofo Gilles Deleuze. *Proliferação do tempo; não reconciliado do/no texto...* – continua ELA/*Tempo*.

Então, com o dono que tinha ou que tivesse, foi assim mesmo que este texto foi vindo ou veio ou vem vindo. Falando de mim – não esqueçam! No seu caminhar, também contou – contamos - com a Literatura para ser/existir e para falar e escrever – também filosoficamente. A Literatura trouxe Borges – o Jorge Luis, escritor argentino – que trouxe Alberto, que trouxe Ts’ui Pen (BORGES, 1989) “O Tempo Não Reconciliável” trouxe, ainda, jardins e labirintos, trouxe futuro, trouxe a bifurcação no tempo. “Deixo aos vários futuros (não a todos) meu jardim de caminhos que se bifurcam” (BORGES, 1989, p. 79) – era a voz de Borges que, por sua vez, trazia o escrito de Ts’ui Pen – um antepassado; era, também, a voz de Peter. Era eu, o *Tempo* – voz e ficção.

Em Borges, em Pelbart e também em Deleuze, na Literatura e na Filosofia - e aqui! - trata-se de *ficções* – reais, mesmo quando não *formalizadas*. Na voz escrita de Pelbart, que é também Peter, “em todas as ficções, cada vez que um homem se defronta com as diversas alternativas, opta por uma e elimina as outras” (PELBART, 2000, p. 85). Nessa voz - de Pelbart, mas saída da Literatura de Borges -, a afirmação de que, na “ficção do quase inextricável, Ts’ui Pen opta – simultaneamente – por todas” (p. 85). Ocupada com a palavra, ELA/*Tempo* insiste com a palavra proliferada.

Recorrendo à voz do dicionário, leia-se o sentido/direção/força do que pode *inextricável*, na voz/escrita do Pelbart. E façamos surgir mais uma voz: Buarque de Hollanda, que afirma que inextricável é adjetivo, que é “o que não se pode deslindar; que é emaranhado; que é enredado” (BUARQUE DE HOLLANDA, 1977). São misturas. De vida. De ficção.

Caberia afirmar que, para além da Literatura, é possível ao homem optar por todas as direções? Para *Albert*, sim. [Ah, Albert – Stephen Albert - é o nome do homem que aguarda *Yu Tsun*, espião e discípulo de *Ts'ui Pen* no labirinto e/ou no futuro. São personagens e paisagens de Jorge de Luis Borges, em “O Jardim de Caminhos que Se Bifurcam” (1989).] E, se já não a habitássemos, retomariamos a ficção... Aqui, a de Pelbart. A de Deleuze. A de Borges. Mas continuo ouvindo de mim na voz de Pelbart: “...cria, assim, diversos futuros, diversos tempos, que também proliferam e se bifurcam” (PELBART, 2000, p. 85). Estamos diante do “abismal problema do tempo” (p85) - anuncia Peter – ou “O Tempo Não-Reconciliado”/homenagem.

Pelbart explica.

O tempo se bifurca perpetuamente em inúmeros futuros (...) nossa hipótese descabelada: o metafísico Ts'ui Pen é um precursor do patafísico Gilles Deleuze e Gilles Deleuze é o precursor de Ts'ui Pen (p. 86).

E mais: Houve uma multidão de outros Deleuzes – Deleuzes no tempo, Deleuzes na sua obra, Deleuzes nas suas vozes. Mais: Deleuze-Diferença, Deleuze-Não-Reconciliado. Direi, então, Deleuze como tempo bifurcado e desorganizador. Aí, um homem que opta por todas... E para além da Filosofia.

“Retiro-me para escrever um livro. Retiro-me para construir um labirinto” (PELBART, 2000, p. 87; BORGES, 1989, p. 78). Estas afirmativas dão a Pelbart a relação que Deleuze estabelece com o movimento do tempo. Isso porque Deleuze Tsui Pen não acreditava no tempo uniforme, mas

em infinitas séries de tempo, numa rede crescente e vertiginosa de tempos diversos, convergentes e paralelos (PELBART, 2000, p. 86).

Assim acreditando, construiu uma “trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram” (p. 86). Pelbart, com Deleuze, afirma a trama filosófica – *ficção* - que abrange todas as possibilidades também do tempo. E, se cada vez que um homem - ao modo-Peter/Pelbart, ao modo-Borges, ao modo-Deleuze, ao modo-Garcia-dos-Santos, ao modo-Caetano, ao modo-esta-narrativa – “se defronta com diversas alternativas” (p.85), ao invés de optar por uma e eliminar as outras, opta por todas. Cria, assim, múltiplos futuros. Cria *excessos*. Cria tempo, cria *com* o tempo, cria *no* tempo. São, então, modos e “diversos tempos que também proliferam e bifurcam produzindo uma pululação de vidas disparatadas” (p. 87) – anuncia a voz de Peter Ts’ui Pen.

“Estamos diante da multiplicidade temporal” (p. 87). É o anúncio de Pelbart. Trata-se de inúmeros tempos que operam em sua obra – nem sempre consonantes entre si. É do que bifurca, e não reconcilia, a dissonância. É do que bifurca a incompatibilidade. Como acompanhá-las numa obra que também se bifurca, sendo, por vezes, essa obra a própria vida?

Acompanhando Deleuze ao cinema, Pelbart (2000) encontra a “*Dramatização Cinematográfica*”, vendo a *emancipação do tempo* sendo operada. Trata-se de uma *operação estética*, onde

o tempo está fora dos gonzos [como sugere Hamlet, na Literatura], liberado do movimento centrado em torno do seu eixo e encadeado e direcionado conforme a sucessão de seus presentes encaixados (p. 89).

É possível, então, afirmar “um tempo liberado da tirania do presente, que antes o envergava, e disponível, doravante, às mais excêntricas aventuras” (p. 89). Liberado, portanto, da periodicidade que encadeia continuidades, o tempo – excesso - abre-se. E nos convida. Trata-se de uma espécie de revezamento dos modos-tempo. Quem poderia suportá-los? Ou como suportá-los?

Pelbart (2000) traz Bruno Schulz para explicitar a contenção do tempo – aqui, *permanência periódica*:

O tempo é um elemento desordenado que só se mantém em disciplina graças a um incessante cultivo, a um cuidado, a um controle, a uma correção dos seus excessos (p. 89).

Retomo a lógica afirmada por Deleuze e Guattari – em *Postulados da Lingüística* (1988): há a variação e, num ‘depois-nem-sempre-previsível-e-predizível’, há a paragem. Paragem também provisória que dá forma ao caos; parada provisória que retoma o caos – um pouco de possível para não sufocar, considerando cada situação. O tempo. Seja em permanências – movimentos aprisionados pela periodicidade. Seja em passagens – nas tentativas que interrogam direções. Seja, ainda, o tempo outro do tempo em desordens que irrompem – repito/ritornelo.

Tempo tempo tempo tempo...

*Vou te fazer um pedido
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Por seres tão inventivo...
Que seja ainda mais vivo
No som do meu estribilho...*

Caetano Veloso (1968)

Na Música, que traz as palavras embaladas numa sonoridade outra, encontro-me retomado/a. Fosse naquele contar que fala da escultura, fosse no que fala de um dono que tinha outro que trouxe outro. Artimanha própria da construção – ritmada, como vislumbra a música de Caetano Veloso – para dar forma ao caos ou para retomá-lo, para fazer paragens ou para desordenar. Que, aqui, a expressão dar forma ao caos não tenha o sentido de extrair do caos, como origem, uma forma, mas antes e também que se suponha a criação do próprio caos, como informe. Assim, seria, portanto, artimanhas da vida/doTempo – destino e ritmo: criar informes, criar caos. Criar excessos – Mares!

Quando Deleuze vai ao cinema, é sua filosofia que opera um procedimento. Trata-se de

desvincular as pontas do presente da sua própria atualidade, subordinando esse presente a um acontecimento que o atravessa e o transborda, no qual justamente, não há mais passado, presente, futuro, enrolados que estão no acontecimento simultâneo, inexplicável (PELBART, 2000, p. 89).

É esta operação/acontecimento que faz surgir o Tempo outro do tempo. Tempo acontecimento que não mais encadeia presentes, mas acolhe o que irrompe; tempo que, escapando à medida da periodicidade, bifurca e faz bifurcar e que, então, prolifera e faz proliferar, permitindo a vida outra da vida.

No Acontecimento, coexistem as pontas de presente desatualizadas, ou ainda um mesmo acontecimento se distribui em mundos distintos segundo tempos diferentes, de modo que, o que para um é passado, para outro é presente, para um terceiro é futuro – mas é o mesmo acontecimento (p. 89).

ELA/*Tempo* retorna.

Mesmo acontecimento?! Acontecimento é sempre outro, porque contra-efetua. Acontecimento-vida que se re-inventa, servindo-se da desordem imposta pelo tempo. Coloco-os diante de um sistema de variação, onde se dá a ver/sentir. É imperativo que dado um acontecimento, não rebatê-lo sobre um passado que o aprisione, um presente que o atualize, mas que se possa fazê-lo variar em diversos presentes pertencentes a mundos – e modos! – distintos. Eles/presentes pertencem a um mesmo mundo - então, estilizado. Tal como a vida na vida, como a faço ser – insisto. Ou como afirma Deleuze em Pelbart. O tempo, assim, é tempo-rizoma. É multiplicidade aberta. E, tal como o tempo, é a vida – por onde “entra-se por qualquer lado...

tendo apenas um meio... por onde cresce e transborda” (PELBART, 2000, p. 93), já que feito de direções móveis, sem início nem fim – direi sem meta prévia e finalidade -, tendo apenas um meio. Vários meios, direi. Trata-se, no entanto, de atentar para os perigos de, subtraindo-se ao presente como processo, aprisionar-se num presente já passado e/ou num presente futuro não realizado.

Tempo *Outro* do Tempo

Deleuze-que-foi-ao-cinema percebe a operação onde o movimento – tempo - é arrancado do seu eixo. Chamemos, com Pelbart, *aberração*. Nessa arte específica, o feito – ou o desfeito - e o refeito se dão. Em uma intrigante convivência, a tentativa de apaziguamento, que supõe *abalos*, propõe uma espécie de correção. O “cinema compensa essas aberrações através da montagem, conjurando-as, reabsorvendo-as, amortecendo-as” (PELBART, 2000, p. 94). Poderíamos afirmar que também a Literatura “promove movimentos aberrantes que descentram a percepção, mudando a escala, a proporção, a aceleração, a direção - o sentido! -, tirando o próprio movimento – do tempo - do seu eixo” (p. 94), até então, ordenado. Assim também a vida. É apaziguando que nos oferece *um pouco de possível*. Em alguns momentos, trata-se um pouco de formalização. *Para não sufocar*. No entanto, ainda é necessário perguntar – ao modo nietzscheano - pela qualidade do possível formalizado.

Na esteira de um tal terremoto surgem encadeamentos fracos entre as situações, elos frouxos entre os espaços, aumenta – assim – a função do acaso, emerge uma realidade dispersiva, os personagens – a vidas/modos – flutuam em meio às situações, desfaz-se a intriga, a história, a ação (PELBART, 2000, p. 94/95).

Quando esta “ordenação da ação no mundo” (p. 94.) é desfeita, quando a crise impõe-se como inevitável e o mundo como organicidade e totalidade são abalados, o próprio

mundo é denunciado como uma sua forma possível dentre tantas outras formas possíveis. Nesta operação é possível ver que elos frouxos e dispersos, a flutuação dos modos, intensidades operam um convite à reinvenção. Diante deste convite, é preciso que possamos ver que, para além do defeito que se quer adoecimento, é a vida que pede para ser reinventada.

Quando Pelbart aponta para este *aberto* remete ao *Fora*. Trazendo, assim, Maurice Blanchot e a Literatura, ELA/*Tempo* traz o *tempo outro* do tempo.

Tempo meio, tempo entre - não regido pela forma verbal é, mas pela conjunção *e*. É nesta outra *imagem do tempo* - correlata a uma outra *imagem do pensamento* - que proponho estender para uma *outra imagem da narrativa*, assim, como *outra imagem da vida*. Porque também o tempo, o pensamento, a narrativa, a vida abrem-se a *outras aventuras*. E, nesta direção, a criação torna-se o único possível. Se nos quisermos libertos das queixas adoecedoras.

PPI: *Então, esse caso foi um caso que logo no dispositivo de Acolhimento de Saúde Mental, me chamou atenção. Porque ele chegou muito abatido, muito angustiado. E chegou falando: 'olha, o meu problema é mulher. Eu tenho problema com mulheres'. E, aí, ele começa a contar, a falar dessa menina, que ele se envolveu há seis anos atrás, que ele terminou... Eles terminaram há seis anos atrás. Eles 'ficaram' por uns dois anos. Essa menina tinha um namorado. E ele fala que ele perdeu a virgindade com essa menina e que... Ele não conta muito os detalhes desse término. Também, eu não pergunto muito, porque ele está muito angustiado. Mas ele diz que só pensa nela, desde então. Acabou ... ela mora perto da casa dele. Mas que, de vez em quando, ele vai olhar. Ele fica pior, mas ele tem que ir lá. Eu até perguntei: mas ela sabe que você vai? 'Não sei; acho que sabe; mas ela não dá muito... a mínima.' É que eu fiquei com um pouco de medo dele persegui-la. Porque ele fala que ele fez muita besteira por causa dela. E que tudo o que ele faz é para esquecer. Inclusive, usar droga. A droga entra aí, parece, nessa série... Trabalhou. Não estudou, mas foi trabalhar para esquecer; usa droga para esquecer. Se enfiou no mato. Ele fala: 'me enfiei no mato'. Não sei se tinha alguma coisa a ver com o tráfico. Não sei. Mas para poder esquecer. E ele diz que ele está num momento em que tudo lembra ela. E que onde ele vai lembra ela. Inclusive, o laço social: ele está se isolando. Porque tudo lembra essa Fernanda. Então, ele diz que o jeito dele... Ele está tão impregnado... o Outro, ali, parece que está invadindo tanto ele... que, antes, tinham umas coisas que separavam ele dessa menina - inclusive, a droga. Umas outras coisas que ele tentava, para poder separar um pouco. Mas chegou num momento que ele... que ele fala: 'até meu jeito...' Ele fala: 'até meu jeito, eu tento fazer diferente, porque até meu jeito lembra ela. Tudo lembra ela. Parei de falar com a minha mãe,*

porque a minha mãe lembra ela. Parei de falar com o meu irmão, porque o meu irmão me lembra ela. Essa janela aqui – do Ambulatório – lembra a janela da casa dela. Você lembra a amiga’. Então, eu acho que estava tão invadido – um menino de 24 anos – e é uma coisa que ele não estava conseguindo mais separar. ‘Eu sou igual... eu sou ela; ela é eu’. Uma coisa já tão misturada, que a gente... achou que ... e parecia... tamanha a angústia dele... que ele falou: ‘ninguém me entende, eu estou beirando a loucura’. Ele chegou a falar assim: ‘eu acho que eu tô doido, estou ficando maluco’. Ele chega a falar isso. Parecia, mesmo, que ele estava abrindo um surto. Aquilo me preocupou. Pedi que ele voltasse. Aí, teve a primeira Recepção. E foi quando eu levei o caso para a Reunião de Equipe. E, aí, a gente conversando, a gente constatou, mesmo, que ele estava abrindo um surto. A gente tentou ver todos os meios – assim. Ah, tem uma questão com a droga. O pai fala uma coisa que tá bom o filho dele ficar no quarto, ‘porque ele não está na rua usando droga’. Ele nem está usando droga, mas mal sabe ele que ele está se isolando por causa dessa mulher. Ele fala: ‘nem a droga tá servindo mais para poder esquecer’. Ele só lembra: ela, ela, ela. Então, eu tento não ficar muito tempo com ele ali. Porque parece que está uma coisa insuportável. Ele olha, mas não olha muito. Não sei se é porque aquilo lembra muito. Aí, o pai fala que é a droga. Foi em momentos separados. A gente entende. Mas tem um saber ali que é dele; é a verdade dele. Ele está dizendo que é a mulher. Então, o que é que a gente vai fazer com relação a isso? E, aí, o pai dele vem falando, na semana seguinte... internar. A gente viu todas as coisas de mandar ele para o Jurujuba Hospital Psiquiátrico de Niterói), para passar por uma avaliação, porque a gente está sem médico. Porque ele precisava passar pelo médico, pelo psiquiatra, para fazer uma avaliação. Depois, a gente viu uma data, lá no Ambulatório. Mas foi quando o pai veio com uma história de internar. Foi quando eu falei : ‘Pai, olha, o Vagner ... o senhor pode até... mas não é da nossa...’ Por nós, ele não iria para esta Clínica. Que era uma Clínica numa Comunidade Terapêutica para usuários de drogas. A questão do Vagner não é... Tem alguma coisa que está para além da droga. É uma coisa que ele precisa... Aí, falei dessa avaliação no Jurujuba, que seria mais uma coisa, que seria importante o Vagner estar passando por uma avaliação no Jurujuba e que ele poderia, inclusive, surtar. Falei para esse pai. Não falei essa palavra psicótico para ele não ficar... esquizofrênico pra ele não ficar ... Isso não assustou muito ele, não. Eu falei: ‘olha, ele não vai ficar lá. Isso não vai mudar. Ele vai ficar lá e vai ficar pensando nela. E sem a medicação’. Falei isso para ele: ‘pode, inclusive, surtar’. O pai, preocupado, achou que ele estava sendo ameaçado por um policial, que falou isso para ele, que se encontrasse... O pai queria proteger, deixando ele lá. Só que a gente falou que ele já estava mais dentro de casa, que não era uma coisa que oferecia tanto risco assim, mas que ele precisava se tratar, que ele precisava passar por uma avaliação E de qualquer forma, que ele fosse até o Jurujuba passar por essa avaliação para a gente ver... Isso foi numa quarta. Parece que na sexta o Vagner ia para essa Comunidade Terapêutica. E, aí, depois, eu levei isso para a Supervisão... A gente tinha combinado de eu entrar em contato, meio para saber: ‘olha, tá aqui o seu horário amanhã’. Até para sondar. Mas eu não consegui falar e ele não apareceu mais lá. Então, eu... Depois, a gente vai ter notícias de por aí: internado. Porque a gente queria evitar um primeiro surto.

ELA: O tempo de uma história, o tempo de uma insistência... O tempo para a intervenção de uma prática psi, o tempo para uma avaliação psiquiátrica (outra prática psi)... Tratar?! Acolher?! Ouvir uma vida passaria necessariamente por uma avaliação confirmatória de

um diagnóstico que, por sua vez, estenderia-se ao uso de uma medicação? Fazer esquecer?!

Quando me torno *tempo* da/na narrativa - no tempo outro do tempo -, é Maurice Blanchot quem me toma/define/direciona. Ele traz a experimentação de uma exterioridade no próprio tempo - articulando à escrita. Nela, o tempo da ausência do tempo aponta para a transformação, onde também o tempo – *outro* - sem negação é afirmado.

Blanchot (1987) coloca-se diante da escrita e de uma específica leitura, onde escrever é “entregar-se ao fascínio da ausência de tempo” (p. 20), é “entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça” (p. 24). Adentramos num arranjo de paradoxos. Nele, um “tempo em que nada começa” (p. 20), um tempo *em que a iniciativa não é possível*, onde, antes da afirmação, “já existe o retorno da afirmação; onde o que é novo nada renova; o que é presente é inatual; o que está presente não apresenta nada” (p. 21). Este é o Tempo onde, para além das *permanências* e das *passagens* provisórias, a Vida insiste. E ELA toma a palavra.

O tempo outro do tempo é correlato à outra linguagem da linguagem – e/ou palavra da palavra. Para entendê-la/percebê-la, é preciso ultrapassar a lógica da representação e suportar o desconforto do que não (se) apazigua pelos/nos reconhecimentos dos significados. Sem origem e iniciativa, a negação do cotidiano, do reconhecível, do movimento aprisionado na periodicidade dá lugar à própria criação. Seu processo percorre – e nos coloca diante do/em meio a – um *fascínio*. Este, mais afim ao artista e à obra, visto que abertos à construção/produção/criação do novo/outro, faz-se urgente para que sirva à vida. Para que uma história (de amor) no tempo não nos adoeça.

Se é no espaço literário que Blanchot (1987) vê sustentadas suas formulações, é para lá que ELA insiste em arregimentar... argumentos.

Blanchot afirma: “Isso não é, mas retorna” (p. 21). Porque “o que é sem presente não aceita o presente como lembrança – lembrança de um acontecimento” (p. 21). Aí, a *narrativa* e a vida ou para onde a vida nos leva:

experimentação, “espaço onde só se podia desaparecer” (BLANCHOT, 2005, p. 3).

O que é sem presente é sem fim, sem começo e sem futuro. O tempo da ausência do tempo (cotidiano) “nos devolve à presença da ausência, ausência como afirmação de si mesma – ausência presente -, numa afirmação em que (o) nada se afirma” (BLANCHOT, 1987, p. 21). Aí, “o que é presente é o inatual” (p. 21). Ou: “o que está presente pertence desde já e desde sempre ao retorno” (p. 21). “Isso não é, mas retorna” (p. 21). E vem como já e sempre passado, como *Inapreensível, Irrenunciável, Inacessível, Impessoal*. Trata-se da criação.

“Quando estou só neste presente” (p. 21), volto a mim como *Alguém*. Sou alguém que está aí onde eu estou só, na “solidão essencial” (p. 21). Essa é, para Blanchot, a experiência da escrita. Para ELA, é a experiência da vida.

Onde estou só, instala-se uma intimidade com o exterior, com o *Fora*, com a dispersão. Onde também o *espaço* se afirma como “vertigem do espaçamento” (p. 22). É, aí, nesta *perda de permanência* (de um tempo, de um eu, de um cotidiano) que se afirma, reinando, o *Fascínio*. Diferente da contemplação, solidária ao tempo, ao eu, aos cotidianos de nós, a uma escrita, e a uma leitura representativas, o *Fascínio*, essa a *Atração Irresistível*, é também o *Canto das Sereias da palavra-escrita-narrativa*. É *Canto* que nos arrasta e nos leva... para a vida que *pede* para ser re-inventada.

MM: ... tem a coisa mais imediata que era pensar que o problema era a droga. E você conseguiu. Mas bacana também o seu olhar ter visto uma questão com essa relação que ele teve com essa menina e que isso é que estava provocando esse sofrimento. Eu fiquei pensando na coisa da paixão. *Pathos* – paixão, no grego. Tanto a paixão quanto a patologia. E ele – a história dessa vida – conseguiu juntar os dois: ser tomado por uma paixão que o fez adoecer. Então, para além das drogas, uma história de amor.

PPI: *Não que todo mundo que fique muito apaixonado vai enlouquecer. Isso é importante separar.*

ELA: E quem ou o que garante essa separação? Uma teoria/um saber? Um sujeito? Uma avaliação em equipe ou da Psiquiatria, para confirmar um diagnóstico e justificar uma prescrição medicamentosa? Uma vida? O tempo como passagem?

PPI: *No caso dele, parece, que não é só de uma obsessão. Neurose tem uma obsessão... uma mulher. O neurótico tem a coisa da fantasia, uma coisa que intermedia. E, no caso, dele, não. Ele ia, lá no Real, ver essa menina. Tinha uma coisa, aí, do Real que estava invadindo ele demais. E que isso fez abrir um surto. Porque, até então, alguma coisa sustentava ele, mas que, depois, ele... não estava conseguindo mais.*

MM: De novo, não querendo discutir a teoria e o modo de afirmar uma prática. Mas quantas vidas – e, aí, eu penso em vidas! – não fazem exatamente isso, até conseguir esquecer um grande amor? Tudo lembra, todos os detalhes... Só que muitas vidas conseguem sair... Até para encontrar outras paixões e ficarem tão impregnadas. Mas essa vida dele adoeceu, colocando-o em risco. Em riscos concretos, enquanto usuário de drogas, com bandidos, com o tráfico, com a polícia e com esse isolamento.

ELA: Se é claro que uma teoria é um modo de afirmar uma prática e constrói um olhar, é claro também que, ali, isso não poderia ser questão. Importava ver aquela vida aprisionada, pelo/no tempo, na paixão e o quanto é imprescindível, no entanto, que sejamos libertos do tempo, para que a vida se abra a outros... tempos e paixões. É assim que insistimos em contar essa história para além do diagnóstico, da teoria psicanalítica. Também para interferir e, ainda, dar mais consistência à uma prática psi também outra.

MM: Você quer me fazer alguma pergunta?

PPI: *Não. Eu só queria agradecer, mesmo. Eu gostei. Eu achei bacana. Eu achei que falando com você dos casos...*

ELA: Das vidas!

PPI: *E falei, acho que, de uns três casos, mais ou menos. Você...*

ELA: EU?!

PPI: *... vai falando e vai abrindo. Parece que você fala e a gente para para pensar mais nos casos, e na prática. A gente para para refletir sobre a nossa prática, sobre a escuta, sobre a prática psi, sobre os dispositivos, sobre a política...enfim, sobre um monte de coisas. Enfim, eu gostei de poder contribuir para a sua pesquisa. Espero que tenha contribuído com alguma coisa. Gostei. Obrigada.*

MM: *Obrigada! Eu também gostei.*

Em um diálogo entre o Tempo e a Vida, um esquece que é o outro. O amor? Também.

*Batidas na porta
É o tempo
Eu bebo um pouquinho
Pra ter argumento*

*Mas fico sem jeito
Calado, ele ri
Ele zomba
Do quanto chorei
Porque sabe passar
E eu não sei*

*Num dia azul de verão
Sinto o vento
Há folhas no meu coração
É o tempo*

*Recordo um amor que perdi
Ele ri*

*Diz que somos iguais
Se eu notei
Pois não sabe ficar
E eu também não sei*

*E gira em volta de mim
Sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro
Sozinhos*

*Respondo que ele aprisiona
Eu liberto
Que ele adormece as paixões
Eu desperto*

*O tempo se rói
Com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver*

*No fundo é uma eterna criança
Que não soube amadurecer
Eu posso e ele não vai poder
Me esquecer...*

Aldir Blanc e Ronaldo Bastos (1988)

No tempo, somos: insistências, passagens, atravessamentos.

MAR DE MEMÓRIA

ELA/*Memória* forja-se, aqui, como *caixa de guardar... o tempo*. Que sejam também a de guardar a *linguagem*, a *pesquisa*, a *história*, a *política* e mesmo as *narrativas*. No entanto, pretende que o *guardar* não (se) feche, para que, assim, possa afirmar-se como aquilo que acolhe para fazer escapar. *Caixa-abertura*. Paradoxo? Condição!

Nas suas argumentações, ELA concorda com uma interlocução. NÓS – forjados leitores com aquilo que sabemos e com aquilo que vamos querer saber – e ELA. Entre nós – travessias ou mesmo travessuras: posicionamentos e deslocamentos.

ELA: Proponho-me *Memória* como aquilo que, por vezes, possa ser experimentado ao modo comportado e singelo de uma caixinha de música onde, enlevada, uma bailarina rodopia. Proponho-me, também, que, por vezes outras, possa ser ao modo matreiro de uma caixa-surpresa, onde... de repente, o inusitado. Tendo seu/meu tampo aberto, com o recurso de uma mola impulsora que intensifica o movimento, que faça irromper... Com o susto, a intensidade, a surpresa, *algo* nos toma e nos leva – os signos. Para o passado e, mesmo, para o futuro. O conteúdo? Isso pode ser uma outra história...

NÓS (com aquilo que já sabemos e com aquilo que vamos querer saber): Isso porque para além da *duração* (efeito do tempo ou o próprio tempo), você aposta no *involuntário* (da *Memória*) e se quer, portanto, aliada à desobediência do próprio tempo – o cronológico. Para, então, no lugar de trazer narrativas aprisionadas em lembranças passadas e fiéis ao acontecido, fazer a vida escapar em novas/outras invenções, versões, ficções – você dirá. E, diante da interrogação acerca da veracidade dos fatos – conteúdo?! -, poderá então afirmar: *aconteceu*. Tal qual na Literatura de Ariano Suassuna que também escapa e torna-se Cinema. Então, na letra que, solta, dá voz ao personagem *Chicó* nas conversas com *João Grilo*: “*Só sei que foi assim...*” (SUASSUNA, 2005) É isso?

ELA: A conversa com letra e voz ou o livro/filme é “Auto da Compadecida”. Quanto à aposta, é isso! Para tanto, é preciso que *narrativas* não sejam relatos descritivos e é preciso, também, levar em conta, na vida, que o *jogo consolante dos reconhecimentos*

precisa dar espaço à violência – como força/intensidade da urgência – do *intempestivo*. É quando a bailarina enlevada cede lugar à caixa-surpresa.

Memória – Signo e Arte

Caixa-Abertura é *Memória* - para onde a tríade acima nos leva. Nessa travessia, proposta por essa interlocução, uma advertência: !Não pretendemos a construção de um compêndio sobre o tema *Memória*; pretendemos, partindo, com Deleuze, da Literatura de Marcel Proust, a apropriação de um sentido que possibilite... direções outras e tantas... - Abertura e caixa; caixa e abertura. Em revezamento.

A partir do entendimento do que leva Proust/Deleuze a afirmar a *memória involuntária*, o propósito d’ELA será acompanhar tal operação. E, então, relacionar Vida, Memória, Obra, Arte/Literatura e Ficção. E, também, encontros e estratégias. Para tal, trata-se de evidenciar, ainda, uma outra interlocução - entre “Proust e os Signos” (DELEUZE, 2006a) e “Diferença e Repetição” (DELEUZE, 2006b).

ELA: Ao interferir letra e voz, Filosofia, Literatura e Cinema, caixa e tempo, surpresa, inusitado e abertura, quero a intensificação de uma inspiração – Deleuze prousteano ou, mais especificamente, um efeito da obra do escritor Marcel Proust na filosofia de Gilles Deleuze. “Proust e os Signos”, surgido de “Em Busca do Tempo Perdido”, será nosso percurso. Construo uma caixa, para, então, novamente escapar. Aliás, já aí posso ver a memória do futuro. Porque em 1976, quando Deleuze publica “Proust e os Signos”, parece somente confirmar o que tinha escrito em “Diferença e Repetição”, em 1968.

NÓS: Neste livro – “Diferença...” -, Deleuze afirma que “a tarefa da vida é fazer que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença” (DELEUZE, 2006b p. 16). Nessa aventura, que, num primeiro momento, parece, mesmo, negar a sua máxima – “só escrevemos na extremidade do nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro” (p. 18). No entanto, vemos o filósofo percorrer os principais pressupostos da história da Filosofia para revertê-los. Vai de Platão à Heidegger, de Santo Agostinho à Hegel, passa por Aristóteles, Hume e afirma, nietzscheanamente, a sua diferença.

ELA: Tal como vê e/ou faz em “Proust...” (DELEUZE, 2006a), que rompe com uma memória recognitiva e/ou representativa.

NÓS: Trata-se de, mais uma vez, fazer proliferar a *aventura-da-interlocução* com Gilles Deleuze. Aquilo que Claudio Ulpiano, nosso mestre deleuzeano - através de uma generosa, corajosa e determinada empreitada de Silvia Ulpiano - virá em 2013, chamar “grande aventura do pensamento” (ULPIANO, 2013). É afirmando que “o problema do começo em Filosofia sempre foi considerado como muito delicado, pois começar significa eliminar todos os pressupostos” (DELEUZE, 2006b, p. 189) – objetivo e subjetivo – que Deleuze opera sua filosofia *a marteladas*. Como nos idos dos anos 80, o professor Claudio Ulpiano nos ensinava acerca do *modo nietzscheano*: começa pelos pressupostos para, então, eliminá-los. Chamávamos *construção* e *desconstrução*. *Constrói e desconstrói*; começa e elimina? Até onde – visto que há tanto ainda por problematizar?

ELA: Estamos em meio à questão do objetivo e do subjetivo nos/dos pressupostos filosóficos - que são também retroalimentados no/pelo senso comum. Ou seja, para além da Filosofia e/ou da Ciência.

NÓS: Sim – e porque tem como sustentador a Moral. E se Deleuze é quem esclarece, é Nietzsche quem se ocupa da denúncia. No entanto, foi Ulpiano quem nos deu pistas de entendimento/apropriação.

Penso, logo existo. Tomando o cogito cartesiano, Deleuze (2006b) apresenta os pressupostos objetivos e subjetivos. “Pressupostos objetivos são os conceitos explicitamente supostos por um conceito dado” (p.189). Dado o pensamento, supõe-se um Eu. De modo outro, “pressupostos subjetivos ou implícitos são aqueles envolvidos num sentimento em vez de serem um conceito” (p. 189). Neste caso, trata-se de um *todo mundo sabe* e reconhece. Deste modo, “que cada um saiba – ou acredite – sem conceito, o que significa eu, pensar, ser” (p. 189). Isto que todo mundo reconhece, que *todo mundo sabe*, que ninguém pode negar é a imagem do pensamento dogmático ou ortodoxo. Portanto, “imagem moral” (p. 192) porque prescritiva. Em todos os casos, seja no saber científico, seja no senso comum, temos o compartilhamento moral de crenças, que Nietzsche chamou *acordo de paz*.

Quando Nietzsche se interroga sobre os pressupostos mais gerais da Filosofia, diz serem eles essencialmente morais, pois só a Moral é capaz de nos persuadir de que o pensamento tem uma boa natureza, o pensador uma boa vontade e só o Bem pode fundar a suposta afinidade do pensamento com o verdadeiro (DELEUZE, 2006b, p. 193).

ELA: Acredito estar em meio à *vontade de verdade*. Que me leva à ou me traz Marcel Proust. Roberto Machado (DELEUZE, 2006b), orientado pela lógica dos gêneros, apresenta, aos leitores de “Proust e Os Signos”, a obra do romancista/escritor francês Marcel Proust. Por sua *estrutura fragmentária*, “Em Busca do Tempo Perdido” é apontada como revolucionária “em relação às leis do romance” (2006a). E, assim, coloca para Gilles Deleuze/seus leitores uma interrogação: “que pretende um filósofo ao escrever sobre uma obra literária?” Na *resposta*, o que está em jogo, é a “busca da verdade” (DELEUZE, 2006b, p. 3.). Suponho que se trata de uma busca e/ou verdades *outras* que mantém uma estreita e específica relação com a *Memória*. Memória esta que será, também, especificamente outra. Como Mar de *Memória*, proponho que se veja a vida atravessando formulações/propostas nessa abertura que intensifica experimentações fragmentadas, híbridas e que, impondo interferências, são, por vezes, dissonantes. Sejam teóricas, científicas, sejam do senso comum, sejam literárias serão, sempre, produções! Para que não nos aprisionem em imperativos morais, algumas reversões são necessárias. Como uma *revolução das faculdades*, por exemplo.

NÓS: Deleuze chamou “uso discordante das faculdades” (DELEUZE, 2006b, p. 203) o que impõe/cria o pensar no pensamento. Faz proliferar a *reversão do platonismo* – como afirmou o próprio Deleuze em relação ao pensamento nietzscheano.

ELA: E muito *começou* mesmo com Nietzsche – em relação às metafísicas platônica e cristã. Ou às *transcendências*. E seguiu pelo *baralhamento dos códigos*. Em Deleuze, é também uma estratégia de reversão: problematizar a imagem do pensamento platônico – que se desdobrou no pensamento aristotélico e no pensamento cartesiano e

ocidental/representativo. Por isso e também Deleuze pode se servir de Marcel Proust e seu olhar literário e crítico em relação à Filosofia e à própria Literatura. Em “Proust e os Signos” (2006a), trata-se de começar problematizando uma específica relação com a verdade. Está lá que “a verdade depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro” (p. 15.). Sendo efeito de encontros, as verdades e o pensar nos conduzem à problematização da Memória como caixa de guardar o tempo. Há na *Memória*, como faculdade da razão, ou seja, como *caixa de guardar*, uma tentativa de reconstituição desse processo/encontro. Tentativa vã, dirá Proust, visto que esta “chega sempre muito tarde com relação aos signos a decifrar” (PROUST apud DELEUZE, 2006, p. 49) – porque “não soube captar no momento a frase que deveria reter, o gesto que não sabia ainda que adquiriria determinado sentido” (p. 49). *Tentativa-não-vã*, direi, mas específica e possível, também, porque se aquela se forja ao modo de *caixa – de guardar o tempo* – este é seu limite. Importa, aqui, interrogar até onde. Ou se nesta aliança com um modo representativo/representacional de lidar com o próprio tempo e com as verdades, a vida suportará fechamentos e/ou clamará por aberturas.

NÓS: *Tentativa não-vã?! Aqui você discorda de Proust e de Deleuze?*

ELA: Não! Trata-se de dois modos, que não podem ser tomados como oposições. Um modo representativo – *tentativa vã* - é ainda uma produção com certa eficácia. Pode ter serventia em um modo de existência. Limitada, porque o enfraquece, quando a vida pede mais. Quando a vida pede re-invenção. É na ressonância entre Filosofia e Literatura – proposta por Deleuze e por Foucault e mesmo por Nietzsche! - que vamos percorrendo a obra de Proust para encontrar o modo outro: uma *Memória outra* – a *involuntária*. E, nela, uma relação da Arte/Literatura com a vida que acredito ser de uma interferência tal que a diferença polarizada – Arte/Literatura X Vida – torna-se *falsa*. Assim como também torna-se *falsa* a concepção de que Memória seja apenas uma caixa de guardados servindo à reconstituição limitada de um passado/tempo perdido.

NÓS: Na ressonância entre Filosofia e Literatura, extrai-se o que serve à vida em sua expansão/re-invenção e que a opera como obra. Arte? – você tinha deixado esta questão.

ELA: Sim. Resta re-encaminhar esta questão e/ou retraçá-la: ficção! As ‘polaridades’ – Filosofia e Literatura; Vida e Arte – tornar-se-ão, aqui, obsoletas. Isso porque podem transversalizar-se. Trata-se, então, de ver/retomar, aí, o *Impessoal*. Algo para além da

intenção primeira de um sujeito primeiro. E, nesta tarefa, acredito estar em meio à vida – para além de um sujeito e de um objeto –, estar em meio ao encontro, em meio a atravessamentos. E, nos termos deleuzeanos, “com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar” (2006b, p. 203). Aí, tomo este ‘*o que*’ exatamente como aquilo que opera a vida na direção/sentido de criação. Então, sentido de obra. Trata-se da violência da força que se/nos impõe. E fez surgir um projeto de doutorado, a produção de uma tese. Quando ou como chegar à condição de *arte*?

NÓS: Se, a partir de Deleuze, podemos afirmar que é na busca da verdade onde a memória intervém como *meio*, é necessário, ainda, que se interrogue: o que tomaria por *verdade*? Uma tese? E, para além do seu conteúdo, o que a sustentaria? A Literatura pode encaminhar estas questões?

Existe um endereçamento crítico da obra prousteana à Filosofia, mas Deleuze também pode afirmar que por conta das recognições operadas ou impostas pelas forças dos encontros, há um “platonismo em Proust” (DELEUZE, 2006b, p. 94). No entanto, há criações/produções da memória vindas destas forças e que estão para além dos reconhecimentos. Há uma lógica aristotélica – porque classificatória – na construção deleuzeana de “Proust e os Signos”. É visível, no entanto, uma reversão cartesiana, superando um Eu primeiro, em ambos. Está sendo operada a construção e desconstrução. Cabe ressaltar que, aqui e em “Narrativas...”, Platão, Aristóteles e Descartes são referências no pensamento representativo – que, supondo uma identidade no plano das idéias, das classificações e do pensamento, opera por reconhecimentos/recognições.

NÓS: Então, poderemos nos ocupar de *experiências de verdade*. Lembremos que para problematizar e desmontar pressupostos filosóficos, é necessário falar/escrever a partir dessas lógicas. Algo como Nietzsche enunciou – a vida deve imitar a matéria para ser possível. E mesmo quando o próprio filósofo alemão reconheceu-se como homem de herança grega e escreveu que “sou um discípulo de épocas mais antigas, especialmente da Antiguidade grega, e somente nesta condição é que pude fazer eu próprio, como filho do tempo presente, descobertas tão intempestivas” (NIETZSCHE, 2011, p. 69/70). Trata-se,

portanto, para Deleuze, Proust e Nietzsche, de estratégias. O que pode sugerir/fazer confundir um platonismo em Proust e um aristotelismo em Deleuze.

ELA: Como Neves (2002) propõe, é importante que estejamos *em meio a*. Em meio à revolta das faculdades. Algo como pertence e estranha, *entende e desarruma*. Pertence estando em meio a; estranha, problematizando. Entende com Deleuze – e desarruma também com ele. Aliás, “Diferença e Repetição” (2006b) é onde Deleuze executa exaustivamente esta operação. Ainda que em “Proust e os Signos” (2006a), fazendo uma interferência com a Literatura, afirme que o mundo/pensamento moderno é o mundo do simulacro que “nasce da falência da representação” (DELEUZE, 2006b, p. 15).

NÓS: Revolta das faculdades?!

ELA: É o que se dá o tempo inteiro, quando a vida pede re-invenção. E é violento, mesmo. Se a tese central da “Recherche” é o encontro contingente – imanente seria, aqui, redundância ou intensificação do que se quer afirmar - com aquilo que força a pensar, isso se dá através da “falência do logos” (2006a, p. 101) ou do discurso lógico. Proust desloca uma certa lógica objetiva e subjetiva e afirma *o uso dislógico e disjunto das faculdades*. O que é o mesmo afirmar que “nunca dispomos de todas as faculdades ao mesmo tempo e a inteligência vem sempre depois” (DELEUZE, 2006a, p. 100). Em Proust, os personagens são atravessados por “signos sempre parciais, signos ambíguos... destinados a enganar...” (p. 102) – uma luminosidade, um cheiro, um sabor, uma cena, uma paisagem... que nenhum significado prévio organiza. E, assim, tornam-se signos problematizadores.

Uma luminosidade, um cheiro, uma sabor, uma cena, uma paisagem... Ao pedirmos um pouco de possível para não sufocar, enlouquecemos? Devimos poetas?! Até aqui, o que fica evidente é que estamos vivos!

NÓS: Nem é um sujeito/personagem que vem primeiro, buscando lembranças/memórias. Também não é um texto/discurso conciliador, apaziguador como você fala/escreve. Parece aquilo que você fala sobre a vida em excesso.

Encontros: Estratégias, Amizades e Amores Para Interferir e Formar...

O *Inusitado* dos encontros ganha forma/língua e, enfim, registro.

A *conversa* com o psi – e sua prática – parecia repetir palavras: *inusitado, estratégia, amizade; inusitado, amizade, estratégia.*

Foi, também, quando ELA pode dizer que *a Conversa rolou solta*. A palavra silenciada - pensamento e o calar - pouco foram necessários. E talvez tenha sido assim também no momento da transcrição – tornar a *Conversa/voz Conversa/escrita*. Porque, sem estratégia do pensamento atravessando, *tudo* foi falado ali. Ou, talvez porque essa tenha sido a estratégia: afirmar uma *Conversa*. O que reverteria a passagem do tempo? Caixa? Surpresa!

Teve um momento em que a pesquisa/“Narrativas...” queria contar a história das práticas psi do serviço público do Município do Rio de Janeiro. Tinham sido quatro concursos públicos – para a Saúde. O último, no entanto, tinha trazido uma espécie de desarranjo inusitado: os candidatos classificados teriam que ir para a Educação. Era 2008 e, no acaso, a necessidade era afirmada. Naquela aula, estava alguém que também contava essa história: *fiz o concurso para a Saúde, mas estou na Educação*. Quis saber seu nome. E das tantas vezes que perguntei foram as mesmas que não registrei – para recuperar, um dia, quem sabe, com o tempo... a memória... Era, então, 2010 e eu pensava: *é o inusitado que se impõe*.

A passagem do tempo trouxe outros pensamentos – então silenciados: como querer o acontecimento? Como dizer *sim* ao *não* que nos chega e re-nascer daí? Como escapar ao ressentimento paralisador da ação? Como contar junto aquela história, se nem o nome do psi tinha sido registrado? Era, então, 2012.

Novamente, o inusitado se impôs, quando, ao acaso, encontro aquele psi, no campus da UFF. Psi, agora, tornado Mestre também pelo tempo. Era momento de efetivar a *Conversa* e de registrar seu nome.

Hoje, sei seu nome – e, talvez, por isso, com tanto gosto, falo/repito enquanto conversamos e enquanto faço a voz devir escrita. Estamos em 2012. Nossos encontros, que se repetiram, repetiram também o inusitado.

O combinado é uma hora de uma quinta-feira, ali onde nos encontramos ao acaso. Chego atrasada e vou (me) explicando: *às duas, tenho orientação*. Nossa tarefa é encontrar um lugar tranquilo onde a amplidão do espaço não seja captada pelo gravador, onde passarinhos e passantes não abafem e/ou silenciem nossas vozes. O gravador, no entanto, não funciona – talvez o botão acionado tenha descarregado a bateria. O psi oferece fazer o registro no gravador do seu lap top – me enviando, depois. Ok. No dia seguinte, recebo a gravação em arquivo. Tem o meu nome, mas não tem nossas vozes. Não houve registro da *Conversa*. O que fazer? Resgatar pela memória? Pela rede/internet? Em um outro encontro?

Quatro meses depois, um novo encontro. O lugar: o mesmo. E nós – e/ou nossa vida/prática? O gravador que fará o registro, desta feita, é meu – no *lap top*.

MM: Você falou *apesar de... é um outro momento*. E eu tinha pensado por onde recomençar – porque eu espero que seja diferente, mesmo. E eu vou ver como eu vou situar isso, depois. A gente já tinha uma *Conversa* que não teve registro. O tempo passou e já é outra conversa.

Renato: *Hum, hum*.

MM: Bacana isso que você falou: *é um outro momento*. E, aí, agora não tem mais aquele roteiro.

Renato: *Não tem?*

MM: Não. Então, você quer resgatar alguma coisa dali ou a gente fala a partir exatamente disso? O tempo passa; a vida vai se mexendo e já é outra coisa?

Renato: *Eu não me lembro quais eram as perguntas. Não consigo resgatar assim. Mas se você falar, eu acho que eu lembro. Se você se lembra de alguma pergunta...*

MM: Renato, a ideia é que não seja uma entrevista; que seja, radicalizando mais, uma *Conversa*. Então, naquele momento, foram a entrevista e as perguntas... partir de uma entrevista que virasse uma *Conversa*. Agora é só *Conversa*. O inusitado de novo afirmou-se. Aquela *Conversa* se perdeu para dar espaço a outra? Será que não? O que se mantém é a escolha de você, da sua prática, para a *Conversa*, foi exatamente o inusitado. O que me chamou para esta *Conversa*: a história da sua prática – que era uma prática que estaria direcionada para a Saúde do Município do Rio de Janeiro e, de repente, foi parar na Educação.

Renato: *Hum, hum*.

MM: E, aí, tu escolhe o que tu quer falar.

Renato: *Eu me lembro que você tinha perguntado por que eu tinha começado a fazer Psicologia... Isso ainda continua. Eu disse pra você que um colega meu tinha me*

chamado; eu nunca tinha pensando nisso; aí, eu falei pra ele colocar meu nome lá no Vestibular – que eu faria. E me lembro que tinha sido, também, por causa de uma namorada. E isso ainda é verdade.

MM: Parece que tem coisas que o tempo não muda. Tem histórias que ficam guardadas. Mas a vida se mexe!

Renato: *Sim, sim.*

MM: E tu acha bacana falar disso? Como você chega à Psicologia com uma amizade e com uma história de amor.

Renato: *É. Você quer que eu fale o que vem na minha cabeça?*

ELA: Nossa! Ali, à vontade, não percebemos esse... convite à analítica.

Renato: *Eu percebo, por exemplo, o fato de eu estar aqui conversando com você talvez seja pelo nosso encontro aqui na UFF – que é por escolha por uma certa aposta metodológica ou de teoria que é comportada aqui nesse curso da UFF. E, aí, ontem eu estava conversando com um colega meu lá na Praça – que é o Guto. Eu encontrei um aluno da Maria Tereza [Faculdade próxima à UFF], na rua, e ele disse que estava conversando com um professor X.*

ELA: Menos que um constrangimento, nossos olhares parecem confirmar um acordo: até onde especificar torna-se útil e onde o identificar torna-se falsa questão. Então, Professor X e Guto.

Renato: *E, aí, eu perguntei para ele o que ele estava fazendo, o que ele estava tendo com esse professor. Aí, ele falou: Ensino Lacaniano. Eu fiquei super... curioso. Porque... Aí, enfim, depois eu imaginei e, agora, entendi o que aconteceu. Porque esse professor que está dando aula de Lacan, lá, que foi a maneira que ele conseguiu de ficar na faculdade. Porque as disciplinas que ele dava foram extintas. Bom, mas, aí, o que isso tem a ver? Que esse mesmo professor foi o professor que na época, quando eu estudava, ele chegou na sala falando de Análise Institucional e de Foucault. Então, era aquilo que ele gostava. E foi aí que eu comecei a gostar dessas coisas, que eu comecei a estudar, enfim; e comecei a traçar meu percurso de pensamento. Aí, eu fiquei pensando: se eu estivesse na faculdade hoje e ele tivesse entrado para me dar aula de Lacan, o que teria acontecido? Foi ele. E é ele é aquele cara que eu me identifico, no sentido assim: pô, aquele cara que eu acho que eu meio que me espelho. Porque eu considero que ele muito bom, a maneira como ele lida com o conhecimento, com desprendimento, uma coisa leve... E, aí, eu descubro que ele está dando essa disciplina agora: Lacan e Freud. Caramba! Como é que pode?! Eu poderia não ter encontrado ele e poderia não ter... Porque foi no final. Eu estava no nono período.*

MM: Você está falando de três encontros: o seu amigo que te leva para a Psicologia - um certo modo de Psicologia, um modo de pensar e de fazer Psicologia. Esse amigo - que você falou da outra vez - militar, você sendo militar, faz o Vestibular; a namorada e esse encontro com esse professor, num outro momento dele, não-estratégico-lacaniano.

Renato: *Han, han.*

MM: Ou, talvez lá fosse estratégico. E a gente não vai saber.

Renato: *É verdade! Eu estou tendo essa dúvida aí. Qual é o lado estratégico? Se era aquele ou se é esse. Se era aquele, é muito bom. Ele faz muito bem.*

MM: E o que a gente tira desses encontros, para ferramentar, mesmo, para a prática. E a ideia é o que eu quero ... eu sempre retomo o título, Renato: ... ao modo da Literatura, a vida contada pelas práticas psi. Vidas dos outros - que a gente atende, ensina ou o que for

– e a nossa vida, também, atravessada aí. Você está falando, é a sua vida contada pela sua prática: de um amigo, de um Vestibular, de uma namorada... Ela fazia Psicologia também?

Renato: *Medicina. A escolha da Psicologia, na verdade, foi por uma coisa... que fosse médica. Eu não tinha possibilidade de fazer Medicina. Eu era Militar e não tinha como. E, aí, eu pensei em alguma coisa na área da Saúde. E, aí, esse meu colega que era muito amigo – o amor do amigo e o amor da namorada! Juntos. – E, aí, a gente conversava algumas coisas. Não me lembro se era de Psicologia. Mas era um pensamento meio abstrato assim. E, aí, eu falei: vamos fazer! No início, fui porque... Poderia não ter ido; ele poderia não ter feito a inscrição. Eu acho. Mas ele fez. Aí, eu fui gostando. Ele não terminou.*

MM: Ele não se tornou um psicólogo.

Renato: *Não. Ele ainda é militar até hoje. Ele é cozinheiro da Marinha. E quando eu terminei o Mestrado, ele falou: ‘ah, você realizou meu sonho, cara’. Eu falei: você vai realizar seu sonho, ainda.*

MM: Isso que a gente estava falando: alguma coisa na história e na vida se mexe; e o que não se mexe fica guardado, vira história e o inusitado continua se apresentando, remexendo essas histórias.

ELA: Óbvio que estamos em meio aos dois sentidos de história. A construção do que será, em outro tempo, guardado em caixa e o que escapa, remexendo-se no tempo. Ou seria memória?

Renato: *Remexendo, mesmo. Agora, eu acho que tem que ter uma... não sei se eu falei alguma coisa parecida da outra vez com você. Acho que tem que ter uma... a Suely Rolnik chama uma ‘abertura para o finito ilimitado’ ou uma ‘intimidade com o finito ilimitado’. É uma coisa que eu tenho tentado fazer é isso: é tentar me encontrar. Ou me desencontrar, não sei. Mas tentar encontrar alguma coisa que produza a diferença em mim, assim. Deixar um pouco a vida te levar, mas não é numa passividade. Não, necessariamente.*

MM: Até onde a gente procura – encontrar - e até onde a vida faz encontrar? O que a gente viveu agora: você, aqui comigo, encontra uma pessoa que te chama para uma outra vertente de trabalho. No entanto, você não estava buscando isso.

Renato: *Não!*

MM: O convite que surge dali, daquele encontro deve ser o ‘deixa a vida me levar’: eu estou na vida e o acaso me coloca lá, diante de uma pessoa e aí...

Renato: *E ela não tem nada a ver com a UFF. Ela deve ter vindo ali para o Caixa Eletrônico.*

MM: É mais radical, ainda.

Renato: *Estava de carona de carro.*

MM: E, aí, você falou ainda agora daquela *Conversa*. A ideia não é recuperar tudo, não, Renato. É exatamente isso, o que hoje é diferente? Naquele momento você estava dando aula?

Renato: *Não.*

MM: Hoje você está dando aula numa Faculdade de Psicologia. Você continua na Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro?

Renato: *Continuo.*

MM: Se não tivesse, também seria bacana.

ELA: Ih! Bacana a conversa e não o ‘não estar mais...’ Ah, as armadilhas da palavra! Mas ele capta. E ajuda.

Renato: *Conversar, né?*

Nas *Conversas*, trata-se, também, de experimentar palavras. *Amizade?! Em que sentido/direção?*

Proust dirige a mesma crítica à Filosofia à amizade. E, mesmo, a uma Literatura descritiva. Entre amigos, a relação de boa vontade: sempre prontos a concordar a respeito da significação das coisas e das palavras – comunicando-se sob o efeito de uma boa vontade comum. O mesmo na Filosofia: uma boa vontade para pensar, esta como decisão premeditada. Decisão e método – descobrir e organizar as idéias segundo uma ordem (do pensamento). Na Literatura, uma espécie de moral da história.

De modo outro, com a sua Literatura, Proust pro-voca um desacordo. E, nele, a *experimentação das palavras*. Por exemplo, o *gosto da Madeleine*.

ELA: De um modo outro, em Proust, os personagens existem, mas são atravessados por signos parciais/ambíguos. O que literalmente ganha a cena são estes signos – sem significados. Signos em experimentação – acredito. A *Madeleine* de ontem é sempre outra... No presente e no futuro.

NÓS: Signos?! Experimentação?!

ELA: Signos em experimentação. Sem significados. Tome como impressões/afecções, como intensidades ainda sem língua/forma/expressão – ou sentido/direção. Uma palavra, um gesto, um cheiro, um lugar, um sorriso, uma paisagem... No encontro e na violência que estes provocam – violência que prefiro chamar força de uma intensidade sem medida -, é a arte literária que inspira um modo outro de lidar com as palavras e com a vida. Que escapa aos reconhecimentos.

Proust chamou *essência* o signo percebido e operado aí. A essência – espécie de ponto de vista superior irreduzível, nascimento/começo do mundo na obra de arte – constitui e reconstitui sempre um começo do mundo, forma também um mundo específico absolutamente diferente dos outros – cotidiano e reconhecido. E envolve uma paisagem ou lugares imateriais inteiramente distintos do lugar em que o apreendemos. E se para

Proust, isso ocorre na arte, e ele pode operar isso com sua Literatura, é preciso um *modo artista* para lidar com específicos encontros – ou desencontros – também na vida. Quando Proust afirma que “a reminiscência intervém!” (DELEUZE, 2006a, p. 103), menos que um discurso/logos originado na voz de um personagem, é “um raio oblíquo do sol poente, um perfume, um sabor, uma corrente de ar” (p. 103) que trazem a vida: um “complexo qualitativo efêmero” (p. 103) – algo que ‘nos’ toma. Deleuze esclarece que, para tal, “é preciso partir da disparidade, da incomensurabilidade, dos esmigalhamento das partes da ‘Recherche’” (p. 109). Tal como a vida intempestiva – redundância! - quando desarruma/sai e nos retira do encadeamento e dos reconhecimentos.

ELA: O que intervém é a memória involuntária que, então, faz ressoar dois momentos – atual e antigo. Na experimentação artística produzida pela literatura – efeito literário – isso é fato. Na vida, acredito, também. Se, para Deleuze proustiano, a arte é uma máquina de produzir efeitos [ficções] sobre outros – leitores e expectadores - análogos aos que a obra de arte produziu, para mim, a vida é *uma máquina de produzir efeitos [ficções] sobre todos – leitores, expectadores, viventes*. “Recherche” é um debate entre arte e vida. Arte que é produtora de vida e vida que é produtora de arte. E ambas *ensinam/ensaíam* um modo de existência.

NÓS: Como Nietzsche sugeriu: um *modo artista*. Você teria encontrado?

ELA: Eu insisto em seguir aprendendo! Aventura continuada! Porque a questão não é ter encontrado, mas seguir aprendendo. Deleuze afirma que “Recherche” – obra e busca/pesquisa literária – é “voltada para o futuro” (DELEUZE, 2006a, p. 25) e não para o passado guardado. E, nesta direção, faz-se “aprendizado dos signos” (p. 4), que entendo como *experimentação dos signos*. Então, é preciso saber lidar/operar com o inusitado. E para quem tem coragem, é preciso, mesmo, saber provocá-lo! Voltando aos signos, Deleuze, a partir da “Recherche”, enumera quatro tipos de signo (aí, algo de representativo, porque classificatório), relacionando-os a mundos que, obviamente, se comunicam. Sejam eles, mundano, do amor, das impressões ou qualidades sensíveis e da arte. Saliente-se, aí, na pluralidade de mundos e na Multiplicidade, a estratégia analítica e a geração das possibilidades diversas de ser, estar, amar, pensar... Neves (2002) chamou *modos de estar nos verbos da vida*. Repito, são possibilidades diversas na obra

proustiana e na vida. Diferenciando os signos, Deleuze proustiano (2006a) afirma que “o signo mundano não remete a alguma coisa; ele substitui, ou seja, pretende valer por seu sentido” (p. 6).

NÓS: Aí, claramente, a lógica da representação?

ELA: Sim, a classificação serve à vida como produção de representação e de reconhecimentos/reconhecimentos pactuados pela paz. Importa é que se ocupando de uma outra qualidade de signos – da Arte – , Proust e/ou seus personagens encontram aquilo que faz do “tempo perdido tempo redescoberto” (p. 23). Então, criam outro tempo, outra verdade. Deixa-se para trás um modo representativo para re-encontrar a linguagem na sua possibilidade explícita de produção e de experimentação – de sentidos e de mundos/modos. Dos signos mundanos, o vazio, um *tempo que se perde*; do amor, os enganos, *o tempo perdido*; dos sensíveis, o estranhamento *que nos fazem redescobrir o tempo*, em uma espécie de “ponte” para a arte, que “nos traz um tempo redescoberto” (p. 23), reunindo todos os tempos. Trata-se, então, de um modo outro de operar a sensibilidade.

Eis o próprio Proust nesta operação, afirmando que:

O gosto da madeleine lembrava-me – trazia-me – Combray. Mas porque me tinham, num como noutro momento, comunicado as imagens de Combray e de Veneza uma alegria semelhante à da certeza e suficiente para, sem mais provas, tornar-me indiferente à ideia da morte (PROUST apud DELEUZE, 2006a, p. 12).

Combray: um mundo vazio? Um não-mais? Um engano? Um estranhamento? Uma Combray re-criada, em *uma* Veneza re-criada a partir de uma impressão, de um signo: a alegria. A vida tornada obra literária. A Literatura tornada obra da vida. *Experiências de verdades*.

NÓS: Parece que é absolutamente necessário, na Literatura, na Filosofia, na vida, ultrapassar os pressupostos objetivos e subjetivos morais. Acreditar e operar um pensar outro. Habitamos o “pensar como um exercício natural de uma faculdade – com boa natureza e boa vontade” (DELEUZE, 2006b, p. 193). É, de um certo modo, cômodo habitar o *todo mundo sabe*.

ELA: Mundo dos reconhecimentos. Na Filosofia, chamam *Reconhecimento* este “exercício concordante de todas as faculdades sobre um objeto suposto como sendo o mesmo: é o mesmo objeto que pode ser visto, tocado, lembrado, imaginado, concebido” (DELEUZE, 2006b, p. 194). Um objeto “é reconhecido quando uma faculdade o visa como idêntico ao de uma outra ou, antes, quando todas as faculdades em conjunto referem seu dado e referem a si mesmos a uma forma de identidade do objeto” (p. 195) – *sendo comum, para todo mundo*. Que um sentimento possa ser tomado como um sentimento. Isso apazigua. A amizade, também. É importante, no entanto, considerar quando os reconhecimentos não dão conta ou obliteram a vida. Considerar um limite/limitação. E experimentar a variação a partir daí. Não como doença, mas como a vida se re-inventado.

Na Filosofia já diferenciada/*desarrumada* de Deleuze (2006b),

os conceitos designam tão somente possibilidades. Falta-lhes uma garra, que seria uma necessidade absoluta, isto é, uma violência original feita ao pensamento, de uma estranheza, de uma inimizade, a única a tirá-lo de seu estupor natural ou de sua eterna possibilidade (p. 202).

Isso ocorre

tanto quanto só há pensamento involuntário, suscitado, coagido no pensamento, com mais forte razão é absolutamente necessário que ele nasça, por arrombamento, do fortuito no

mundo. O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo (p. 203).

ELA: O mesmo na Arte e na vida. O arrombamento impõe a criação do outro mundo do mundo. Algo do vivido nos toma/atravessa, impondo-se e impondo um nascimento, uma obra, um outro modo de *'estar nos verbos da vida'*, uma (outra) ficção. Uma reminiscência intervém e oferece menos que um passado ou um reconhecimento, mas um futuro a ser criado. E isso é a vida. Ficção. Insisto que é *moralesco* tomarmos tal processo como adoecimento da vida/na vida.

NÓS: Então, no não reconhecimento, novamente o signo. Como objeto de um encontro ou como limite...

ELA: Novamente, um encontro! Deleuze (2006b) afirma que “há no mundo alguma coisa que força a pensar. Esse algo é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento” (p. 203). Tal objeto pode ser apreendido sob tonalidades afetivas diversas, admiração, amor, ódio, sabores, dor, paisagens. Mas ... ele só pode ser sentido. Experimentado! É assim que ele se opõe a reconhecimento. Porque, na reconhecimento, o sensível nunca é o que só pode ser sentido, mas o que se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido... com significados prévios. No reconhecimento, o sensível não é somente referido a um objeto que pode ser outra coisa além de ser sentido, mas pode ser ele próprio visado por outras faculdades. Ele pressupõe, pois, o exercício dos sentidos e o exercício das outras faculdades no senso comum. O objeto do encontro, ao contrário, faz realmente nascer a presença daquilo que só pode ser sentido (o *insensível*, ao mesmo tempo) porque se encontra diante/em meio a um limite próprio – o signo.

NÓS: Então, a *revolta das faculdades*.

O limite:

em vez de todas as faculdades convergirem e contribuírem

para o esforço comum de reconhecer um objeto, assiste-se a um esforço divergente, sendo cada uma colocada em presença do seu 'próprio', daquilo que a concerne essencialmente - seu limite. Discórdia das faculdades, cadeia de força e pavio de pólvora em que cada uma enfrenta seu limite (DELEUZE, 2006b, p. 205).

ELA: Diante do não reconhecimento, o que fazer, se não criar?

NÓS: Ainda assim, alguns *escolhem* adoecer...

MM: ... ter ido parar na Educação...

Renato: *Que foi onde a gente começou. Essa história do concurso. E, aí, eu escolhi fazer o Mestrado sobre aquilo. Justamente porque, para mim, era uma coisa estranha e eu não estava conseguindo enxergar alguma coisa ali, dar sentido praquilo ali... E foi muito difícil, mesmo, fazer. Partir de uma coisa que me angustiava muito. Quase que um trabalho de análise.*

ELA: Ele ri e sozinho; porque puxamos outra linha. E agora, damo-nos conta de uma talvez insensibilidade para assuntos 'tratamento'.

MM: Parece que essa é a nossa parte. Buscar e afirmar. A vida faz, desarruma ou re-arruma, provoca os encontros – e nos encontros – e, a partir daí, vamos buscar. E o seu Mestrado foi buscar dar consistência ao que aquele desencontro – concurso - fez.

Renato: *Han, han. Foi uma experiência bem esquisita para mim. E a maioria dos colegas lá está nessa... nesse vazio, digamos assim. E se queixando, até hoje, porque não foram para a Saúde. Como se na Saúde fosse... eles estivessem felizes se tivessem ido para lá. Enfim. Na Saúde é diferente, na Saúde que é bom...*

MM: E não vai se saber. Só se estiver lá.

Renato: *Só se estiver lá.*

MM: São duas - estou chamando de prática psi – 'prática-psi-sala-de-aula' e 'prática-psi-de-Educação'.

Renato: *São dois processos de formação, não é? São bem parecidos, apesar da gente não trabalhar, necessariamente, com formação no campo da Educação, como psicólogo. Talvez.*

MM: Mas você acha que é também? Você vê a sua prática na Educação do Município como formação?

Renato: *Na Educação do Rio, eu vejo como formação, mas vejo uma prática que é muito limitada nesse sentido. Eu acho que a gente não tem muita entrada, a gente não consegue interferir muito. Eu acho que na sala de aula é muito bacana essa experiência. Porque você vê a coisa nascendo ali... Tem uma coisa que eu tenho achado interessante - e até me deu um pouco de insegurança - dessa coisa da vulnerabilidade do aluno aos encontros. O que você colocar ali germina – digamos assim. E se você colocar muita*

coisa, o aluno fica meio em desespero, fica meio enlouquecido. Mas também você vê como a formação vai se encaminhando para um lado que a gente já conhece, que é esse lado – que a Ana Heckert chama de ‘fôrma-ação’, ‘fôrma de ação’, que é essa formação mais tradicional da Psicologia que a gente já conhece e, por outro lado, a gente tenta fazer alguma diferença. Esse professor que eu te falei lá, ele me disse... ele fez a seguinte imagem – não sei se vou reproduzir, porque sou péssimo -: os alunos são como Jesus no deserto; eles ficam ali andando, orando, orando e resistindo às tentações. E a gente é aquilo que tenta tentar o aluno, de alguma maneira. Mas ele resiste. Em oração. E fica tentando pegar esses saberes como tábua de salvação. Oração é essa cartilha que eles tentam... ‘ah, achei o meu lugar’. E a principal crise que eu estou vendo nos alunos lá na Faculdade é que linha escolher. E a pergunta que eles mais me fazem: ‘de que linha você é?’

MM: Fico pensando assim: alguém vai tentá-los – falo alguém como essa prática da tentação: tentar e atentar o outro... E que sejam com coisas legais, já que ninguém está livre disso.

Renato: *Sim!*

MM: Estão numa idade mais... Ou tem momentos que são mais férteis para isso.

Renato: *É!*

MM: Uma abertura possível. Mesmo que seja para encontrar a ‘verdadeira linha’. Mas que a ‘verdadeira’ seja a mais bacana - que é a nossa, que é a minha. Porque eu acho legal pensar a partir dessas ferramentas que a gente colhe aqui.

Renato: *Han, han. Que não é bem uma linha, mas é uma atitude de abertura e uma atitude que a gente entende que é um pouco mais próxima da vida.*

MM: Já que não dá para escapar da fôrma, que seja uma fôrma cheia de furinhos.

Renato: *Cheia de furinhos...*

MM: Não tem como escapar.

Renato: *Uma fôrma fora do forno!*

MM: Voltando um pouco. Na prática psi na Educação do Município do Rio, esse... essa...

ELA: Eh, dificuldade para falar de ‘sujeito’!

MM:... essa pessoa fica mais distante da sua prática do que na sala de aula.

Renato: *Os alunos.*

MM: É. Você não atua direto para chamar isso de formação.

Renato: *Porque a escola é como se fosse uma fábrica, mesmo. Não no sentido conceitual. Mas é uma indústria, uma coisa que trabalha aquele tempo achatado, aquela coisa de formar aquelas classes de alunos o tempo inteiro. Aquilo não para. Todo mundo o tempo inteiro ocupado. Então, a gente fica ali meio que pegando ... que retificando as peças que não conseguem se moldar às coisas. E a gente tenta fazer... trabalhar um pouco com o pessoal, com os professores, com os coordenadores. Tenta oferecer um outro tempo para eles, tentar formular algum tipo de reflexão. Mas é bem difícil. Vou te falar que em cinco anos, na semana passada foi o primeiro dia que eu fiz um grupo de coordenadores – que eu achei legal. Mas eu tive que vencer um monte de coisas em mim e falar ‘não, vai ser assim’. E foi. Foi um grupo que eu achei bem bacana e o pessoal gostou e não vão voltar porque são obrigados. E acho que produziu análise. E tinham quinze coordenadores; são quinze escolas.*

MM: Eu fico pensando aqui: se a gente olha como ‘foi fruto de tudo o que você foi plantando e conseguiu ver hoje o efeito’. Ou a gente pensa diferente - pensar da frente para trás: ‘foi de uma insistência’.

Renato: *Insistência?!*

MM: Foi uma insistência que dá satisfação, agora.

Renato: *Mas foi também um pouco metódico. No sentido de que foi de alguma coisa que eu fui percebendo e que foi, talvez, se produzindo em mim. Precisou passar por mim primeiro para eu chegar e ter certeza entre aspas de que era preciso uma atitude diferente e radical.*

MM: Estratégica!

Renato: *Estratégica!*

MM: Falo estratégia de consistência para fazer ter efeito. E teve efeito.

Renato: *Sim. Uma estratégia, primeiro com a própria equipe que trabalha comigo, para poder deixar eu fazer isso: experimentar experimentar. Aí, foi a primeira vez que eu experimentei uma maneira de fazer um trabalho que, muitas vezes, até as próprias teorias que a gente trabalha engessam a gente. Nesse sentido dessa prática, que é aquela coisa de não ser escolásticos, aquela coisa de Especialismo e tal, não ser especialista. Então, eu tive que bancar ali uma certa postura de especialista para poder fazer alguma coisa passar nisso.*

MM: E também não dá para ser diferente, porque a gente se especializa. Que seja estratégico, para poder, na hora que der, fazer passar outra coisa. Com essa máscara...

Renato: *Com essa máscara.*

MM: ... de especialista.

Renato: *Essa conclusão que eu cheguei: a formação é uma máscara.*

ELA: Tal qual especialista – que não precisemos repetir!

Renato: *Um passaporte.*

MM: Que te autoriza ou não te autoriza. Você não tem acesso às crianças.

Renato: *Não. Ultimamente a gente conseguiu – nesse meu grupo lá - formular um trabalho que a gente pudesse ter acesso. E a gente acaba ficando no que a gente chama de ‘caso extra’: quando tem algum problema muito grave de saúde mental ou alguma coisa que está dando problema, mesmo, aí a gente vai. Mas aí trabalha com outros equipamentos – saúde...*

MM: Mais para encaminhar do que para tratar...

Renato: *Mais para encaminhar e conversar com a escola e fazer encaminhamentos do que ficar com a criança. A gente não fica com a criança, não atende no sentido de psicoterapia, grupo. É mais no sentido de dar encaminhamento para a situação. E estar junto com a escola, também, naquela situação.*

MM: Uma coisa que a gente falou ainda agora - diferente do que foi aquela conversa que não teve registro gravado...

Renato: *E essa vai ficar, né?*

MM: Essa vai ficar! Se não ficar aqui, vai ter que ficar no papel! O momento é diferente. Naquele momento, a palavra que você usava - para falar para que servia à sua prática psi – era “*para intervir*”! Serve para intervir. E, hoje, parece que o sentido é *para formar*. “Estrategicamente, formar”.

Renato: *Você está falando em produção de subjetividade, nesse sentido de formar, né? É, no sentido de... Não? Não entendi.*

ELA: Percebeu algum estranhamento?! Mais uma vez, a terminologia/palavra...

MM: Eu gosto de pensar subjetividades como modos de existência. Que vão se mexer, também! Porque a vida vai trazendo encontros; vai desmanchando encontros.

Renato: *Han; han. É isso que eu estou chamando, também.*

MM: Naquele momento, era intervir. Aonde? Eu não sei. Mas serve para intervir. Que naquele momento era estratégia de abertura, estes furinhos nas fôrmas.

ELA: Nas nossas formas e/ou em nós/formas.

MM: E hoje: eu vou formando; vou formando.

ELA: Horrível! Dizer o que ele/prática pode.

Renato: *Eu acho que eu estava, naquele dia... mais eufórico, sei lá. Eufórico no sentido... não é nem no mal sentido. Mas... Não sei. Era algum afeto mais pulsante, mas sem muita língua. Ou não. Estou pensando mais retrospectivamente. Mas agora eu acho que estou um pouco mais tranquilo. As coisas estão dando certo, as coisas que eu pretendia fazer. E eu estou conseguindo manter as amizades. Que, para mim, está sendo mais importante. Fazer coisa junto e tal. E estou mais sereno – digamos assim.*

ELA: Ah, as práticas psi atravessadas pela amizade... Amizade?! Concordâncias...

MM: Eu lembro que eu perguntei lá – naquele momento, eu estava numa visada de contar a história, e, aí, eu tinha perguntado o que era para esquecer. Você lembra o que você respondeu?

Renato: *Ah, foi aquela coisa do Deleuze, que memória é feita para esquecer. É mais ou menos isso. Mas você sabe que agora eu estou mais com o Spinoza.*

MM: Você respondeu: ‘esqueci’.

Renato: *Mas agora eu estou pensando mais esse esquecimento. Eu acho que quando você vai conseguindo acumular alegria, você esquece naturalmente as tristezas. É como se a lembrança em si mesmo já fosse uma tristeza.*

ELA: De novo, para esquecer é o ‘não’. Mas como esquecer aquilo que nos fez feliz, e que, ainda que tenha deixado de ser, não se tornou um não? Ou se tornou? Seguimos com essa questão.

Renato: *Tipo essa lembrança pesada. Mas é parecido. Acho que da outra vez eu falei um pouco disso. Da memória mais útil. Memória Ran, Na Informática, tem aquela memória de armazenamento e aquela memória de operacional, que é aquela memória que é para funcionar.*

MM: Você falou uma coisa bacana: essa lembrança que entristece, ela inviabiliza a vida, de você poder outras coisas, se abrir para... Então, esquecer é fundamental.

ELA: Impossível não citar “Clínica do Esquecimento”, o livro da professora Cristina Rauter (2012).

Renato: *É.*

MM: Um modo de esquecer é fundamental. Se não, você entristece a vida.

ELA: Um modo de esquecer é fundamental.

Renato: *Então, o esquecimento como um modo de vida.*

MM: Estratégico. Porque a vida pede estratégias.

Renato: *É.*

MM: Se não, o tempo para. O tempo não avança; outros encontros não se dão...

Renato: *E o presente perde... Você perde o presente. O presente no duplo sentido.*

MM: O presente que a vida traz.

Renato: *O presente como presente e como atualidade.*

MM: O presente como o viver. Só que, assim, falar é bacana, mas viver isso é... Colocar na prática...

Renato: *É. Principalmente nessa vida acadêmica, de estudar, de trabalhar... Você está sempre com projetos... dificilmente você se permite viver um pouco...*

MM: Mas você falou de uma coisa bacana: você falou da sua prática psi e das amizades dentro da prática psi.

Renato: *Sim. Não dá para fazer guerra sozinho.*

MM: Nem amor sozinho! Amor é possível que dê, mas fica mais triste.

Renato: *Spinoza fala que o indivíduo sozinho é o indivíduo que resiste, mas o indivíduo triste, ele resiste; ele, ainda, resiste. O problema é que ele resiste sozinho. Não no sentido dessa guerra pela vida, não no sentido de deixar a vida passar. Quanto mais agenciamento você vai fazendo, mais vida... É. Muito difícil. Por isso, é que eu pensei em fazer um facebook.*

ELA: Isso nos leva para uma outra prosa... Para além da pesquisa.

Ao Modo da Caixa-Surpresa

Ao modo caixa-surpresa. Escapar?!

ELA leu Garcia Marques (1992) e contou:

“Numa tarde de chuvas primaveris, quando viajava sozinha para Barcelona dirigindo um automóvel alugado, Maria de La Luz Cervantes sofreu uma pane no deserto dos Monegros. Era uma mexicana de 27 anos, bonita e séria, que anos antes tivera certo nome como atriz de variedades. Estava casada com um prestidigitador de salão, com quem ia se reunir naquele dia após visitar alguns parentes em Saragoça. Depois de uma hora de sinais desesperados aos automóveis e caminhões que passavam direto pela tormenta, o chofer de um ônibus destrambelhado compadeceu-se dela. Mas avisou que não ia muito longe.

- Não importa – disse Maria. – Eu só preciso de um telefone.

Era verdade, e só precisava para prevenir seu marido que não chegaria antes das sete da noite. Parecia um passarinho ensopado, com um agasalho de estudante e sapatos de praia em abril, e estava tão atordoada por tudo que esqueceu de levar as chaves do automóvel. Uma mulher que viajava ao lado do chofer, de aspecto militar, mas de maneiras doces, deu-lhe uma toalha e uma manta e abriu espaço para ela ao seu lado. Depois de mais ou menos se secar, Maria sentou-se, enrolou-se na manta e tentou acender um cigarro, mas os fósforos estavam molhados. A vizinha de assento deu-lhe fogo e pediu um cigarro dos poucos que estavam secos. Enquanto fumavam, Maria cedeu à vontade de desabafar e

sua voz soou mais que a chuva e o barulho da lataria do ônibus. A mulher interrompeu-lhe com os dedos nos lábios.

- Estão dormindo – murmurou.

Maria olhou por cima do ombro e viu que o ônibus estava ocupado por mulheres de idades incertas e condições diferentes que dormiam enroladas em mantas iguais à dela. Contagiada por sua placidez, Maria enroscou-se no assento e abandonou-se ao rumor da chuva. Quando despertou era de noite e o aguaceiro havia se dissolvido num sereno gelado. Não tinha a menor ideia de quanto havia dormido e nem em que lugar do mundo estavam. Sua vizinha de assento tinha uma atitude alerta.

- Onde estamos? – perguntou Maria?

- Chegamos. – respondeu a mulher.

O ônibus havia entrado no pátio empedrado de um edifício enorme e sombrio que parecia um velho convento num bosque de árvores colossais. As passageiras, iluminadas apenas por um farol do pátio, permaneceram imóveis até que a mulher de aspecto militar as fez descer com um sistema de ordens primárias, como em um jardim de infância. Todas eram mais velhas, e moviam-se com tal parcimônia na penumbra do pátio que pareciam imagens de um sonho. Maria, a última a descer, pensou que eram freiras. Pensou menos quando viu várias mulheres de uniforme que as receberam na porta do ônibus, e cobriam suas cabeças para que não se molhassem, e as colocavam em fila indiana, dirigindo-as sem falar com elas, com palmas rítmicas e peremptórias. Depois de se despedir de sua vizinha de assento, Maria quis devolver-lhe a manta, mas ela falou que cobrisse a cabeça para atravessar o pátio e que a devolvesse na portaria.

- Será que lá tem telefone? – perguntou Maria.

- Claro. – disse a mulher. – Lá mesmo eles mostram.

Pediu a Maria outro cigarro, e ela deu o resto do maço molhado. “No caminho eles secam”, disse. A mulher fez adeus com a mão, e quase gritou: “Boa sorte.” O ônibus arrancou sem dar tempo para mais nada.

Maria começou a correr para a entrada do edifício. Um guarda tentou detê-la batendo palmas enérgicas, mas teve que apelar para um grito imperioso: “Eu disse alto!” Maria olhou por baixo da manta, e viu uns olhos de gelo e um dedo inapelável indicando a fila. Obedeceu. Já no saguão do edifício separou-se do grupo e perguntou ao porteiro onde havia um telefone. Uma das guardas fez com que ela voltasse para a fila dando-lhe palmadinhas nas costas, enquanto dizia com modos muito suaves:

- Por aqui, gracinha, o telefone é por aqui.

Maria seguiu com as outras mulheres por um corredor tenebroso, e no final entrou em um dormitório coletivo onde as guardas recolheram as mantas e começaram a repartir as camas. Uma mulher diferente, que Maria achou mais humana e de hierarquia mais alta, percorreu a fila comparando uma lista de nomes que as recém-chegadas tinham num cartão escrito costurado no sutiã. Quando chegou na frente de Maria surpreendeu-se que ela não levasse a identificação.

- É que só vim telefonar. – disse Maria.

Explicou-lhe com muita pressa que seu automóvel havia quebrado na estrada. O marido, que era mago de festas, estava esperando por ela em Barcelona para cumprir três compromissos até meia noite, e queria avisá-lo que não chegaria a tempo para acompanhá-lo. Eram quase sete da noite. Ele sairia de casa dentro de dez minutos, e ela temia que cancelasse tudo por causa de seu atraso. A guarda pareceu escutá-la com atenção.

- Como é seu nome? – perguntou.

Maria disse como se chamava com um suspiro de alívio, mas a mulher não encontrou seu nome depois de repassar a lista várias vezes. Perguntou alarmada a uma guarda, e esta, sem nada para dizer, sacudiu os ombros.

- É que eu só vim para telefonar. – disse Maria.

- Está bem, beleza – disse a superiora, levando-a até a sua cama, com uma doçura demasiado ostensiva para ser real -, se você se portar bem vai poder falar por telefone com quem quiser. Mas agora não, amanhã.

Alguma coisa aconteceu então na mente de Maria que a fez entender porque as mulheres do ônibus moviam-se como no fundo de um aquário. Na realidade, estavam apaziguadas com sedantes, e aquele palácio em sombras, com grossos muros de pedra e escadarias geladas, era na realidade um hospital de enfermas mentais. Assustada, escapou correndo do dormitório, e antes de chegar ao portão uma guarda gigantesca com um macacão de mecânico agarrou-a com um golpe de tigre e imobilizou-a no chão com uma chave mestra. Maria olhou de viés paralisada de terror.

- Pelo amor de Deus. – disse. Juro pela minha mãe morta que só vim telefonar.

Bastou ver sua cara para saber que não havia súplica possível diante daquela energúmena vestida de mecânico que era chamada de Herculina por sua força descomunal. Era a responsável pelos casos difíceis, e duas reclusas

tinham morrido estranguladas com seu braço de urso-polar adestrado na arte de matar por descuido. O primeiro caso foi resolvido como sendo um acidente comprovado. O segundo foi menos claro, e Herculina foi advertida e admoestada de que na próxima vez seria investigada a fundo. A versão corrente era que aquela ovelha desgarrada de uma família de sobrenomes grandes tinha uma turva carreira de acidentes duvidosos em vários manicômios da Espanha.

Para que Maria dormisse a primeira noite, tiveram que lhe injetar um sonífero. Antes do amanhecer, quando foi despertada pelo desejo de fumar, estava amarrada pelos pulsos e pelos tornozelos nas barras da cama. Ninguém acudiu aos seus gritos. Pela manhã, enquanto o marido não encontra em Barcelona nenhuma pista de seu paradeiro, tiveram que a levar à enfermaria, pois a encontraram sem sentidos num pântano de suas próprias misérias.

Não soube quanto tempo havia passado quando voltou a si. Mas então o mundo era um remanso de amor, e na frente de sua cama estava um ancião monumental, com um andar de plantígrado e um sorriso sedante, que com dois passes de mestre devolveu-lhe a alegria de viver. Era o diretor do sanatório.

Antes de dizer qualquer coisa, sem ao menos cumprimentá-lo, Maria pediu um cigarro. Ele deu, aceso, e também o maço quase cheio. Maria não pode reprimir o pranto.

- Aproveite para chorar tudo que você quiser. – disse o médico com sua voz adormecedora. – Não existe melhor remédio que as lágrimas.

Maria desafogou-se sem pudor, como nunca havia conseguido com seus amantes casuais nos tédios depois do amor. Enquanto ouvia, o médico a penteava com os dedos, arrumava o travesseiro para que respirasse melhor, a guiava pelo labirinto de sua incerteza com uma sabedoria e uma doçura que ela jamais havia sonhado. Era, pela primeira vez em sua vida, o prodígio de ser compreendida por um homem que a escutava com toda a alma sem esperar a recompensa de levá-la para cama. Após uma longa hora, desafogada até o fim, pediu-lhe para telefonar para o seu marido.

O médico levantou-se com toda a majestade de seu cargo. “Ainda não, princesa”, disse, dando em sua face o tapinha mais terno que ela jamais havia sentido. “Cada coisa tem sua hora.” Da porta, fez uma benção episcopal, e desapareceu para sempre.

- Confie em mim. – disse a ela.

Naquela mesma tarde, Maria foi inscrita no asilo com um número de série, e com um comentário superficial sobre o enigma da sua procedência e as dúvidas sobre sua identidade. Na margem ficou uma qualificação escrita a mão pelo diretor: agitada.

Tal como Maria havia previsto, o marido saiu de seu modesto apartamento do bairro de Horta com meia hora de atraso para cumprir os três compromissos. Era a primeira vez que ela não chegava a tempo em quase dois anos de união livre bem combinada, e ele entendeu o atraso pela ferocidade das chuvas que assolavam a província naquele fim de semana. Antes de sair deixou um recado pregado na porta com o itinerário da noite.

Na primeira festa, com todas as crianças disfarçadas de canguru, dispensou o truque-mor dos peixes invisíveis porque não conseguia fazê-lo sem a ajuda dela. O segundo compromisso era na casa de uma anciã de 93 anos, numa cadeira de rodas, que se vangloriava de haver celebrado cada um dos últimos trinta aniversários com um mago diferente. Ele estava tão contrariado pela demora de Maria que não conseguiu se concentrar nos passes mais simples.

...

Só agora, ao escrever, percebo que nunca soube como era o nome dele na realidade, porque em Barcelona só o conhecíamos por seu nome profissional: o Mago Saturno. Era um homem de gênio esquisito e com uma inabilidade social irredimível, mas o tato e a graça que nele faziam falta sobravam em Maria. Era ela quem o guiava pela mão nessa comunidade de grandes mistérios, onde ninguém teria a ideia de ligar para alguém depois da meia noite perguntando pela própria mulher. Saturno tinha feito isso assim que chegou e não queria recordar. Por isso, naquela noite conformou-s em telefonar para Saragoça, onde uma avó meio adormecida respondeu sem alarma que Maria havia partido depois do almoço. Não dormiu mais de uma hora ao amanhecer. Teve um sonho de pântano, no qual viu Maria com um vestido de noiva em farrapos e salpicada de sangue, e despertou com a certeza pavorosa de que havia tornado a deixá-lo sozinho, e agora para sempre, num vasto mundo sem ela.

Havia feito isso três vezes com três homens diferentes, ele inclusive, nos últimos cinco anos. Havia abandonado-o na cidade do México seis meses depois de conhecê-lo, quando agonizavam de felicidade com um amor demente num quarto do bairro Anzures. Certa manhã, Maria não amanheceu em casa depois de uma noite de abusos

inconfessáveis. Deixou tudo que era dela, inclusive a aliança de seu casamento anterior, e uma carta na qual dizia que não era capaz de sobreviver ao tormento daquele amor desatinado. Saturno pensou que havia voltado ao seu primeiro marido, um condiscípulo da escola secundária com quem se casou às escondidas sendo menor de idade, e a quem abandonou por outro depois de dois anos sem amor. Mas não: havia regressado à casa de seus pais, e lá foi Saturno buscá-la a qualquer preço. Rogou sem condições, prometeu muito mais do que estava decidido a cumprir, mas tropeçou com uma determinação invencível. “Existem amores curtos e amores longos”, disse ela. E concluiu sem misericórdia: “Este foi curto”. Ela rendeu-se diante do seu rigor.

...

Na segunda-feira da semana seguinte a companhia de seguros do automóvel alugado telefonou para perguntar por Maria. “Não sei nada”, disse Saturno. “Procurem em Saragoça.” Desligou. Uma semana depois um guarda civil foi à sua casa com a notícia de que haviam achado o automóvel depenado, num atalho perto de Cádiz, a novecentos quilômetros do lugar em que Maria o abandonou. O policial queria saber se ele tinha mais detalhes do roubo. Saturno estava dando comida ao gato, e olhou-o apenas para dizer sem mais rodeios que não perdessem tempo, pois sua mulher havia fugido de casa e ele não sabia com quem ou para onde. Era tamanha sua convicção que o policial sentiu-se incomodado e pediu perdão pelas perguntas. O caso foi declarado encerrado.

...

Depois de dois meses, Maria ainda não havia se adaptado à vida no sanatório. Sobrevivia mal e mal, comendo quase nada daquela pitaça de cárcere com os talheres acorrentados à mesona de madeira bruta, e os olhos fixos na litografia do general Francisco Franco que presidia o lúgubre refeitório medieval. No começo resistia às horas canônicas com sua rotina palerma de matinas, laude, vésperas, e a outros ofícios da igreja que ocupavam a maior parte do tempo. Negava-se a jogar bola no pátio do recreio e a trabalhar na oficina de flores artificiais que um grupo de reclusas mantinha com uma diligência frenética. Mas na terceira semana foi incorporando-se pouco a pouco à vida do claustro. Afinal, diziam os médicos, todas começavam assim, e cedo ou tarde acabavam integrando-se na comunidade.

A falta de cigarros, resolvida nos primeiros dias por uma vigilante que as vendia a preço de ouro, tornou a atormentá-la quando acabou o pouco dinheiro que trouxera. Consolou-se depois com os cigarros de papel de jornal que algumas reclusas fabricavam com as guimbas recolhidas no lixo, pois a obsessão de fumar havia chegado a ser tão intensa quanto a do telefone. As pesetas exíguas que ganhou mais tarde fabricando flores artificiais permitiram a ela um alívio efêmero.

O mais duro era a solidão das noites. Muitas reclusas permaneciam despertas na penumbra, como ela, mas sem se atrever a nada, pois a vigilante noturna velava também no portão fechado com corrente e cadeado. Certa noite, porém, abrumada pela tristeza, Maria perguntou com voz suficiente para que sua vizinha de cama escutasse:

- Aonde estamos?

A voz grave e lúcida da vizinha respondeu:

- Nas profundezas do inferno.

- Dizem que é a terra dos mouros – disse outra voz distante que ressoou no dormitório inteiro. – E deve ser mesmo, porque no verão, quando há lua, ouvem-se cães ladrando para o mar.

Ouviu-se uma corrente nas argolas como uma âncora de galeão, e a porta se abriu. A cérbera, o único ser que parecia vivo no silêncio instantâneo começou a passear de um extremo a outro do dormitório. Maria se assustou, e só ela sabia por quê.

Desde sua primeira semana no sanatório, a vigilante noturna lhe havia proposto sem rodeios que dormisse com ela no quarto de guarda. Começou com um tom de negócio concreto: troca de amor por cigarros, por chocolates, pelo que fosse. “Você vai ter de tudo”, dizia, trêmula. “Você vai ser a rainha.” Diante da recusa de Maria, a guarda mudou de método. Deixava papezinhos de amor debaixo do travesseiro, nos bolsos do roupão, nos lugares menos imaginados. Eram mensagens de uma aflição dilacerante capaz de estremecer as pedras. Fazia mais de um mês que parecia resignada à derrota, na noite em que ocorreu o incidente no dormitório.

Quando se convenceu de que todas as reclusas dormiam, a guarda aproximou-se da cama de Maria, e murmurou em seu ouvido todo tipo de obscenidades ternas, enquanto beijava sua cara, o pescoço tenso de terror, os braços tesos, as pernas exaustas. No fim, achando talvez que a paralisia de Maria não era de medo e sim de complacência, atreveu-se a ir mais longe. Maria deu-lhe então um golpe com as

costas da mão que a mandou contra a cama vizinha. A guarda levantou-se furibunda no meio do escândalo das reclusas alvoroçadas.

- Filha da puta. – gritou. – Vamos apodrecer juntas neste chiqueiro até que você fique louca por mim.

NÓS: “É evidente que os atos da reconhecimento existem e ocupam grande parte de nossa vida cotidiana: é uma mesa, é uma maçã, é o pedaço de cera, bom-dia Teeteto”. Mas quem pode acreditar que o destino de pensamento se joga aí e que pensemos quando reconhecemos?” (DELEUZE, 2006b, p. 197)

O verão chegou sem anunciar no primeiro domingo de junho, e foi preciso tomar medidas de emergência, porque as reclusas sufocadas começavam a tirar durante a missa as batinas de lã. Maria assistiu divertida ao espetáculo das enfermas peladas que as guardas tocavam pelas naves da capela como se fossem galinhas cegas. No meio da confusão, tratou de se proteger dos golpes perdidos, e sem saber como encontrou-se sozinha no escritório abandonado, e com um telefone que tocava sem cessar com uma campainha de súplica. Maria respondeu sem pensar, e ouviu uma voz distante e sorridente que se distraía imitando o serviço de hora certa:

- São quarenta e cinco horas, noventa e dois minutos e cento e sete segundos.

- Veado. – disse Maria.

Desligou divertida. Já ia embora, quando percebeu que estava deixando escapar uma ocasião irrepetível. Então discou seis números, com tanta tensão e tanta pressa, que não teve certeza de ser o número de sua casa. Esperou com o coração na boca, ouviu a campainha familiar com seu tom ávido e triste, uma vez, duas vezes, três vezes, e ouviu enfim a voz do homem de sua vida na casa sem ela.

-Alô?

Precisou esperar que passasse a bola de lágrimas que se formou na sua garganta.

- Coelho, minha vida. – suspirou.

As lágrimas a venceram. Do outro lado da linha houve um breve silêncio de espanto, e a voz ensandecida pelos ciúmes cuspiu a palavra:

- Puta!

E desligou.

Naquela noite, num ataque frenético, Maria tirou da parede do refeitório a litografia do generalíssimo, arrojou-a com

todas as suas forças contra o vitral do jardim, e desmoronou banhada em sangue. Ainda lhe sobrou raiva para enfrentar na porrada as guardas que tentaram dominá-la, sem conseguir, até que viu Herculina plantada no vão da porta, com os braços cruzados, olhando para ela. Rendeu-se. Ainda assim, foi arrastada até o pavilhão das loucas perigosas, foi aniquilada com uma mangueira de água gelada, e injetaram terebintina em suas pernas. Impedida de caminhar por causa da inflamação provocada, Maria percebeu que não havia nada no mundo que não fosse capaz de fazer para escapar daquele inferno. Na semana seguinte, já de regresso ao dormitório comum, levantou-se na ponta dos pés e bateu na cela da guarda da noite.

O preço de Maria, exigido de antemão, foi levar um recado ao seu marido. A guarda aceitou, sempre que o trato fosse mantido no mais absoluto segredo. E apontou-lhe um dedo inexorável.

- Se alguma vez alguém souber, você morre.

Desta forma, o Mago Saturno foi parar no sanatório de loucas no sábado seguinte, com a caminhonete de circo preparada para celebrar o regresso de Maria. O diretor o recebeu em pessoa em seu escritório, tão limpo e arrumado quanto um barco de guerra, e fez um relatório afetuoso sobre o estado de sua esposa. Ninguém sabia de onde chegou, nem como nem quando, pois a primeira informação sobre sua entrada era o registro oficial ditado por ele mesmo quando a entrevistou. Uma investigação iniciada no mesmo dia não dera em nada. Porém, o que mais intrigava o diretor era como Saturno soube do paradeiro de sua esposa. Saturno protegeu a guarda.

- A companhia de seguros do automóvel me informou – disse.

O diretor concordou satisfeito. “Não sei como o seguro fez para saber de tudo”, disse. Deu uma olhada no expediente que tinha sobre sua escrivania de asceta, e concluiu:

- A única certeza é que seu estado é grave.

Estava disposto a autorizar uma visita com as devidas precauções se o Mago Saturno promettesse, pelo bem de sua esposa, restringir-se à conduta que ele indicasse. Sobretudo na maneira de tratá-la, para evitar que recaísse em seus acessos de fúria cada vez mais freqüentes e perigosos.

- Que esquisito. – disse Saturno. – Sempre foi de gênio forte, mas de muito domínio.

O médico fez um gesto de sábio. “Há condutas que permanecem latentes durante muitos anos, e um dia explodem.”, disse. “Porém, é uma sorte que tenha caído

aqui, porque somos especialistas em casos que requerem mão forte.” No final, fez uma advertência sobre a estranha obsessão de Maria pelos telefones.

- Deixe-a falar – disse.

- Fique tranquilo, doutor – disse Saturno com ar alegre. – É a minha especialidade.

A sala de visitas, mistura de cárcere e confessionário, erra o antigo locutório do convento. A entrada de Saturno não foi a explosão de júbilo que ambos poderiam esperar. Maria estava de pé no centro do salão, junto a uma mesinha com duas cadeiras e um vaso sem flores. Era evidente que estava pronta para ir embora, com seu lamentável casaco cor de morango e sapatos sórdidos que havia ganho de esmola. Num canto, quase invisível, estava Herculina com os braços cruzados. Maria não se moveu ao ver o marido entrar nem mostrou emoção alguma na cara ainda salpicada pelos estragos do vitral. Deram um beijo de rotina.

- Como você se sente? – perguntou ele.

- Feliz por você enfim ter vindo, coelho. – disse ela. – Isto foi a morte.

Não tiveram tempo de sentar-se. Afogando-se em lágrimas, Maria contou as misérias do claustro, a barbárie das guardas, a comida de cachorro, as noites intermináveis sem fechar os olhos de terror.

- Já nem sei há quantos dias estou aqui, ou meses ou anos, mas sei que cada um foi pior que o outro – disse e suspirou com a alma. – Acho que nunca voltarei a ser a mesma.

- Agora tudo isso passou. – disse ele, acariciando com os dedos as cicatrizes recentes de sua cara. – Eu continuarei a vir todos os sábados. E até mais, se o diretor permitir. Você vai ver como tudo dará certo.

Ela fixou nos olhos dele seus olhos aterrorizados. Saturno tentou suas artes de salão. Contou, no tom pueril das grandes mentiras, uma versão adocicada dos prognósticos do médico. “Em resumo”, concluiu, “ainda faltam alguns dias para você estar recuperada de vez”. Maria entendeu a verdade.

- Por Deus, coelho! – disse atônita. – Não me diga que você também acha que estou louca!

- Nem pense nisso! – disse ele, tratando de rir. – Acontece que será muito mais conveniente para todos que você fique aqui algum tempo. Em melhores condições, é claro.

- Mas se eu já te disse que só vim telefonar! – falou Maria.

Ele não soube como reagir à obsessão temível. Olhou para Herculina. Ela aproveitou a olhada para indicar em seu relógio de pulso que estava na hora de terminar a visita.

Maria interceptou o sinal, olhou para trás, e viu Herculina na tensão do assalto iminente. Então, agarrou-se no pescoço do marido gritando como uma verdadeira louca. Ele safou-se como todo o amor que pode, e deixou-se à mercê de Herculina, que saltou sobre Maria com uma chave com a mão esquerda, passou o outro braço de ferro em volta de seu pescoço, e gritou para o Mago Saturno:

- Vá embora!

Saturno fugiu apavorado.

Ainda assim, no sábado seguinte, já recuperado do espanto da visita, voltou ao sanatório com o gato vestido como ele: a malha vermelha e amarela do grande Leotardo, o chapéu de copa e uma capa de volta e meia que parecia feita para voar. Entrou na caminhonete de feira até o pátio do claustro, e ali fez uma função prodigiosa de quase três horas que todas as reclusas desfrutaram dos balcões, com gritos discordantes e ovações inoportunas. Estavam todas, menos Maria, que não só se negou a receber o marido, como sequer quis vê-lo dos balcões. Saturno sentiu-se ferido de morte.

- É uma reação típica. – consolou o diretor. – Já passa.

Mas não passou nunca. Depois de tentar muitas vezes ver Maria de novo, Saturno fez o impossível para que recebesse uma carta, mas foi inútil. Quatro vezes devolveu-a fechada e sem comentários. Saturno desistiu, mas continuou deixando na portaria do hospital as rações de cigarros, sem ao menos saber se chegavam a Maria, até que a realidade o venceu.

ELA: Seja na Arte, seja na vida, o arrombamento impõe a criação do outro mundo do mundo. Algo do vivido nos toma/atraversa, impondo-se e impondo um nascimento, uma obra, um outro modo de *'estar nos verbos da vida'*, uma (outra) ficção. Uma reminiscência intervém e nos oferece menos que um passado, um futuro a ser criado.

Nunca mais se soube dele, exceto que tornou a se casar e que voltou ao seu país. Antes de ir embora de Barcelona deixou o gato meio morto de fome com uma namoradinha casual, que além disso se comprometeu a continuar levando cigarros para Maria. Mas também ela desapareceu. Rosa Regas recordava ter visto a moça no Corte Inglês, há uns doze anos, com a cabeça rapada e a túnica alaranjada de alguma seita oriental, grávida até não poder mais. Ela contou-lhe que continuara levando cigarros para Maria, sempre que pode, e resolvendo para ela algumas urgências

imprevistas, até o dia em que só encontrou os escombros do hospital, demolido como uma lembrança ruim daqueles tempos ingratos. Maria pareceu-lhe muito lúcida na última vez em que a viu, um pouco acima do peso e contente com a paz do claustro. Naquele dia, levou-lhe também o gato, porque havia acabado o dinheiro que Saturno deixou para a comida.”

ELA trazia Maria, que na obra de Garcia Marques (1992), até onde pode, insistiu: *só vim telefonar*.

Ao modo da Caixa-de-Música

A Bailarina: guardaria o tempo?!

São 11/13/14 anos de Serviço Público. Os números... gosto deles. Gosto do contar. Contar números e contar histórias. Acho que vêm juntos. Tomei posse no dia 21 de junho. No dia 20, estava na Secretaria entregando documentos, assinando papéis e escolhendo a Unidade. E fazendo aniversário. No dia 21, me apresentava. Fui levada, pela chefe da Saúde Mental – uma psiquiatra -, à sala do diretor da Unidade. Chamam ‘gabinete’. Com um aperto de mão, veio a frase/advertência: ‘Isso aqui não é cabide de emprego; quem chega tem que trabalhar!’ – Acho que isso era para ser esquecido, mas tem força. E fica mudando de lugar nesse tempo de história pra contar. Já ficou próximo do susto, da indignação e também do divertido. Era dia 21 – dia seguinte do meu aniversário. Ali, já era minha prática psi – acredito. Aquela Unidade foi escolhida porque facilitava meu ir e vir – chegar e sair. Os próprios ‘gerentes’ da Saúde Mental, na Prefeitura, que chamam ‘Nível Central’, me ajudaram, explicando onde ficavam as ruas onde ficavam as Unidades possíveis. O Manfredini ficava mais longe. Só depois pensei que a prática psi, lá, naquele momento, também estava distante de mim: hospital psiquiátrico... E fui para o Posto. Na Secretaria, chamavam PAM Matoso. Mas na placa da entrada estava escrito ‘Posto Assistência Médica Hélio Pellegrino’. Porque aquele Posto? Porque o Serviço Público? Porque a prática psi?

Tudo isso – essas perguntas - me acompanha, em um tempo que conta 24 anos. Este é o tempo de estar formada. Acreditei sempre que não escolhi a Psicologia como profissão ou que não quis ser psicóloga. Fiz Psicologia e fui ficando... ficando psicóloga. Estudando mais, atendendo em consultório particular. Aí veio o Serviço Público. Pela estabilidade – de grana e de trabalho, acreditava. O salário, no começo, foi bem pouco e nem dava conta de segurar sozinho as contas do mês... Outra conta. Contar números e histórias... Também já gostei mais de ouvir histórias. Então, acho que estou cansando dessa história de ser psi no Serviço Público. Ser prática psi no Serviço Público... Acho que era um caminho natural de quem se formava em Psicologia na universidade pública. Consultório particular era uma alternativa, mas concurso público era certo. Os últimos meses na faculdade traziam urgências: a formatura ou o registro no Conselho para a inscrição no concurso. Muitos colegas de turma passaram de prima, Outros tantos ficaram tentando – acho que tentam até hoje. Uns foram pra longe e, aos poucos, foram voltando. Também fui tentando. Atender pessoas. Seguir fazendo o que já fazia no SPA da faculdade. Ouvir pessoas: adultos, crianças, adolescentes. Só depois é que veio o específico dos idosos, dos diabéticos, dos tabagistas, dos vitimas de violência. Os deprimidos, eu recusei. Mas só o título. As pessoas, não. Era um grupo terapêutico que queria intitular-se assim. Fui firme: grupo de diferenças. Acreditava que isso já provocava efeitos. Era uma intervenção. Ouvir pessoas e falar. Em grupo, individual, em interconsultas com outros profissionais. Difícil foi deixar de querer equipe. Porque queria a equipe transdisciplinar – para além da Saúde Mental. Isso por conta das minhas andanças psi – prática – e das críticas que tenho em relação à psiquiatrização e, mesmo à psicologização da existência. Durante algum tempo, foi possível escapar da Saúde Mental. Foi quando atuava no Programa do Adolescente, vinculado a Saúde Coletiva. Ali, eu chamava os profissionais de parceiros - e uma provisoriedade me fazia ver que idealizava a ‘equipe’. Afinal, no Serviço

Público, acho que sempre contei mesmo foi com a Literatura. E com a escrita. Para ouvir e para falar. Para contar o que ouvia. Histórias. Como faço aqui. Tornar um pouco mais leve essa tarefa. Porque pesa ser psi. Não pesa? Eu também posso perguntar, não posso? Você falou que seria uma conversa. Que agora parece até Guimarães – o Rosa – dando voz ao Riobaldo e contando. Então, eu digo que sim. Às vezes, ser psi pesa. Estar ali e ouvir histórias – também contar, repito. Mas acho que o peso mesmo está no entorno: horários, turnos, reuniões, chefias, direção. E violências, e perdas e abandonos e desamores – um adolescente me falou que era “descuidado”. Referia-se ao pai. Encontrei pessoas bem bacanas. Encontrei, até, algumas chefias bacanas, colegas também... Nesse jogo de lembrar e esquecer, de susto, de indignação e de diversão... Logo que cheguei uma colega ofereceu um livro. Aquela psicóloga era psicanalista. A outra psicóloga ali era remanescente do antes; era federal. E trazia a história daquele Posto – municipalizado: antigo INPS. Acho que isso era o que justificava aquela espécie de preconceito em relação aos vários novos servidores – agora, municipais. Logo aposentou-se. Atendia somente crianças. A psicanalista atendia crianças e adultos. Por um tempo, eu atendia adultos. Mais tarde e por mais algum tempo, fiquei com os adolescentes. Com as mudanças – políticas, gerências, chefias e direção -, voltei para a Saúde Mental. Também, um tempo depois, foi possível participar dos Programas: Idoso, Diabetes, Hipertensão. Era uma forma de ficar a uma certa distância dos encaminhamentos da Psiquiatria – e do seu modo de tratar as dores do emocional: medicalizando. Rivotril, Imipramina, Diazepan – para lidar com perdas, alteração de peso, separações e/ou fim de relacionamentos...

ELA: ... Uma reminiscência intervém e nos oferece menos que um passado, um futuro a ser criado.

Não. Eu não minto. Eu conto histórias. - Intencional ou não, arrumo de acordo com convenções de paz, com as conveniências a favor ou contra a (minha) vida, para afirmá-la em suas trans-formações ou, ainda, para negá-la, supondo-a defeito. E me crio ali.

Era uma pesquisa. Era um atendimento. Era um relato do vivido. De quem? Da pesquisadora? Da psicóloga? Da mulher? Da escrita/linguagem. Era um contar. Da vida, na vida, o sentido, a direção, seus rastros e as suas construções podem ser tomadas como fragmentos, literalidades, ficções – afinal, *escrita da própria vida*: na Literatura e para além dela.

Comecei a mentir por precaução, e ninguém me avisou do perigo de ser precavida, e depois nunca mais a mentira descolou de mim. E tanto menti que comecei a mentir até a minha própria mentira. E isso – já atordoada eu sentia – era dizer a verdade. Até que decai tanto que a mentira eu a dizia crua, simples, curta: eu dizia a verdade bruta (LISPECTOR, 1980, p. 30).

Na Literatura - melancólica de Clarice Lispector e poética de Fernando Pessoa - a dor é tornada letra e a letra, experimentação... de vida.

O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente. E os que lêem o que escreve Na dor lida sentem bem Não as duas que ele teve. Mas só a que eles não tem... (PESSOA, 2003, p. 98)

*Você vai me seguir
Aonde quer que eu vá
Você vai me servir*

*Você vai se curvar
Você vai resistir
Mas vai se acostumar
Você vai me agredir
Você vai me adorar
Você vai me sorrir
Você vai se enfeitar
E vem me seduzir
Me possuir, me infernizar
Você vai me trair
Você vem me beijar
Você vai me cegar
E eu vou consentir
Você vai conseguir
Enfim, me apunhalar
Você vai me velar
Chorar, vai me cobrir e me ninar
[Me ninar, menina...]*

Chico Buarque e Ruy Guerra (1976)

ILHA

Entorno... No meio, no caminho, na direção, um encontro: terra cercada de água por todos os lados. Menos extensa que um continente, parece me pro-vocar. Me chama e eu, fascinada, danço ao seu redor. Entorno, entorno, entorno... Atento, para não invadindo-a, inundá-la.

MAR DE LITERATURA

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.

Clarice Lispector (1980)

ELA/*Literatura*, impregnada por Lispector, é tomada por outras vozes/letras. Ficções!
Outras *experiências de verdades*...

Eu tinha querido ser Alice. Acabei tornando-me Rainha, vendo-me num jogo – que chamei estratégia. Na Alice de Lewis Carroll, encontrei, quando não autoritárias, Rainhas algo desobedientes. O que diferenciaria um modo do outro?!

Intrigada, ELA insistia.

Que tipo de Rainha eu seria? E até onde/quando?

Novamente trabalhando num hospital geral e de emergência, eu me interrogava acerca das minhas ferramentas. E dentre elas, a mais cara: a Literatura. Em meio ao que chamavam recusas, o que (me) restaria que pudesse chamar prática psi? Recusas... Assim foi nomeado o meu modo psi que dizia dos meus posicionamentos em meio ao que encontrei sendo operado pela Equipe de Saúde Mental. Ali, uma escuta, sim, parecia nosso comum. No entanto,... Encontrei o que, a princípio, chamei de 'arremedo de Psiquiatria'. E a ele disse 'não'.

Na “Experiência Maior”, Clarice Lispector (1980, p. 39) traz talvez um óbvio daquele que escreve.

No entanto, o *óbvio*, há muito, não me satisfaz. E, porque me intriga, insisto: o que pode a Literatura?

Foi buscando o *ao modo da Literatura* – para afirmar a vida como ficção – que ELA encontrou “As Escritas de Si”. Na Disciplina oferecida pelo Programa de Pós Graduação em Letras/UFF, a *escrita de si* ampliava-se para além das pesquisas e proposições foucaulteanas. ELA propunha-se a uma específica apropriação que, por sua vez, chamou *reverberação*. A apresentação da disciplina, o nome do curso e a ementa sugeriam uma proliferação de sentidos e de possíveis. Nome da *disciplina*: Literatura, História e Memória. *O nome do curso*: As escritas de si. *A ementa*: “Estudar as diferentes formas de escritas do eu que são praticadas na contemporaneidade: dos relatos de infância, passando pelas memórias, pelo romance autobiográfico, pelo diário, até chegar à autoficção. Vamos abordar também as formas usadas pelo escritor para se colocar em cena no romance contemporâneo, usando figuras como o do *ghost writer* e o do *alter ego*, como espécie de duplos do próprio narrador/escritor.”

Em um movimento ondulatório e ao modo rizomático, ELA percorre as formulações encontradas – chama *verdades em proliferação reverberada* - propondo uma interlocução. E, intensificada de fragmentações/escritas, ELA compõe -se neste Mar.

Hibridismos, variações, ficcionalidades são modos de falar do *novo* afirmado na Literatura. Isso se dá através de sua operação crítica que, por vezes, problematiza e historiciza sua própria constituição. Neste movimento, a Literatura re-inventa-se.

Da Epopeia ao Romance, do Romance à proliferação de gêneros; da possibilidade de se falar em surgimento da Literatura (com o Romance) à sua versão Pós-Moderna (que incluem os *blogs* nas redes sociais internéticas), ELA fala/trata de – porque se vê em meio a - *Literaturas*. E no que vê sendo afirmado, para longe de ser uma evolução cronologicamente organizada, sugere essa espécie de multiplicação/proliferação da diferença, numa mistura de convivência – note-se - nem sempre harmônica.

Visto que não tem por objetivo historicizar a Literatura, o que ELA propõe é que a acompanhem em seu movimento que parte, rizomaticamente, da interrogação acerca das condições de possibilidade do que vê, hoje, como *as Literaturas*. Deste modo, pretende a apropriação de elementos/argumentos sustentadores de sua (hipo)tese: *ao modo da Literatura, a vida é ficção* – real. Neste movimento, ELA/Literatura mostra como o hibridismo faz conviver, de modo nem sempre harmônico – repete – o Moderno com o Pós- Moderno. E mesmo, aquilo que escapa a estas *classificações representativas*.

Em ambos os casos, numa lógica coerente ao Contemporâneo, estamos em meio à velocidade na apropriação que opera um apagamento das diferenças.

ELA Toma A Palavra - E Nos Arrasta

É através de um gênero específico – a Autobiografia – que desvio de outros gêneros, tais como a Biografia, o Diário, as Cartas, a Ficção. E alcanço a Autoficção. Gênero?! Mais um específico classificável?! Haverá quem também discorde.

Eurídice Figueiredo, na Disciplina “As Escritas de Si”, afirma que “o romance que vemos no século XXI pode ser tomado como um gênero parasita”. Assim como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes foi, no século XVII: uma variação do romance de cavalaria, que, por sua vez, derivava da Epopeia. ELA interroga-se se, deste modo, seria possível falar em gênero puro em Literatura.

Seria também falsa, se fosse essa minha questão – que é, repito, afirmar as diferenças para além de uma lógica comparativa e classificatória. Ainda assim, é em torno da discussão acerca do gênero que encontro as formulações no *campo* da Literatura e, nestes termos, as trago – em fragmentos.

“A Biografia, gênero impuro” dá título ao primeiro capítulo do livro “O Desafio Biográfico – Escrever Uma Vida” (DOSSE, 2009) do crítico literário e historiador francês François Dosse. Este, aliando este ainda gênero à história, pondera:

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no

historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo, no gênero biografia, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional (2009, p. 55).

“A Biografia é um verdadeiro romance” (p. 55) é um subtítulo que, mais uma vez, traz proliferação dos sentidos, porque faz um movimento de proliferação de discussões promovido, também, por Dosse. Proliferação, aliás, tão comum, fecunda, e, por vezes, não tão óbvia, também no movimento de crítica literária e para além dela:

Retomando e discutindo a noção de ‘unidade narrativa de uma vida’, de que fala MacIntyre, Paul Ricoeur lembra que é preciso ver nesta noção ‘um misto de instável de fabulação e experiência viva’. O recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real (p. 55).

Absurdo! – diria ELA, contrapondo-se à afirmativa de que “na escrita de uma vida não cabe pensar em uma restituição ao modo reprodutivo de sua riqueza e complexidade” (p. 55). ELA entende que a escrita de uma vida cria, intensificando de vida, riquezas e complexidades de uma história.

Não apenas o biógrafo deve apelar para a imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher como a própria vida é um entretido constante de memória e olvido. Procurar trazer tudo à luz é, pois, ao mesmo tempo a ambição que orienta o biógrafo e uma aporia que o condena ao fracasso (p. 55).

Afinal - argumentaria ELA - seja entre uma constante memória e um fortuito esquecimento ou mesmo uma fortuita memória e constante esquecimento, é a vida que interpela e interroga a própria escrita. Nela, qual a relação de uma verdade, ou de *um verdadeiro*, com a vida que se oferece a ser contada?

Lembro (das) verdades? Se esqueço e preencho com um contar outro, minto? Lembro porque conto? Conto para lembrar? E, se, para além de um gênero, é a bio grafia – escrita de uma vida -, um verdadeiro romance, há como pensar, aí, em um romance e em uma vida contada não verdadeiros? Qual outra relação da vida, se não com a verdade, com *uma verdade contada*? Criação?! Mentira?! – onde começam a diferenciar-se? E a que serve tal diferença?

“Trazer tudo à luz é a ambição que orienta o biógrafo e é a aporia que o condena ao fracasso” (p. 55). Quem conta - seja um *eu* que vive; seja um *eu* historiador; seja um *eu* literato; seja um *eu* pesquisador; seja um *eu* psi; seja, enfim, uma vida/um modo - estaria também ambiciosamente condenado ao fracasso do contar? Aqui, estaria condenado às *verdades* empobrecidas e simplificadas?

Retornando à discussão em termos de gênero literário e à proliferação dosseana, ELA vê no contar proliferado do autor, que o escritor André Maurois também

se interrogou sobre o gênero biográfico situando-o a meio caminho entre o desejo da verdade, que depende de um procedimento científico, e sua dimensão estética, que lhe empresta valor artístico (p. 56).

Dosse (2009) afirma que o próprio Maurois – autor de biografias – “insere suas/estas realizações na esfera da obra de arte” (p. 56), visto que “a realidade das personagens da biografia não as impede de serem sujeitos de arte” (p. 57).

Ainda assim, uma relação com a Ciência?! Talvez, um *ao modo da ciência* numa busca de uma específica verdade. E nesse específico *desejo da verdade*, uma espécie de compromisso científico que coloca a biografia diante do conteúdo e não da forma, visando aproximar-se da realidade verdadeira ou da verdade da realidade. E a dimensão

estética – dimensão da forma, também compromisso da arte -, colocando-se como um *fora*, ou seja, com um atravessamento ocupado com o que prolifere daí. Em ambos - realidade e arte - a produção, a criação, a ficção. De *verdades* já outras.

Dosse (2009), insistindo em fazer proliferar, traz também a dissonância:

Segundo Schwob, ao biógrafo não importa muito a verdade: deve, isso sim, criar traços humanos, muito humanos. Seu erro é acreditar-se cientista... Pouco se nos dá então que a personagem seja grande ou pequena, pobre ou rica, inteligente ou medíocre, honesta ou criminosa – todo indivíduo só vale por aquilo que o singulariza (p. 57).

Segundo Dosse, a arte do biógrafo concebida por Schwob é a

capacidade de diferenciar, individualizar até mesmo personagens que a história reuniu. Ele deve captar o detalhe ínfimo, minúsculo que tentar reproduzir a melhor maneira a singularidade de um corpo, de uma presença (p. 57).

O biógrafo, como artista, precisa do discernimento para trazer “os detalhes mais reveladores da personalidade do biografado” (p. 56), visto ser isto “o que constitui o fascínio e o sentido do gênero biográfico” (p. 56) – sua dimensão estética.

Paul Murray Kendall – que também compara a biografia à obra de arte – afirma que o biógrafo “modela seu material para criar efeitos” (p. 56). Se a biografia romanceada simula a vida, ela “não respeita o material que dispõe” (p. 56). ELA, então, faz suas ponderações.

Acredito que tal desrespeito se dê não por erro, mas por condição. O *respeito* ou o *desrespeito*, neste caso ou descaso, pode ser tomado no sentido de uma variação. Obediência, flagrada na ilusão de ser espelho – aí, sua tola

ou frágil vontade de (ser) verdadeira e desobediência, em uma oportuna criação que faz surgir verdades outras.

Na tensão, apontada por Dosse como “a ambivalência do gênero biográfico” (p. 60), a dissonância parece afirmar-se como paradoxo. Ou seja, o ‘*ao mesmo tempo*’ que possibilita pensar a *ficção*: a vida contada na escrita – a *bio grafada* – serve à estética da arte, assim como a estética da arte oferece-se à vida, dando forma (contorno provisório) à própria existência.

Outras Experiências de Verdade

ELA também quis ser Alice. E experimentar ser outra e tantas. ELA quis dizer *vamos fazer de conta*. É que, “Do Outro Lado do Espelho” (CARROL, 1999), Alice quis ser Rainha. Lá, essa história começava numa conversa com a Gatinha Kitty e com um jogo – o xadrez.

... você sabe jogar xadrez? Não ria, bobinha, que a pergunta é séria. Agora mesmo, nós duas estávamos jogando, e você parecia entender tudo o que acontecia. Quando eu disse Xeque!, você ronronou. Foi um belo xeque, reconheça, e eu estava pronta para ganhar, se não fosse aquele cavalo sem-educação, que se intrometeu entre as minhas peças! Kitty, querida, vamos fazer de conta... (p.160)

Lá, também, um narrador.

Antes de prosseguir, eu gostaria de contar para vocês pelo menos a metade das coisas que Alice costumava dizer, sempre começando por essa frase, que era sua favorita: ‘Vamos fazer de conta.’ Na véspera, ela tinha travado uma discussão com a irmã, justamente por ter dito: ‘Vamos fazer de conta que

somos os reis e as damas do baralho.’ Sua irmã, que gostava de ser muito exata, contestou a possibilidade daquele faz-de-conta, já que elas não passavam de duas, mas o máximo que conseguiu foi que Alice dissesse: ‘Está bem; você escolhe uma das cartas, e eu serei todas as outras’ (p. 160).

Como ELA, Alice insiste.

- Vamos fazer de conta que você é a Rainha Preta, Kitty. E de fato, se você ficar sentadinha de braços cruzados, vai ficar parecidíssima com ela. Vamos tentar, queridinha? (p. 160)

Ou como Alice, ELA insiste.

Uma conversa faz de conta? Excesso é intensidade que também escapa às palavras. Então, *excesso* é a palavra que vem para dar conta do efeito do preparo desta *Conversa*. Busco um começo e me perco nas linhas. Na *Conversa* com a Ana, experimentei uma espécie de perplexidade em meio a tantos traços. Mas teria que, ao modo da Alice, interrogar: ‘em que sentido? em que sentido?’ Ana pinta e desenha. Também em quadros e telas. E eu esboço começos, faço registros em lugares diferentes - momentos de Bordo em registros que parecem perder a força.

Para além deste preparo que anuncia a *Conversa*, *paradoxo* é algo que se destaca nessa prática psi atravessada – vista agora de trás para frente. Ana é artista dos traços e das cores numa sensibilidade que prescindiria das palavras; Ana é também militante marxista que acredita na *luta* e, neste modo, vejo surgir uma implacável determinação. Eu acredito na mobilidade das/nas palavras. Desengajada, sou desafeita ao que chamam *luta* – representativa - por qualquer *coisa* que se institua como causa. Nos falamos?! Nos ouvimos?!

Talvez, o que mais eu calasse ali era ‘como posso aprender sobre uma militância – para além dos meus preconceitos?’ A voz tranquila vai desenhando e colorindo um entendimento. E não poderia ser diferente, já que a pintura é outra sua potência. E, ainda que eu entenda, interrogo-me: o que posso? Talvez, também ali, eu tenha me calado mais

do que nas outras *Conversas*. No entanto, na transcrição, uma enxurrada de questões pedem língua. Fico com a sensação de que esta *Conversa*, menos que ao outro, serviu para interrogar a potência em mim da prática psi que – ainda – quero. São clarezas que vou construindo naquilo que, atualmente, eu posso como prática psi no Serviço Público. A *Conversa*, para tanto, continua em solilóquio – exatamente na intensificação daquilo que falo ou calo: SUS?!

MM: Esse é o trabalho da tese: fazer encontros e colher inspiração para pensar, para viver. Inspiração como ferramenta profissional e de vida. Como, por exemplo, hoje eu vou aprendendo o que é *mais-valia*, o que é *coletivo*. Eu colho hoje ferramentas para a minha prática psi neste misturado e muito também na Literatura e na... vou chamar de Arte. Mas estou falando de Literatura. É de onde eu vou tirar ferramentas para tocar o outro e possibilitar que o outro me toque de reinvenção de vida – quando a vida desmorona. E toda hora, a vida desmorona.

A: *Toda hora. E as pessoas nos procuram quando a vida desmorona.*

MM: E a prática psi cria o profissional do sofrimento, de um lado, e do outro lado, aquele que sofre. Por isso, quis perguntar como é que a militância psi? O que se espera de um psi na militância? Dá para conciliar arte, as suas artes, com a militância?

A: *Eu pensei aqui que o trabalho do psi não deixa de ser uma arte. Porque a gente... A pessoa vem com um discurso que é dela. Vamos colocar assim, livre, que vem para nós de forma livre. Que é a mesma sensação que eu me deparo quando estou em frente a uma tela. O que eu faço com isso que está vindo e como devolver isso para a tela? Quando a pessoa me procura – seja no Hospital, seja no Posto de Saúde – com as questões dela, de algum modo, ela quer que a gente devolva algo, que a gente fale alguma coisa. E como é que eu vou organizando isso junto com ela ali naquele processo? Hoje em dia, eu te confesso que não estou pintando mais. Estou com dificuldades. Estou impaciente. Eu pego a tela, tenho uma ideia e vou direto para a tela... Eu começo, mas depois eu não consigo terminar. Eu fico insatisfeita com aquilo que eu comecei e interrompo. Hoje em dia, eu estou com dificuldades de me expressar pela Arte, pela pintura – no meu caso é a Pintura. Neste momento!*

MM: Diante da história de uma vida de alguém que te traz, estando sofrendo, eu fiz a imagem que você falou. Eu imaginei uma tela, onde o par psi e cliente, ou o nome que for, vai pintar essa tela junto. E eu pensei: quando começa a pintura? E apontando para a sua arte de pintura, mesmo. É misturando as tintas? É selecionando? Ou tem alguma forma...?

A: *É... Que clínica? Porque eu venho construindo uma clínica.*

MM: Inventando uma clínica.

A: *Inventando uma clínica. Eu invento uma clínica no Hospital e eu invento uma clínica no Posto.*

MM: Que não estão prontas.

A: *Não estão prontas. E nunca vão estar. E a cada paciente que vem... ali se dá um encontro e um modo de operar com aquela pessoa. E dependendo do que ela me traga. E eu me vejo de muitos modos operando a clínica.*

MM: Essa associação, esse *link* de ser artista na prática de atender pessoas e não estar pintando com tanto gosto, você acha que tem ligação ou é coincidência?

A: *É. Eu acho que sim; eu acho que tudo faz parte de uma totalidade... [Risos] Porque não consigo separar essas... Separo porque um é trabalho e o outro é 'hobbie'. Porque eu não pinto profissionalmente; eu pinto por 'hobbie'. Mas eu acho que tem uma construção, aí, de uma profissão, de uma atuação enquanto psicólogo, que eu me vejo enquanto trabalho Psicologia dentro do trabalho. Eu não estou pensando Psicologia fora do Trabalho, do mercado de trabalho. Eu estou dentro dele, já. Eu trabalho. Então, eu estou construindo, atendendo. E eu não estou fora do mercado de trabalho pensando na prática. Eu estou dentro dela, completamente dentro dela, pensando nela o tempo todo enquanto trabalho. Mas, às vezes, me pergunto, ainda, o que é a prática psi, quando me deparo com certas situações. Ainda me vejo parando, interrompendo...*

MM: Estranhando?

A: *Estranhando. E com dificuldade de prosseguir. Como faço? Continuo aqui? Eu acho importante que seja.*

MM: Isso que você fala é o que eu entendo como a sabedoria da prática: você não saber o que vai fazer. Eu imagino que isso seja você diante da tela e ainda não saber o que vai fazer. E, de repente, num momento, alguma coisa te toma de um jeito, que o saber te toma, também. Qual cor para misturar, qual palavra para dizer, qual palavra que vai devolver, qual palavra que vai escutar, qual palavra que vai ignorar. É assim com a escrita. Porque parece que quem sabe muito...

A: *Pouco escuta.*

MM: E deve ser muito chato!

A: *Na verdade, eu converso muito com uma psicóloga – que a gente aprende muito com os pacientes. A gente aprende muito.*

MM: E haja humildade para assumir isso, né? Para a gente e até para eles.

A: *É. Mas existe, sim, algo que eu possa fazer ali. É isso que, às vezes, eu me pego... que seja, estranhando.*

MM: Um estranhamento produtor, produtivo. Porque se a gente não estranhar, vai repetir a mesma tela, vai repetir o mesmo texto.

A: *Sim. E que o exercício... a gente passa por um curso de Graduação, depois, a gente vai para o Mestrado... parece que a gente tem uma necessidade de complexificar as questões ali com aqueles sujeitos. Mas acho que, às vezes, está na pergunta mais simples, está no comentário mais simples, está no destaque do que ele disse de mais simples. São posturas simples.*

MM: Fico pensando: para que saber tanto, se é importante não saber?

A: *É.*

MM: Até para começar alguma coisa.

A: *Até para começar alguma coisa. Isso é um exercício... Isso é fácil da gente... A gente fala isso muito, que o interessante é não saber. Mas operar isso é mais difícil.*

MM: Experimentar isso.

Virginia Woolf – menos que um exemplar/referência - é uma possibilidade de ver o *ao modo da Literatura*, na Literatura, sendo operado. Ele/modo/sua obra mostra essa

experiência paradoxal entre a história de uma vida atestada por fatos e ficção pura. Vida e Literatura? Literatura e Crítica? Onde começaria um e outro? Ficção pura?!! Falsa questão! Em Woolf, também a Literatura se faz crítica, visto que toda sua obra opõe-se à escrita biográfica vitoriana e opera uma ruptura.

Segundo François Dosse (2009), Woolf, escapando “às malhas da moral vitoriana” (p. 62), tem um objetivo: “captar a verdade do personagem rompendo com o silêncio pudico” (p. 62). “Orlando” seria, ainda, biografia? Seria já autobiografia? Ficção. Já autoficção.

Ontem de manhã, eu estava desesperada. Não podia arrancar-me uma palavra. Por fim, mergulhei a pena no tinteiro e escrevi quase maquinalmente sobre uma folha em branco: ‘Orlando, uma Biografia’. Mal acabara de fazê-lo e todo meu corpo se inundou de alegria e meu cérebro formigou de ideias (WOOLF apud DOSSE, 2009, p. 64).

Na análise do movimento de Woolf, Dosse considera:

a relação de amor e fascínio que mantém com a esposa de Harold Nicolson, a poetisa e romancista Vita Sackville-West, desperta em sua alma o desejo de evocar, ao mesmo tempo, o real e o imaginário, a que deu os traços da personagem andrógina de ‘Orlando’[...] De resto, Virginia Woolf reafirma sua intenção de revolucionar o gênero biográfico por um tratamento conjunto de fatos e da psicologia interior presumida do biografado. A personagem de sua primeira biografia, Orlando, é um andrógino colocado significativamente sob o signo das coisas híbridas, revelador da mescla necessária que a escrita biográfica pressupõe (p. 64).

Escrita biográfica – redundância, quando vida escrita ou escrita de uma vida. O *si* para além de um eu é um outro – tu ou ele. O *si*, individualizado como sujeito, aponta para uma vida – contada pela palavra, onde ela/palavra seja afirmada. De quem? – é preciso interrogar. De um *impessoal* – como propõe Maurice Blanchot – é preciso afirmar. A vida contada, na Literatura e para além dela, *ao modo da Literatura*, é um *mutirão*.

Na urgência de dizer, ELA antecipa-se: onde o Diário? onde o Romance? onde a Ficção? – A vida.

No entanto, vale um retorno para percorrer outras proposições ainda no campo da Literatura – sua Crítica, Historicização e Classificação. Nelas, diferenças.

Uma explícita interlocução entre Philippe Lejeune e Serge Doubrovsky traz fecundas problematizações em torno das tentativas de (de)limitações e dos frágeis ou inoperantes projetos de delimitar os gêneros na Literatura e provocam ELA a posicionamentos.

O que vejo é o que pode a Literatura: seu poder para escapar e se re-criar. Tal como a vida, na (hipo)tese destas “Narrativas...”: contar e, ficcionando, escapar. Escrita de si - autobiografia. Mais um gênero? Mais uma ficção.

Nessa interlocução clássica, na crítica literária, dirigindo-se a Lejeune, Doubrovsky (apud DOSSE, 2009) afirma:

Ficção, nada mais que ficção. Que conta o erro de uma vida e a vida de um erro. O caminho mais curto entre História e história é ainda imaginar. Aqui, o biógrafo não tem outra escolha exceto se fazer de historiador e o cronista só dispõe de um recurso, tornar-se romancista. Contudo, o romancista só consegue ser claro na matéria descobrindo-se poeta (p. 79).

Partindo da posição do leitor, obviamente, incluindo-se nesta condição, Philipp Lejeune ocupou-se em definir autobiografia. Como leitor contemporâneo, tentou achar - ou propor - uma ordem “em uma massa de textos publicados” (GERHEIM NORONHA, 2008, p.

13). Tais textos tinham um tema comum: contar a vida de alguém - do outro e de si. Assim, Lejeune pode definir autobiografia:

narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE apud GERHEIM NORONHA, 2008, p. 14).

Seus gêneros vizinhos - Memórias, Biografia, Romance Pessoal, Poema Autobiográfico, Diário, Auto Retrato ou Ensaio – mapeados, orientam/permitem a este escritor e crítico literário francês dar ênfase àquilo que vai diferenciar a autobiografia: um *pacto* estabelecido com o leitor que aquilo que escreve é real. Neste caso, real tem o sentido de verdadeiro. E mais: nesta narrativa que conta a vida do outro ou de si, o *pacto de verdade* pressupõe a identidade entre autor, narrador e pessoa de quem se fala (personagem).

Serge Doubrovsky (apud GERHEIM NORONHA, 2010) contrapõe-se à Lejeune, afirmando que “a autobiografia é sempre, na verdade, uma autoficção” (p. 251).

Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, no crepúsculo de suas vidas e num belo estilo. Ficção, de acontecimentos e de fatos estritamente reais; se preferirem, Autoficção, por ter-se confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, avessa ao bom comportamento, avessa à sintaxe do romance tradicional ou novo. Encontros, *files* (filhos/fios) de palavras, aliteraões, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da Literatura, concreta, como se diz da música. Ou ainda, auto-fricção, pacientemente onanista, que espera conseguir agora compartilhar seu prazer (p. 249).

ELA entende - e repete! - que, menos que a descoberta e/ou delimitação de um novo gênero, se trata da criação, por Lejeune, de uma operação antiga e possível, também, na Literatura: a produção da representação classificatória. No entanto, para ELA, o que está em questão é uma possibilidade de escapar – o que nos aproxima da apropriação do que pode o *ao modo da Literatura*: aventura da Literatura, aventura da linguagem, aventura avessa, aventura da vida. Tal como vai propor o *modo pós-moderno*.

Para Evando Nascimento (2010), escritor brasileiro e pós-moderno, ficção ou verdade, imaginação ou documento “não são critérios de definição de gênero, porque são distinção de grau, não de natureza” (p. 197). Sendo assim, “gêneros se definem pela história de seus usos e significação – de suas performances históricas” (p. 192). Para ELA, a *ficcionalidade* não é gênero. Apropriando-se de fragmentos do proposto pelo autor pós-moderno, afirma: trata-se do *estatuto híbrido de qualquer discurso* - literário e não-literário!

Na conversa/entrevista de Gilles Deleuze com Claire Parnet, que deu origem à série de entrevistas “O ABecedário de Gilles Deleuze” (2009), o filósofo francês aponta para a diferença entre a Linguística e a Literatura. Segundo ele, a primeira, que sustenta a língua como sistema, estaria comprometida com que não varia – com o fixo. A segunda teria como condição a variabilidade. Para o filósofo francês, neste momento, trata-se de discursos com diferentes orientações/sentidos e interesses. Serventia outra das palavras – ELA afirma.

Mais verdade que imaginação, mais romance que documento, mais documento que romance?! Vida vivida e contada, vida vivida no contar – no estatuto híbrido de qualquer discurso. Qual o limite da veracidade? – Falsa questão, também quando *verdades* são produzidas; são, portanto, construções. São experiências de verdades. *Ficções reais*.

Retomando a problematização pós-moderna, em relação às proposições de Lejeune, Nascimento (2010) afirma:

O pacto que os narradores podem fazer com seus leitores é quanto à força e à legitimidade de seu relato, fundado numa experiência instável, dividida,

estilhaçada, ‘como se fosse’
verdade, no fundo
marcadamente estética (p. 198).

E que cada um – leitor, escritor, pesquisador, prática psi – possam autonomias suficientes para inventar/experimentar *como se fosse*. Visto que isso é o que a vida, muitas vezes e ao seu modo, propõe: *vamos fazer de conta!*

Em meio à vida e à Literatura, estão os contares, os discursos, os sentidos e aquilo que escapa. Estão as diferenças que as atravessam, fazendo explodir as fronteiras – ‘percebidas’ na intensidade e/ou na radicalização do sentido de *ficção*. Como o proposto por Doubrovsky (apud GERHEIM NORONHA, 2010), que se desdobra na afirmação:

O sentido de uma vida não existe em parte alguma, ele não existe em si. Não se trata assim de descobri-lo, mas de inventá-lo, não inteiramente, mas através de seus rastros: ele terá de ser construído (p. 252).

Se na literatura – autoficção, autobiografia, romance, diário ou o que seja – o autor ficciona-se quando ficciona, assim o sujeito que conta sua vida, assim o sujeito que ouve quem conta. Dos rastros, sempre outros *contares* escritos e/ou ditos. Discursos/ sentidos experimentados em um rigoroso *fazer de conta...* em atravessamentos de/em *uma* vida.

MM: E uma história para contar?

A: *Uma história?! Da prática psi?*

MM: Se bem que estou entendendo que tudo isso que a gente conversa é a vida contada.

A: *Sim. São tantas; são muitas. Contar, assim, a prática, mesmo? A experiência do Posto de Saúde é recente. A do Hospital é longa. Lá, existem um milhão de demandas diferenciadas para o psicólogo. E eu... a gente é chamado para participar de notícias ruins. E a última vez eu fui chamada para estar junto de uma revelação de dois diagnósticos muito ruins, para um rapaz – a princípio assintomático. Não estava doente, a princípio. Aparentemente, não estava doente; mas foram descobertos dois problemas que são considerados problemas difíceis – que é o diagnóstico de HIV e o de câncer, juntos. E, aí, eu fui chamada para estar junto na notícia.*

MM: Na mesma vida, as duas marcas.

A: *É. E eu achei um pedido difícil. Porque o que eu posso dizer? Nada. O que eu posso fazer é botar essas pessoas para... que elas possam falar alguma coisa que esteja passando pela cabeça depois da notícia. Essa era a minha intenção. Porque eu não tenho nada para falar. O que é que eu vou falar? São notícias difíceis, ponto. Como ele vai*

enfrentar isso para a vida dele? Porque foi isso que... chegou. É um rapaz jovem, aparentemente saudável e... E a mãe dele estava junto. Mas ela, abaladíssima, porque ela já sabia. E o médico veio e deu primeiro o diagnóstico do câncer, mas ele deu uma volta absurda. Não falou a palavra câncer em nenhum momento; só falou assim para ele: “então, você está com essa situação no seu pulmão” – ou seja, o câncer – “e você... eu vou te encaminhar para um serviço especializado de Oncologia e você vai lá começar um tratamento”. E o médico saiu nessa hora. Deixou a gente lá; nós três – eu, a mãe e o rapaz. Aí, eu fiquei: o que é que eu faço? E tinha mais o diagnóstico do HIV que o médico não deu. O médico saiu correndo. A mãe olhava para mim – e agora, doutora? Tem que falar a outra notícia. Eu pedi para ela se retirar. Preferi ficar só eu e ele. Porque o diagnóstico de HIV implica em, talvez, falar da questão sexual dele. E ele não quer falar na frente da mãe. E ela saiu. E, aí, eu perguntei para ele: “o que você entendeu que o médico falou para você?” E, aí, ele falou ‘estou com um problema e tal’. E, aí, a gente foi conversando e uma hora ele perguntou: “mas, doutora, e os meus exames de sangue? O médico não falou.” Nossa, eu pensei, não precisei nem entrar no assunto. Ele mesmo entrou. Aí, eu falei: “olha, em seus exames deu aqui uma alteração”, mostrei para eles os exames e revelei o diagnóstico e eu não sei se, até hoje, caiu a ficha. Ele falou assim “doutora, eu fui chamado aqui para levar duas pedradas”. Eu falei: é; duas notícias que para você... você está encarando como pedradas? “Tô.” Enfim, e a gente foi tentando... Aí, ele foi me fazendo muitas perguntas e a gente foi conversando, como a gente está conversando aqui, eu fui conversando com ele – sem pensar em nada, durante a conversa, aquilo foi se dando, foi acontecendo. E, aí, uma hora, ele saiu. Disse que queria fumar e saiu da sala. E eu fiquei lá. Isso, assim, a gente passa o tempo todo. Isso foi uma experiência que me marcou, porque é isso: se deu ali, naquele encontro. As palavras vieram ali – nada muito planejado. Ali. Se deu ali!

MM: De novo, Ana, eu tenho a imagem da tela.

A: Sim.

MM: Tinha um monte de tintas sem o brilho das cores, talvez. E é mexendo que a forma vai aparecendo.

A: É.

MM: E eu fiquei pensando numa sensibilidade que eu imagino que o artista – e eu imagino que você seja assim – tenha. Sensibilidade de abertura, de estar lá e ‘vamos ver o que é que dá’. Alguma coisa vai dar.

A: Tem uma coisa na Pintura que eu gosto muito. Eu já fiz uso disso; mas eu prefiro pintar dessa maneira; eu pinto a partir de três cores. É a partir dessas três cores que eu crio todas as outras. Às vezes, os pacientes vêm com só três cores. Cabe a mim dizer “a partir dessas três cores, você pode inventar mil cores”. Que é o amarelo, o magenta e o azul. É lógico, tem o branco – para clarear -, o preto para... Na verdade, eu tenho uma irmã que é artista e ela diz que o preto suja. Mas, na verdade, o preto fecharia a cor. E, aí, sem... Eu estou falando isso agora e estou lembrando das discussões que têm a ver com a militância, da questão do negro e do preto, que é uma discussão super prenha de como você usa a palavra preto e negro sem criar preconceitos. Agora, eu me lembrei que isso é muito prenha na militância. Uma vez, na militância, uma pessoa, em plenária, disse a palavra denegrir e, aí, um dos militantes disse: olha, você está dizendo que uma coisa se torna ruim porque denigre e denigre vem de ‘negro’ e negro eu sou.

Diana Klinger (2012), crítica literária, interpõe-se entre a Epistemologia e a Antropologia para, problematizando a narrativa contemporânea no que chama “duas tendências” (p. 10), propor a *sua* definição de *autoficção*:

narrativa híbrida, ambivalente, na qual a *ficção* de si tem como referente o autor, mas não como pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente (p. 57).

Servindo-se de tais tendências - *retorno do autor* e *virada etnográfica* - que, por sua vez, se organizam na *escrita de si* e na *escrita do outro*, a autora percorre formulações de Michel Foucault, assim como de Philippe Lejeune e Serge Doubrovisk para analisar comparativamente produções literárias brasileiras no contexto latino-americano. Ocupando-se da estética, seu percurso aborda também questões políticas. Certa de que a “pluralização de vozes e de focos de poder” (KLINGER, 2012, p. 156) atravessa a produção literária, ela mostra, através dos textos literários latino-americanos, como se dá a “reconfiguração das nações latino-americanas depois das ditaduras e pós-guerra fria” (p. 156), e como o “lugar do letrado como representante das minorias” (p. 157) é questionado. No contemporâneo, entre “o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita” (p. 22), a autora aponta para a “crescente atração pelas figuras marginalizadas e antigamente silenciadas” (p. 156), assim como para o “questionamento aos mitos do Estado nacional como instância de integração das diferenças culturais” (156).

Assim, enquanto na *escrita de si*, “a ficção oferece uma intervenção para examinar a ideia de representação nos dois sentidos da palavra - político (delegação) e artístico (reprodução mimética)” (p. 11), a *virada etnográfica* “excede o campo das artes e implica também uma transfronteirização do conhecimento a partir da problemática da cultura” (p. 12).

MM: Bacana você estar falando isso porque me possibilita perguntar se vc vê alguma flexibilidade na militância...

A: *Tem!*

MM: Que não está tudo pronto. Quando você fala das três cores que são o seu suporte. Tem uma consistência ali. Porque a gente não começa de um meio totalmente caótico.

Tem algum suporte - de saber, de posicionamentos, de crenças, de cores. Tem uma abertura para, a partir dali, fazer uma coisa bacana. Tem nossos saberes intelectualizados que, às vezes, se confundem com uma moral. Usar a palavra ‘denegrir’ e contar com o risco de isso estar na intenção do preconceito e/ou não. Porque a intenção podia ser outra.

A: *Atento ao que se fala. Na militância, as pessoas ficam muito atentas ao como se fala, como se coloca as coisas. E a gente, na prática psi, também está muito atento ao que a pessoa fala e como se coloca e como coloca as coisas para, como ela nomeia as coisas.*

MM: E pelo que você está falando, na Arte também. Isso que você está falando de estar atenta: pode ser uma atenção consistente, mas com uma abertura, com uma sensibilidade. E não fechando, não calando o que o outro pense e na possibilidade de se recriar, também.

A: *Sim. É. É isso.*

Diana Klinger (2012) mostra como a experiência literária contemporânea, após a crítica filosófica do sujeito como substância durante o século XX, afirma o retorno do autor. Será transgredindo o *pacto ficcional*, proposto por Lejeune, que supõe “a sinceridade e a autenticidade” (p. 56) na relação com a verdade do autor, que a narrativa contemporânea, possibilitará ao narrador – também etnógrafo - cortar o fio narrativo e expor o fluxo da criação/narrativa. Trazendo a interlocução crítica entre Lejeune e Doubrovsk – que possibilitou ao segundo cunhar a definição de autoficção como “gênero bivalente, ambíguo, andrógino” - Klinger seleciona:

A autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando, no sentido estrito do termo, a experiência de análise, não somente no tema, mas também na produção do texto (p. 47).

Assim, é possível, para ELA, afirmar que todos os textos literários são, de algum modo, autobiográficos, concordando com Klinger que “autobiografia pura não existe” (p. 34).

ELA *faz de conta* e corta o fio narrativo para expor o artifício da ficção, onde, *ao modo da Literatura*, está a vida.

É da vida/na vida – que inclui, obviamente, a prática psi – expor e impor o recurso, condição e/ou necessidade da criação. Por vezes, além de operá-lo, é preciso dar-lhe visibilidade, nomeando-o. E, se toda obra literária é

autobiográfica, é porque atravessa aquele que escreve. Assim como o atravessa a história – *política/força* que também o constitui. A mesma operação se dá para aquele que conta sua vida. E se o *discurso* supõe criação, é porque, para além da Literatura, é possível tomar a vida como ficção.

O Fora da Literatura

Gilles Deleuze, provocado por Claire Parnet, quando confirma que sua Filosofia e sua vida foram sempre povoadas de Literatura, afirma que “ambas testemunham a favor da vida” (2009b, p. 54). Escrever e viver surgem como também atravessados, escapando a uma personalidade. Aqui, ELA repete que escrever e viver são atravessamentos operando ficcionalidades. Deslocando e/ou afirmando que não se ocupa da questão da *produção de subjetividade*, ELA quer afirmar o processo pelo qual a vida se engendra – ainda que para tal, por vezes, tenha como suporte, um sujeito.

A Literatura e o ato de escrever têm a ver com a vida. Mas a vida é algo mais do que pessoal. Na Literatura, tudo o que traz algo da vida pessoal do escritor é por natureza desagradável – seu pequeno caso particular (DELEUZE; PARNET, 2009, p. 27).

Foi buscando o *ao modo da Literatura* que ELA deparou-se com Salem Levy (2011). Viam-se ocupadas de questões que se atravessavam: em uma, “a relação entre literatura e real” (p. 11), em outra, naquele momento, uma específica relação entre literatura e a vida tomada como obra (de arte) - questão que num outro momento norteava este percurso de pesquisa. Eram questões que permitiam interrogar a *palavra literária* e a criação de um mundo. A “palavra literária é fundadora de sua própria realidade” (p. 19), afirmava Salem Levy, retomando Maurice Blanchot. O que possibilitava que ELA vislumbrasse a vida como obra (de arte). Mesmo, e principalmente, quando esta – vida - fosse experimentada como intempestiva. Tomá-la, *ao modo da Literatura*, a distanciaria do defeito, do erro, do adoecimento – estes, no entanto, ainda ficções reais.

ELA, então, renova seu convite: adentrar, pelas “Narrativas...” tornadas Mares. Desta feita, em Mar de Literatura, impregnando-se das formulações de Tatiana Salem Levy. Agora, ou por sua vez, atravessadas pelas formulações de Blanchot – escritor e crítico literário – e, ainda, das de Foucault e de Deleuze. Formulações estas, por sua vez e aqui, sob efeito de interferências promovidas por ELA/Literatura. Proliferações, portanto.

É curiosa a sensação de escrever. Ao escrever, não penso nem no leitor nem em mim: nessa hora sou – mas só de mim – sou as palavras propriamente ditas (LISPECTOR apud SALEM LEVY, 2011, p. 55).

Aqui, ELA experimenta, literalmente, reverter o verso experimentado. Clarice Lispector é citada na epígrafe da “Experiência do Fora” (2011), onde Salem Levy anuncia e enuncia o pensamento do fora em Michel Foucault. A partir daí, ELA escreve. Faz-se palavra e oferece:

Suportar não ser (ou à Clarice e à Tatiana).
É árdua e prazerosa a tarefa de dar movimento à escrita. Ao surgirem – movimento e escrita -, estes não mais se ocupam daquele que escreve – um mim/autor - nem ainda daquele que vai ler – um ele/leitor. Ao surgirem, movimento e escrita querem afirmar-se; então, são palavras propriamente ditas. Assim como serão aqueles que puderem percorrê-las e enunciá-las. Então, um mim/autor, um ele/leitor serão, também, palavras propriamente ditas.

E conta da intenção de Salem Levy (2011):

É preciso destacar a mudança paradigmática ocorrida na literatura no início do século XX, quando escritores como Mallarmé, Kafka e Proust anunciaram uma ruptura com premissas fundamentais de uma determinada concepção de realismo literário e enfatizaram o ato da criação... (p. 11)

Ganha a cena “o ato da criação e a realidade própria da narrativa” (p. 11). E “para pensar esta nova relação entre literatura e real que Blanchot criou o conceito de fora... abrindo espaço para um pensamento crítico” (p. 11). Uma *outra* forma de pensar e de fazer Literatura – movimento de ultrapassamento histórico, portanto. Ultrapassamento que Salem Levy vê, também, sendo afirmado nas formulações de Michel Foucault e de Gilles Deleuze – estes, experimentando-se, reciprocamente, em suas leituras.

Em Blanchot, Salem Levy (2011) vê estratégia e prática:

O fora... é uma estratégia de pensamento que marca a falência do logos clássico... quando a ideia de representação enquanto cópia é questionada...” (SALEM LEVY, 2011, p. 11/12).

É, portanto, uma prática que envolve um questionamento radical do fazer literário Para a autora, em Blanchot, uma interrogação é o que explicita seu – do *fora* - teor político:

... de que maneira essa experiência literária [datada/histórica] pode promover um encontro com o pensamento que faz da palavra uma possibilidade de resistência? (p. 12)

Nesta interrogação/provocação, onde se trata de “resistir ao intolerável do presente, vê-se o gesto político” (p. 137) também operado pela Literatura. Isto porque “para resistir é preciso acreditar neste mundo, ou antes no outro do mundo, que faz deste mundo um outro” (p. 136).

Segundo a autora, em Deleuze, “leitor de Blanchot e Foucault” (p. 12), criar e/ou pensar impõe condições e/ou plano – imediatamente correlatos: “a experiência do fora é o que leva o pensamento a pensar” (p. 12), assim sendo, “a experiência do fora é a própria criação do plano de imanência” (p. 13). Experiência, então, “ética por excelência” (p. 13). Nesta interlocução tetravalente, ELA inclui-se, fazendo considerações.

Fora, estratégia/prática ética e política de pensamento, estética, experiência literária, o outro mundo do mundo e de todas as coisas; possibilidade de resistência e plano de criação. Trata-se, neste momento de crítica e de criação, de destituir, ainda, concepções de mundos – e modos – que, historicamente, tomavam o sujeito – agora, chamado subjetividade – como centro, substância/natureza racional e interiorizada; de tomar a linguagem de modo outro que não necessariamente representando a realidade e de buscar inspiração no movimento da arte para tomar/construir modos de existir. Afirmando minha (hipo)tese e, acompanhando Salem Levy que se ocupa da Literatura e sua realidade, intensifico posicionamentos: divergências? Onde começam?

A: Você perguntou se eu queria perguntar alguma coisa e aí eu perguntei ‘qual é o tema da pesquisa e qual a intenção da entrevista?’

MM: Não é uma entrevista. A ideia é que seja uma conversa. Eu pergunto, você pergunta; você responde, eu respondo; você acha, eu acho, também; a gente concorda, a gente discorda. O tema? Não tem muito ‘o tema’. Tem o porquê eu quis conversar contigo.

A: E por que você me escolheu?

MM: Militância – partidária -, arte e prática psi. Como é que junta e como é que separa?

A: Nossa! Engraçado é que quando você foi elencando, eu fui... ‘sou eu essa’. Eu sou partidária, eu sou artista e eu sou psicóloga.

MM: E bacana você falar isso porque eu tinha outra coisa na minha cabeça, que era a identificação. Você quer ser identificada?

A: Como psicóloga, sim; como artista, talvez; como partidária, não mais. Eu tive um momento de militância - que eu parei - aos moldes partidários. Mas eu não deixo de militar, porque eu acho que o trabalho do psicólogo na Saúde Pública é militância, quando eu acredito no fortalecimento do SUS, nos serviços, com as pessoas, com os trabalhadores, com os profissionais. É uma militância, porque o tempo todo... Como eu estudei o SUS, eu vejo o tempo todo em alguns lugares em que eu trabalho, nos dois lugares em que eu trabalho, não é retrocesso, mas ainda é um não entendimento do que é o sistema único de saúde e o que é a saúde pública. Não é o público do precário, do para pobre, mas o público como direito para todos. Então, no trabalho, ali no cotidiano do trabalho, ou com os pacientes ou com os profissionais – seja o médico, a enfermeira ou o pessoal da limpeza - estou o tempo todo tentando fortalecer aquele espaço ali como nosso, como a gente constrói, a importância de construir aquele espaço ali. Então, pra mim isso é a militância hoje. Eu não milito mais em partido. O que era militar em partido? Era participar de uma organização partidária, me filiar a ela, eu ter o compromisso de frequentar reuniões, reuniões semanais e ter atividades partidárias. Que eram venda de jornais, participação de atos, construção de textos – no meu caso, textos de saúde, sobre privatização do SUS. Isso eu não faço mais.

MM: Por quê?

A: Porque eu fiquei cansada, um pouco do que hoje se opera a militância no Rio de Janeiro. Eu trabalho muito. Eu não moro no Rio; eu moro em outro município. Então,

tem uma questão da distância, do cansaço. E essas organizações, elas se dão mais no Centro do Rio. Então, eu comecei a ficar um pouco cansada dos deslocamentos. E participar das reuniões... sempre são reuniões à noite ou manhãs de finais de semana. Então, eu comecei a não (me) adequar aquela rotina partidária porque é uma dedicação quase que exclusiva para você conseguir construir alguma coisa.

MM: Pelo que você está falando tem uma militância...

A: *É. Que não é a militância institucionalizada. Essa eu tive um certo cansaço.*

MM: E parece que é poder atuar por você; pelo que você acredita.

A: *É. Apesar de eu acreditar. Eu fazia parte de um Grupo em que eu acreditava. E era um grupo muito aberto; eles viam a importância do psicólogo no grupo. Porque era um grupo com a maior parte historiadores, cientistas sociais; grupo de intelectuais. Algumas organizações partidárias, no Rio, fundamentalmente, são de intelectuais. O que isso configura um pouco a forma de militar é muito teórica. Eu acho que é diferente de uma militância em São Paulo, que tem mais operários do ABC. Aí, é uma outra discussão. Mas no Rio, ela é muito intelectual. Eu fazia parte de um grupo de intelectuais. E a gente ia para a favela – por exemplo, para a Maré – discutir com o pessoal da favela questões... Mas de um modo muito intelectual. Então, aquilo me incomodava um pouco e incomodava o pessoal da favela, também.*

MM: Como é que você acha que era vista e se via como psicóloga, intelectual...

A: *No Partido?*

MM: *É.*

A: *Na verdade, quando eu entrei, eu sofri um certo preconceito de algumas pessoas, que olhavam para mim, enquanto psicóloga, e achavam que eu reduzia todos os problemas do mundo no sujeito. 'É ele que não sabe, é ele que produz o problema' E para eles, o problema está no mundo. E as pessoas são... Há, ainda - isso depende de algumas pessoas - aquela divisão entre opressores e oprimidos. Como se o sujeito não quisesse se colocar daquela forma oprimida, enfim. Eu entendia as discussões, mas dizia: 'olha, psicólogo não reduz o problema no sujeito. O problema não está no sujeito. Na forma, talvez, como ele opera, nas relações dele. Não é o cara é pobre porque ele não...' Era uma discussão difícil. Eu sofri muito preconceito. E, aí, tinham algumas pessoas que apostavam na figura do psicólogo no Partido. Que era uma coisa diferente, mesmo: ter um psicólogo no Partido. Hoje em dia, eu acho que nem tanto. Mas quando eu entrei, tinha um certo estranhamento. Tinha uma amiga minha, que era do Partido, vinha de São Paulo, que ela dizia 'Ana, a gente precisa de outros olhares para a militância. Porque a militância, como ela está se dando, ela está engessada. Precisa de um outro olhar'. E eu concordava com ela. Eu falei é. Porque, primeiro que muito teórico. Teórico, por quê? Existia uma apresentação da obra de Marx. Dependendo da organização, do Trotsky, do Gramsci. E as questões cotidianas, elas estavam em meio a isso. E, aí, o meu olhar... como seria o olhar psi nas lutas partidárias?*

MM: Quando eu penso o intelectual, ele mais explica do que opera.

A: *É.*

MM: E isso dicotomiza, também. Como se o indivíduo, entre aspas, intimizado, não soubesse nem operar, porque ele não sabe explicar, não sabe entender.

A: *É.*

MM: Então, não resta mais nada a ele, a não ser ser oprimido. E alguém que venha salvá-lo. Falar por ele; representá-lo.

A: *É. E no Partido, existe uma leitura da teoria desses caras para construir uma metodologia de luta. Então, assim, é disciplina...*

MM: Os intelectuais construindo?

A: *Com base nas experiências de lutas históricas.*

MM: E o cotidiano, o dia a dia, das pessoas?

A: *É lógico que se valorizava. Mas eu percebia que tinha um esforço em tentar educar essa população segundo os aspectos – como a gente pode chamar? – marxistas? Dessa população entender o que é mais-valia. Posso dar um exemplo? A gente foi para a Maré e a gente juntou um grupo de pessoas que estavam a fim de estud... de iniciar um curso muito básico sobre alguns conceitos marxistas. Um deles era a mais-valia. E a gente montou um grupo de jovens. Estava aberto. E, aí, a gente começou a conversar. Ah, e a galera que deu o curso são professores. Então, eram muito didáticos – deram textos de livros de História – que eles acreditaram que eram textos bons – para as pessoas lerem. E começou uma discussão sobre a mais-valia, que é você trabalhar... o excedente do seu trabalho não fica para você fica para o seu patrão. E as pessoas ficaram muito angustiadas. Porque a maior parte delas se percebeu neste esquema de trabalho. Porque elas trabalhavam muitas horas...*

MM: Até acessaram a ideia.

A: *Acessaram a ideia, mas ficaram tão desestimuladas que não deu... Aquele trabalho não continuou. Elas não voltaram. E isso eu fiquei pensando muito enquanto psicóloga. Não como militante.*

ELA irrompe:

Revejo a minha relação com a Política – que acredito ser de recusa. E ganha a cena minha relação política com a minha prática. Troco ‘mais-valia’ por ‘práxis’. Conceitos mal entendidos por um intelecto em mim, porque não sei/experimento a extração de um lucro sobre o que posso como trabalhador. Mas sei o quanto valho naquilo que posso/quero operar – não coletivamente – como prática de trabalho psi. Talvez, eu aposte, mesmo, na práxis. E o que se pode extrair do/no meu trabalho é a desobediência a serviço da transformação – tanto daqueles que atendo/encontro (produzo, sim, subjetividades!) quanto no que me transformo quando os transformo. Penso assim: no Serviço Público, sou paga – pela população na qual me incluo – para tantas desobediências. Faço, com muito gosto – mas não sem enfrentamentos e embates – muitas desPolíticas! E pesquisar - fazer Doutorado - também pode ser isso de bacana: poder conversar e fazer uma análise de implicação, no sentido da Análise Institucional. Interrogar minha prática: por que ainda me interessa em ser psi no serviço público? Isso é *desmilitância* – porque falo/faço em meu nome Próprio (pleonasma)?

A: *Não enquanto militante. Eu fiquei pensando assim: cara, o que acontece? A gente tem até consciência que a gente está sendo desvalorizada, que a gente está precarizada, no trabalho. E ver como a gente faz. E, aí, isso é de um coletivo que briga ou tem uma aposta individual de consciência e de...? Porque essa galera aposta na organização. Não há mudança societária, se não tiver uma organização. E é uma organização mundial. Então, não é só dali, daquela região. É uma organização que ela tem que se espalhar, mas com uma mesma vertente de pensamento. Só assim se muda.*

MM: Mas quem acredita nisso? O Partido?

A: *O Grupo. Este grupo partidário. Essa corrente partidária que tem grupos no mundo inteiro.*

MM: Parece que fica uma coisa tão grandiosa que fica inoperável...

A: *É.*

MM: Mais assustadora, de se perceber fazendo funcionar este Capitalismo do modo em que está. Como se não tivesse muito uma saída, até de invenção, de invenção de estratégias. Como se as estratégias tivessem que dar conta de uma coisa muito grande. Proliferação mundial. Fica muito grande.

A: *É. É grande.*

MM: Mas tão grande que não dá para fazer nada!

A: *Pois é. Eu não sei te dizer, assim, que efeitos isso tem. Para algumas pessoas, o espaço da militância é um espaço em que você pode ficar mais aliviado. Você está entre pessoas que entendem o sistema, que concordam. Ali, você pode falar da opressão; você pode falar do quanto você está sendo escravo do seu trabalho... Enfim. Existe um alívio. As pessoas vão em busca de um espaço em que elas são compreendidas.*

Em seu processo e/ou momento crítico, à Literatura cabe, então, não mais ou somente explicar o mundo. Neste processo, torna-se legítima a “possibilidade de vivenciar o outro do mundo” (SALEM LEVY, 2011, p. 27.). Para tal, é preciso admitir como

certo, pois, que a literatura fala da realidade, mas não de uma realidade familiar, dada pelo cotidiano. O realismo da ficção joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer. A ficção aparece como o inabitual, o insólito, o que não tem relação com este mundo nem com este tempo – o outro de todos os mundos, que é sempre distinto do mundo. Mas ao mesmo tempo em que nos retira do mundo, nele nos coloca novamente. E nós o vemos então com um outro olhar, pois

a realidade criada na obra abre *no* mundo um horizonte mais vasto, ampliado. Neste sentido, a arte é real e eficaz. Experimentar o outro de todos os mundos e agir no mundo, eis o que a arte nos proporciona (p. 25/26).

ELA contra-argumenta e propõe que é possível, *na* realidade familiar, dada pelo cotidiano, escapar. Ou seja, afirmar, num cotidiano *tomado como outro*, essa realidade outra – tal como a arte, tal qual o realismo da ficção, onde o inabitual, o insólito é inaugurado e/ou impõe-se. E recupera, com Salem Levy, as formulações de Blanchot que se serve de Mallarmé, poeta francês que viveu entre 1842 e 1896, para apontar a diferença entre duas espécies de usos da palavra ou da fala – que não mantém relação de oposição, mas de diferença em seus funcionamentos: a *palavra/a fala* cotidiana, usual, bruta, ocupada em re-apresentar o mundo e as coisas no reconhecimento e, por isso, num apaziguamento; a *palavra/fala* poética, literária, essencial – esta, condição mesmo para a palavra/fala bruta. A autora lembra da afirmação feita por Blanchot: “a linguagem comum chama um gato de gato como se o gato vivo fosse idêntico ao seu nome... é o preço que pagamos pela paz” (SALEM LEVY, 2011, p. 20). Esta passagem remete às formulações nietzscheneanas acerca da verdade e da mentira no sentido extra-moral e dos seus desdobramentos para pensar as convenções da/na linguagem e para além destas: mentindo em rebanho, também ficcionamos. Quais, no entanto, ficções servem à vida? E mais: de que qualidade e/ou sentido de vida se trata?

Menos que utilitária, entretenimento ou decorativa, a *palavra/fala literária* interfere, influi, inspira o olhar e o viver cotidiano *tomado como um outro*; este, abrindo-se à diferença. ELA propõe?! Discorda?! Entende que o *realismo da ficção* é o realismo da realidade cotidiana, quando esta é tomada pelo imperativo da mudança, do novo, da diferença – *onde não é mais possível se reconhecer*. Ou seja, onde não é mais possível qualquer re-conhecimento. O *realismo da ficção* e da realidade cotidiana que se quer outra *nos retira do mundo* até então apaziguado e reconhecido e *nele* – e já como um outro – *nos coloca novamente*. Então, *nós os vemos* – o mundo e a nós – *com um outro*

olhar, pois a realidade – tal qual a criada na obra – abre no mundo um horizonte mais vasto, ampliado – que nos convida e/ou se nos impõe.

A *realidade fictícia* de Blanchot mallarmeniano é a realidade cotidiana transmutando-se, reinventando-se. Sendo assim, não se trata de um privilégio restrito da Literatura. É da vida ficcionar-se!

Em “O Jardim das Flores Vivas” (CARROLL, 1999, p. 173), procurando por um caminho que a levasse para o alto do morro, Alice reencontrou a Rainha Preta.

- De onde você vem? – perguntou a Rainha. - E para onde vai? Olhe para mim, fale sem gaguejar e pare de ficar virando os dedos sem parar.

Alice fez tudo conforme ela tinha ordenado, explicando, o melhor que pode, que tinha perdido o caminho.

- Você acaba de dizer ‘perdi meu caminho’, coisa que não consigo entender, já que nenhum caminho é seu, mas todos pertencem a mim. Mas o que foi que trouxe você até aqui? Enquanto pensa o que vai responder, faça uma reverência, e assim estará poupando tempo. Essa observação deixou Alice um tanto perturbada, mas o temor respeitoso que sentiu pela Rainha impeliu-a a não desobedecer. ‘Realmente, preciso poupar tempo’, pensou ela, ‘pois estou um pouco atrasada para o jantar. Da próxima vez, talvez eu tente ver o que acontece se não obedecer suas ordens.’

- Já é hora de responder – disse a Rainha, consultando o relógio.

– Quando falar, abra mais a boca, e sempre se dirija a mim chamando-me de ‘Majestade’... (p. 179)

Em um novo encontro, dessa vez com o Cavaleiro, enquanto insiste em encontrar uma direção – ou um sentido –, Alice torna-se efetivamente Rainha.

- Basta seguir em frente – disse -, descer a colina, atravessar o regato, e então você será uma Rainha. Mas antes disso, se não for incomodo, poderia ficar até me ver desaparecer ao longe?
- ... Agora, vamos lá. Basta saltar um regato, e por fim serei uma Rainha! Isso até soa com pompa! (p. 277)

Neste momento, Alice tem que se a ver com as duas Rainhas – a Preta e a Branca.

Mas isso é fantástico! – exclamou Alice. – Nunca imaginei tornar-me uma Rainha tão cedo!

Como gostava de passar sabão em si própria, mudou de voz, fazendo-a soar mais solene, e continuou:

- Vou falar-lhe, Majestade, sobre as inconveniências de ser uma Rainha. Uma delas é que não fica bem espojar-se na grama, assim como Vossa Majestade está fazendo agora. Rainhas têm de ser muito recatadas, fique sabendo.

Dito isso, levantou-se e passou a caminhar toda empertigada, com receio de que a coroa caísse. Confortava-a pensar que ninguém a estava vendo. ‘Se eu for de fato uma Rainha’, pensou, sentando-se novamente no chão, ‘aprenderei rapidamente a equilibrar essa coroa’.

Tudo estava acontecendo de maneira tão estranha, que ela não sentiu a menor surpresa ao encontrar a Rainha Preta e a Rainha Branca sentadas junto dela, uma de cada lado... voltou-se para a Rainha Preta e disse:

- Eu queria pedir o obséquio de...

- Fale apenas quando lhe dirigirem a palavra! – interrompeu a Rainha abruptamente.

- Se essa regra for obedecida por todos – replicou Alice, sempre disposta a travar uma pequena discussão, - ninguém poderá falar, pois a pessoa sempre estará a espera de que a outra lhe dirija a palavra primeiro.

- Ridículo! – gritou a Rainha. – Ora, menina, então você não vê...

Sem mais nem menos a Rainha Preta parou de falar, ficou pensativa durante um minuto, e subitamente mudou de assunto, dizendo:

- Quando você pensou em voz alta: ‘Se eu for de fato uma Rainha’, que quis dizer com isso? Que direito tem se de proclamar Rainha? Para ter direito a esse título, como você sabe, é preciso passar por um exame. Vamos a ele, pois, quanto mais rapidamente começarmos, mais depressa terminaremos.

- Mas eu apenas disse ‘Se eu for’, e não ‘Eu já sou’ – protestou Alice, em tom queixoso.

As duas Rainhas se entreolharam e então a Rainha Preta, apresentando um ligeiro sobressalto, observou:

- Ela disse que ela apenas disse que se ela fosse!

- Mas ela não disse apenas isso – retrucou a Rainha Branca, torcendo as mãos. – Ela disse muito mais do que apenas isso.

- Isso que ela disse é verdade – observou a Rainha Preta, voltando-se para Alice. – Diga sempre a verdade; por isso,

pense antes de falar, e depois anote o que falou.

- Estou sempre certa de que eu não quis dizer o que dizem que eu disse...

Antes de terminar a frase, a Rainha Preta interrompeu-a impacientemente:

- É disso mesmo que estou reclamando! Você devia ter querido dizer o que disse! De que serve uma menina que diz o que não quer dizer? Se for assim, ficará sempre o dito pelo não dito, como se fosse uma piada qualquer, que acabe com um dito que bem poderia não ser dito. E uma menina, creio eu, é mais importante que uma piada. E você não poderá negar, mesmo que o tente com ambas as mãos.

- Mas eu não nego com as mãos – protestou Alice.

- Eu não disse que você faz isso – replicou a Rainha Preta. – Eu disse que você não poderia fazer isso, mesmo tentando (p. 298/280/281).

No “País das Maravilhas” (Carroll, 1999.), o jogo era outro – de baralho/cartas. Nele, Alice teria aprendido como dirigir-se a uma Rainha – ‘Majestade’ -, sobre sua autoridade e ainda assim sobre a ousadia de... não obedecer. Isso tudo aconteceu num outro jogo – “O Jogo de Croqué da Rainha” (CARROLL, 1999, p. 94). E a conversa começou com os jardineiros-pintores.

- Poderiam explicar-me – perguntou Alice um tanto timidamente – por que estão pintando essas rosas?

Cinco e Sete nada disseram, limitando-se a olhar para Dois, que começou a explicar, em voz sumida:

- Bem, Senhorita, de fato, o que houve é que aqui neste lugar deveria ter sido plantada uma

roseira de rosas vermelhas. Por engano, plantamos uma roseira de rosas brancas. Se a Rainha descobrir isto, mandará cortar nossas cabeças, como a senhorita bem pode imaginar. Por isso, estamos fazendo o possível para corrigir o erro, antes que ela venha notá-lo.

Nesse instante, Cinco, que estivera vigiando atentamente durante todo o tempo, empalideceu e gritou:

- A Rainha! A Rainha!

Imediatamente, os três atiraram-se de bruços ao chão. Ouviu-se o som de passos que se aproximavam, e Alice olhou para o lado de onde provinha o barulho, ansiosa por ver como seria a tal rainha...

- Quem é essa daí?

O valete de Copas, a quem a pergunta fora dirigida, limitou-se a voltar-se para Alice, inclinando-se sorridentemente num cumprimento.

- Seu idiota! – exclamou a Rainha, meneando a cabeça com impaciência. – Qual é seu nome, menina?

- Meu nome é Alice, Majestade – respondeu ela polidamente, enquanto pensava: ‘Ora, não passam de cartas de baralho! Por que eu deveria ter medo delas?’

- E esses três aí, quem são? – perguntou a Rainha, apontando para os três jardineiros deitados ao redor da roseira.

Como eles estavam de bruços, ela não podia ver seus naipes, nem distinguir se seriam jardineiros, soldados, cortesãos, crianças ou figuras.

- Eu é que teria de saber? – perguntou Alice surpresa com a sua própria ousadia.

A Rainha ficou rubra de raiva com a resposta. Depois de

encarar a menina com semblante de fera selvagem, explodiu:
- Cortem-lhe a cabeça!
Cortem...” (p. 96/97)

Alice, se não autoritária, uma Rainha algo desobediente. O que diferenciaria um modo do outro?! Isso intrigava ELA. E mais: que tipo de Rainha eu seria? E até onde/quando? Escutar. Falar!

Recusas.- Assim, o meu modo psi que dizia dos meus posicionamentos. Encontrei o que chamei ‘arremedo de Psiquiatria’. E a ele disse ‘não’.
A Reforma Psiquiátrica, que se ocupa dos fins dos manicômios, preconiza equipes de Saúde Mental – que obviamente incluiria o psiquiatra - nos hospitais gerais. Menos ambiciosa que a proposta dos UIPHG (Unidades de Internação Psiquiátrica em Hospitais Gerais), a Reforma desinstitucionalizadora, que cria os CAPS, as Residências Terapêuticas, dentre outros equipamentos, cria também faltas. E, assim, deixa muito a desejar – numa espécie de afinidade psicanalítica, eu diria. Como chamar Equipe de Saúde Mental, um agrupamento de psicólogos - com sua especificidade -? O que encontrei naquela Unidade, naquele momento, não era diretamente uma demanda para internação, mas um impasse: como lidar com pacientes ditos ‘psiquiátricos’ – fosse por sua agitação, por sua diferença ou mesmo por um histórico de tratamento psiquiátrico? Estes, quando não na Emergência para avaliação de risco, efetivamente hospitalizados, por algum acometimento orgânico e/ou indicação cirúrgica, eram uma possível clientela para os psicólogos. Sugerir e sustentar encaminhamento para avaliação e medicalização pelo CPRJ (Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro) seria um desdobramento da escuta. Uma espécie de ‘monitoramento’ da prescrição medicamentosa - feita pelo psiquiatra do CPRJ ou pelo médico de uma das especialidades do hospital – era outra derivação da escuta. Como, posicionando-me radicalmente, contra medicalização psicoativa, operar tal mandato? Deixar claro que não faria – não sem, ainda, constantes embates – foi entendido como recusa. Outras demandas eram o atendimento ao paciente

com tentativa de auto-extermínio. Dentre os psis, TS (tentativa de suicídio) – com a responsabilidade do preenchimento da Ficha de Notificação e, mais uma vez, orientação para tratamento psicológico e psiquiátrico. A solicitação de ‘Avaliação’, formalizada através de Parecer, para pacientes com indicação para amputação e imediata recusa é outro convite para a minha... escuta.

Oferecendo ao paciente a escuta, e a partir daí, ficar diante das inúmeras intercorrências, na forma de queixas, é um mandato que aceito. Cuidados da enfermagem, interlocução precária com a equipe médica, longa espera para cirurgia, por vezes, suspensas em função de... O que fazer com o que me contam? – questão que vejo também ecoar em Rodrigues (2013). Ao modo da Rainha, re-endereço as queixas – por vezes, efeito de falta de informação pela distanciada relação entre paciente-médico. Quanto à enfermagem, ainda procuro a criação de um ‘protocolo de interferência’, já que a maioria dos pacientes teme que, entendidos como reclamações, possam sofrer efetivas retaliações. Pergunte, converse, com o médico – e com enfermagem, quando for o caso. Se não der certo, com suas chefias. Se não, com a Direção. Diga que a psicóloga mandou, porque está interferindo no seu emocional. A quem mais caberá gritar “Cortem-lhe a cabeça!”?

A: A gente fica o tempo todo sendo levado a complexificar um pouco... Complexificar, não; a sofisticar mais um pouco essa relação, quando eu acho que ela é a mais simples possível.

MM: Por isso, Ana, quando eu falei que eu escolho, quando eu quero conversar contigo, porque fica um paradoxo e eu adoro paradoxos; adoro a Alice. O paradoxo, neste momento, é de três forças. Eu como falei, o modo como eu sei, como eu experimento o meu saber em relação à Arte e à militância e à prática psi. Para mim, a militância é totalmente endurecida, a arte totalmente aberta às criações – uma sensibilidade disponível – e a prática psi atravessada e atravessando estas duas forças. Eu estou falando a Arte e a militância. Isso me chamou a atenção. Como é que leva isso para a vida? Endurece? Fica fluida?

A: Difícil...

MM: Mas possível.

A: Mas possível. Eu me sinto melhor unindo. Eu me sinto melhor sendo uma profissional que tem, sim, uma prática militante. E que, também, aposto nessa arte, nessa invenção,

na criação de outros modos de estar na vida. Que isso me... Eu questionava um pouco na militância parece que não abre muito para estes outros modos. Existia um certo modo de atuar e aquilo me trazia um certo desconforto.

MM: Eu pensei de um endurecimento...

A: *Porque têm certas lutas que eu acho que são importantes - da gente estar ciente e tal. Mas elas também tiram uma outra dimensão que é a do indivíduo, que é a de como ele quer estar na vida. Não sei. Parece que não quer escutar essas diferenças. Eu acho diferencial entender a Psicologia desta maneira. Porque, um exemplo, no Posto de Saúde, eu trabalho com pessoas que querem parar de fumar. Existe um Programa de Tabagismo, do Ministério da Saúde. E eu fui a uma palestra e um psicólogo pegou o microfone – numa capacitação sobre esse Programa, para entender como é o Programa. Ele falou assim: “todo tabagista é mentiroso!, ponto”. Eu olhei para algumas colegas e disse assim: o que ele quer? Que toda pessoa que venha até a gente fale da experiência dela, seja verdadeiro ou não; é um discurso que é dela. E o psicólogo faz o quê? O que ele quer que o psicólogo faça? Que comece a investigar se é verdade ou não o que a pessoa diz? Mas é isso que importa naquele momento? Porque mesmo sendo mentira não deixa de ser uma verdade para aquele sujeito.*

MM: E respeitar isso não desqualificando.

A: *Não desqualificando. Mesmo que você perceba contradições no discurso, é uma questão dessa pessoa que está trazendo para você de uma realidade que é dela. Essa Psicologia eu não acredito, essa de sentenças.*

MM: Eu trabalhei, em algum momento, neste Programa. E combinava com as pessoas que vinham que, por mim, elas podiam continuar fumando; que aquele adesivo era muito mais prejudicial à saúde do que aquele cigarro que estava dando um possível dela, ainda, estar sustentada em alguma coisa.

A: *É. É exatamente isso. Eu já percebi também isso. Dá vontade de falar isso também.*

MM: *Tira, porque está errado.*

A: *“Tira, porque está errado.”*

MM: E de tentar entender que aquilo é um suporte. Por enquanto.

A: *A pergunta é se você, também na sua tese, está contando alguma prática psi que é sua. Essa é a sua prática psi, não é?*

MM: Isso também é uma prática psi: fazer pesquisa.

A: *Fazer pesquisa é uma prática psi.*

MM: E muito para me divertir. Divertir não no sentido de entretenimento, passa-tempo. Mas para eu ser feliz.

A: Eu fico feliz de ter sido chamada.

MM: E deixa eu te perguntar uma coisa e aí a gente volta para uma história. E por que você aceitou?

A: *Na verdade, eu demorei um pouco para entender que você ia me entrevistar. Porque você tem um modo de falar, de se expressar, que eu sempre admirei, porque me instiga e me faz pensar. E, aí, teve uma hora que você falou alguma coisa que eu me toquei. Aí eu perguntei para você você vai me entrevistar? Eu acho que você não respondeu, assim vou. Você respondeu também deste modo que eu saberia... que eu compreendo. Você sabe que eu sempre gostei de conversar com você; eu sempre gostei das coisas que você escreve, porque produz isso no outro... uma reflexão. O que ela está falando?! O que ela está dizendo?! Me esforçar para compreender; então, eu acho interessante. E de te ver,*

mesmo. Outra coisa também. Lembrei de outra coisa. Eu sempre gostei de conversar com você. Eu sabia da sua proposta do Doutorado e eu acho, eu imaginava que tinha um pouco a ver com a questão da prática psi. E eu acho importante falar sobre isso. Eu falar sobre isso. Para eu sempre estar trazendo isso a tona para mim mesmo: a importância que é a prática psi. E a terceira coisa é que toda vez que eu converso com você sobre essa coisa de Doutorado, me incentiva a fazer o Doutorado.

À Ana:

*Sonhar Mais um sonho impossível
Lutar Quando é fácil ceder
Vencer O inimigo invencível
Negar Quando a regra é vender
Sofrer A tortura implacável
Romper A incabível prisão
Voar No limite improvável
Tocar O inacessível chão*

*É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo, cravar esse chão
Não me importa saber se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer por um pouco de paz
E amanhã se este chão que eu beijei for meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar e morrer de paixão
E assim, seja lá como for, vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão*

Chico Buarque e Ruy Guerra (1975)

MAR DE HISTÓRIA

As Mortes

ELA forja-se *História*.

‘O Homem Morreu!’ – todo mundo ouviu - ou leu. Ou quase todo mundo.

E, ainda hoje, na era do www, surgem as perguntas: ‘onde?’ ‘como?’ ‘por quê?’ - Como foi? Como era? Quando foi? Por que foi?

Ouviu-se. Leu-se. Que foi de modo lento. Também, de modo crítico. ‘Morreu de crítica!’ – afirmaram alguns. ‘Não resistiu.’ Ou resistiu?!

Tudo vinha sendo desenhado no final do século. O XIX. Mas foi em Maio de 68 que começaram a ter certeza de que ele também sucumbiria. Também, porque Deus já tinha morrido. E foi, também, de crítica. Michel Foucault ocupou-se dos esclarecimentos em vários momentos de sua obra, dando visibilidade e/ou re-criando uma trama que, muitas vezes também dispersa, se vê atravessada: Homem, Deus e a História.

No ensino secundário, aprende-se que o século XVI foi a era do Humanismo, que o Classicismo desenvolveu os grandes temas da natureza humana, que o século XVIII criou as Ciências positivas e que, por fim [no século XIX], chegamos a conhecer o homem de maneira positiva, científica e racional com a Biologia, a Psicologia e a Sociologia (FOUCAULT, 2011, p. 151).

E já tendo advertido que “não apenas o humanismo não existe nas outras culturas, como também é provável que, na nossa, ele seja da ordem da miragem” (p. 151), Foucault afirma que foi preciso tomá-lo como fruto de um pensamento dialético e transcendente, que o teria imaginado “como o princípio e o fim” (p. 151). Foi preciso, portanto, situá-lo, como operação, na História: “O movimento humanista data do século XIX” (p. 152). E

... quando se olham as culturas dos séculos XVI, XVII e XVIII um pouco mais de perto, percebe-se que, nelas, o homem

não ocupa literalmente [nas letras que forem!] lugar nenhum. A cultura é, então, ocupada por Deus, pelo mundo, pela semelhança das coisas, pelas leis do espaço, certamente também pelo corpo, pelas paixões, pela imaginação. Mas o próprio homem está ausente por completo (p. 152).

O que chama *cultura não-dialética*, “ainda muito balbuciante” (p.153) – e, por isso, muito ainda a ser operada! -, tem início com Nietzsche, que “mostrou que a morte de Deus não era o aparecimento – numa substituição em termos de soberania - mas, sim, o desaparecimento do homem” (p. 153) – como natureza. A *morte de Deus*, lembremos, é a problematização das transcendências organizadas pelas filosofias – e pelas ciências – ocidentais. Transcendências estas denunciadas por Nietzsche. Assim como a *morte do Homem*, que foi colocada na conta das problematizações foucaulteanas. Aqui, para além das filiações filosóficas e problematizadoras, importa a sua proliferação. Como o próprio Foucault (2011) vislumbrou na *Literatura – e/ou sua crítica*.

Hoje, a interrogação do filósofo não consiste mais em procurar saber como o mundo pode ser vivido, experimentado, atravessado pelo sujeito. O problema que se apresenta agora é saber quais são as condições impostas a um sujeito qualquer para que ele possa introduzir-se, funcionar, servir de nó na rede sistemática do que nos cerca (p. 50).

Hoje, a interrogação dirige-se às condições de possibilidade – em uma trama histórica – e sua imediata construção, onde o constituir-se é, paradoxalmente, deixar de ser – primeiro e/ou natureza-existindo-desde-sempre. Para tal, a quem possa interessar,

a descrição e a análise não terão mais como objeto o sujeito [primeiro] em suas relações com a humanidade, mas terão a ver

com o modo de existência de alguns objetos (como a ciência) que funcionam, se desenvolvem, se transformam, sem nenhuma espécie de referência a alguma coisa que seria o fundamento intuitivo de um sujeito [primeiro] (FOUCAULT, 2011, p. 50).

Foucault (2011) nos traz Blanchot, e ainda, Robbe-Grillet e Borges – que são tomados, então, por *modo/maneira de utilizar a linguagem*, num atravessamento de discursos.

Parece-me que a literatura atual faz parte do mesmo pensamento não-dialético que caracteriza a filosofia. Creio que a maneira de utilizar a linguagem em uma dada cultura e em um dado momento encontra-se intimamente ligada a todas as outras formas de pensamento (p. 50).

Chamado de *pensamento do exterior*, Maurice Blanchot torna-se ferramenta foucaulteana.

A literatura é a localidade onde o homem desaparece em benefício da linguagem. Ali onde aparece a palavra o homem deixa de existir... a obra de Blanchot consistiu em uma reflexão sobre a existência [condições de possibilidade] da literatura, da linguagem literária, do sujeito literário independentemente dos sujeitos nos quais esse discurso se encontra investido. Toda a crítica de Blanchot consiste, no fundo, em mostrar como cada autor se situa no interior de sua obra, e isso de uma maneira tão radical que esta deve destruí-lo (FOUCAULT, 2011, p. 50/51).

A obra torna-se primeira.

É na obra que o homem encontra seu abrigo e seu lugar. É nela que habita, é ela que constitui sua pátria. Sem ela, o autor não teria, literalmente, existência. Mas essa existência do artista em sua obra é de tal natureza que o conduz, inexoravelmente, a perecer (p. 51).

Tomemos por obra uma vida – vida/obra que, porque não dada ou pronta, pede construção. Ao modo da literatura – ELA repete.

O homem morreu! - Não resistiu à virada do século. Ao século XXI. – Também quiseram matar a *História*. Lembram? Isso se deu em dois momentos. Primeiro, acredito, com um esperançoso Hegel que apostava, dialeticamente, num equilíbrio final trazido pelo que chamou Liberalismo. Depois, com um talvez orgulhoso norte-americano – cientista social chamado Francis Fukuyama (1992) - que vislumbrou os seus Estados Unidos como potência única e última do Capitalismo. Este, de um modo outro, parece ter confundido História com processo que levaria ao estabelecimento do Comunismo. E, mais especificamente, com o Modo de Produção Socialista. Foi quando o *Muro* caiu e a União Soviética foi multiplicada e absorvida pelo Modo Capitalista. Não sem alguma resistência, obviamente. Acreditaram, cada um ao seu modo, que sem a possibilidade de mudança não haveria mais História. O bacana disso – naquele momento do século XX – é que História não era confundida com o Capitalismo. Entendi assim: se o Capitalismo *vence*, transformando-se em Império globalizado (Negri e Hardt, 2001) e este é o Fim da História, História não é celebração do Capitalismo; História é o que muda; é o que transforma.

E forjando-se em História, continua.

História, sou trans-formada – sou também o que deixa de ser, como mostrou Foucault nietezscheano. E, ainda, como o próprio Michel Foucault (2011) percebeu sendo

percebido também por Kant, e contou em “O Que São As Luzes?” (p. 259). É possível, então, que tal como Kant surpreendeu Foucault, ocupado em problematizar a história de *seu* presente, eu/História possa ter sido, outras vezes, tomada como processo de mudança. Por isso, insisto.

O Homem morreu! - Como era? Indivíduo. Nasceu com o Positivismo – que também chamaram Iluminismo. Chamaram, ainda, movimento: Individualismo. Era natural – ou natureza ou substância -, racional. De fórum íntimo. Acreditavam – e ele também! – possuir uma identidade fixa, uma personalidade, um caráter, um inconsciente. Mais adiante, uma estrutura e uma interioridade. Todos esquecidos de sua constituição, de sua *história*. Era mais comum acreditar que ele tinha *estória*. E diferenciá-las - *estória* e *história* - já não cabia mais. Quando se via diante da imposição de alguma mudança do seu entorno, o homem acreditava-se doente. Era muito centrado. Chamavam *ego* e especificavam: *egocêntrico*. Nestes momentos, chegava a procurar tratamento. Ocupava-se em desvelar sua suposta interioridade para encontrar lá culpas e motivos para aquilo que o perturbava, adoecendo-o. Mas nem assim interrogava-se acerca de sua constituição, de sua condição histórica. Quando se ocupava de alguma exterioridade, atingia, no máximo, a exterioridade dos seus vínculos familiares – um social restrito. Nestes momentos, se em tratamento, intensificava sua crença na interioridade e na culpa – esta, se não sua, daqueles que o cercavam – família e, pasmem!, da vida em geral.

Morreu! Porque não suportou as críticas?! Porque deixou a condição de um específico esquecimento para colocar-se diante da complexa tarefa de saber da sua *história* e condição – produção. Deixou herdeiros e herança: uma geração inquieta, ciente da necessidade – como condição de possibilidade – de se reinventar. Era outro momento – da *História*. Chamam Neoliberalismo; chamam Pós-Modernismo. Nele, a ideia de que o homem ficou sem referência parece uma forma ainda de se acreditar numa natureza humana – agora, em falta. (Jacques Lacan, na Psicanálise, e seu ‘seguidor’ Roland Barthes, na Literatura, sustentam essa des-confiança.)

Se o homem *morre* - deixa de ser essência/substância -, é para tornar-se. Ao sinal de desconforto – através do que Suely Rolnik chamou *corpo vibrátil* (ROLNIK, 1989, p. 25) -, trata-se de re-iniciar o *processo* – que implica a *produção/distribuição/consumo social do desejo* (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 9). Assim, o *homem* será outro – em vias

de re-invenção de si. Acreditar numa certa provisoriedade de ser – um estando – faz-se, portanto, condição. Provisoriamente constitutiva possibilitada, novamente e/ou necessariamente, pela *História* – que inclui, mas não se restringe àquelas familiares. Na era – *histórica* – do *www*, era globalizada e acelerada, sabe-se: agora, *sujeito* – seu novo nome - é afeito e efeito de interferências. Não mais substância – assim como eu, a *História* – *processo*, por vezes, tão apaziguado – que pode confundir-se com um uno/individualizado -, por outras, nem tanto.

A Linguagem morreu! – propõe ELA, intensificando a voz em Mar de História. Na sua proposta, trata-se de entender que *a linguagem tem história e cada história, a linguagem que merece!*

É servindo-se, ainda, de Michel Foucault (2007), que ELA argumenta.

Os estudos que Foucault chama “As palavras e As Coisas – Uma Arqueologia das Ciências Humanas” diferenciam *arqueologia* e *história*. Para história, guarda o sentido de descrição dos progressos, sejam dos conhecimentos numa “quase-continuidade [... como] efeito de superfície” (FOUCAULT, 2007, p. XIX); para arqueologia, as “descontinuidades” (p. XIX) que tornaram possível a história. Porque se trata da *morte* das transcendências para dar visibilidade e dizibilidade às imanências produzidas pela história – descontinuada! -, é imprescindível que também a linguagem seja, aí, incluída. Porque sendo a descontinuidade da/na história a própria pesquisa arqueológica e sendo o que ela busca são as condições de possibilidade para as... produções, é interrogando as palavras que Foucault alcança a Literatura como crítica.

Problematizando a linguagem, Foucault (2007) aponta para a Literatura – que, no seu “contradiscurso”, supõe um rompimento com a transcendência representativa. Para tal,

alia-se à Jorge Luis Borges. A função da linguagem como transcendência operadora de transcendências – significadora e/ou classificadora que serve à ordem/aos códigos de uma cultura – é denunciada pela/na contra-efetuação encontrada na/pela operação da Literatura. Num Borges que “perturba todas as familiaridades do pensamento” (p. IX) representativo, Foucault encontra “caminhos emaranhados – locais estranhos, secretas passagens, imprevisas comunicações” (p. XV) que possibilitam afirmar a *morte da linguagem* como discurso servindo à ordem. Entre a ordem – códigos de uma cultura – e as teorias científicas e as interpretações filosóficas que a explicam, Foucault (1981) encontra uma “região mediana” (p. XVII) que acolhe uma “experiência nua” (p. XVIII) e crítica – contra-discurso. Trata-se da *morte da linguagem* sendo operada pela Literatura.

Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar... na outra extremidade do pensamento, teorias científicas ou interpretações de filósofos explicam porque há em geral um ordem, a que lei geral obedece, que princípio pode justificá-la, porque razão esta ordem é estabelecida e não outra. Mas... (p. XVI)

Segundo Foucault, em dois momentos na história, a *morte da linguagem* ocorre para que um nascimento outro da linguagem se dê. Trata-se do surgimento do Racionalismo que “marca o desaparecimento das crenças supersticiosas” (FOUCAULT, 2007, p. 75) inaugurando a representação, servindo-se da linguagem e o surgimento de uma Literatura como “contra-discurso” (p. 60) que opera a linguagem como produtora e crítica. Nesta direção imposta pela operação literária, “as coisas e as palavras vão se separar” (p. 59). Não caberá mais às palavras significar/representar as coisas (empíricas) justificando ordens. Os séculos XVI e XIX acolhem essa espécie radical de abalo na linguagem. “A

partir do século XIX, a teoria da representação – também na linguagem – desaparece como fundamento de todas as ordens possíveis” (p. XX). Isso porque “a literatura repõe à luz a linguagem no seu não-ser” (p. 61).

As *mortes* – de Deus, do Homem, da Linguagem representativa - se dão quando fica evidenciado o caráter histórico/produzido das realidades. Importa, aqui, que a linguagem morre representativa e devém produção. Ainda que, por vezes, numa espécie de recaída, faça-se produtora de transcendências.

A linguagem como quadro espontâneo [natural] e quadriculado [tábua representativa, classificadora, significadora] primeiro de todas as coisas, como suplemento indispensável entre a representação e os seres, desvanece-se; uma historicidade profunda penetra no coração das coisas (FOUCAULT, 2007, p. XX).

Impregnada pelas considerações de Foucault, ELA propõe um acabamento – para retomar-se como *História*.

Foucault (2007) afirma que “cada vez mais a Literatura aparece como o que deve ser pensado, mas também, e pela mesma razão, como o que não poderá em nenhum caso ser pensado a partir de uma teoria da significação” (p. 61). Isso porque opera uma *linguagem outra* – contra-discurso onde sentidos apontam para direções a serem criadas e, por isso mesmo, sempre passíveis de desmanchamentos. Assim, “doravante, [na Literatura e/ou ao seu modo], a linguagem vai crescer sem começo, sem termo e sem promessa” (p. 61). Para servir à vida que se quer reinventada. Este “é o percurso desse espaço vão e fundamental que traça, dia a dia, o texto da Literatura” (p. 61).

Espaço que Maurice Blanchot chamou *literário* (1987); espaço que ELA chama, ainda, *linguagem*,

As Histórias Nos Sentidos Proliferados

ELA, forjada História, continua em suas considerações.

Foram, se não vários, alguns que, ao me contarem, me definiram. E – talvez – me substancializassem, se outros sentidos, na dissonância das vozes e letras, não embaralhassem tal intenção.

No dicionário (BUARQUE DE HOLLANDA, 1977), onde eu denoto, sou “*substantivo feminino*”. Sou “*narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida da humanidade; o conjunto das obras relativas à história*”. Sou, aí, *tautologia*. Continuando, sou “*descrição dos seres; estudo das origens e progressos de uma arte ou ciência, biografia de uma personagem célebre*”. Sou, ainda, “*conto; narração; narrativas; fábula; patranha...*”

Alguns implicam quando sou, ainda, confundida – porque ultrapasso os limites – com a *estória*. Dizem ser ela/a *estória* – e não eu/a História – também “*substantivo feminino*”, a *narrativa de ficção; exposição romanceada de fatos e episódios*. Distinta, portanto, de mim - que sou “*baseada em documentos*”. Uns dirão que ela – a *estória* - é condição para que eu exista. E outros - mais radicais?! – que somos sempre *ficções*. A Claudia – que também é Abbês, que também é Baêta e é Neves, num comentário orientador, afirmou ser pertinente *fazer ruído na História com a estória... afirmando ambas como fabulação/ficção*. ‘*Quem conta um conto aumenta um ponto*’- lembrou. Multiplicada de interferências, aliás, sou o que também possibilita uma tese - de *sentidos outros e direções outras*. *Proliferações*.

Na academia, sou Disciplina ou Campo de Saber. Nele, sou classificada e, subdividida, multiplico-me. E atravesso a Filosofia – de tão próximo foram ficando seus/nossos limites/circunscrição. Em Karl Marx, sou “*um processo dinâmico, dialético* – direi, apaziguado quando, e se, alcança-se uma esperada síntese. Nele/processo, ou a partir de mim/História, Marx afirmou que *cada realidade traz dentro de si o princípio de sua própria contradição* – o que gera uma *transformação constante*. Tenho/sou, para tanto, um *motor*, gerador de movimento. Confundido, mesmo, com esse processo, *História*, sou, ainda, efeito/resultado de *luta de classes – em relações e modos de produção*. Relações específicas de um momento específico - que

chamam Capitalismo. Mas antes que entremos numa outra história/conversa, vale destacar: aí, deixo de ser substância; sou, ainda, *processo*.

Na Literatura/Poesia de Eduardo Galeano, sou *um profeta com o olhar voltado para trás*. Assim, percorro o que foi e, contra o que foi e o que é, vou anunciar o que virá. Posso dizer, portanto: sou também insistência!

Se não vários, outros tantos contaram e continuam contando de mim. Importa é que, na dissonância dessas vozes/letras, e mesmo no paradoxo encontrado na voz/letra única, configuro-me enriquecida: um prenhe de possíveis. Me faço ser/ontologia e processo – sou o que fixa, o que funda -, mas também o que me torno - e o que escapa. Sou o que re-inventa, re-cria: sou o que constrói e re-constrói. Sou, assim também, o que inaugura. Sou ELA, a *História*. Sou paradoxo. Sou processo; sou Ficção.

A História Que Não Existe

Nas considerações de Paul-Marie Veyne (1982), que se interroga acerca do que seja e do que possa a História, algumas perguntas orientam uma *compreensão*: Viria “*explicar*”? Seria “*ciência*”? O próprio historiador afirma que não! E segue explicitando o por quê: não tendo método nem a intenção de encontrar qualquer lei que ‘explique’ uma possível repetição – ou uma repetição que sustente uma lei -, é “narrativa verídica” (VEYNE, p. 11). Verídica?! – *em que sentido? em que sentido?* , repetiria ELA, ao modo Alice.

Para introduzir “Como se Escreve a História”, em 1969 ou 1970, Paul-Marie Veyne, em ricas formulações para além de “Foucault Revolucionou a História”, propõe que a questão “o que é a história” (p. 7) seja recolocada. Nesta operação, constrói uma espécie estranha de pêndulo argumentativo que ora pende para a *própria história*, ora, para *o que pode/faz um historiador*. A *própria história*, por sua vez, ora pende para o *campo de conhecimento*, ora para *o que acontece*.

“A história é um romance real” (p. 8) – aí, a *própria história*.

“Escrever a história é uma atividade de conhecimento e não uma arte de viver, é uma particularidade curiosa da profissão de historiador” (p. 48) ou “os historiadores narram fatos reais que têm o homem como ator” (p. 8) – aí, *o que pode/faz o historiador*.

“A história interessa-se por acontecimentos individualizados...” (p. 38.) – aí, *campo de conhecimento* e também *acontecimento*.

Veyne (1982) afirma.

A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão (não sabemos quanto nos resta de não-factual a historicizar) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim, não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados. Um espírito absoluto, que conhecesse seu geometral, e que não tivesse nada mais para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornecem a planta do prédio (p. 133).

Novamente, a *própria história*. No entanto, trata-se de *acontecimentos* orientando/construindo um *campo*, um *fazer*. Sem planta, escolhemos nossa direção.

Buscando o sentido/direção dado por Veyne para *verídico* na sua relação com o real, ELA conduz – ou reconduz – o percurso. E conta assim:

Em Paul-Marie Veyne (1982), “O Objeto da História” (p. 9) não sugere uma síntese apaziguadora, mas, antes, aponta para relação. Há um *entre* - do que acontece e do que é/como é narrado – que faz surgir o movimento de objetivação, ou seja, de criação. Portanto, do ficcionado com/como realidade. O *objeto da história* dá título a um capítulo subdividido – proliferado, lembram? – em cinco outros títulos. (1) *Apenas uma narrativa verídica* (p. 11.); (2) *tudo é histórico, logo a história não existe* (p. 17); (3) *nem fatos nem geometral, mas tramas* (p. 27); (4) *por simples curiosidade para com o específico* (p.35); (5) *uma atividade individual* (p. 43), no entanto e aqui, adentram (6) “A *Compreensão*” (p. 49) – outro capítulo. Nele, são

atravessadas duas afirmações: “o único problema verdadeiro é o dos conceitos em história” (p. 65) e “possuir conceitos é conceber coisas” (p. 66). Assim, pode-se reafirmar – e considerar - que o *verídico* da narrativa histórica é concebido, é criado. É ficcionado.

E Veyne (1982) esclarece.

A história, dizem frequentemente, não poderia contentar-se em ser uma narração; ela também explica, ou melhor, deve explicar. Isso é confessar que, de fato, nem sempre o faz e que pode se permitir a não fazê-lo sem deixar de ser história (...) Podemos objetar que para a história o difícil seria não explicar, pois o menor fato histórico tem um sentido... são coisas que acontecem (p. 51).

Nietzsche é retomado e/ou antecipado, para afirmar que a história teria tantos sentidos quantos forem os pontos de vista – perspectivas não totalizantes e/ou totalizadoras ou, ainda *geometral*, nos termos veyneanos – capazes de narrá-los.

A história: uma trama - um tecido de muitos textos – que organiza, nas muitas narrativas, muitos sentidos/direções. E que se estende também no tempo sempre que, novamente, interrogada, é narrada.

A história nunca ultrapassa esse nível de explicação muito simples; ela continua, fundamentalmente, [sendo] uma narração; e o que se denomina explicação não é mais que a maneira da narração se organizar em uma trama compreensível (VEYNE, 1982, p. 51).

Nesta condição, o sentido para *explicar* em Veyne está para além das leis. Não se trata de “atribuir um fato a seu princípio ou a uma teoria a uma outra mais geral” (p. 51) visto que ! “não existe explicação histórica no sentido científico” (p.52).

Explicar, da parte do historiador, quer dizer *mostrar o desenvolvimento da trama, fazer compreendê-la*. Assim é a explicação histórica: sublinhar e lhe reservamos o nome de compreensão (p. 52).

Deste modo, Veyne devolve a força da afirmativa de tomar a história como narrativa: “suas explicações não são a volta de um princípio que tornaria o acontecimento inteligível, elas são o sentido que o narrador dá à narração” (p. 53). O que está em jogo, permitirá afirmar, é uma específica liberdade.

Em história, explicar é explicitar: quando o historiador recusa deter-se na primeira liberdade ou no primeiro acaso encontrado, ele não os substitui por um determinismo. Mas o explicita descobrindo outras liberdades e acasos (p. 54).

Neste movimento de liberdade, a história estende-se, alarga-se, amplia-se; retraça-se, recria-se, e intensifica sua/uma ficcionalidade. Como o *entre* sinalizado, conta – literalmente - com a participação do historiador – seu *poder/fazer*.

Para além de um especialismo, Veyne aponta para um modo historiador – que o diferencie de um pontual pesquisador: “É interessante!” (p. 11) – eis a expressão cara a este que traz consigo um específico gosto: o *sabor* de “espantar-se com o que é óbvio” (p. 14).

Gosto/sabor específico e cuidadoso – repita-se. Assim, no pêndulo veyneano, “escrever a história é uma atividade de conhecimento (e não uma arte de viver); é uma particularidade curiosa da profissão do historiador.” (p. 48); é uma “atividade intelectual... a historiografia não é um conhecimento como os outros” (p. 43). Por isso,

resguardando o fazer próprio do historiador: “a consciência espontânea não possui noção de história, que exige elaboração intelectual” (p. 43) deste que, por sua vez, o faz por “simples curiosidade para com o específico” (p. 35).

A história e seu entorno de especificidade: onde encontrá-los?

O que chamamos de fonte ou documento é, antes de tudo, um acontecimento, grande ou pequeno: documento pode ser definido como todo acontecimento que deixou, até nós, uma marca material. A Bíblia (...) um vidro inscrito... (VEYNE, 1982, p. 37)

?! Marca material – marca, memória num corpo sequestrado, torturado... marca narrada. Para além dos fatos tomados como eventos, portanto. Nesta compreensão complexa, Veyne (1982) afirma que “todo evento é encruzilhada de um número inesgotável de tramas possíveis; e por isso os documentos são inesgotáveis” (p. 185). Assim, conta historicamente “o que é específico” (p. 39). “Tudo é história, exceto o que ainda não se compreendeu o porquê” (p. 40). Trata-se, portanto, de compreender/construir sua trama. Neste processo, o “inteligível da trama” (p. 42), em número indefinido, “é o pensamento que os separa, o que contradiz a sucessão cronológica de uma só direção” (p. 42). Portanto, uma “continuidade enganadora” (p. 29) ocorre como um inconveniente para a História – antecipando Nietzsche - quando a continuidade tenta calar as rupturas e as contra-efetuações, que separam, criam, fccionam (em) narrativas.

“Nem fatos nem geometral, mas tramas” (p. 27) – segue Veyne, para negar a ideia/hipótese de totalidade histórica. Porque “os acontecimentos não são totalidades, mas núcleos de relações” (p. 32). E

os fatos não existem isoladamente, mas tem ligações objetivas, a escolha de um assunto da história – *campo e acontecimento* – é livre; porém, dentro do assunto escolhido, os fatos e suas ligações são o que

são e nada poderá mudá-los; a verdade histórica não é nem relativa nem inacessível como uma extraordinária extrapolação de todos os pontos de vista, como um ‘geométral’ (p. 27).

“É preciso haver uma escolha em história” (p. 27) – para afirmar um ponto de vista, um *perspectivismo*. Assim, Veyne mostra sua inspiração nietzscheana.

Os fatos não existem isoladamente no sentido de que o tecido da história é o que chamamos de trama, de uma história muito humana e muito pouco científica de causas materiais, de fins e acasos (p. 27).

Para além da totalização, a descrição em narrativas que multiplicam linhas.

É impossível descrever uma totalidade e toda descrição é seletiva; o historiador nunca faz o levantamento do mapa factual, ele pode, no máximo, multiplicar as linhas que o atravessam (VEYNE, 1982, p. 29).

Se “os fatos não têm dimensões absolutas” (p. 20) e se sua “importância depende dos critérios escolhidos por cada historiador” (p. 20), cabe afirmar que, como “tecido de incoerência” (p. 18), a “história não é lógica” (p. 18). A História é narrativa.

“De Baixo”: Da Ontologia ao Oral da História ou Vice-Versa

ELA muda a direção. E conta com a voz/letra de Rodrigues – que também é Conde e Heliana.

Surjo, então, com um nome que, apropriado da/na voz/letra de Foucault, sugeriu um misto de pompa e poesia – ontologia-histórica-de-nós-mesmos.

Em “Subjetividades em Revolta” (1993), advertindo que “só se faz história derivando pela fratura crítica do presente” (p. 6), Rodrigues pedia, “ao leitor”, “paciência e paixão compartilhadas” (p.11). E, sem saber, provocou essa insistência que “Narrativas...” ousa: uma *ontologia-histórica-de-nós-mesmos*.

Trata-se, de uma voz que, hoje, benjaminianamente, *escova a história*, para apontar para um “de baixo” (RODRIGUES, 2004) – das vozes que, para muitos, sem muita credibilidade ou reconhecimento, ainda assim, narram a história. A pesquisadora organiza, articulando à análise (do) institucional “a memória dos agentes” (RODRIGUES, 2003, p. 78) – da história. Apropriando-se de formulações de Alexandre Portelli, Luisa Passerini e Alistair Thomson, Rodrigues faz da *História Oral* “um dos recursos de investigação” – da história – “associado à pesquisa bibliográfica e documental” (p. 78). Menos que uma técnica, uma ferramenta política. Negando seu caráter de *alternativa* ao modelo tradicional de *fazer* história, de contraprova ou de checagem de informações, afirma a *oralidade* como possibilidade de levar em conta o coletivo naquilo que se constitui como história. Num modo redundante de aumentar o volume da voz da oralidade, Rodrigues afirma a *História Oral*.

Pelo *não à representação*, torna-se desconfortável falar em nome do outro. Colocar palavras na boca do outro e/ou supor suas intenções parece ser uma derivação deste mau feito. *Falar*, para além das palavras, em nome de. Como operar uma apropriação do discurso – e do percurso - de alguém/um modo de um rigor e complexidade tamanhos, sem incorrer neste, mau feito?

ELA insiste em suas considerações.

Este mau feito, aliás e certamente, foi várias vezes afirmado nestes Mares de Narrativas. Apropriações referenciadas em citações servem para tornar legítimas nossas afirmações, assim como – principalmente?! – reconhecer suas *verdadeiras* autorias/fontes. Ainda que seja anunciada uma dissonância/uma discordância em relação aos posicionamentos destas referências citadas, a distância física em relação a estes tornava qualquer desconforto

suportável – visto que engendra uma distância tal que impede um questionamento dos ditos *donos* das vozes em réplicas cara à cara... No entanto, como lidar com o tão próximo - ?!! – de Rodrigues e ultrapassar o constrangimento de uma *apropriação dissonante*? Lembrando que, ainda em dissonância, falamos *com*, num coletivo seletivo.

Com estas questões, ELA/História toma para si um desafio *paradoxado* que é fazer de Heliana de Barros Conde Rodrigues, numa intensificação ficcional, personagem: *a Brasileira* – que poderá, mesmo, ter alguma semelhança com a já criada, aliás, pela própria autora/pesquisadora.

Ah! pode ser para muitos, ocupados exclusivamente com a semântica, uma interjeição. Mas como sonoridade, em sua boca, anuncia... intensidades. *Ah!* – ela repete. E acredito que com intenções diversas. Por isso é que quando anuncia e/ou enuncia, vale à pena prestar atenção. Algo sugestivo de uma lembrança e/ou memória que, ao acaso, (nos) interpela e sugere.

Assim, ELA deu sentido às interferências que qualificaram um percurso. Nesta feita, refere-se às interferências de Heliana de Barros Conde Rodrigues na Banca do Exame de Qualificação do Projeto de Doutorado. E resolveu contar assim:

A Brasileira, que atentamente escuto e leio, conta que foi para dar sentido/direção à questão *O Que é Análise Institucional (no Brasil)* que foi à Babel. E menos que se servir da torre para alcançar os céus especializados/acadêmicos, adentrou numa complexa metatarefa: percorrer a história constitutiva da História Oral enquanto percorria a história constitutiva da Análise Institucional no Brasil.

Indo à Babel, menos que subtrair, na confusão das línguas, as diferenças, numa apaziguada conciliação, fez da confusão das línguas e etnias, uma seletiva intensificação de vozes. Da sua viagem à Genesis Babilônica, a *Brasileira* trouxe na bagagem a *história oral*: menos que uma técnica de pesquisa, uma ferramenta de luta e/ou de intervenção problematizadora e/ou crítica do/no mundo - mundo

acadêmico, mundo brasileiro, mundo psi, mundo produtor de subjetividades.

Acompanhando a *Brasileira*, vou apropriando-me das vozes outras que traz. Mais familiarizada - ?!! – com a tonalidade da *Brasileira*, transformo suas/da *Brasileira*, a vozes/citações de Alessandro Portelli, Luisa Passerini, Alistair Thomson, e Michel Foucault e Felix Guattari e Gilles Deleuze, dentre outras.

Se não técnica de pesquisa, a *história oral*, como “parte das lutas atuais em torno dos modos de subjetivação” (RODRIGUES, 2004, p. 40), é um *dispositivo de intervenção* – seja do pesquisador, seja do historiador; seja de uma prática psi que (se) interroga. A *história oral* faz escapar. E a explicação fica por conta da *Brasileira*.

Em alguma medida, dele depende dela o *repertório de memórias* que terá lugar em um mundo no qual, cada vez mais, se procura gerar – na forma de consenso imbecilizante – e pela mesma via, gerenciar aquilo que estará autorizado a fazer parte de nossa massa discursiva e experiencial (RODRIGUES, 2004, p. 40).

Na história de constituição da *história oral*, vemos necessárias redundâncias, visto que história é já o que constitui. Neste processo, a *Brasileira* resgata importantes discussões sustentadas, a princípio, numa polarização: o acadêmico-científico e o político-militante, fazendo lembrar o que, na década de 80 no Brasil, se exigia da prática psi. Numa tensão, se não equivocada, inspiradora de consistências para um posicionamento: Psicologia ou Política? Falsa questão. Visto que cabe não “abandonar o plano das tensões em favor da aceitação de honrarias; não renunciar ao aleatório mundo dos vivos em troca de tranquilidades acadêmicas” (RODRIGUES, 2002, p. 187) Entre os documentos legitimados e as vozes narrativas, está a memória que constitui a história. Hierarquias? Neste momento, diferenças – conciliáveis, como se fizeram a Psicologia e a Política. Menos que uma síntese, a *Brasileira*, localizando no que chama *fase infantil da história oral*, volta a posicionar-se e lembra que “a melhor homenagem à memória dos vencidos é

ainda fazer dela uma história” (p. 187). E resgata o que importa: assim como modos de existência, o próprio dispositivo de intervenção.

A história da *história oral* a faz “internacionalista por expulsão” (p. 188) e no Brasil, certamente, encontra terreno fértil para se desenvolver – na mestiçagem e/ou confusão de lugar, nomes e etnias, o acolhimento das diferenças. *Babel tupiniquim* - ELA dirá.

Na “oralidade das fontes orais”, a *Brasileira* encontra “a amplitude de tom e volume e ritmo da fala, popular [que] veicula o sentido implícito e conotações sociais irreprodutíveis na escrita” (p. 208) - esta última como reconhecidamente legítima fonte de memória e de história. Legitimidade - também lembro - muitas vezes esquecida de sua condição primeira: ter sido voz.

Se a *Brasileira* afirma que “pontuamos nossos textos para torná-los legíveis, obedecendo a regras gramaticais fixas (embora arbitrárias), incapazes de retratar pausas, mudanças de ritmo, aceleração na velocidade ou qualquer combinação dessas qualidades” (RODRIGUES, 2002, p. 209) cabe textualizar a voz em palavras escritas pode, se não – e é preciso que não seja! - preservar o mesmo, ao modo do retrato, recriar pausas, mudanças de ritmo, aceleração, velocidade. Outras qualidades? Ah!

Dissonâncias afirmadas? *Para o bem e/ou para o mal*, até onde? Importa prosseguir, na voz/texto da *Brasileira*. Para encontrar que, no “caráter narrativo das fontes orais” (p. 209), os “traços de oralidade denotam emoções dos narradores” (p. 209). Nas “informações populares”, a pobreza em vocabulário - ?!! seriam vocabulários outros – mas *riqueza* “em amplitude de tonalidade, volume, entonação”; enquanto nos “falantes de classe média”, que aprenderam a imitar na fala a monotonia da escrita” (p. 209). Em ambos, o que vejo são diferenças na constituição subjetiva dos narradores. E ainda a possibilidade, sim, de “não recusando o factual” dos documentos/*arquivismo*, trazer “aspectos desconhecidos de eventos conhecidos”/*ativismo*. Trata-se – repita-se – de “escovar a história [instituída] à contrapelo” (RODRIGUES, 2004, p. 25). E selecionar. Ao “evitar que a memória se torne faculdade explicável por mecanismos psicológicos” (RODRIGUES, 2004, p. 28), a *Brasileira* recoloca a questão do *sujeito-narrador-da-história*.

O narrador agora é um dos personagens e o contar da

história é parte da história que está sendo contada... Escrever uma história oral radical, portanto, não é questão de ideologia (...) nem de escolha de um conjunto de fontes em vez de outro. É, ao contrário, inerente à presença do historiador da história (...) e revela a historiografia como ato autônomo de narração (RODRIGUES, 2002, p. 222).

Trata-se de constituir-se e compreender-se como constituído, em parte, neste processo narrativo. Processo que inclui aquele que interroga e/ou ouve.

A história oral é um discurso dialógico, criado tanto pelo que os entrevistados dizem quanto pelo que os historiadores fazem – presença dos historiadores no campo e pela apresentação do material pelos historiadores (RODRIGUES, 2002, p. 228).

Dialógico que, obviamente, pluraliza-se, visto que é atravessamento de vozes. Coletivo?! Social! Histórico! – portanto, subjetivo. Aqui, ao final, a própria *Brasileira* coloca a questão – para encaminhá-la: *quem fala com quem em história oral?*

Alguém (o historiador) que tem um projeto de pesquisa e indagações transformáveis – via conflitos, alianças e negociações – com alguém (o depoente) que tem expectativas, fantasias e reações ao proposto/manifesto pelo primeiro (p. 229).

Pesquisador, historiador, depoente, narrador – todos implicados e constituídos pela história. Esta e aqueles, feitos de “memória, esquecimento, silêncio”. Então, visto que

construímos nossas identidades através do processo de contar

histórias para nós mesmos (...) ou para outras pessoas, no convívio social (RODRIGUES, 2004, p. 35).

Assim, o que ELA/*História* aprende com a *Brasileira* e repete é que é legítimo que a história oral/dispositivo interrogue as relações de força que constituem *sujeitos* que, por vezes e ainda, ora podem lembrar, ora, esquecer e ora, silenciar.

E essa operação é fazer a ontologia-histórica-de-nós-mesmos - como, há muito, a *Brasileira*, pelos seus intensos labirintos feitos de torres de baixo, (me) ensina.

Os Inconvenientes no Uso da História

Quando Nietzsche (2011) chama de cultura a *história* – e, mais especificamente, a cultura cristã – é para endereçá-la a sua crítica.

... procuro compreender como sendo um mal, um defeito, uma carência, algo que a época atual se orgulha a justo título, a saber, a sua cultura histórica, porque acho inclusive que estamos todos corroídos por uma febre historicista e porque deveríamos, pelo menos, ter a consciência disso (NIETZSCHE, 2011, p. 69).

Ainda que tenha dirigido-se a Hegel, de modo mais vigoroso, a moral cristã é seu alvo.

Assim como um hábito é o produto de uma época, de um povo, de uma disposição do espírito, a moral é o resultado de uma evolução geral da humanidade. É a soma de todas as verdades do nosso mundo (p. 61)

Hábito – essa *disposição do espírito* sustentada por um *dever*, onde a moral remete ao tempo; mais, ao tempo passado. É, portanto, a história - como produto de uma época e

tempo passado – que será questionada em sua vontade de fixar e, com isso, impedir o devir. Aí, seu inconveniente. Quem o opera, se não o homem?

... nesse grande relógio que chamamos história, o mostrador são os acontecimentos... tudo se move em círculos gigantescos, que giram uns em torno dos outros ao mesmo tempo que devêm; o homem é um dos círculos mais interiores (p. 61).

Neste movimento, o retorno encontra o *mesmo*. Ainda assim, escapar é possível.

Querer impor à humanidade inteira uma forma especial de Estado ou de sociedade, submetendo-a a estes ou aqueles estereótipos é, portanto, um procedimento muito restritivo. Todas as ideias sociais e comunistas padecem deste erro. Porque o homem nunca é o mesmo (p. 63).

Homem outro e/ou vontade outra, no entanto, são possíveis - livres.

A vontade livre se apresenta como aquilo que não tem vínculos, que é arbitrário; é o infinitamente livre, oscilante, o espírito. O *fatum/acontecimento*, ao contrário, é uma necessidade (p. 63).

Na crítica operada por Nietzsche, há uma operação para além de uma dialética e/ou de uma síntese conciliatória: do *fatum/acontecimento* – aquilo que fixa - extrai-se a *vontade livre*.

O *fatum/acontecimento* é a força infinita de resistência contra a vontade livre... talvez a vontade livre não seja outra coisa senão a potência máxima do *fatum/acontecimento* (p. 63).

Naquilo que continua como *mesmo*, Nietzsche (2011) vê a força da reatividade.

Na vontade livre está cifrado para o indivíduo o princípio da singularidade, da separação em relação ao todo [contínuo], da não restrição absoluta; o *fatum/acontecimento*, no entanto, coloca o homem em conexão novamente como a evolução geral [contínua] e o obriga, na medida em que esta deseja dominá-lo, a colocar em movimento livre as forças reativas (p. 65).

É servindo-se da frase de Goethe – “... odeio tudo aquilo que somente me instrui sem aumentar ou estimular diretamente a minha atividade.” (p. 67) – que Nietzsche (2011) dá início às suas considerações “sobre o valor e o não-valor dos estudos históricos” (p. 67). Neste movimento crítico ao que fixa, inclui o saber/a ciência.

Um astro magnífico e luminoso se interpôs efetivamente entre a história e a vida; de fato, esta constelação foi modificada: *através da ciência, pela vontade de fazer da história uma ciência* (p. 99).

“Direi então: a história repete sempre o seu ‘era uma vez...’, a moral, o seu ‘tu não deves’ ou ‘tu não devias’” (NIETZSCHE, p. 2011, p. 147). A história prescreve e fixa. “O excesso de história me parece nocivo e perigoso para a vida...” (p. 107) – conclui.

Na História, seus usos. A um deles - correlativo ao conhecimento e/ou à ciência – Nietzsche (2011) endereça sua crítica.

Temos necessidade da história, mas, ao contrário, não temos necessidade dela do modo como tem o ocioso refinado dos jardins do saber, por mais que este olhe com altaneiro desdém

os nossos infortúnios e as nossas privações prosaicas e sem atrativos. Temos necessidade dela para viver e para agir, não para nos afastarmos comodamente da vida e da ação e ainda menos para enfeitar uma vida egoísta e as ações desprezíveis e funestas (p. 68).

É importante destacar que há, na crítica do filósofo alemão, mais de um sentido – e literalmente, mais de uma direção para a *história*: seus usos/utilidades.

Existem duas maneiras de considerar o passado e, quando chamo a primeira de histórica e a segunda de a-histórica, não pretendo com isso louvar aquela e menos ainda censurar esta (p. 192).

No entanto, o filósofo alemão posiciona-se.

É preciso não confundir com essa segunda abordagem a má abordagem da história, que é somente a forma degenerada ou imatura da primeira. A maneira a-histórica é aquela que procura em cada momento, em cada evento, sob a cada céu e no seio da cada povo, o sentido da vida humana (NIETZSCHE, 2011, p. 193).

Com algo de ironia, continua.

Não se deve estranhar o fato de terem nomes de veneno – os antídotos da história são as *forças a-históricas* e *supra-históricas*... A expressão ‘força a-histórica’ designa para mim a *arte* e a faculdade de *esquecer* e de se fechar num horizonte limitado, ao passo que as forças ‘supra-históricas’ são aquelas

que desviam o olhar do devir e o levam para o que dá à existência um caráter de eternidade e de estabilidade, para a arte e a religião (p. 173).

O sentido de história se abre – modo tradicional e modo monumental. E mais: modo crítico.

Vê-se aqui com clareza que o homem teve frequentemente necessidade, além do modo monumental e tradicionalista de abordar a história, de um terceiro modo, o modo crítico; e este, mais uma vez para servir à vida (p. 96).

No seu desdobramento, mais uma vez, um tom irônico.

Quando a concepção monumental do passado predomina sobre as outras concepções, quer dizer, sobre a história tradicionalista e a história crítica, é o próprio passado, é o próprio passado que se ressentem com isso: segmentos inteiros deste passado são esquecidos, desprezados e escoam num fluxo cinzento e uniforme, de onde somente fatos mascarados emergem como ilhas isoladas. (...) A história monumental nos engana com as suas analogias: com sedutoras semelhanças, ela incita o corajoso à temeridade e o entusiasta ao fanatismo (p. 88).

No movimento de *veneração*, o homem “só sabe conservar a história, mas não sabe engendrar-la” (NIETZSCHE, 2011, p. 95). Como efeito, subestima o que está em gestação.

A sensibilidade tradicionalista de um homem, de uma cidade, de todo um povo é sempre limitada a um horizonte extremamente restrito; a maior parte dos fenômenos lhe escapa totalmente, e o pouco que ela percebe aí, ela o percebe muito indistintamente e de maneira muito fragmentária. Esta visão não pode avaliar as coisas, porque atribui a todas as coisas uma importância igual, e demasiada importância a coisas minúsculas (p. 94).

Há, na proposta nietzscheana, a positividade do acabamento: “... toda narrativa deve comportar um fim, portanto também a história de um povo, a história de um mundo.” (p. 239). E, se a vontade ainda é escrava, somente ela é criadora e pode redimir o tempo e afirmar a existência. Assim, Nietzsche liberta a história! E, num revezamento óbvio, afirmamos: A história é escrava. Contudo, somente ela é criadora, pode redimir o tempo e afirmar a existência! Não se trata de negar a história. “Que aprendamos cada vez mais a estudar a história para servir à *vida!*” (p. 81) – propõe o filósofo. Para tal, é preciso ver que há, no presente, *forças vivas*. Elas apontam para o *dever múltiplo do mundo*. Outra consideração intempestiva: para que seja reinventada – em outras formas/forças -, *a vida exige esquecimento*. E coragens!

Correntes e Ficções

ELA, estranhando-se, interroga-me.

Num primeiro momento – com o registro perdido, por um antivírus que reinicia e desliga o gravador do computador -, uma pergunta preparava a conversa: Você quer ser identificada? Um *não sei* indicava a concordância em aguardar o decorrer da *Conversa* para dizer. Esse material, no entanto, não fica registrado. Ajustada novamente a tecnologia, recomeçamos. Outra conversa?! Até onde? Meu tom de voz, então testado, perde a força.

A hora combinada é cinco de uma tarde ainda de sol. Chego justificando minha pontualidade – *vontade de chegar logo*. E também de iniciar a conversa com registro,

porque tem muita conversa aguardando para além da pesquisa. Uma alegria de re-encontrá-la é colocada em evidência. Perder o registro do material entristece. No entanto, traz uma série de questões acerca de um modo meu de, também com a prática psi, *estar nos verbos da vida*.

Enquanto o material gravado é transcrito, sou tomada, também, por aquela *Conversa* afirmada para além do registro - memória psicológica? memória dos afetos? Ocupo-me, então, das minhas falas - acatando aquilo que D afirma: *só falo por mim*. Talvez ela não saiba que, ali, me ensina escapar à representação - ainda que me ocupe de um eu representativo: o que posso, quando falo/converso?

ELA vem ao meu socorro. Ou me lança em ...

Não é uma entrevista; é uma conversa. A minha quase-tese está com o seguinte título... a vida contada pelas práticas psi... Então, não é uma pergunta; é um pedido: conta! – assim tinha sido aquele começo. Agora, um outro começo se afirma – com registro. É uma outra *Conversa*. E o que se impõe, na transcrição/tratamento, é uma conversa comigo: o que há de moral e de entristecido na minha fala, no meu modo, na minha/sua prática psi.

MM: Quem começa?

[Eu, porque sigo – não permitindo que ela fale.]

MM: Assim... bacana registrar, por que logo isso vai virar... na hora do tal de bordo, lá, isso vai virar história para ser contada.

[Mas gaguejo/refaço.]

MM: Quer começar?

[Passo a bola, numa tentativa de recuperar minha força...]

Denise: *A gente estava na conversa, antes do antivírus.*

[Rimos, é o que podemos!]

Denise: *A gente começou falando sobre a coisa da ficção, da vida como ficção. E das dificuldades e das possibilidades que isso traz. Estou tentando pegar um ponto, tentando uma linha de...*

[Insisto no que se deu/se perdeu? Insisto para me refazer? Insisto...]

MM: Se bem que isso para mim é vida; isso, para mim, é o que chega na nossa prática, que estou chamando de prática psi: a vida parece que está... a gente está administrando e, de repente, algum acontecimento e... Parece que isso é que é vida. A outra coisa também é vida, mas a que me interessa é essa: os atropelos, os nãoos... que a gente tem que se refazer e refazer um percurso. Eu tinha te situado onde estava essa quase-tese – que é a vida contada pelas práticas psi, ao modo da Literatura. Não tanto como obra de arte, mas como ficção. E a partir daí, eu perguntava para você como é isso na sua prática psi. Como é que a sua prática psi lida com as histórias que chegam. E, aí, você tinha trazido a questão do Dom Quixote.

Denise: *Isso! É isso foi bem recente. Eu estou lendo agora “As Palavras e as Coisas” e eu tinha lido um livro muito interessante da Maria Rosa Menocal, chamado... Não vou lembrar o nome do livro agora. Mas ele é sobre a convivência de judeus, mulçumanos e cristãos na Europa, ali principalmente na Espanha, antes dos reis cristãos expulsarem... antes de 1492. E, nesse livro – daqui a pouco me vem o nome*

[Que chega por e.mail: “O Ornamento do Mundo”.]

Denise: *Ela dedica um capítulo a pensar o Dom Quixote, nesse cenário – tipo: o que é que estava acontecendo na Europa, nesse período, a riqueza cultural que adveio dessas três culturas diferentes ali convivendo e trocando. E re-lendo Foucault, essa semana, falando de Dom Quixote, ele fala da questão da linguagem e a coisa da “ficção de si”. Como se o Dom Quixote inaugurasse na Literatura a ficção de si. Depois daí, a gente estava falando sobre o quanto que a Literatura atravessa o trabalho, para mim. Essa coisa de ler. Só aqui, eu já falei de um monte de livros que a gente vai lendo e um endereço para o outro. E não só os livros de Filosofia como os livros de Literatura, também. Não só livros, mas a gente estava falando de cinema, teatro, arte – essa produção da cultura que esboça o tempo em que ela está inserida e as questões que a gente carrega - de uma época para outra ou não -, as novas que surgem. E como é que isso, às vezes, aparece, principalmente, as coisas de Literatura ou Poesia, durante a sessão, o paciente fala uma coisa ou outra e vem. Me lembro de uma frase ou de um...*

MM: Pensando assim: fica, para mim, uma angústia em ter que recuperar o que... foi afirmado, o que a gente conversou aqui.

[Caramba! Fiquei presa, mesmo, na conversa-sem-registro e/ou no não-registro-da-conversa!]

Denise: *Sim.*

MM: Como afirmar uma outra... o que a nossa conversa for levando. Mesmo que a gente fale do que foi falado e que se perdeu, porque não teve registro, isso não é para dar conta de uma...

[Coisas preciosas foram afirmadas. Temo perdê-las ou elas ainda me tomam pedindo retorno?]

Denise: *Não, mas até no sentido de encontrar, de puxar uma linha. Não é nem no sentido de reconstituir. Mas é de, de repente, dar o gancho para o...*

[Minha angústia novamente a atropela.]

MM: Porque parece – eu estou vivenciando agora - é como se as linhas tivessem feito um emaranhado e tivessem me sufocado, um pouco. E eu estou tentando sair disso.

[Ainda?!!]

Denise: *Ah! Entendi. Eu estou tentando me lembrar que, quando você falou alguma coisa, eu falei: isso me coloca uma pergunta. E, aí, quando eu ia te perguntar...*

MM: Lógico que a gente não vai abandonar tudo, não. A gente retraça um pouquinho. Então, eu te contei como estava a minha quase-tese – afirmando a vida como ficção – e pensando a minha prática. A partir do que você falou sobre a sua prática, eu também pensei como é que eu afirmo a minha: querendo a alegria, querendo invenção... Parece que eu perdi o fio, mesmo.

[E peguei correntes, pesadas, para arrastar. Ressentindo a falta...]

MM: E, aí, você falou uma outra coisa que me está me chamando a atenção. Essa tese ela não tem capítulos; ela tem Mares. Então, eu estou trabalhando o Mar do Tempo... - Então, é assim: Mar Narrativa; Mar Linguagem, Mar História; Mar Pesquisa. Tem um monte de Mar. E eu estou trabalhando a questão do tempo e da memória. Tentando pensar a memória – não a memória psicológica, mas uma memória que toma a gente. Meio... meio, não! inspirada no Proust, que não recupera. Algo do passado o toma e o lança para uma invenção de possíveis futuros no presente. Onde [também o tempo] não tem essa linearidade; tem é essa disponibilidade para a criação. E eu estou tentando pensar a prática... prática psi como esse lugar da invenção, para que eu queira estar nele também.

[Gaguejo; debato-me; tento sair da angústia de recuperar encadeamentos ou o bacana da conversa sem registro que, afirmada sim, precisa ser deixada – falsa questão? Ou de modo outro, me lanço, ainda sem chão, no tempo de uma memória não instalada?]

MM: A gente falou um pouco da sua paciência e disponibilidade para coisas que eu não tenho mais paciência, que são histórias que não te instigam, não me instigam. [Se tento é retomar e/ou colocar a questão da prática psi, quero puxar linhas ou arrasto corrente?]

Denise: *Isso!*

[Ela talvez também esteja sob o efeito... por que não segue na fala? Ou sou eu que ainda a atropelo, tentando resgatar e controlar?]

MM: Vai me sufocar de novo. Então, vou te dar um monte de questões. Eu tinha te perguntado por que você aceitou e por que você acha que eu te chamei...

Denise: *Que eu não respondi. Vou responder.*

MM: E a gente falou dos encontros.

Denise: *Eu falei que eu só respondo pelo o por quê eu aceitei.*

MM: E eu contei da importância...

Eu posso atrapalhar um minutinho? – a mãe autorizada... Interrupção.

[Aqui, uma interrupção. Fico ali falando/gaguejando sozinha com o gravador. D volta e eu falo: estou tentando explicar...]

MM - Eu ia tentar explicar...

Denise: *... a vida! E seus mares!*

MM: ... atravessando. Eu ia tentar explicar – para ter registro - que nesse momento eu fiquei sozinha, porque a vida atravessa e você foi ajudar a sua mãe. Isso faz parte da pesquisa. Lógico que depois a gente vê o que é que cabe e o que não cabe... o que interessa ao [meu] leitor... tudo faz parte da vida e até onde leitor de uma tese iria se interessar.

[Ou a questão talvez seja o que eu queira que ele acesse. Qual o limite entre organizar e controlar?]

MM: Aí, voltando, Denise. Tinha uma enxurrada de questões – de lugares que a gente passou desse material que não ficou registrado...

Denise: *Uma coisa que eu fiquei pensando que você falou, porque, na verdade, eu nunca me vi no consultório com assim tipo um paciente na minha frente que eu não tivesse vontade de atender, sabe? Que não desse uma... não sei que batesse em algum lugar que para mim fosse desagradável a ponto de eu não... Eu falei que, às vezes, têm sessões, têm períodos da análise que são mais áridos, mas assim, cada um – pelo menos, os desafios, as singularidades, as questões têm me provocado. Realmente, eu não tive... Talvez, no hospital... O trabalho no hospital, isso talvez tenha acontecido. Acho que ficava mais difícil para eu... trabalhar... Talvez fosse chato ou eu estava sem paciência. No hospital, eu me lembro disso.*

MM: O hospital traz essa diferença. A pessoa não foi ali te procurar; ela foi buscar outra coisa.

Denise: *No consultório, eu não me lembro de ter vivido isso, não. Mas no hospital, eu já pedi: será que você pode ir atender esse paciente? E ir lá e apresentar: olha, essa é Fulana; ela vai continuar o atendimento...*

MM: Eu acho que faz diferença. Para mim, fica de novo, não é falar: ah, bacana; viva os encontros! Porque tem encontros que fazem... que são mais empobrecidos de possibilidades.

[Que é isso?!?! Preconceito?!?! Possibilidades, então, minhas.]

MM: No consultório, talvez seja mais fácil eu levar isso que a gente estava falando de cultura, de música, de arte, fazendo atravessar aquela vida que a pessoa te traz ali com sofrimento. No hospital,...

Denise: *Foi até engraçado que, no hospital, eu via muito o quanto que a conversa com os pacientes... Eu me lembro de um especialmente. Que eu fui chamada porque ele não queria tomar banho. Ele estava revoltado, já estava ali há muito tempo. Era um senhor;*

ele ia fazer 90 anos ou 80 e tinha um dos olhos mais brilhantes que eu já vi na vida. Eu adoro olhos que brilham!!! E, aí, ele: ‘ah, mas por que eu vou tomar banho? eu não aguento mais isso aqui e tal; eu quero sair; eu quero ir lá em Alcântara comprar um peixe pra fazer’. Aí, eu peguei aquilo e falei: e como é que você prepara esse peixe? Foi exatamente essa coisa de trazer esse texto – que é como se o hospital quisesse deixar a vida em outro lugar, fizesse essa separação. Como é que falar desse peixe e ele, ao falar desse peixe e se escutar falando do peixe e das coisas que ele faz e... colocando o hospital também na vida. E não como alguma coisa separada, onde ele ficasse fora da vida. E isso tinha um efeito. Foi legal ter falado isso.

MM: E ele te contou, naquele momento, do modo como ele faz...?

Denise: *Isso! E isso foi uma entrada. Tem a parte... ele ficou um tempo grande internado. A gente pode fazer um trabalho. No final das contas, ele tinha que fazer uma cirurgia cardíaca e ele não queria. A gente fez um trabalho junto à família e aos médicos de sustentar a posição dele. Ele preferia, na idade dele, ele achava que era muito arriscado. E não queria fazer. Mas isso foi uma entrada... tem uma vida, tem um monte de coisas que você faz. Tudo bem, você está aqui nesse momento. Isso é chato, é desagradável, hospital, eu...*

[Ali, silêncio e penso: Falar em nome do outro?! Tentando escapar à representação, estrategicamente, como voz de poder/saber, na minha prática psi no hospital, para fazer valer a voz do outro, tenho mandado muito recado para os médicos: pode dizer que a psicóloga mandou perguntar ou dizer, porque isso está afetando seu emocional.]

MM: Parece, Denise, eu acredito que essa disponibilidade para o acaso, para escutar o peixe, não é no livro de Psicologia que a gente aprende ou que você aprendeu. Não é entendendo todos os diagnósticos atuais – você falou agora em Síndrome do Pânico, depressão endógena... não é com isso ou isso não é ferramenta que te possibilita a acolher esse acaso: um banho que vira um peixe que vira um preparo que vira... E o tanto que um nome, um diagnóstico empobrece uma prática, uma escuta, uma intervenção. Não é o hospital que inviabiliza essa escuta.

[Outra voz surge, a minha, em outro tom não mais angustiado e controlador! Talvez também sob o efeito do tom de voz da Denise tornado outro quando traz - adoro olhos que brilham! – me faça ocupar do que eu posso.]

Denise: *Não! Exatamente. O quanto que, em alguns momentos no hospital, eu me sentia – ou porque não estava querendo, mesmo, ou estava com alguma dificuldade de sustentar o trabalho com algum paciente que era mais difícil para mim.*

[Seria, mesmo, não um eu e/ou um modo, mas as ferramentas que, hoje, fazem da minha prática essa não-paciência com o que chamo encontros empobrecidos de possibilidades?! De onde vem esse cansaço da/na minha prática psi?! E: posso, mesmo, substituir o eu representativo por um modo da prática psi?!]

MM: Talvez, a gente também vá achando que o que se espera da gente ou o que a gente tem que responder é o diagnóstico. Mas isso também pode estar no consultório. Como você falou do paciente, cliente, que chega perguntando da Síndrome; do paciente que chega perguntando pelo diagnóstico.

Denise: *O cliente faz a consulta com o Dr Google já vem com o diagnóstico pronto para você carimbar.*

MM: Traz uma coisa que a gente falou e está falando de novo. A questão - não é a questão do diagnóstico. Você falou do paciente que tinha chegado no seu consultório te pedindo para confirmar um diagnóstico, que ele tinha olhado no Google ou...

Denise: *Na vida.*

[É vida também as mídias televisivas e jornalísticas que ‘vendem’ diagnósticos e ensinam acerca de comportamentos, produzindo-os. Concorrência forte, porque também vendo o que acredito. Ao também produzir subjetividades, controlo?]

MM: Voltar um pouco para a sua prática. Para te perguntar mais uma vez, o por que você aceitou essa conversa e o por que você acha que eu te fiz esse convite, porque eu acho importante o que você colocou que é poder afirmar a sua prática num lugar de pesquisa. Quer falar disso, de novo?

[Repito para puxar linha? Qual?]

Denise: *Eu acho que tem essa... as portas que se abrem, as portas que se fecham...*

[Alguém chega, mas se uma interrupção não se afirma, D não a deixa tornar-se perceptível. E retoma. Eu lembro de um comentário, um dia, feito em relação ao meu modo: ‘quando você fecha a porta, ninguém entra...’]

Denise: *Eu estava falando da coisa do encontro. Do encontro na convivência contigo, através do hospital – com você, com a X, com a Y – de ter um trabalho, de levar a sério aquilo. Você deu o nome de rigor. De levar a sério com humor, de preferência, um trabalho. A riqueza das questões, de manter perguntas sobre aquilo, de não estar com tudo respondido e organizado.*

[OuvIU, Marcia-ao-modo-do-controle?]

Denise: *E isso, para mim, foi muito rico. Então, quando você me chama para, de alguma maneira, participar de um trabalho que você está fazendo, eu achei ótimo poder participar disso, por conta de conhecer seu trabalho – dos encontros que a gente teve. E poder isso de também de colocar o meu trabalho em circulação, de alguma maneira. De que maneira? O que vai ser feito? Não sei. De colocar em circulação. Tem alguma prática que eu falo, que eu escolhi, que eu defendo, que eu busco, pesquiso, me disponho para uma formação. E poder falar disso.*

MM: De novo, me dá uma chance de afirmar coisas. Por isso, esse trabalho que eu estou chamando essa pesquisa, essa tese ou o que for - de afirmar, selecionando coisas bacanas. Em algum momento, eu brinquei com alguém: vou conversar com a Denise porque eu estou com saudades. Mas para além do afeto, para além do *eu gosto de você*, tem esse respeito – não gosto dessa palavra respeito, não; mas serve - mas tem essa... de garantir um espaço de rigor. E não é qualquer prática que eu vou interrogar; não é qualquer pessoa que eu estou entrevistando. Isso que eu estou chamando de rigor, mas com uma suavidade. Porque um rigor, também, endurecido não me serve.

Denise: *Por isso é que optei pelo sério, ao invés do rigoroso.*

MM: Mas de uma qualidade de trabalho. Não que o trabalho esteja pronto, mas ter esta disponibilidade rigorosa de acreditar no que faz. Não é de se acreditar no que faz como bandeira, não. Mas de ter gosto pelo que faz. Até para, na hora da briga...

[Penso e calo, porque me interrogo acerca da força da minha prática em bancar um posicionamento que ainda insista em reverter versos. Não paciência – qual seu sentido?]

Denise: *De se sentir provocada por aquilo. Essas três pessoas que eu citei – você, a X e a Y – para mim tem isso, no sentido de estar provocando, para o trabalho estar sempre re-lançando questões. Aquilo não está numa burocracia; não está só numa repetição. Lógico que a gente também repete. Mas de ter essas perguntas, de manter esses pontos de interrogação à disposição. Sem medo de se questionar, de pensar pô, será que eu fiz besteira? não era por aí. De reler alguma coisa.*

MM: E, aí, Denise, volta uma questão bacana, porque a gente tinha deixado no outro momento – que foi a primeira coisa que eu te perguntei, que parece que é uma coisa que serve a um rigor de um Comitê de Ética – quando você for ler a pesquisa, tem algum lugar que eu falo disso – que é a questão da identificação. Se a gente escolhe ser identificado ou não ou se a própria conversa vai identificando. Você citou três nomes – dois, porque me inclui – e me coloca uma questão também assim: como é que eu vou citar essa parte, se a pessoa não assinou o Termo de Consentimento da pesquisa para o Comitê de Ética? Parece que a questão da identificação se impõe para a gente, agora. E parece que ela fica falsa, no sentido de *não quero ser identificada, porque isso pode me comprometer ou comprometer o outro.*

Denise: *Eu acho que é só uma questão de dar ênfase no trabalho.*

MM: Pois é. Parece que o que ganha a cena, de novo, não é a gente como pessoa - meu nome, meu CPF, minha identidade. É o trabalho. Você qualificou o trabalho de duas pessoas importantes no nosso percurso, quando a gente trabalhou junto. Eu falo que vira falsa questão, porque não é dar o nome de Fulaninho ou Fulaninha. É falar da prática consistente.

[Horível! Melhor X e Y, se a aposta fosse afirmar um politicamente correto. No entanto, a política neste momento quer denunciar, mesmo, teorias separadas da prática... Então, é Fulaninha e Fulaninha! Que não sei se vou identificar.]

Denise: *Isso, na verdade, para mim, meu nome não faz diferença. Nome, identificando, aonde. Até porque meu prenome existe aos montes, por aí. Talvez, até o nome inteiro. Mas a questão do trabalho.*

[Inverto: a consistência de uma prática autoriza, dando consistência a um nome – numa espécie de seleção de qualidade.]

MM: O quanto o nome fica importante, mas não como primeiro. Eu estou falando com a doutora tal. A prática dela é dela. Não é a da outra que lá repetia ou ia atrás de diagnóstico. Eu tenho que respeitar, também; mas não é a minha praia; não é como eu acredito que a prática psi se fortaleça. Solucionamos? Não. Tem uma grande interrogação, aí, que é pensar a questão da identificação na pesquisa. E está lá, também; tem uma teórica que fala disso. A quem protegemos, quando não citamos nomes? Ou a quem escondemos? Vale a pena esconder uma prática bacana? Não! Um nome bacana? Não! Só se eu brigar com a pessoa, depois? Estou brincando, com toda a seriedade possível.

[Risos intensos devem gargalhadas. Um humor que se/me interroga: Será que isso ocorreu no percurso desta pesquisa? Qual memória poderá dizer? E cabe, ao mesmo tempo, a seriedade para continuar interrogando: quando, como e por que é estratégico e, portanto, político identificar e quando, não?]

Aqui parecia ter finalizado. E o que se segue talvez seja a conversa outra...

MM: O que mais, Denise? Falei dessa história dos Mares que eu estou me embolando, porque quando eu falo dos Mares, parece que eu estou falando da mesma coisa. Uma narrativa que encadeia; uma pesquisa que encadeia; um tempo que encadeia; uma história que encadeia e... a vida para ser encadeada dá o maior trabalho. Porque a vida, mesmo é totalmente... a pesquisa é totalmente atravessada. A memória te atravessa, a gente lembra de uma coisa e perde a outra. O tempo faz isso; a história faz isso; a pesquisa faz isso; a linguagem faz isso. Então, estou pensando agora, podia ter só um Mar – porque está falando da mesma coisa; porque está falando da vida. Logicamente, a vida recortada – sendo contada – pelas práticas psi. Você tinha falado de uma questão... quando a gente parou na questão da ficção, você ia fazer uma pergunta.

Denise: *Isso! Eu estou tentando me lembrar. Você falou alguma coisa de você. E, aí, eu tinha uma curiosidade. Mas eu perdi a pergunta.*

MM: Foi quando eu perguntei se você tinha uma pergunta para mim?

Denise: *Não. Era uma pergunta em relação alguma coisa que você falou. Não era uma pergunta que eu já cultivava. Mas você falou da questão dos mares da tese. Na verdade, é o oceano. Todo Oceano se encontra. Está tudo ligado. Mas eles têm características ou por localidade ou cada um dá nome para o que está mais perto. E quando viaja, descobre que o de lá tem outro nome.*

MM: Isso está sendo outra tarefa: não afogar os leitores. Porque é muita água. E é o excesso. E, às vezes, a vida fica o excesso. Mas a ideia é pegar justamente quando tem atravessamentos, excessos. O computador que desliga, isso não é a vida doente. Isso é a vida se reinventando. Só que, às vezes, para a gente, é demais.

Denise: *Eu estava pensando nesse lance dos Mares, e das marés. Por causa do movimento. Não é uma água parada.*

MM: No mar, o parado é o provisório e a tormenta também é provisória. Se não... Como você falou da ficção e de Dom Quixote: que bom que tem a ficção; porque, senão, a vida ia só sufocar.

[Grande silêncio. O que pede/pode?]

Denise: *E se a gente falasse da narrativa como literatura?*

MM: A vida ao modo da Literatura...

Denise: *Qual é o modo da Literatura?*

MM: É ficcionar.

[Outro grande silêncio.]

MM: Parece simples? É por aí. E é ficção com realidade. É experimentar habitar outras possibilidades. E se, às vezes, a gente se recusa a isso, a vida atropela. E, aí, sim, vem adoecimento, remedinho... Até para enlouquecer, tem que topar enlouquecer. Aí, está essa coisa que a Literatura me ensinou: a não pensar a vida adoecida; a pensar a vida pedindo re-invenção.

Denise: *Eu pensei na maré por isso: de que cada dia... Eu estou lembrando de um tempo em que eu andava, caminhava na praia para me exercitar. Cada dia era uma praia diferente e era um mar diferente. Era tranquilinho ou era forte; a areia era contínua ou tinha um degrau. E era cada dia um mar. Lembrando dessa coisa da ficção: a maré, o movimento, o redemoinho; aquela onda que lambe, que leva e que traz. Me aproximou essa imagem da maré com a coisa da ficção.*

MM: E isso é vida. Tem uma coisa, duas coisas... Uma é se a pergunta ganhar expressão, você lembrar depois, você me manda, porque o tratamento, ao modo da Literatura, que vai ganhando as *Conversas*, não acaba aqui nesse registro. E a outra é que eu conto um conto. Em cima do quê, eu não sei. Em cima desse registro, em algum momento, além do diário de bordo, que vai contando os atravessamentos desse encontro – o seu já começou; começou hoje – tem esse outro espaço dentro desses Mares onde eu conto um conto. Nem para todo mundo eu falei isso. Fica a surpresa. Para algumas pessoas eu mostrei; para outras, não. E eu tenho contado em cima de histórias que me contam. Teria alguma história que você quisesse contar?

Denise: *Teve essa coisa dessa aproximação aí do peixe, da vida... Já falando em mar, em peixe. Mas desse paciente lá no hospital, desse senhor que eu atendi lá. E a outra história que eu acabei contando foi quando a gente emendou essa coisa do conto com a questão do diagnóstico, de você tirar o movimento. O diagnóstico é o que tira o movimento das palavras. Como é que ele pode te servir? Na verdade, ele só pode servir se as palavras pudessem manter o movimento, sua capacidade de criação, ao invés de conferir um lugar, uma etiqueta. E falando de um rapaz que eu atendi, um tempo. Tinha uns vinte e poucos anos, que chegou dizendo que tinha Síndrome do Pânico, que ele achava que tinha Síndrome do Pânico e perguntando se eu confirmava que era isso que ele tinha. E, eu respondi para ele que eu não via importância nessa resposta. E, aí, depois de um tempo de trabalho, ele, um dia, virou e falou 'Denise, eu fiquei pensando o*

quanto que eu ficava te pedindo pra você dar um diagnóstico, dizer se o que eu tinha era Síndrome do Pânico ou outra coisa, porque se você não falasse, eu não tinha que me haver com a minha vida'. E é nesse sentido, você dá um diagnóstico, dá um remédio, você aparentemente simplifica. Mas a chance que isso tem de tirar um monte de possibilidades. Pode até ser que isso seja Síndrome do Pânico, para quem isso faça algum sentido. Mas e o resto todo? O que mais? E tudo aquilo que aquela pessoa carrega, traz? Vai se debater dentro desse nome, por quanto tempo?

MM: Parece que é a coisa do modo de pensar a palavra, a linguagem, mesmo, como/de contenção. Se a gente pensa que a palavra é esse mar de possibilidades, vai dar *m*, porque a vida vai precisar de espaço! A maré vai subir. E, aí...

Denise: *E isso é uma outra coisa. Essa coisa que você está falando da Psicanálise...*

[Ato falho? Não falei da Psicanálise. Quer falar? Uma identificação se impõe: sua prática psicanalítica.]

Denise: *... da vida, da clínica como ficção, da vida como ficção... O quanto que cada vez mais e a convivência com a coisa do hospital, com estrutura da Saúde do Estado, me fez pensar muito se Psicanálise é uma questão de Saúde. O trabalho era um trabalho na área de Saúde. Não que ele não tivesse e não possa ter um lugar no hospital. Mas tem uma coisa, tipo: como é que você cura a dor de existir? Eu acho que tem uma coisa de um modo de estar no mundo e como isso pode ser mais difícil ou mais fácil, mais ou menos sofrido, para cada um, dentro da forma que cada um encontra ou constrói de se haver com o mundo/se a ver com o mundo. E de se haver com a cultura e de encontrar um lugar ou de ter que lidar com o lugar que foi construído para si...*

MM: Eu fique pensando uma coisa assim, para fechar, abrindo – para fechar o registro gravado, mas para abrindo, porque é uma questão que ficou para mim -: quem foi que disse e por que se acreditou que para existir tem que doer? Que escolha é essa que a gente faz de pensar que o que nos atropela, nos atravessa ou o que nos chega tem que ter dor? E não vida querendo mais espaço ou um espaço outro, como uma forma nova de se estar ali, com o que se tem? Aí, você falou essa questão da saúde, de novo interrogar: o que estão chamando, que sentido de saúde? Que sentido de psicanálise?

Denise: *Para mim é uma coisa estranha você estar dentro de uma Secretaria de Saúde, responder a médicos que têm uma visão, um eixo de trabalho, que é outro, que é o da Medicina. Com certeza, no caso de Freud, você pega... Tudo bem, ele era médico; ele começou por aí. Mas acho que em algum momento, a Literatura ganhou uma importância na obra, no trabalho, na construção que ele... em relação ao lugar da Medicina. Aquela questão da análise leiga, onde ele discute exatamente a questão que o não médico pode praticar a Psicanálise e, aí, ele conversando com um interlocutor – ele inventa um interlocutor e ele vai dialogando sobre, colocando isso em questão.*

MM: As ferramentas, o pensamento que se dobra e se desdobra para fazer passar o que ele acreditava. Eu uso muito o termo ferramenta. E ia te perguntar – meio te provocando – para fechar: a questão dos ingredientes que a sua prática, a sua vida é atravessada pela questão da Gastronomia. Mas aí, acho que isso vira outra... Assim, ferramentas eu uso para a minha prática psi? Que ingredientes você usa nos seus temperos...?

Denise: *Uma das coisas que a questão da Gastronomia ficou muito interessante para mim, além do prazer dos cheiros e dos gostos, a possibilidade de um espaço de criação para mim. De experimentar esse risco, essa delícia de criar. E isso atravessado por todos*

os gostos que eu já senti na vida e outros que eu li ou que alguém me descreveu. Na verdade, por mais que cada área tenha suas ferramentas mais específicas, tem esse atravessamento da...

MM: E para mim, fica o que você falou: cada recorte com o seu específico. A clínica, a prática psi não tem que dar conta de tudo; não tem que caber tudo ali. Porque se não fica um excesso... Outros recortes, outros espaços... Mas para essa disponibilidade, um modo – aí, eu penso um *eu-Denise*, um *eu-Marcia* – que vai estar nestes diferentes lugares... disponível. Ou talvez em uns mais, em outros, menos.

Denise: *Eu acho que isso, mais do que uma questão de paciência – voltando - eu acho que é a questão da disponibilidade. E, aí, tem essa coisa que você colocou da gente se manter alerta para perceber o quanto que a gente está ou não disponível para algum trabalho.*

MM: Obrigada!

Denise: *Por nada...*

[Não-paciência?! Não mais disponibilidade?! Cansei de re-inventar minha prática psi? Fiz dela um excesso que, emaranhando, hoje, me sufoca? Arrasto correntes/peso? Controlo, tornando a criação palavra-de-ordem? D - que é, num outro específico, chef de cozinha - me ensina de mim: posso outros prazeres, gostos e delícias? Ao modo da Literatura, onde? Criar!]

*Quem me chamou?
Quem vai querer voltar pro ninho?
Redescobrir seu lugar?
Pra retornar e enfrentar o dia-a-dia
Reaprender a sonhar?*

*Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua ser o que você responde 'sim'
À sua imaginação
À arte de sorrir
Cada vez que o mundo diz que 'não'*

*Você verá que a emoção começa agora
Agora é brincar de viver
Não esquecer que quem é o centro do universo
Sim é maior o prazer*

...
Eu desejo amar
Todos que eu cruzar pelo meu caminho
Como eu sou feliz
Eu quero ver feliz quem andar comigo

Guilherme Arantes e John Lucien (1985)

MAR DE VIDA QUE CONTO

Tão óbvio que, um dia, você chegasse... Porque, então assim, eu já te esperasse. Tão necessário que, agora e antes, como a mim, eu te transforme.

ELA

Mais de Realidade

Deleuze (2009a) descobre – ou cria – no Neo-Realismo os “critérios formais estéticos” (p. 9). Afirma que são propostos pelo Cinema ao *trazer* “uma nova forma de realidade” (p. 9). Realidade esta “dispersiva, elíptica, errante, oscilante” (p. 9) – um *plus de realidade*. *Realidade com critério estético dispersiva* é o que chama a atenção da ELA – que, então, passa a puxar os fios dessa trama.

O Cinema *Neo Real* visto pelo filósofo, superando a *imagem-movimento*, inventa um novo tipo de imagem: a *imagem-fato*. Para além do definido, do acabado/totalizado, a realidade, agora, tem contornos fragmentários, efêmeros e, mesmo, interrompidos. Este Cinema abandona as situações sensório-motoras para afirmar as puramente óticas – e sonoras. Neste processo, importa não mais o movimento impresso pela reação da personagem diante de uma situação e da câmera que a persegue, mas uma espécie de contemplação e/ou fascínio como efeito do impacto instalado diante daquilo que a situação traz e faz ver. O olhar da personagem, assim como o olhar do espectador, são convidados a ver ‘mais’. A expressão utilizada por Luis Antônio Baptista (2010) “impacto da empiria” (p. 215) é recuperada por ELA para que fique claro de que não se subtrai a mobilidade do olhar. Mas que ao olhar é feito um outro convite. Problematizando o modo utilizado para estudar subjetividades, Baptista (2010) mostra como, a partir de um “fragmento” (p. 216), podemos percorrer “indícios” da “gênese” (p. 216). Assim, é ao modo da “montagem literária” (p. 215) que o processo daquilo que se oferece a ver permite a ELA ultrapassar a realidade cinematográfica e expandir-se. Sugere, assim, dar mais vida à vida.

Para dar visibilidade a esta mudança, passagem e/ou criação, no Cinema, Deleuze (2009) vai servir-se de Nietzsche e das *potências do falso*. E para dar visibilidade ao que acontece na vida, ELA vai propor um revezamento.

O *real ambíguo* – o sentido ambíguo, a vida ambígua - exige da percepção um “para além do movimento” (p.10), que diremos para além de uma reação. Se o Neo-Realismo, como “arte do encontro” (p. 10), traz um sentido e/ou uma *vida a mais*, é porque coloca - a tantos que *podem* – em meio a algo ao qual não cabe reagir. Mas, antes, possibilita experimentar. Trata-se de estabelecer com a realidade uma “relação onírica” (p. 13), sugere Deleuze (2009). Trata-se de se a ver com algo que, na vida, impacta – ELA dirá. Uma experiência de amar.

Naquele encontro, Minerva mostrou-se inquieta. Um misto de alegria e de medo intensificavam de vida a vida daquela mulher de cerca de 40 anos. Minerva quer contar e quer saber. “Narrativas Contemporâneas...” e “Mar da Vida...” querem inverter – e também contar. Que a inquietude afirma-se, servindo-se do corpo e do pensamento daquela mulher. A boca que fala parece dar ritmo a mãos que gesticulam. Estas, por sua vez, parecem ora acarinhar os cabelos, ora dar-lhes um outro arranjo. A boca que fala o faz a partir do quê? Minerva está tomada pelo pathos.

No caso do Cinema, se antes, os personagens reagiam às situações e o espectador percebia uma imagem sensório-motora da qual participava, mais ou menos, por identificação ao personagem, agora, “o personagem tornou-se uma espécie de espectador” (p. 11). E tanto este *novo* personagem quanto o espectador registram, mais que reagem. Podem – e é o que ELA espera! – espantar-se/impactar-se e, assim, problematizar-se. O que, inclui, obviamente, o leitor e seu entorno.

No Cinema - e na vida -,

tudo permanece real neste neo-realismo, porém, entre a realidade do meio e da ação, não é mais um prolongamento motor

que se estabelece. É antes uma relação onírica, por intermédio dos órgãos dos sentidos, libertos (DELEUZE, 2009, p. 13).

É preciso suportar, então, uma espécie de violência causada pelo não reconhecimento daquilo que, até então, proporcionava um conforto pelo apaziguamento do já saber e mesmo do já sentir/experimentar. E que, para tanto, prolongava-se em um reagir. Agora, outros órgãos do sentido – libertos - são chamados a.

Quando as “banalidades da vida cotidiana” (DELEUZE, 2009, p. 16) são atravessadas por circunstâncias excepcionais ou situações-limites, a vida libera “forças mortas acumuladas” (p. 16) e um *mais de vida* – um *plus* – impõe-se. Como se um tecido oferecesse em seus fios outros desenhos. Esse *mais de vida* traz consigo uma espécie de desobediência ou *obediência outra*, onde “não se sabe mais o que é imaginário ou real, físico ou mental na situação” (p. 16).

...acabamos caindo num princípio de indeterminabilidade ou indiscernibilidade: não se sabe mais o que é imaginário ou real, físico ou mental na situação, não que sejam confundidos, mas porque não é preciso saber (p. 16).

E, se não importa saber, não é porque enlouquecemos e/ou adoecemos. É porque a vida errou ou falseou. Até onde e como? – é absolutamente necessário interrogar, nesta operação, seus feitos ou efeitos. Operação esta que, porque imposta por uma violência, exige empenho de uma sensibilidade outra. Porque, sabe-se o quanto é mais confortável e apaziguado – normal – acusar e enfraquecer a vida.

Assim como seria mais confortável acreditar que ELA sou eu, pesquisadora com *registro lattes*, portadora de identidade profissional, numérica e psicológica, de personalidade estável e previsível ou que, como ELA, sou também ficção, em que todos acreditam. Ou: como alguém que escreve e conta não seria eu um Deus, que ainda assim posso criar? Deus, Eu, pesquisadora, ELA: Ficções. Quais servem ou quando servem à vida no sentido de sua re-invenção?

Minerva ressurgue. E conta. Escutamos/lemos.

Nan é inteligente; mas tem uma inteligência senso-comum, que não me instiga. Chega a ter preconceitos. Não sei por onde me conquistou – pensei que, talvez, por uma certa mania de achar que preciso ser cuidada. Mas que, por vezes, parece ser uma vontade de controlar – e isso também não (me) faz a menor graça. Comemoro, mas tenho medo. Porque Nan me libertou de Gil, meu grande amor... Antigo grande amor. Mas Nan não está tão disponível para mim. Só tem 26 anos... Comemoro e tenho medo, sim, porque, livre, posso insistir. Se não em Nan, em amar. Eu escolhi? A vida me trouxe? Parece que sou outra. Outra eu. Ou é outra vida. É a vida se re-inventando em mim. Me re-inventando. É a mesma coisa, não é? É isso! E tenho escolha. Não quero mais Gil. Quero Nan. Isso é escolha. Mas até onde, se Nan não veio? Ainda.

Do Cinema, Deleuze (2009) traz uma relação com o *tempo*. Cinema: imagem-tempo é o que vem afirmar a vida também sendo re-inventada. ELA lembra que se a vida é o que se ousa, o que não muda é a mudança.

Há devir, mudança, passagem. Mas a forma do que muda não muda, não passa. É o tempo, o tempo em pessoa, ‘um pouco de tempo em estado puro’: uma imagem-tempo direta, que dá ao que muda a forma imutável na qual se produz a mudança (DELEUZE, 2009, p. 27).

Deleuze (2009) afirma que, no cinema oriental, Ozu é “o maior crítico da vida cotidiana” (p. 29). Do insignificante - porque banal/cotidiano -, “ele extrai o intolerável com a condição de estender sobre a vida cotidiana a força de uma contemplação rica de simpatia ou de piedade” (p. 29/30). E, quando personagem e espectador tornam-se “visionários” (p. 30), ELA interroga: por que não o mesmo para relação escritor-leitor, psicólogo-paciente, entrevistador-entrevistado, pessoa-pessoa, ideia-ideia?

Não nos faltam esquemas sensório-motores para reconhecer, suportá-las, aprová-las, comportamo-nos como se deve, levando em conta nossa situação, nossas capacidades, nossos gestos... Temos esquemas para nos esquivarmos quando é desagradável demais, para nos inspirar resignação quando é horrível, nos fazer assimilar quando é belo demais (DELEUZE, 2009, p. 31).

Não nos faltam esquemas... para apaziguamentos. Mas e quando uma *outra* realidade nos interpela? Nos serviriam tais esquemas? Outra realidade?! Outro modo – dirá ELA. Percebemos, “comumente, clichês (DELEUZE, 2009, p. 31). Mas “se nossos esquemas sensório-motores se bloqueiam ou quebram” (p. 31) – quem sabe, por um modo de existência afeito ao devir -, de modo outro, modo empenhado, podemos ver ou fazer surgir “um outro tipo de imagem/realidade”(p. 31). Reduzida, a vida, a imagem/o percebido caem na condição de clichê quando se insere em um encadeamento sensório-motor familiar. Lembremos que ela própria organiza ou induz seus encadeamentos. E que, na vida banalizada, “nunca percebemos tudo o que está na imagem, porque ela é feita para isso, para que o clichê nos encubra a imagem” (p. 31). Neste momento, Deleuze traz Bergson: “percebemos sempre menos, percebemos apenas o que temos interesse em perceber, devido nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas” (DELEUZE, 2009, p. 31) – nossas *sensibilidades* ou *modos de existência*, portanto. No entanto,

a imagem – a *mais vida* – está sempre tentando atravessar o clichê, sair do clichê. Não basta uma tomada de consciência ou mudança nos corações... Às vezes, é preciso restaurar partes perdidas... Às vezes, ao contrário, é preciso fazer buracos, introduzir vazios e espaços em branco, rarefazer a imagem, suprimir dela outras

coisas que forem acrescentadas
(DELEUZE, 2009, p. 32).

O que, novamente, parece estar em questão é o que próprio Deleuze coloca em “Lógica do Sentido” (1988): Como querer o acontecimento e “tornar-se digno daquilo que nos ocorre” (p. 152)? Se não é questão de querer, antecipadamente, o que se impõe como intolerável, a *mais vida* está no modo de lidar com isso que nos chega – “querer e capturar o acontecimento... e por aí renascer” (p.152). Não torná-lo ainda reconhecível ao modo da doença – esgotando a vida - mas afirmá-lo e renascer outro a partir daí. Trata-se, acredita ELA, de um *modo de existência* afeito ao que muda.

Afirmando, ainda, uma rigorosa análise do Cinema, em “As Potências do Falso” (p. 155), ELA adentra ao que Deleuze (2009) oferece: na vida que se impõe outra – *plus* - “só há devir e o devir é a potência do falso da vida, a vontade de potência” (p. 173).

Não se trata de dicotomizar a diferença entre verdadeiro e falso (ou entre clichê e novo). Mas de percorrer a *potência do falso*. E, nela, um novo modo de ser afetado pelas narrativas.

O que se opõe à ficção não é o real, não é a verdade que é sempre a dos dominantes ou colonizadores, é a função fabuladora dos pobres, na medida em que dá ao falso a potência que faz deste uma memória, uma lenda, um monstro (DELEUZE, 2009a, p.183).

A narrativa, minoritariamente, falseia, interroga/problematiza o verdadeiro – e seu pólo negativo, o falso. E, assim, cria. No Cinema, Deleuze (2009a) encontra a personagem, “em flagrante delito de criar lendas, e assim contribui para a invenção de seu povo” (p. 183). Trata-se da personagem em devir – para Deleuze. Trata-se do que pode “Narrativas...” – para ELA.

Não sei por que me apaixonei. Sei que me apaixonei. Não escolhi. Ou escolhi?! Paixão... O que é isso? Estar apaixonada é bom e é mau. Mas

preciso entender como isso aconteceu – para o caso de precisar desapaixonar. É assim que se desinventa um invento, não? E é por isso que estou aqui conversando com você. Também porque me sinto perdida. Forma física?! Beleza? Estética? Ou inteligência?! Talvez, um modo de prestar atenção em mim, no que eu falo... Será que, assim, pensando tanto, eu continuo me apaixonando?! Depois de seis anos de uma separação difícil, com Gil, eu já estava habituada com um sofrimento aquietado. Tinha passado o desespero, a desilusão (o mais difícil de viver: não acreditar que se pode acreditar...) e também a esperança de uma reconciliação. Tinha passado o próprio querer. O amar, não sei. Era um amar outro, um amar também aquietado.

Deleuze (2009a) propõe dois regimes ou dois modos de apresentação da imagem – cinematográfica - que fará corresponder a dois modos/regime de *Narração* e, então, de *Narrativa*.

No *regime orgânico*, a *descrição* “supõe a independência de seu objeto” (p. 155), ou seja, o meio descrito é independente da descrição que a câmera faz dele. Há, aí, uma realidade supostamente pré-existente. De modo outro, no *regime cristalino*, “a descrição vale por seu objeto, o substitui, cria-o, apaga-o, (...) sempre dando lugar a outras descrições que a contradizem, deslocam ou modificam as precedentes” (p. 155). Aí, a *deixa* que Deleuze oferece – “vemos isto nos domínios mais diversos” (p. 155) – e que ELA pega para afirmar: vemos isso na vida!

Na *Narrativa de regime orgânico* se dá desenvolvimento do esquema sensório-motor, ou seja, onde diante de uma situação, a reação do personagem. Em um modo orgânico, “o real suposto é reconhecido por sua continuidade (mesmo interrompida)” (p. 156). De modo outro, *cristalino*, a *Narrativa* faz com que “o atual (seja) cortado de seus encadeamentos motores, ou o real de suas conexões legais, e o virtual, por sua parte, se exala de suas atualizações, começa a valer por si próprio” (p. 156). Na imagem/realidade cristal, tem-se a “coalescência de uma imagem atual e de sua imagem virtual” (p. 88), numa “indiscernibilidade das duas imagens distintas” (p. 89). Assim, o que tem forma –

provisória – é prenhe e/ou atravessado de outros possíveis. *Forças acumuladas*, nos termos deleuzeanos, prenhes de forças outras, prestes a. Ou não.

Nos dois modos de *Narrativa*, que a potência do falso – narrativa falsificante – afirma, trata-se da vida como potência. Seja a vida artística, cinematográfica e/ou literária, seja a vida esgotada, acusada, negada e/ou adoecida, capturada por diagnósticos assassinos de processos. ELA, obviamente, faz sua *escolha* – afetada por aquilo que, nos encontros, imanentes, faz a vida expandir-se.

O artista é *criador de verdades*, pois a verdade não tem de ser alcançada, encontrada nem reproduzida, ela deve ser criada (DELEUZE, 2009, p. 178).

Dirá Deleuze (2009a) do seu contraponto no movimento *imagem-tempo*:

Na Narração *orgânica*, a dos esquemas sensório-motores, onde os personagens reagem às situações ou agem para desvendar a situação, a *Narrativa* é verídica e aspira o verdadeiro... O tempo [é] cronológico e resulta destas ações, depende do movimento e é concluído no espaço (p. 157).

Na Narração *crystalina*, em meio ao “desmoronamento dos esquemas sensório-motores” (p. 157), as situações óticas – e sonoras – puras colocam os personagens videntes impossibilitados de agir/reagir. O que ela – Narração - almeja é “se fazer essencialmente falsificante” (p. 161) e problematizadora. Assim, trazendo Nietzsche, Deleuze também pode afirmar que “mesmo o homem verídico acaba compreendendo que nunca deixou de mentir” (p. 164). De ficcionar – concluirá ELA.

Agora, no Cinema, “o que conta é que as anomalias do movimento se tornam o essencial, ao invés de serem acidentais ou eventuais” (DELEUZE, 2009, p. 158). É, portanto, ainda vida, o que se dá a perceber como ambíguo, como dispersivo, como elíptico, como errante ou como vacilante e como excessivo. Eis as *potências do falso* afirmando a vida

como ficção. Seja quando esta pede para ser re-inventada; seja para mostrar que a *verdade* e a *aparência*, o *regular*, o *cotidiano* e o *apaziguado* são tão ficções quanto.

E *Minerva* insiste em contar, em querer saber, em interrogar. Quem poderia responder?

Estar apaixonada é bom e é mau. Mas preciso entender como isso aconteceu – para o caso de precisar desapaixonar. É assim que se desinventa um invento, não? É por isso que estou aqui conversando com você.

Escrever

L'oeuvre pure implique la disparition élocutoire du poète, que cède l'initiative aux mots...

Mallarmé

Deleuze - retomado na conversa com Claire Parnet, desta vez em Abecedário de Gilles Deleuze (2010)- pondera

“a Literatura e o ato de escrever têm a ver com a vida. Mas a vida é algo mais do que o pessoal. Na Literatura, tudo o que traz algo da vida pessoal do escritor é por natureza desagradável” (p. 27).

Nesta ponderação aponta para a importância do *Impessoal*.

Se escreve porque algo da vida passa em nós. Qualquer coisa. Escreve-se para a vida. É isso. Nós nos tornamos alguma coisa. Escrever é devir. E devir o que bem entender, menos escritor. É fazer tudo o que quiser, menos arquivo (p. 27).

Numa interferência com Maurice Blanchot (1987), teremos:

Escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu, quebrar a relação que, fazendo-me falar para 'ti', dá-me a palavra no entendimento que essa palavra recebe de ti, porquanto ela te interpela, é a interpelação que começa em mim porque termina em ti (BLANCHOT, 1987, p. 16).

Escrever “é retirar a palavra do curso do mundo” (BLANCHOT, 1987, p. 17). É deixar um mundo cotidiano, apaziguado pelo reconhecimento, sustentado por um acordo de paz que assegura um entendimento mesmo e mútuo para adentrar um mundo *outro – ao modo da Literatura*.

Escrever, então, faz entrar na afirmação de uma específica solidão que subtrai ao Eu a possibilidade de um reconhecimento. Mas que, no entanto, oferece *mais*. Ali, escrever é onde um específico fascínio ameaça, porque escrever “é correr o risco da ausência do tempo onde reina o eterno recomeço” (BLANCHOT, 1987, p. 24). Escrever é passar do fato de que ‘isso me diz respeito’. Para, mais adiante, ainda poder dizer ‘isso me diz respeito’...

ELA, de modo óbvio, serve-se de formulações de Maurice Blanchot, ‘recolhidas’ em Espaço Literário (1987). E a partir daqui, opta por desfazer-se das aspas para baralhar suas considerações.

A Escrita, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É uma passagem para onde estamos em vias de deixar de ser. Para, mais adiante, tornarmos-nos. No fascínio da ausência do tempo (aquele cotidiano e regulado por reconhecimentos), Escrever é entregar-se. Ao risco. Porque diferente de um Eu, somos colocados como *Impessoal*, como anônimos. Estamos – o que resta de Eu - no reino do fascínio, quando somos tomados – paixão?! – pela perplexidade. O olhar atraído, arrastado, arrebatado impede ao Eu a atribuição de um sentido – reconhecido. Fascinado – tomado pela paixão da imagem – o olhar abandona sua natureza sensível, abandona o mundo, retira-se para alguém do mundo. É o olhar que nos arrasta para ou já um mundo outro o que nos atrai. É a vida que se afirma, numa presença estranha ao presente do tempo, em uma presença do espaço também outro. Fascina este meio indeterminado –

onde o que se vê empolga a vista e torna-a interminável, onde o olhar se condensa em luz num fulgor absoluto de um olho que não vê, mas não cessa de ver porque é o nosso próprio olhar no espelho. Neste espelho também outro, vemo-nos, num outro mundo que já somos nós.

ELA propõe que se experimente um revezamento.

A *Narrativa*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É uma passagem para onde estamos em vias de deixar de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

A *Política*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É uma passagem para onde estamos em vias de deixar de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

A *Pesquisa*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de deixar de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

A *Linguagem*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de deixar de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

O *Tempo*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de deixar de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

A *Memória*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de deixar de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

A *Literatura*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

A *História*, se não é, abre um reino/mundo fascinante da ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

A *Vida que Conto*, se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

E *Amar*.

Se não é, abre um reino/mundo fascinante de ausência do tempo cotidiano. É a passagem para onde estamos em vias de ser. Para, mais adiante, tornarmo-nos.

Minerva quer contar e quer saber.

O mundo de Nan intriga, parece pequeno, até ficar paradoxal. Mundo tão diferente do meu. Veio do interior – para onde continua indo -; mas morou na Inglaterra. O que eu poderia querer de/com Nan? Amar. Ser amada. Mas lendo Duras concluí: Nan “não tem força para amar além do (seu) medo” (Duras, s/d). Se Nan me ama? Não importa. Se Nan não pode, Nan não me quer. E eu? O que posso? O que quero? Escolho?

Mais de realidade/vida. Impessoal. Entrega. Passagem para. Fascínio. Estamos em vias de deixar de ser. Mundos outros. Nós. Vida que traz alguns imperativos.

Ama!

Ao modo da Literatura, Amar faz desaparecer o sujeito – seja este uma interioridade naturalizada, inconsciente, racional - para dar lugar às palavras. Ao modo da Literatura, a Escrita opera, também, a destituição do sujeito como primeiro para dar lugar ao Impessoal – um outro do homem.

Há em Marcel Proust, um “pluralismo do amor” (DELEUZE, 2006a). Na fragmentação dada ao romance pelo escritor francês de “Em Busca do Tempo Perdido”, há uma ruptura em relação ao modo linear, cronológico e apaziguado da escrita e da leitura da vida e, por isso, aqui serve a ELA. Porque, forjada pelos encontros, uma fragmentação, uma ruptura em relação ao modo linear, cronológico e apaziguado de viver, traz modos de amar.

Deleuze (2006a) encontra/forja e oferece uma análise dos signos operados por essa específica literatura, sendo aqui apropriado.

Naquele *pluralismo*, a *multiplicidade* dos/nos seres amados - ressalte-se- multiplicidade como mundos contidos em cada um deles – amados, amantes. Que, então, serão tantos, ainda que se apresentem ao modo de um Eu/Ele. O *amar* é ‘definido’/operado como aquilo que nos faz “procurar explicar, desenvolver os mundos desconhecidos que permanecem envolvidos no amado” (DELEUZE, 2006a, p. 7). Se o amado “implica, envolve, aprisiona um mundo” (p. 7), isso impõe sua decifração/interpretação. Do amado? Do seu mundo! Ao *amar*, um pluralismo de mundos em relação – portanto, ganha a cena. Assim como Escrever. E Viver – ainda caberia afirmar/repetir?

Apaixonar-se é individualizar alguém pelos signos que traz consigo ou emite (...) tornar-se sensível a estes signos, apreendê-los (DELEUZE, 2006a, p. 7).

Tentativa vã de consumir-se? Escolha? *Pathos*! Vontade de invasão de mundos que - repita-se -, se servindo de um sujeito, o desloca de sua condição racional e de escolha. Para, assim, dar a iniciativa ao *Impessoal* – em um mundo sem reconhecimento. Deleuze prousteano segue em suas considerações.

É possível que a amizade se nutra de observação e de conversa, mas o amor nasce e se alimenta de interpretação silenciosa. O ser amado aparece como um signo, uma alma: exprime um mundo possível (DELEUZE, 2006a, p. 7).

Neste caso, a mobilização/operação faz nascer uma *vontade de invasão*. ELA chama Paixão.

Na conversa *com Minerva*, *com Gil* e *com Nan*, ouviríamos de Deleuze (2006a) prousteano que, ao desejar (uma mulher), deseja-se a paisagem envolta (nela) - paisagem não conhecida, paisagem pressentida, paisagem que, enquanto não é *desenrolada/desobrada*, não é satisfeita. E,

portanto, o desejo/desejado não se findará. Trata-se, portanto, de *insistir* porque e enquanto a paisagem não se esgota. Deseja-se... o que se vê/presente: nos gestos, nos toques, no cheiro, no ponto para onde o outro endereça seu olhar, no seu sorriso, na sua tristeza e na sua intenção. Deseja-se irracionalmente e/ou sem saber o porquê. A paisagem/mulher que se ama se estende – então, inspira a insistência.

Minerva fala para alguém que a ouve. *Minerva* também escreve.

De uma forma que, se não entendo, me surpreende, Gil tinha tornado-se uma quase-amizade. Explico: é que me vi, em meus diários, escrevendo para Gil, contando que tinha conhecido uma pessoa: Nan. Contava para Gil como era Nan e o que eu estava sentindo: ‘acho que me apaixonei’ – escrevi. ‘Estou livre de você. Mas também estou em pânico...’ Mas... de tão silencioso, ficou insuportável tentar dar conta de tantas vozes de mim nas letras no diário. Escrever não estava mais dando conta e eu resolvi te procurar para esta conversa. Falar. De Gil; de Nan; de um além de mim. Contar. E ouvir – palavras para além do meu silêncio na escrita... Comemoro que não sofro mais por Gil. Mas não sei o que fazer com essa outra dor que é viver o não viver – novamente. Nan é muito jovem – tem apenas 26 anos. Não faz meu estilo - tipo físico, sabe? No diário, nesta parte, escreveria risos ou colocaria os três pontos que indicam que o pensamento se foi sem mim – isso li em Quintana (1995.) Aliás, achei que nem teria mais isso de tipo físico; achei que, depois de Gil, não amaria mais, não me interessaria mais por alguém, que não precisaria...

Escrever não estava mais dando conta. – Em que sentido/direção? O que pode um diário? E uma conversa? O que pode o mundo/paisagem do outro?

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o

nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios. O caminho a esse labirinto, onde não faltava sua Ariadne, passava por sobre a Ponte Bandler, cujo arco suave se tornou a minha primeira escarpa. Perto de sua base ficava a meta: Frederico Guilherme e a Rainha Luisa. Em seus pedestais circulares erguiam-se acima dos canteiros como que enfeitados por curvas mágicas inscritas nas areia à sua frente por uma corrente d'água. Contudo, mais do que àqueles soberanos, voltava-me aos pedestais, pois o que acontecia sobre eles, mesmo que obscuro em relação ao contexto, estava mais próximo no espaço. Desde logo percebi que havia algum significado nesse labirinto, pois aquela esplanada ampla, e banal por nada deixava transparecer que ali, isolada a alguns passos da avenida dos coches e carros de aluguel, dormitava a parte mais notável do parque. Disto recebera um sinal já muito cedo. Aqui mesmo ou perto, Ariadne deve ter assentado seu leito, em cuja proximidade compreendeu pela primeira vez, e para nunca mais esquecer, o que só mais tarde me coube a palavra: Amor (BENJAMIN, 2011, p. 68/69).

Escreva!

Há, na escrita de Walter Benjamin (2011), algo de paradoxal. Na relação entre a memória do/no futuro e a escrita, o que a paisagem oportuniza é o amor. No labirinto, o fio de Ariadne re-orienta Teseu; na rua de mão única, os borrões nos primeiros cadernos instrui. ELA, então, sugere que não se ama ou se perde sozinho. Ainda que estes sejam reais no que se imagina ou no que se escreve. Amar sozinho numa rua de mão única pode ser perder-se para forjar-se outro. *Minerva* – ou Palas, deusa da sabedoria, da indústria, das artes, da guerra - sabe e inventa a escrita para tal.

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido (...) A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele na verdade é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda. Sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar, porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo (BENJAMIN, 2011, p. 98/99).

No esquecimento, a saudade, o passado e o aprendizado. Neles, o jogo das letras. Na Literatura, no diário, na prática psi, na Academia. Neles, a vida escrita.

Queira! Afirma!

*Onde queres revolver, sou coqueiro
E onde queres dinheiro, sou paixão
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde voas bem alto, eu sou o chão
E onde pisas o chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão.*

*Onde queres família, sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon, sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
Onde queres o não e o sim, talvez
E onde vês, eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo, eu sou o irmão
E onde queres cowboy, eu sou chinês.*

*Ah! Bruta flor do querer
Ah! Bruta flor, bruta flor...*

*Onde queres o ato, eu sou o espírito
E onde queres ternura, sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde busca o anjo, sou mulher
Onde quer prazer, sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói.*

*Eu queria querer - amar o amor
Construir-nos dulcíssima prisão
Encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és*

Caetano Veloso (1984)

A vida subvertendo ainda é vida. Vida que, múltipla, insiste em *quereres* – para afirmar-se, também no inusitado – seu viés.

Destituindo o sujeito e mesmo a Escrita, a *Vida* ganha a cena. E é com o filósofo F. Nietzsche (1987) que ELA retoma a questão reverberada por Foucault – *a vida como obra de arte*. Viver com arte? Viver ao modo da arte. Vida como obra (de arte): menos que resultado ou produto, obra como processo, movimento, construção e desconstrução/*desobramento* – criação. *Vida* como processo, movimento, construção e desconstrução; *vida* como criação. *Vida* como ficção, ELA dirá. Para tal, precisaríamos ser artista? Deuses? Precisaríamos acreditar neles? Invejá-los? Em que sentido/direção?

O mesmo impulso que chama a arte para a vida, como complementação e perfeição da existência que induz a continuar viver, fez também surgir o mundo olímpico, que a 'vontade' helênica mantinha diante de si como um espelho transfigurador. Assim os deuses legitimam a vida humana, vivendo-a eles mesmos... (NIETZSCHE, 1987, p. 7)

A existência/a vida como arte – criação - põe em relação deuses e homens e mais, deuses e artistas. Assim sugere o filósofo alemão.

Mito?! Ficção.

Em algum remoto rincão do universo (...) havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da 'história universal' (...) o intelecto (...) Houve eternidades em que ele não estava... (NIETZSCHE, 1987, p. 31)

A questão 'de que lado está a ficção?' - Arte/Literatura ou Realidade - foi tornada falsa. O que cabe é interrogar qual ficção nos interessa e com quais elementos – de ficção - as verdades do mundo/da vida/ da existência são formadas. E re-formadas?

Esse impulso à formação de metáforas, esse impulso fundamental do homem, que não se pode deixar de levar em conta nem por um instante, porque com isso o homem mesmo não seria levado em conta, quando se constrói para ele, a partir de suas criaturas liquefeitas, os conceitos [da verdade como acordo de paz](...) Ele procura um novo território para sua atuação e um outro leito de rio, e o encontra no mito e, em geral, na arte. Constantemente, ele embaralha as rubricas e compartimentos dos conceitos, propondo novas transposições... (NIETZSCHE, 1987, p. 36)

Um outro homem do homem é o *Impessoal* – *modo de existência artista* possível. Quando?! Quando a vida impõe. Porque ou quando, diante de uma insuportabilidade/dor, re-inventamo-nos. Porque ou quando diante do que já não serve à Vida é *mais* Vida que nos atravessa.

Viva!

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência mais seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.

Clarice Lispector (1980)

Na “Experiência Maior” (1980, p. 39), Clarice Lispector traz um óbvio daquele que escreve. Não tão óbvio seria, a partir do outro, deixar de ser também (um) Eu e ganhar mundo. Lembro Foucault (2009) que lembra Nietzsche ao afirmar que “o mundo não procura absolutamente imitar o homem, ele ignora toda lei” (FOUCAULT, 2009, p. 18). É de ganhar a vida que, aqui, se trata. Afirmando, assim, um *Impessoal* que nos possibilite ir – ao encontro de outras vidas, de outros desenhos, de outras letras. E, assim, contar, contar, contar – afirmando a indiscernibilidade.

Ao Modo da Literatura... Conto

O objetivo mais elevado da Literatura, segundo Lawrence: ‘partir, partir, partir, evadirmo-nos... Atravessar o horizonte, penetrar numa outra vida... É assim que Melville se encontra no meio do Pacífico, passou verdadeiramente a linha do horizonte (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 51).

Com o filósofo – ou ao seu modo -, ELA parte, passa, atravessa e encontra. Numa paragem, forja-se captura. Porque

um encontro é, talvez, o mesmo que um devir ou umas núpcias... [com] pessoas..., mas também com movimentos, idéias, acontecimentos, entidades (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 17).

Assim, faz das *Conversas*, encontro, como efeito zigue-zague – porque e para que “alguma coisa passe” (p. 17): um roubo; uma captura.

É precisamente, a dupla captura, a vespa e a orquídea: nada que esteja nem numa nem na outra, mesmo que fosse intermutável ou misturável, mas algo que está *entre* as duas, *fora* de ambas, e que corre noutra direção (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 17).

A realidade da vida e a narrativa da vida – onde termina uma para começar outra? No *entre*, no *fora* de ambas – então, repete. O mesmo para Personagem e Autor, para Entrevistado/Pesquisado e Entrevistador/Pesquisador. O mesmo, ainda, para Autor e

Leitor. Porque ficções, ainda seria preciso interrogar suas direções? ELA afirma seu movimento.

Se Conversa é Encontro, *quero que alguma coisa passe.*
Quero *devenir*. Lembrando que

Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem a sujeição a um modelo... mas de dupla captura, de evolução a-paralela, de núpcias entre dois reinos... A vespa e a orquídea dão o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas de fato há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 12).

Quando encontrar é descobrir, é porque aquilo que, não estando ainda, precisa ser criado. Quando “encontrar é capturar, roubar”, adverte Deleuze, “não há um método para descobrir, apenas uma longa preparação” (p. 17) – esta, uma vida, um modo de existência, uma insistência, direi.

Sim sou um ladrão de pensamentos
Não um caçador de alma, juro-vos
Construí e reconstruí
Sobre o que espera
Porque a areia nas praias
Recorta muitos castelos
Naquilo que foi aberto
No tempo que me antecedeu
Uma palavra, uma brisa, um história, uma linha
Chaves no vento para o meu espírito vagabundo
Que dá aos meus pensamentos uma corrente de ar fresco...
(DYLAN apud DELEUZE; PARNET, 2004, p. 17/18)

Deleuze, Blanchot, Nietzsche, Mallarmé, Lispector, Foucault, rizomodos que se proliferam em tantos, atravessando as “Narrativas...” que ELA, ao modo do *Canto da Sereia*, conduz: diferenças e variações. *Ao modo da Literatura*, ultrapassando um método,

ELA propõe invasões. Estas que, assim, *vêm me povoar...* “com movimentos que me comovem, com sons e palavras que me atravessam” (DELEUZE; PARNET, 2004. p. 21).

Quando a vida intensifica-se de vida, serve-se de um sujeito. No entanto, é deslocando-o de sua condição primeira, que as palavras que contam forjam, menos que descrição acerca de uma realidade, a própria realidade. Com o deslocamento do sujeito – ainda que poeta –, ganha a iniciativa a *vida* em encontros e/ou desencontros. A prática psi? Mais uma estratégia de passagem. Nessa direção, Mar de Vida Que Conto e ELA apropriam-se de uma Filosofia transversa de Literatura e de Literatura transversa de Filosofia e convidam a... ficcionar. E, para tal, acolher encontros outros. *Conversas contadas outras.*

Daquela Criança...

Daquela criança eu não soube o nome. Mas é certo que o tivesse. Daquela criança... talvez, não tivesse, até então, tido voz. Daquela criança, a sua história. E, nela, dores e silêncios. Estes, não somente os seus. Agora, aqui, com o tempo, com o que sei e com a sua força, aquela criança ganha a palavra.

Meu nome não importava. Também porque, naquela época, quem (me) importava não podia dizê-lo. Também não poderia ensinar-me a dizer – o meu, o seu. Mas hoje, eu digo e conto. Porque já posso. Porque, com o tempo, cresci. E com muitos outros, aprendi. A ter voz. Com o tempo, também soube. Daquela história – que é a minha história. Eu tinha três anos e, talvez, não lembrasse dos fatos – se não me tivessem contado. Mas algo em mim soube da dor. Uma memória ou lembrança que fala de uma dor forte sentida no corpo. A outra dor – a dor da alma – veio depois, quando me contaram. E essa, de vez em quando, dói. Mas, se não vou mais poder esquecer, preciso não deixar que marque o meu corpo e a minha história de sentidos que me impeçam de seguir a minha vida, de confiar nas pessoas e de ser feliz.

Meu nome é Pedro. Tenho dezessete anos. Aos três, acho que minha mãe já me chamava com o olhar e pelo olhar. Também com ele, me dizia do seu amor por mim – às vezes, atropelada pelas dificuldades que insistiam em nossas vidas, lá no Rio de Janeiro. Minha mãe é surda-muda. Dela, eu não recebia a voz com palavras, mas olhares com sorrisos. Também percebia suas lágrimas. Choraria por minha causa? – talvez, eu pudesse ter pensado alguma vez.

Não pude perguntar. Também porque, sem voz, ela não poderia me responder – assim como não pôde me ensinar a ter voz. Mas me ensinou o silêncio, me fazendo entender como ele pode ser cheio de força e de vida.

No silêncio e sem voz, eu não pude falar daquele homem. Que me olhava, mas que não expressava carinho. Que tocava meu corpo de um modo diferente do dela. E não era para cuidar. Talvez eu nem tenha podido gritar, quando ele... Me contaram que fiquei meses num hospital. Ali, o toque era cuidado e a vozes queriam saber de mim. Daquele homem, eu não quis saber mais. Voltamos – eu e minha mãe – para Recife. Como ela, eu também nasci aqui. E, hoje, te conto como vai a minha vida. Estudo, trabalho e faço parte de um grupo de teatro. É tudo no mesmo lugar. Também neste mesmo lugar, eu namoro. O nome dela é Helena. Tem dezoito anos. Conheci quando tinha dez. Até os treze, éramos só amigos. Hoje, somos também namorados. Tudo junto: amigos e namorados. Agora, fazemos planos: vamos nos formar aqui e, depois, vamos para o Rio de Janeiro. Continuar estudando lá e trabalhando – teatro e televisão. Rio de Janeiro, sim. Para marcar de uma outra maneira a minha história naquela cidade. Minha mãe sabe. E já disse sim – com o olhar.

Fernanda é o Nome Dela

Fernanda é o nome dela. Ela tinha treze anos quando nos conhecemos. Ficamos mais ou menos juntos por dois anos. Há seis, terminamos isso que eu chamo de ‘mais ou menos’. Estamos separados há seis anos... Estamos? Nem sei. Porque eu não estou separado dela. Ou do que sinto por ela. E isso me confunde. O que sinto ainda é forte. Mas não sei se é igual. Eu tinha me apaixonado por ela. Hoje, acho que estou é doente por causa dela. Doente por ela – alguém disse. Porque sofro; porque não consigo esquecer. Porque tento esquecer, mas não consigo. Será que não quero? E minha vida gira em torno disso; em torno de querer, de não conseguir esquecer; em torno dela.

Eu tinha quatorze anos; a gente era da mesma escola. Mas de salas diferentes. No começo, eu não acreditei muito que ela ‘tava’ a fim de mim. Ela mandava umas indiretas – às vezes, até diretas! E parecia inventar desculpas pra vir atrás de mim. Mas só quando ‘tava’ sozinha. Parecia meio escondido, sabe? Porque quando as amigas ‘tavam’ perto, ela agia de outra maneira. No começo, eu também nem

acreditei que ‘tava’ afim dela. Ela não fazia o meu tipo. E me incomodava aquela coisa do escondido. Eu gosto de tudo muito às claras. Mas vi que ‘tava’ afim dela, sim. Tentei entender o porquê – já que tudo estava contra. Cheguei à conclusão que eu gostava dela porque ela tinha gostado de mim. E também me perguntava por que ela tinha gostado de mim...

Foi namoro? Não sei. Foi esse ‘mais ou menos juntos’ – porque tudo tinha que ser longe dos amigos dela. Depois, me disseram que ela tinha um namorado. Mas eu nunca vi. Também devia ser escondido. Eu me sentia fazendo tudo como ela queria. Resolvi não encontrá-la mais. E também fazer com que ela não me visse. Saí da escola. Parei de estudar e fui trabalhar. No começo, ela pareceu entender – e concordar. Mas, depois, começou a me ligar. Pra saber como eu estava. Não tocava no assunto da gente. Depois, eu ficava como um louco – duvidando do que eu percebia: ela ligava porque gostava de mim? Para que queria saber como eu estava? E eu ficava sem entender o que eu queria. Que ela ligasse? Que ela sumisse? Precisava esquecer. Tento até hoje. Casei; separei; tive uma filha. Acho que até isso, fiz pra esquecer. Até usar droga. Fazer tudo pra esquecer parece que me faz lembrar ainda mais. Dela. Do meu amor por ela. Da minha doença por ela – pra muita gente, isso que sinto é doença; pra outras, é loucura. O que você acha? É diferente o sentimento e a atitude de quem ama e é correspondido daquele que ama e não é correspondido? Quem ama sozinho é doente? É loucura, é doença ou é amor ver coisas bonitas e pensar na pessoa que amamos? Existe um tempo certo ou suficiente para esquecer um grande amor? E você? O que acha disso? Já amou e não foi correspondido? Você acha que estou louco ou doente? Ou que isso que te contei também é uma história de amor?

Faz de Conta e Conta

Era alguém que até podia ser pedra, mas também era poro. E que, às vezes, parecia confundir-se. Poro - eu digo daquele que é sensibilidade e que, para tanto, precisa ser abertura. Acredito - e digo – que, assim, precisa ser também seletivo. Como o Mar - em algum momento e movimento, sabe que é preciso depurar o que lhe chega. Metamorfoseando-se, de calmaria vira ressaca; de baixa, faz-se alta - maré alta; intensifica movimento e faz-se onda.

Assim, envia às praias aquilo que não lhe serve. Porque sabe que fragmentos trazem, e trarão sempre, falsas questões.

Era alguém que parecia confundir-se, porque poro, precisava também endurecer. Virar pedra até onde? Até quanto e quando? Era, também, confortável abrir-se à generosidade de se dar à vida. No entanto, é nessa abertura que se é atingido. Era pedra quando respondia à; era poro, quando contava. Histórias de vida. Era pedra, era poro; mas acreditava – distraída – que desfecho fechava. Que nomear fechava. Não sabia – distraída, de novo! – que nomear mais abria tudo de outra vez. E que era assim que a vida continuava. Em movimentos outros. Para além, mesmo, do que sabemos e podemos contar. Gata Borracheira é o nome outro da Cinderela – eu lhe disse. Disse também que desfecho é o desfazer do fecho. Foi, então, que passamos, juntas, a contar.

Gata Borracheira – foi esse o nome que escolheu para contar daquela vida, que não era ‘de faz de conta’. Buscou nos Irmãos Grimm a inspiração para ouvir e para contar. Ela, a Gata, teve uma infância... Ou não teve – porque se ocupou, desde muito cedo, dos afazeres da casa, após a morte da mãe. Do pai, talvez não tenha recebido amor e proteção, mas uma madrasta má e a alcunha que a aproximava das cinzas do velho fogão à lenha, onde era obrigada a cozinhar. O Príncipe que veio buscá-la ofereceu-lhe: casamento, castelo e riquezas. Amor, não! Seria querer muito?! O Príncipe lhe deu muito, mas retirou-lhe o nome. Deu-lhe outra vida e uma mesma história – de nenhum amor. E, assim, foram infelizes... Para sempre?!

Gata desfez-se do borralho; Cinderela, - um dia – pode, desfazendo-se de mais um fecho de suas histórias, abrir-se a mais outra. E, então, continuar contando.

Eu percebi que não precisa – mais - de uma casa grande e bonita, com muitos empregados, de uma conta bancária considerável e não alimentada por mim, de roupas boas porque caras e de carros do ano. Então, pedi o divórcio. Percebi que precisava – e quis! - ser amada. E que ainda dava tempo. Percebi tudo isso, quando encontrei Olivier. Eu estava fazendo um curso de pintura – com a utilidade de ocupar o meu tempo, dizia meu marido. Olivier veio, por uns tempos, para substituir a professora. Era uma espécie de estagiário – ‘um aluno com talento acima da média’, foi como ela apresentou à turma. Olivier tinha no olhar intenso, a cor azul. Tal como um Príncipe, pensei; mas também tive medo. Oliver era gentil, atento, cavalheiro. Olivier era

encantador - e me encantou. Estava no Brasil, numa espécie de intercâmbio. Era parisiense e contou que, lá, vivia dos quadros que vendia. Brincando, disse que era pobre, mas era livre. Casamos. Hoje, meu nome tem o nome da minha mãe, o do meu pai e também o nome dele. Um nome enorme – nome de princesa, que, enfim, me tornei.

Saí Para Fumar um Cigarro ou Buscar Outros Recursos

Saí para fumar um cigarro. E precisaria continuar dali. Sozinho? Com meus pensamentos. Com a minha história. Precisaria continuar... Continuar. Com meu tempo; com minha vida; com meus prazeres. Onde teriam começado realmente? Minha vida. Minha história. Minhas doenças... Onde tudo começou? Quando nasci? Onde terminariam? Quando eu morresse. Minha saúde. Meus prazeres. Meus cigarros. Minha vida... Minha morte. Precisava sair para respirar. 'Um cigarro.' - falei. Meu pulmão - agora, doente. Respirar. Meu sangue – agora, sujo. Eu escolhi? Até onde escolhi? Como se pega câncer? – não perguntei. O que fui eu que provoquei? Até onde provoquei? Perguntas. Muitas. E as respostas – quem me daria? Talvez elas também não me servissem de nada. Mas as perguntas insistiam. Do que eu precisava agora? Tratamento? Tempo? De vida! Mas vida eu tinha... até aqui. Até quando? A pergunta 'até quando' também não me servia de nada.

Eu precisava parar de perguntar. Precisava continuar. E viver. Continuar e viver, agora, pareciam não ser a mesma coisa. Mudar tudo. Ou alguma coisa. Por onde começar? Me cuidar – o tratamento. O pulmão, a AIDS. 'Cuidar da saúde.' – alguém falou. Eram muitas vozes, além da minha. Cuidar da vida – e das coisas que me faziam bem. Cuidar melhor; cuidar de outro jeito. Que coisas me faziam bem?

O pulmão doente tinha tratamento – o médico falou. Mas o HIV... – Aquele cigarro. O último – quantos teriam sido em dez anos? As drogas, os sexos – coisas que me faziam bem... Coisas que me fizeram mal.

Naquele dia, chamei de pedradas aquelas notícias. Foi um susto. Mesmo que eu desconfiasse – ou já tivesse pensado na possibilidade. Nos últimos anos, eu estava pegando pesado. Com as drogas, com os sexos, comigo. Exatamente para me sentir mais vivo. Intensamente vivo. Mas agora... estava me sentindo quase morto. Estar doente é isso, não é? Estar quase morto. Ou a caminho. E de que adiantava

pensar que todo mundo vai morrer um dia? Eu não sou todo mundo. E agora só penso no meu dia. Só penso na minha morte. Isso é egoísmo?

Eu precisava continuar. ‘Resolver logo isso’. A vida se resolve na morte – também pensei. O tratamento: para evitar a morte e ir novamente ao encontro da vida. Que vida? Outra vida... Sem cigarro, sem drogas, sem sexos. Eu, agora, para ficar vivo, ficaria mais sozinho do que nunca. Mas ouvi a voz da minha mãe: ‘Filho!’ Foi só isso que ela conseguiu falar ou o que eu consegui ouvir. Me abraçou e choramos. Voltamos para casa. Abraçados. Em silêncio. Pelo menos, no silêncio das palavras. Talvez, no pensamento, ela também estivesse povoada de perguntas. ‘Por quê?’ ‘Quando?’ ‘Culpa de quem?’

Nunca fui de ficar olhando para trás e perguntando o porquê das coisas. Eu olhava para frente. Onde termina o presente? Onde começa o futuro? A vida é o aqui e agora. A vida é para ser vivida – aproveitada. Eu tinha vinte e seis anos quando recebi aquelas notícias – explicações para o meu cansaço e para aquela febre. Não era virose. Era uma chamada! Pensar na vida. Pensar minha vida. Remexer em muitas coisas. Não sei se senti raiva; não sei se senti vergonha – acho que isso seria me sentir vítima e me sentir culpado. Teria que dar explicações? Teria que pedir desculpas? A partir dali percebi que, diferente do que eu pensava, podia contar com a minha mãe. Talvez, ela estivesse sempre ali perto de mim, disponível pra mim. E isso não era motivo de vergonha. Nem só ter percebido naquele momento, nem ter percebido isso como fato. Acho que, depois dali, passei a prestar mais atenção nas coisas, nas pessoas. Num primeiro momento, prestava atenção em mim. Depois, percebendo que assim enlouqueceria, passei a prestar atenção nas coisas em volta – de mim, ainda. Entendi que uma das estratégias para não enlouquecer era ampliar as coisas em volta; ampliar suas importâncias. Decidi que, sim, voltaria a estudar. Durante o tratamento no INCA, fiz meu pré-vestibular. Entre vômitos, dores de cabeça, febres e muita mentira – ‘estou bem, sim!’ – estudava, em casa, com a minha irmã caçula. Ela queria ser jornalista e me ajudou a querer ser escritor. Ela levaria a notícia do mundo para o mundo; eu criaria o mundo para o mundo. Nossos novos recursos: as palavras.

Renasço

Ele, talvez sim, soubesse de mim. Afinal de contas, carregava-me desde sempre. Repetia-me, era certo. Mas é fato, também, que alguns não dão, senão importância, atenção a algumas possibilidades da/na vida: as palavras e o que podem - ou, dito de outro modo, aos nomes e o que sugerem/oportunizam/direcionam.

‘Nascer de novo’ pode sugerir continuidade. E esta, por sua vez, o mesmo. No entanto - aí minhas potência e sugestão - pode ser, também, a afirmação da contra-efetuação. E, nela, a afirmação da diferença. Então, ‘nascer de novo’ é efeito de interrupção. Uma espécie de deixar para insistir num outro modo. Escolhe-se?! Onde teria início uma escolha?! Acredito que uma escolha começa quando se diz *sim* ao que chega. E o que chega pode vir ora como uma oferta, ora como imposição. Cabe dizer não?!

Não estou tão certa – ou não teria me ocupado disso o suficiente. ELA ouviu seu nome. E não soube precisar quantas vezes. Mas foram as mesmas que esqueceu. Ocupou-se da sua história – sem se dar conta de que eram as mesmas coisas: nome e história. Ou: era EU – as mesmas coisas. (ELA também era dessas que não dão importância ou atenção suficiente até que... As palavras!)

Quando menino, talvez tenha pensado na sua tarefa: cuidar. Uma profissão? Ser herói. Destacar-se?! Servir ao outro! Bombeiro – quem sabe? Também queria estudar, saber mais – da vida, das pessoas. Aprender mais e ganhar mundos - para além do espaço físico, ah! as palavras... No momento do serviço militar... nasceu, óbvio, militar: carreira profissional.

Estar atento aos mundos possíveis é estar atento aos encontros e disponível aos seus afetos – ser tomado/tocado por – e aos sentimentos – num agradar-se e/ou desagradar-se por. Foi assim que, na disponibilidade para o outro, ainda sem se dar conta do que seu nome sugeria, ELE foi escolhendo, afirmando, contra-efetuando, renascendo. Um percurso, um percurso outro – entremeados de afetos, amor, amizade; a escolha do outro; a escolha pelo outro. Cuidar? Intervir! Formar? Intensificar encontros.

Por vezes, a contra-efetuação – e/ou um nascimento – vem de modo tão afim que, tomado como sequência/continuidade, parece não doer. Outras, no entanto, quando traz a diferença em sua radicalidade, é de

tal ordem nova que é preciso de tempo para, transmutando o *não* em *sim*, poder dizer: *escolhi!*

Isso EU sei porque, feito do que conto e do que se conta, sou o que me tornam: palavras e/ou histórias mudando vidas de direção e de sentido – também e nem sempre semântico.

Como Correnteza, Ela Arrastava o Meu Olhar

Ela parecia uma Sereia. Tinha os cabelos compridos e negros, a pele morena e um olhar que também sorria, quando suavemente abria os lábios. Quando piscava, então... era toda Sereia. E parecia arrastar-me de em-cantamento. Ela era grande - braços, pernas, mãos. Mas tinha os gestos lentos e suaves. Voz firme com palavras doces. Boa de saborear – foi o que pensei, porque era o que os meus ouvidos experimentavam. Ela parecia forte e delicada, ao mesmo tempo. Seu olhar era fugidio até que... era capturado pelo meu. E, como se vencido, pousava sem mais resistência. Travávamos uma luta? Sedução é luta?! Nela, quem vence? Sem respostas, percebi que, assim, eu me apaixonava. Tomado pelo que ela me fazia sentir, acreditei ser correspondido. Amor à primeira vista poderia ser possível numa única direção? - mais tarde, me perguntei.

Eu já tinha me apaixonado mais de uma vez na vida. Amei e fui muito amado. Mas daquela vez foi diferente. Eu não acreditava mais nessa possibilidade para a minha vida. Tinha desistido? Não tinha mais idade?! Não tinha mais cabimento! – talvez alguém dissesse. Mas eu estava apaixonado. Mais uma vez, tomado por essa força que nos faz ver a vida em sua intensidade. Que faz o corpo tremer e a respiração ficar descompassada só em imaginar sua aparição. Mais uma vez, eu estava apaixonado. E minha experiência de pescarias, em mares e em tormentas, de nada adiantou. Ela era uma Sereia. E, como correnteza, arrastava meu olhar. Para onde? Para mais vida.

Narrativas falsificantes em indiscernibilidades – ficções onde a vida afirma-se. Também. E sem negar, para isso, os clichês.

*Ela une todas as coisas
Como eu poderia explicar?
Um doce mistério de rio*

Com a transparência de um mar.

*Ela une todas as coisas
Quantos elementos
Sentimento fundo de água
Com toda leveza do ar.*

*Ela está em todas as coisas
Até no vazio que me dá
Quando vejo a tarde cair
E ela não está.*

*Talvez ela saiba de cor
Tudo o que eu preciso sentir
Pedra preciosa de olhar
Ela só precisa existir
Pra me completar.*

*Ela une o mar
Com o meu olhar*

*Ela une as quatro estações
Une dois caminhos num só
Sempre que eu me vejo perdido
Une amigos ao meu redor.*

*Talvez ela saiba de cor
Tudo que eu preciso senti.*

Jorge Vercilo e Jota Maranhão
(2012)

PRAIA

*Alcanço a orla da terra. Acesso o continente. Paragem?!!
Limite?!!! - Invado?!!! Acato?!!! Esvazio-me?!!! Interrogo-
me. Até quando? Silencio.*

CANTO

ELA sugere a leitura completa do texto de Jorge Luis Borges (1989), “Funes, o Memorioso” (p. 89). Destaca um trecho e repete.

Chego, agora, ao ponto mais difícil da minha narrativa. Esta (bom é que já o saiba o leitor) não tem outro argumento que esse diálogo de há meio século. Não tratarei de reproduzir suas palavras, no momento, irrecuperáveis. Prefiro resumir com veracidade as muitas coisas que me falou Irineu (BORGES, 1989, p. 93).

ELA insiste na ficção e/ou no *ao-modo-da-Literatura*, e traz Ítalo Calvino (2010) que, sob o sol-jaguar, forja ‘um rei à escuta’. Rei que, no entanto, deve obedecer.

O cetro deve ser regido com a direita, ereto, nada de ficar para baixo, e você nem teria onde deixá-lo, junto ao trono não há mesinhas ou mesas ou tripés onde apoiar, sei lá, um copo, um cinzeiro, um telefone; o trono fica isolado (p. 59).

ELA interroga-se.

Qual o sentido de perder o registro daquela *Conversa*? É absolutamente necessário que essa pergunta não se satisfaça com uma resposta que remeta à falta e/ou ao lamento. Assim como é necessário que aponte para um movimento outro – como ensinou, um dia, uma certa Professora da Maleta. Esta pergunta pede um sentido/direção que seja o

de uma *distração feliz* – como, um dia, disse ser possível Maurice Blanchot (2005). Esta pergunta, então, forja uma outra: o que fazer com isso que se faz, aqui, acontecimento-não-registro?

A vida mostra-se generosa quando, aliada ao que posso hoje como disponibilidade-para-a-re-invenção, devolve um dos motes deste acabamento. O que pode uma tese? E um acabamento? Repetir palavras?! Re-arrumar discursos?! Silenciar?

De trezentas páginas que trazem um “bando” de vozes em ressonâncias e, mesmo, em dissonâncias - vozes legitimadas pela Academia; outras nem tanto; outras, ainda, que não passariam nem perto - como fazer um acabamento? Como escapar a um óbvio que repete em um menor número de páginas o que foi feito em tantas outras, ao modo de um pequeno resumo conclusivo de um percurso já, obviamente, feito. – Descrito, até onde? Experimentado, até onde?

Vozes! Práticas! Acontecimentos! Narrativas! Silêncios... Tantas vezes, uma tese – esta - faz-se fala-obediente ao rigor do discurso, do semântico, do saber. No entanto, para além e para aquém das reconhecidas formalizações, como dar visibilidade, audiobibilidade, experimentabilidade à intensidade de um acontecimento/experimentação sem esvaziá-lo em uma narrativa descritiva? Falsa questão?! Talvez pudéssemos nos ater a mais um óbvio: só quem experimenta um acontecimento vive/experimenta um acontecimento - seja este forjado em voz, seja em leitura, seja em silêncios.

Marcia Mascarenhas: A sua prática psi.

Claudia Abbês: Minha prática psi! A minha prática psi tem sido, de alguma forma, nos últimos anos pelo menos, o trabalho com formação de psicólogos e com algumas intervenções nas políticas públicas de saúde e de formação. Mas, agora nos últimos dois anos, é que eu venho, também, trabalhando com algumas discussões no campo da política pública de assistência social. Mas o foco da minha prática psi tem sido a questão das intervenções. Principalmente, neste âmbito da formação. Essa tem sido, de alguma forma, a linha que eu venho trabalhando. Que, na verdade, me deixa, às vezes, em alguns não-lugares. Porque como pensar esse trabalho que eu chamo da micropolítica, das interferências que vão se fazendo não só de um ponto de vista da prática psi estrito senso, mas um certo modo de pensar as práticas de uma maneira mais ampla. Então, eu acho que o nosso trabalho na formação, na gestão, lá do Departamento, no Colegiado da Pós, não deixam de ser, também, uma prática psi, neste sentido.

MM: E, aí, formar e orientar são dois momentos? É a continuidade da formação uma orientação de pesquisa? É ampliar mais? É especificar? Reduzir? O que você acha?

CA: *Eu acho que é parte desse trabalho da formação. E eu acho que todo o processo de orientação ele é de alguma forma uma ampliação. Uma ampliação do trabalho que se faz, até porque você se vê em meio a questões que são suas, das suas pesquisas, mas também são questões que vêm de outros lugares, de outras práticas. São questões-tensoras que vêm de outros lugares e que se juntam a este trabalho que você está fazendo. Ampliam; às vezes, dispersam o seu trabalho na pesquisa. O que, às vezes, é muito bom. Às vezes, não. Mas eu acho que é sempre uma... Não sei se é uma continuidade, no sentido de uma linearidade. Mas eu acho que é uma continuidade do ponto de vista de algumas quebras, de alguns desvios que esse próprio trabalho vai produzindo no seu campo de pesquisa, na sua maneira de pensar o conceito, de pensar a própria formação. Eu acho que a gente, na outra Conversa, falava um pouco disso. Cada orientação é singular. E ela é singular porque ela te coloca num outro campo, com outras questões. Tem que acompanhar, de alguma forma, os momentos de quem está fazendo este trabalho. E, aí, os processos são muito diferenciados. E você, de alguma forma, vai aprendendo, um pouco, a lidar com isso, a pensar, a perturbar o outro e ser perturbada, também, neste processo.*

MM: Uma coisa que eu tinha pensado e a gente tinha falado, um pouco, se junta, agora, com uma outra. Quando uma prática psi vem para o Mestrado ou para o Doutorado, ela se supõe pronta. Ela vem intensificar, aprimorar, melhorar. E parece que não é isso. Parece? Não sei se é só isso. Ou é? Eu só posso falar do meu modo. Óbvio que você pode falar de outros. Como falar de outras práticas psis que vêm para o Programa da Pós? Estou juntando isso com uma outra questão que fica para mim. Não sei se ela é falsa ou o que ela quer. Por que me orientar? E o que você encontra neste processo? Eu vim, achando que estava pronta – a minha prática psi? Eu vim intensificar? E como não tornar isso uma coisa narcísica?

CA: *Eu vou pegar por partes essa questão que você traz. Eu acho que há uma diferença da orientação – hoje, principalmente – no campo do Mestrado e no campo do Doutorado. E essa diferença se dá basicamente porque, no Mestrado, as pessoas estão vindo para pensar suas práticas. Pelo menos hoje, o que eu tenho visto de candidatos para o Mestrado e alunos que eu oriento no Mestrado, são pessoas que saíram da Graduação há pouco tempo. Raras vezes são pessoas que têm um bom tempo de formada e que, a partir daí, vêm com uma questão para intensificar, para desbravar. Eu acho que, hoje, infelizmente, o ‘aligeiramento’ da formação – ter que sair rápido da Universidade! – tem feito com que as pessoas entendam, muitas vezes, o Mestrado como uma certa sequência da Graduação. Claro que uma sequência específica, um aprofundamento de um certo conjunto de autores e de questões. No Doutorado, eu tenho visto as pessoas querendo pensar as suas práticas, mas muitas vezes se voltando mais para uma intensificação de questões que foram produzidas no Mestrado e que não puderam ser abordadas lá. Então, elas vêm para aprofundar. No seu caso, eu acho que é isso. A gente já conversou várias vezes. Eu acho que vem para intensificar a sua prática. Intensificar em que sentido? Dar força para você afirmar o que você entende como prática psi; se deixar estranhar por alguns outros autores que você vai buscando e que não são autores, muitas vezes, do seu domínio, mas que você dominou no processo da tese. Que foi o Blanchot. Eu acho que o Blanchot foi um mergulho. E os outros autores, eles vêm um*

pouco – pelo menos, no meu entendimento – sendo experimentados nessa conjugação ‘ao modo da Literatura’. Então, eu acho que você tem uma entrada maior – se a gente puder pensar assim – qual foi a novidade do seu trabalho? Eu acho que é essa Conversa com Blanchot e essa experimentação destes autores da Filosofia da Diferença, que você já tem um domínio, que já tem uma estrada com eles, como é que é compô-los ao modo da Literatura. E eu acho que essa é a ousadia do seu trabalho. Esse foi o processo que você buscou. E que, para mim, também foi, na verdade, uma nova experiência. Porque pouco conhecia do Blanchot – tinha lido um livro, alguns textos; mas nunca conheci profundamente. E acho que não conheço. Estou sendo apresentada a ele, de uma maneira mais forte, mais profunda, através das suas discussões. E acho que é isso, um pouco esse caminho.

A cabeça deve ser mantida imóvel, convém não esquecer que a coroa está equilibrada no seu cocuruto, você não pode enfiá-la até as orelhas como um gorro em dia de vento... espera-se que você mantenha a compostura real que se supõe intrínseca à sua personalidade (CALVINO, 2010, p. 60).

Cada *Conversa* trazida nesta “Narrativas...” foi experimentada como acontecimento. Provocando questionamentos, descompassos, obediências e desobediências, alegrias e mesmo afetos sem língua – o que se dá ainda. Algumas *Conversas* foram refeitas – pela insistência de um não-registro; assim como pela insistência de repetir – na diferenciação – para submeter-se ao necessário processo de transcrição que, enfim, a tornassem textos. Sem dúvida, o que o leitor pode experimentar/ler é o relato de um acontecimento. Que, ao modo da Literatura, possa experimentá-lo de modo outro...

Aquela outra *Conversa* com a Professora e Orientadora Claudia Abbês também não se quis voz tornada letra escrita/texto. Deu-se ali e impôs-se como pura experimentação. Não se submeteu à reprodução, via transcrição, que a tornasse texto. Não se quis voz tornada letra a buscar a melhor sintaxe possível, a melhor organização do discurso. Quis voz! – apenas e tanto.

Aquela *Conversa*, ao modo do Canto da Sereia, fez-se Acontecimento e não nos levou ao lugar possível de... descrição/retrato. Aquela *Conversa* fez o logos sintático ceder lugar à

voz – sendo, assim, o próprio canto singular de um encontro. Aquela *Conversa*: pura Narrativa.

MM: No outro momento de uma outra *Conversa*, você tinha me perguntado como é que eu chegava nesse acabamento. E eu falei: mais livre! Livre para poder juntar o que eu continuo acreditando como prática psi e como modo de estar na vida e... - eu acho que essa palavra ‘intensificar’ é bacana - e arejando prática e modo, chamando o Blanchot para a turma - para o ‘bando’ como você colocou! Não para eu ficar repetindo, mas para eu poder ter gás para me re-inventar e re-inventar a minha prática no Serviço Público. Porque eu já estava sufocando de tanto entristecer sem conseguir re-inventar. Então, chegar mais livre e mais ousada e mais insistente nesse modo de estar por aí. E outra coisa que ficou daquela outra *Conversa*, ficou meio que me ocupando, era a gente estar falando no passado. Como se já tivesse acabado. E eu rascunhei uma coisa lá... A gente ainda está em meio a. É porque eu ainda estou tomada/impregnada pela “Narrativas...” E depois eu pensei e é óbvio que isso já sai em letra escrita: por que aquela *Conversa* não ficou registrada? Tinham uns desconfortos meus, ali. Essa coisa do passado, do já foi, enquanto a gente está ainda em meio à turbulência de fazer um acabamento. Não gosto da palavra ‘conclusão’. E, aí, eu venho para esta *Conversa* não com aquela ideia de resgatar o que a gente falou. Lógico que o que a gente falou atravessa.

CA: *Isso!*

MM: Você falou: tem surpresa, aí. Surpresa sempre vem. Tem um mote do acabamento não sei se a gente vai falar disso aqui, agora – que já está lá no papel, que é a questão da voz, da importância que a gente dá ao discurso bem feito, bem elaborado. Então, essa *Conversa* contigo teria que ser muito bem arrumada, porque é ‘a *Conversa*’. Eu acho que eu tinha muito essa expectativa. E, aí, não tem registro. E só quem viveu sabe. Aquela *Conversa* é só nossa. Porque a gente experimentou e ela ficou ali. Porque eu acho que isso, também, é um pouco o *Canto da Sereia*: só pode viver/saber quem viveu. Lógico que, agora, a gente fica mais generosa e faz uma outra que o leitor vai poder ler, que a Banca vai poder ver. Mas sem o exagero do compromisso de ficar tudo bem arrumadinho, tudo bem explicadinho, tudo bem concluídinho.

CA: *Até porque eu acho que isso não cabe no seu trabalho. Mas quando você fala de um certo tom de término, quando você diz que a gente está em meio a, é porque eu acho que tem um término, sim. E um término... Quer dizer, claro que faltam as Considerações – que você está redigindo. Mas eu acho que “Narrativas...” está aí já. Eu acho que você venceu as etapas complicadas, duras. Eu acho que você organizou as suas vozes. Organizou em desorganização.*

MM: Nós.

CA: *É, ok. Nós. Juntas. Tem um acabamento. Não quer dizer que acabou o processo. Mas eu acho que tem um acabamento, sim. E que talvez seja dolorido, também, esse término. Para você, para mim. A gente gosta de estar junto, a gente tem uma relação bacana. Mas eu acho que “Narrativas...” talvez tenha que acabar, mesmo, para a gente poder inventar outras coisas, sei lá. Daqui a um tempo um Pós-Doutorado, uma pesquisa. Se bem que você não gosta muito dos meus temas lá da Política Pública que eu estou trabalhando - que é assistência e saúde. Mas para que outras coisas a gente possa inventar. Agora, não dá para esticar “Narrativas...”*

MM: Lógico! Quando eu falo em acabamento, eu já penso numa abertura que me libera, que nos libera para outras invenções.

CA: *Para outras invenções!*

Depois que você foi coroado, convém que você esteja sempre sentado no trono sem se mexer, dia e noite (CALVINO, 2010, p. 62).

O Que Bem (Se) Entender

ELA submete-se, obediente, ao verbo. Estrategicamente, impõem-se como escrita, devindo/ficcionalizado.

... escrever é um devir alguma coisa... Não se escreve pelo simples fato de escrever... se escreve porque algo de vida passa em nós. Qualquer coisa. Escreve-se para a vida... Escrever é devir. É devir o que bem entender, menos escritor. É fazer tudo, menos arquivo (DELEUZE; PARNET, 2010, p. 27).

MM: E eu acho que o desafio da gente, nessas narrativas, era assim: como não calar as intensidades? Como dar forma às intensidades, sem ser essa coisa de – para mim – muito arrumadinho, muito bem explicadinho, muito...? Porque eu acho que intensidade, às vezes, não tem muita organização, não tem muita explicação. É preciso experimentar. Eu acho que sai um trabalho grande, quantitativamente grande, mas que, em algum momento ali, foi para passar essa intensidade que não cabe no entendimento. Cabe experimentar. Não cabe concordar. Cabe se perturbar, também. Pegando um gancho para re-invenções outras, aí na vida.

CA: *Eu acho que esse mote a tese tem. Por isso ela é tão... Por isso é tão delicado isso que a gente pensa da Banca. Quando você fala assim: 'a escrita não é para qualquer um, não'. Como trazer para junto pessoas que podem se perturbar, se irritar, se cansar, mas que possam, de alguma forma, ter uma porosidade a essa 'desarrumação' entre aspas arrumada? Porque a tese está arrumada. Mas ela tem sempre um pé na desarrumação. Na leitura, para o leitor, nos modos de abordagem. Então, eu acho que essa é a força e a singularidade do trabalho. E que é um risco. É um risco!*

MM: Não cabe pensar que a tese retrata a vida e que estaria fazendo a representação. Cabe que a própria tese opere isso que é da vida e que me interessou: não nega as

arrumações, as organizações que a vida traz - ou que a gente faz em um esforço, às vezes, hercúleo! - essas repetições e esses apaziguamentos. Mas a vida é também vida quando desarruma, quando causa irritação, quando causa desentendimento, quando nos convida a dar uma pausa para re-inventar. Acho que a minha ideia era – quando eu venho para um Programa de Pós - que ferramentas mais eu posso ter para continuar vendo que tem vida no defeito - entre aspas. Tem vida no que angustia. Não tem doença, ali. Isso não tem que ser tratado, no sentido de uma terapêutica, de tratamento de doença. Isso tem que ser tratado com carinho, com mais delicadeza; às vezes, com mais empenho. E “Narrativas...” quer isso. Ela não quer retratar. Ela quer que isso seja experimentado. E isso eu acho que é intensidade. Cada um vai dar a forma que... Ou não; vai jogar no lixo. E eu acho que esse foi um desafio que contou contigo. Que foi aquilo que eu te falei ‘me achando’ dentro das Políticas Públicas. Porque é uma coisa pesada para mim, no sentido de eu não... de não caber no que eu aguento. É muito séria. É muito compromissada. E eu acho que eu tenho um modo descompromissado, com uma positividade. Eu quero pequenas revoluções. Não quero falar em nome de. Eu quero falar, dentro de um possível provisório, em meu nome. E, aí, surge a ELA – que eu já nem sei mais quem somos nós.

CA: *Eu acho que essa é uma questão importante. Porque “Narrativas...” lida, como você falou, com as coisas da vida. Com o que, na vida, é retratado como defeito, com o que, na vida, é tratado como falta. E a instituição academia atravessa e atravessou, o tempo todo, essa história. De forma que a gente pudesse ter, na experiência da escrita, que é uma outra experiência, como fazer passar isso – e acho que esse foi o desafio seu, o tempo inteiro...*

MM: Nosso!

O que pode um acabamento?

Repetir o Narrar é Fastidioso

No grande lago de silêncio em que você flutua desembocam rios de ar movidos por vibrações intermitentes, você as interroga e decifra, atento, absorto. O palácio é todo volutas, todo lobos, é um grande ouvido em que anatomia e arquitetura trocam de nome e de funções: pavilhões, trompas, tímpanos, espirais, labirintos; você fica achatado no fundo, na região mais interna do palácio-ouvido, do seu ouvido; o palácio é o ouvido do rei (CALVINO, 2010, p. 64).

Enquanto Calvino faz do rei obediência, visto que, aprisionado pelo poder, ‘deve’ tomar os sons como ameaças a serem decifradas e, imediatamente, destruídas/caladas, Homero (2011), provavelmente no século VII a.C, toma a palavra. E narra.

Do rio Oceano ao pélagos
saímos,
Donde o Sol nasce e os coros
[ventos mediterrâneos] são da
Aurora,
E na praia da Eéia a nau
varando,
A espera que alvoreça,
adormecemos (p. 225).

E, dando voz a Ulisses, continua.

Tudo a ponto, embarcamo-nos
entregues
Às auras e ao piloto; eu mesmo
falo:
“Não somente um nem dois,
amigos, saibam
O que a deusa das deusas me
predisse,
Para informados ou morremos
todos
Ou da Parca fugirmos. Das
Sereias
Evitar nos ordena o flóreo prado
E a voz divina; a mim concede
ouvi-las,
Mas ao longo do mastro em rijas
cordas,
E se pedir me desateis, vós
outros
De pés e mãos ligai-me com
mais força.
(...)
O pai de homens e deuses, por
salvar-me,
Tolheu que Cila [Sereia] então
me lobrigasse [percebesse,
visse, olhasse].
Nove dias labuto, e o Céu me
aporta
Já na décima noite à ilha Ogígia,

Onde acolheu-me e acarinhou
Calipso,
Deusa de humana voz. Que
resta? Em casa
Ontem me ouviste e casta
soberana:
Repetir o narrado é fastidioso.”
(HOMERO, 2011, p. 229,
237/238)

Homero devém Ulisses. A este escritor grego, nascido em 850 aC, é atribuída a autoria das duas grandes epopeias da literatura ocidental: Odisseia e Ilíada. Estes poemas heróicos, com narrativas atravessadas por – e tornada - vozes e ações de deuses, semideuses e humanos, serviram à formação do *homem* ocidental moderno. E, por que não dizer/escrever, contemporâneo. Uma apropriação pelas forças disciplinadoras, diremos. Nestas narrativas, o autor cria um herói, ao seu modo – imagem e semelhança - grego. Homero cria Ulisses ou Odisseu, herói, rei de Ítaca. Homero devém Ulisses. Em “Odisseia” (2011), separado de si, narra. ELA, então, ecoa:

Ulisses presta honras fúnebres a Elpenor assim que aporta na ilha de Eéia. Circe prediz-lhe os perigos que enfrentará durante a viagem de regresso à pátria. Depois de ser atado ao mastro da embarcação e de ter tapado os ouvidos dos guerreiros, Ulisses ouve os cantos traiçoeiros das Sereias. Chegando ao estreito dos dois rochedos, o herói mantém sua embarcação mais próxima de Cila para evitar Caríbdis. Consegue passar ileso, porém seis dos seus morrem. (...) Ventos contrários impedem que a nau saia do porto de Messina. (...) Por castigo, Zeus desencadeia a tempestade e a embarcação é atingida por um relâmpago. Ulisses é o único a se salvar, voltando à Caríbdis...

O que pode uma tese?

Sentidos, Direções e Obediências em Re-versos

Ao rei, Calvino (2010) provoca um desassossego.

O palácio é uma urdidura de sons regulares, sempre iguais, como a batida do coração do qual se destacam outros sons discordantes, imprevistos. Bate uma porta, onde?, alguém corre pelas escadas, ouve-se um grito sufocado. Passam-se longos minutos de espera. Um assobio longo e agudo ressoa, talvez de uma janela da torre. Responde um outro assobio, de baixo. Depois, silêncio (p. 69).

A Literatura reverte o verso: um rei libera-se da obediência ao poder, um grego nos aponta para a força da voz/canto para além da significação. Até onde uma conversação pode imprimir o sentido da palavra? A direção imposta pela ordem, pela obediência às sintaxes, interpeladas pelas desobediências críticas, exigem que ELA atravesse Lewis Carrol (1999). Também para tomar a palavra e contar. Da *Alice*, do *Diego*.

- Estou alegre pelo fato de estar no caminho e ter podido apanhar seu xale – disse ela, ajudando a Rainha a recolocá-lo.

... imaginou que, para entabular uma conversação, teria ela de tomar a iniciativa. E então começou, com alguma timidez:

- Porventura, estou-me dirigindo à Rainha Branca?

- Creio que sim, embora não a veja dirigindo coisa alguma – respondeu a Rainha. - O que você está fazendo não combina com o sentido que essa palavra tem para mim.

Sem querer começar a conversa com uma discussão, Alice limitou-se a sorrir, dizendo em seguida:

- Se Vossa Majestade fizer o obséquio de dizer-me como devo fazer para dirigir-me a uma rainha, tentarei obedecê-la da melhor maneira que puder (CARROLL, 1999, p. 217).

ELA ouve – voz vinda da prática psi no Serviço Público.

Diego “concordou em vir” – diz a mãe, que chega primeiro. Traz, de um outro Posto de Saúde, uma Guia de Referência. Trata-se de um dispositivo que, ao dar mais formalidade ao encaminhamento, tenta garantir a vaga no Serviço. Assinada por uma fonoaudióloga, o item ‘história sumária’ relata: “adolescente sustentando mentiras para a mãe.” Diego chega depois. Tem dezessete anos e tenta obedecê-la da melhor maneira que pode. Na presença da mãe, escutamos: “... ele parou de estudar porque perdeu a vaga. Mais uma vez. Ele é mentiroso. Dizia que ia pra escola, mas não ia. Puxou ao pai.” Diego não tem o sobrenome do pai no registro de nascimento. Diz que nem o conhece. A mãe, com quarenta e sete anos, veio do Norte há dezoito. “Trabalhava em casa de família – a mesma até hoje – era muito namoradeira. Conheci o pai dele num forró.” Engravidou e os conselhos vieram: “tira!”; “não tira!” “Ele sumiu. Eu não sabia nada dele.” Mas... “acho que ele tinha família, que era casado”. Quando Diego tinha sete anos, ele re-apareceu. “Disse que esteve sempre por perto. Viu minha barriga crescer. Trabalhava como porteiro ali perto. Voltamos a namorar. Ele morou mais ou menos um ano com a gente. Depois sumiu de novo.” Num outro momento, interrogado sobre isso, Diego diz: “Não lembro.” Diego tem um irmão – Francisco, de onze anos, filho de outro relacionamento, de pai também Francisco. Na história da mãe, a repetição – namoradeira, forró, pai do Francisco, engravidou, sumiu - até que... “quando ele re-apareceu, há dois anos, foi diferente. Fiz teste de DNA e ele registrou no cartório: nome e

sobrenome.” Francisco repetiu seu nome no filho. Hoje, estão namorando, “em casas diferentes”.

Alice/Lewis Carroll (1999) tomam a palavra.

- Agora a senhora está com melhor aparência. Venha ver. Uma camareira está lhe fazendo muita falta!

- O lugar é seu, se quiser – ofereceu a Rainha. – Duas moedas por semana, e sobremesa, dia sim, dia não.

Alice não pôde conter o riso ante a proposta, respondendo: - Não estou precisando de emprego no momento. Além disso, não costumo comer sobremesa.

- É porque não provou nossa geléia! É ótima.

- Acredito, mas é que não quero comer geléia hoje.

- Mesmo que quisesse, não seria possível comer geléia hoje – disse a Rainha. – Nossa regra é essa: geléia ontem, geléia amanhã; hoje, nunca.

- Mas deve haver algum dia de geléia hoje, ora!

- Não, não. A geléia é sempre no outro dia. Hoje é hoje, não é “outro dia”.

- Não consigo entender tamanha confusão!

- Isso é resultado do fato de você viver “lá atrás” – explicou a Rainha. – No princípio, a pessoa fica assim, meio atordoada... (p. 219)

Durante a entrevista de anamnese, a mãe do Diego e do Francisco conta sua conversa com a psicóloga do Francisco.

“Ela perguntou se era eu quem cuidava dele. Respondi que sim; o Francisco respondeu que não. Perguntou se ele sabia do meu namoro. Respondi que não; ele respondeu que sim. Ela falou: “mãe, você não mente para o seu filho, não é?” Esclarecido com a psicóloga; ali, nós concluímos: “você não mente para seu filho; só para a psicóloga, não é?” - Com certo constrangimento, ela concorda.

É Diego quem cuida do irmão, enquanto ela multiplica-se entre a casa de família onde trabalha, a casa do namorado-Francisco e sua casa onde, também, mora com os filhos.

Alice também muniu-se de paciência.

- Viver lá atrás! – repetiu Alice, tomada de espanto. – Nunca ouvi falar tal coisa!

- ...mas há uma grande vantagem nisso: a memória da pessoa trabalha em duas direções.

- No que se refere à minha memória – retrucou Alice – garanto que ela só trabalha numa direção. Não posso recordar-me de algo que ainda não aconteceu!

- Fraca memória essa, que só sabe recuar no tempo... – comentou a Rainha.

- Que tipo de coisas a senhora recorda melhor? - aventurou-se Alice a perguntar.

- Oh, as coisas que aconteceram na semana depois da semana que vem (p. 219/220).

No Serviço Público,

com Diego, fico sabendo do encaminhamento feito através da Guia de Referência - ficha preenchida pelo profissional de saúde de uma unidade

para encaminhamento do usuário do SUS a uma especialidade médica em outra unidade. Trata-se, portanto, de um dispositivo utilizado para, com maior formalização, ‘garantir’ a responsabilidade pelo acolhimento por parte do profissional e/ou unidade que recebe o encaminhamento - pela Fonoaudiologia. Diego nunca esteve no tal Posto, nem diante da tal fonoaudióloga que solicita “avaliação e conduta”. Esta é amiga da patroa da sua mãe – que sempre insistiu para que levasse Diego a um psicólogo para fazer tratamento. Quem mente o quê e quem sustenta o quê? (Calo a vontade de sugerir que a fonoaudióloga venha também se tratar do problema psicológico de sustentar mentiras para a mãe do Diego.)

Diego trabalha para o marido da patroa da sua mãe. E decide continuar vindo – falar do seu namoro. Do processo de avaliação, percebemos que a mentira que ele sustenta para a mãe é de todos aqueles que vão tecendo sua história – memória de sua vida para frente e para trás. Até quando? - Sustentar, recolocar, obedecer, repetir. Escutar.

Ao modo da Alice, seria o caso de ajudar Diego, ao re-colocar o xale, obedecer da melhor maneira que pode? Melhor maneira?! Obedecer?! Que estes sejam traçar movimentos para que – quem saberá? – seja possível a “geléia hoje” que o libere de uma memória que aprisiona o futuro no passado.

- Que tipo de coisas a senhora recorda melhor?...

- Oh, as coisas que aconteceram na semana depois da semana que vem... Agora, por exemplo, - prossegue, esmagando entre os dedos um pedaço de gesso - o que está acontecendo com o Mensageiro do Rei? – Está na prisão, sendo punido, e o julgamento não deverá ter início senão na próxima 4^a feira. Só depois disso, naturalmente, é que ele irá cometer um crime.

- Suponhamos que ele jamais chegue a cometer esse crime.
- Isso seria excelente, não é mesmo? – disse a Rainha, prendendo o gesso no dedo com a ajuda de uma fita (CARROLL, 1999, p. 220/221).

Quem dera pudéssemos jamais chegar ao crime – tornando prisões e julgamentos, as doenças e sofrimentos? Quem dera tornar obsoletas obediências para que os tempos pudessem passar? Culpas?! – Quanto há o que desobedecer...

O Que Pode a Voz?

Para dialogar você deveria conhecer a língua. Uma série de golpes seguidos, uma pausa, outros golpes isolados: são sinais traduzíveis de um código? Alguém está formando letras, palavras? Alguém quer comunicar-se com você, tem coisas urgentes para dizer-lhe? (CALVINO, 2010, p. 72)

Adriana Cavarero (2011) também serve-se da Literatura para problematizar. Ocupando-se da Metafísica e, mais especificamente, da voz. “A história da metafísica é a estranha história da desvocalização do logos” (p. 58). Trata-se, para “Narrativas...”, da intensificação problematizadora da linguagem.

A Filosofia, desde sua origem – grega -, ocupou-se do dito. Fez do *logos* “uma ordem inteligível que representa, exprime, significa, designa, duplica e organiza a ordem objetiva dos entes” (p. 45). Esta operação – metafísica -, que a Linguística sustentou, calou o dizer, calou a voz. Apropriou-se da épica – narrativa - para, disciplinando a palavra, torná-la discurso/*logos*.

Segundo Cavarero, “há um campo da palavra no qual a soberania da linguagem se rende à soberania da voz. Trata-se, obviamente, da Poesia” (p. 25). Neste momento, evidencia “o papel da épica nas culturas orais” (p. 25), assim como a importância de Homero. Em princípio, “a voz é som, não palavra (CAVARERO, 2011, p. 28). No entanto, “a palavra constitui seu destino essencial” (p. 29). Com sua “consistência sonora” (p. 29), a palavra – “articulação sonora sempre contingente, emitida pela boca de alguém dirigida ao ouvido de outro” (p. 29) - retorna à cena das problematizações da pesquisadora e historiadora italiana. Retorno que possibilita, aqui, interrogarmo-nos acerca de uma ciência outra: ciência do único, do particular, do singular.

CA: *Nosso. Mas eu acho que eu fui com você. Eu fui mergulhando e me segurando, às vezes, nas coisas para não me afogar. E te dizendo, também, ‘olha está afogando demais; está dando soca demais; nem sempre eu gosto de tomar soca’. Acho que as pessoas também não. O desafio de como transformar isso num potente instrumento e material a ser usado na Academia. Porque eu acho que tem esse desafio, também. Então, por mais que você diga que ‘não, eu não vou por aí’, mas tem. Eu me interesso que outras pessoas leiam esse trabalho, que outras pessoas usem coisas dali que estão muito interessantes, muito importantes para a formação dos alunos. Então, como essa instituição Academia entra trazendo para a gente, muitas vezes, alguns problemas, do ponto de vista de como convocar uma banca, de como lidar com situações no próprio processo da formação. Eu fico me lembrando daquela aula de Metodologia, da apresentação do trabalho. Lembra? Você estava super tensa. Como fazer, não só a turma, mas também quem estava regendo aquele processo, ali naquele momento, entrar nessa discussão e não se assustar tanto. Até porque não tinha um percurso, não tinha uma experiência de poder dizer assim: ‘fica tranquila; eu sei que é muito bom; vai ficar muito bom’. Eu acho que tem isso tudo. E a gente não pode lidar como avestruz. Ou, ‘outside’, dizendo ‘dane-se’. Não! Nós estamos, você está numa instituição Academia que tem suas durezas. Mas eu acho que a gente tem brigado – os alunos, alguns professores – para que a gente fique poroso e não fique preso nas armadilhas de Capes, dessas coisas. Mas é real. Está ali. Eu, às vezes, me sinto meio... fico num funcionamento meio guardião. Tipo assim: nada vai atrapalhar esse percurso da Marcia.*

MM: *Protegendo?*

CA: *Não sei se a palavra é essa. Mas é garantir, porque eu acredito. Não é porque eu sou boazinha. Porque se eu não acreditasse, também não estaria bancando. Mas, ao mesmo tempo, de vez em quando, meio que de... sinalizadora. É engraçado esse lugar. E é singular.*

MM: *E é uma prática psi generosa, também.*

CA: *Eu acho que é uma prática que eu fui aprendendo, também.*

MM: *Prática psi de orientar sem calar, sem fechar demais.*

CA: *Sem calar, sem fechar. Ao mesmo tempo, não sendo boazinha. Aquela brincadeira que a gente faz da oitava pista da Esquizoanálise que é não atrapalhar. Eu venho*

aprendendo. E eu tive essa experiência no meu Doutorado, que foi muito forte para mim. Com o Orlandi. Eram as duas pistas que ele dava. Uma que era ‘não atrapalhar’ e a outra que era ‘sapo de fora chia’. Eu achava o máximo. ‘Sapo de fora chia’, então, ‘vai à luta; vai procurar coisas em outros lugares; não precisa ficar só com a minha fala, com a minha intervenção; ainda que a gente vá brigar’ – quando vem alguma... que eu acho não interessante a condução. Então, eu acho que o Orlandi – para mim – foi meu grande mestre nisso. E nesse exercício cotidiano. Não na fala boba – ‘olha, sapo de fora chia’-, mas no fazer cotidiano. E eu acho que eu aprendi muito com ele, neste sentido, neste viés de mestre-aprendiz. Eu brinco, o tempo inteiro: quando eu crescer, quero ser, funcionar como ele. Porque ser como ele, impossível. Funcionar como ele. Isso é delicado. Eu acho que em algumas relações de orientação isso vale, em outras, não. Vai muito em função do que você vai construindo com a pessoa.

MM: Parece que eu quero dar conta de tudo, no mesmo funcionamento da “Narrativas...”. Parece que tem aquilo: tudo, turbulência. E, aí, a gente dá uma organizada. A organização serve à vida, sim. Você falou, do silêncio. Você lembrou de uma coisa que estava em algum lugar da memória, porque foi, em um primeiro momento de uma certa, entre aspas, avaliação. Quando eu apresento o projeto, na turma, um silêncio. E, naquele momento, aquele silêncio me sugeria um ‘não’. Porque só quem fala é a professora que coordenava aquele trabalho e eu. A turma se cala. E, agora, nesse acabamento, tem uma questão do silêncio. Fazer acabamento é silenciar. Mas um silenciar que/onde não cabe pensar na falta angustiante que eu vivi naquele momento. Então, foi um resgate bacana seu, nessa nossa *Conversa*. Outra questão – a gente já tinha falado isso, também – é o respeito, entre aspas. Quando eu estava me afogando, querendo me afogar, querendo... Uma medida que talvez eu não soubesse dar, até onde eu podia me afogar. E, com isso, você trouxe, para mim, num determinado momento, a sua experiência com o seu orientador de um cuidado para eu não... de uma prudência para eu não cair num auto-extermínio – próprio da minha prática, da pesquisa, o que fosse. Mas, ao mesmo tempo, acatando que eu sou um ser de afogamentos. Eu não posso afogar o outro, mas... E eu re-nasço dos afogamentos. Certamente. Porque foram vários. Lógico que eu não quero isso o tempo todo para a minha vida. Mas é uma experiência que eu já conheço bacana/muito. De quase sufocar e de querer mais vida, a partir daí.

A pesquisadora e historiadora Adriana Cavarero (2011) justifica a importância da narrativa homérica – vendo nela um mais além que sua contribuição para a Metafísica e para a formação do homem ocidental.

É a voz, com seus ritmos sonoros, que organiza as palavras do canto épico. O semântico, ainda não submetido às leis congelantes da escritura, dobra-se à musicalidade do vocálico (p. 25).

Cavarero também ultrapassa os gregos para ver na Linguística o que chama “desvocalização do logos” (p. 50) – “a linguagem generaliza, universaliza, apaga as diferenças” (p. 68). E indo mais além, aponta para as problematizações operadas nas Literaturas de Jorge Luis Borges e de Ítalo Calvino.

O olhar de Funes captava a unicidade de cada existente, o devir típico de tudo o que vive e que transforma as coisas (CAVARERO, 2011, p. 67).

O personagem de Borges (1989) – Irineu Funes, o Memorioso – “expectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso” (CAVARERO, 2011, p. 67) pode perceber “a pluralidade móvel do contingente, paralisada na irrepetibilidade do instante” (p. 67).

Por sua vez, o rei-personagem de Ítalo Calvino (2010), também problematiza a Metafísica.

Para quem está ansioso, cada sinal que rompe a norma surge como ameaça... Quem sabe a ameaça vem mais dos silêncios que dos ruídos? (CALVINO, 2010, p. 69)

ELA repete Calvino.

Mas talvez seja na própria regularidade que se aninha o perigo. (CALVINO, 2010, p. 70)

CA: *Eu tinha vontade de saber de você como é que está este processo, como é que está essa... Eu acho que não as Considerações Finais... Eu acho interessante, porque aí tem esse viés da orientadora. Eu fico muito mais nervosa com a Introdução. Com as garrafas. Até pelo percurso – que eu acho que uma coisa é estar acompanhando esse processo, como eu estive tão perto, lendo tudo aquilo que você escreveu, que depois você foi modificando. A gente começando, de uma alguma forma, a fazer uma certa organização – quem fala, quando fala, no texto. E isso eu me preocupo com quem vai receber o trabalho. Porque eu acho que também é preciso uma generosidade com os colegas. Não é fazer para a Banca. Passa muito longe – quilômetros – disso. Mas como trazer a Banca? Porque, na verdade, o nosso trabalho, seja na prática ou em qualquer outra, mas vamos falar da prática psi, é um pouco como é que a gente traz o outro. Traz o outro para estranhar, para dizer ‘esse, não’, mas como é que a gente traz. Eu não*

gosto dessa palavra ‘inclusão’, porque ela é muito perigosa. Mas como é que eu convoco o outro para estar junto? E a entrada num trabalho não é o estranhamento que nos retira dele... Mas qual a generosidade que a gente tem com quem vai ler. E essa generosidade não é facilitar. Não é dar pistas para o outro, no sentido de acompanhar. Mas como é que esse trabalho convoca a seguir? Porque, vamos combinar, que não é uma tarefa fácil pegar a prancha e ir para estes Mares.

MM: Isso foi colocado no momento da Qualificação, e eu concordei com alguém da Banca. Era a Heliana. Não é para qualquer leitor; não é para qualquer pessoa estar perto de mim. Não é qualquer um que suporta esse meu modo. Isso, ao mesmo tempo, parece um descaso. Quando a gente seleciona pessoas para a Banca, para ler, ou quando eu vou selecionando pessoas para estarem perto de mim, na vida, eu qualifico essas pessoas. Qualifico, afetivamente. Não é qualquer pessoa – no sentido de que aquela pessoa, aquela prática, aquela vida - por mais que eu não acesse a vida de todo mundo - é uma sensibilidade que me faz chegar perto, querer estar perto. As escolhas das pessoas, dentro de um possível de – agora vai faltar a palavra – dentro do que eu possa me apropriar sem ser controle ou garantias, mas que eu sei que podem ler “Narrativas...”... Porque daqui a pouco isso vai se perder. Eu não sei, obviamente, quem, um dia, vai ler. Mas esse cuidar de quem vai estar junto é seletivo. Mesmo quando você sugere alguém para estar junto nesse acabamento - que se fecha lá na Defesa -, eu confio que você traz alguém com a sensibilidade que compõe com o que quer a tese. Por isso que não é qualquer leitor. São pessoas bacanas. São práticas de pesquisa, de formação psi, não psi, muito selecionadas.

CA: *Com certeza. É um desafio. É uma aposta. Acho que é essa a aposta que a gente fez na Qualificação e está fazendo agora.*

MM: E óbvio, e isso vai ficar registrado, que não é querer compromissar a Banca de ter que concordar com tudo.

CA: *E nem adianta que você queira!*

MM: Até porque a dissonância é o que eu falo; o reverso é o que eu aposto. E isso acompanha a vida.

CA: *E que, às vezes, irrita. Às vezes, aborrece. Mas é parte. Até eu acho que a seriedade com que foi feito esse trabalho compõem com isso. Não é fácil! Mas essa possibilidade de, vamos dizer a palavra que não é boa, mas de ‘incompreensões’ com isso cabe. E a questão é como é que a gente vai bancar isso? E a gente está bancando. E bancando porque eu acho – no meu caso – que está muito bom esse trabalho. Agora, ele é um trabalho muito, muito, diferente do que você vê, do ponto de vista de uma certa marcação acadêmica mais formal, mais tradicional. Por isso que eu concordo com você que não qualquer leitor e isso não é desmerecendo as pessoas e nem desmerecendo o trabalho. Ao contrário, é isso: como é que a gente faz passar um trabalho, na força que ele tem, que é de ser singular? É claro que ele pode versar – e, aí, é o fio da navalha – a erudição. E, aí, a gente tem que afastar disso. Eu acho que o fio da navalha todo do seu processo foi escapar dessa erudição abstrata. Que muito bem colocada pode ser muito interessante, mas que é vazia.*

MM: E tudo o que eu não quero é isso. Por isso que a Literatura vem ‘bagunçar’, ela vem fazer uma interferência para mudar essa coisa do ‘tenho um saber pronto e repetido’. E eu quero e eu preciso desse desarrumado

CA: *Por isso que é preciso um leitor que saque isso. E não um leitor que chegue ali e ‘caramba! quanto autor!; quanta gente!’*

Calvino (2010) interroga.

Existe uma história que liga um assobio a outro? Você não consegue deixar de procurar um sentido, que talvez se oculte não nos ruídos isolados, mas no meio, nas pausas que os separam. E se há uma história, é uma história que lhe diz respeito? Um encadeamento de consequências que acabará por envolvê-lo? (p. 69)

O que pode a voz?

SILENCIO

Da Praia, inverte-se o olhar. Pode-se avistar. Pode-se ouvir. Um *Canto*? Vozes? Palavras? Discursos? Como, ao empreender uma pesquisa e ousar a construção de uma tese em meio a vida, transmutar palavras sem impor o mesmo? Silenciando? O que pode uma tese? E um acabamento? O que pode uma voz? O que pode o silêncio?

Havia uma canção, uma voz de mulher que de vez em quando o vento lhe trazia... por uma janela aberta, era uma canção de amor que, nas noites de verão, o vento lhe trazia aos pedaços e mal você pensava ter agarrado alguma nota ela já se perdia, não tinha jamais a certeza de tê-la escutado mesmo ou só imaginado, ou apenas desejado ouvi-la, o sonho de uma voz de mulher que canta no pesadelo de sua longa insônia (CALVINO, 2010, p.78).

MM: Eu gostei quando você falou: o ‘bando’. O ‘bando’ com Foucault fica erudito. Mas o ‘bando’ também com uma *Minerva*. Que me enerva, às vezes. Tem o Diego e a Rainha Alice. E uma coisa bacana que a gente está fazendo, Cláudia, é que a gente abre essa *Conversa* com você falando do não-lugar. E como dar potência a este não-lugar? E não torná-lo a falta de um lugar. Mas um lugar possível de... dos entremeios. Que ele possa fazer este percurso transdisciplinar. Que é esse vazar das águas e das práticas.

CA: E que, às vezes, é estratégico. Ou tático – se a gente vai pegar lá o De Certeau. Você até dá um nome. Lembro, uma vez, um colega da Pós que me perguntou: ‘mas não fica claro qual é o seu campo’. E eu digo: eu trabalho com intervenção, com a micropolítica. ‘Ok. Mas isso aonde?’ Eu falei: na formação, nas Políticas Públicas. ‘Ah!’ Aí, parece que... Claro que eu tenho um trabalho grande no campo no campo da Saúde, no campo da Formação, em Instituições de Formação, nas Organizações de Formação. Mas necessariamente não sei se é isso que define meu campo de pesquisa. Meu campo de pesquisa tem sido mesmo a questão da intervenção: como é que é produzir cuidado – e não necessariamente o cuidado psi, apenas -? Na verdade, a minha pesquisa se volta

assim: aonde tem movimento? aonde tem fala menor? É isso que eu quero! Então, eu vou ver isso na Assistência Social, no SUS, na Educação. Às vezes, para deixar calmo, eu digo: ah, nas Políticas Públicas.

MM: Transdisciplinar. Como dar visibilidade a essa palavra como verbo? O percurso transdisciplina. É possível tirá-lo do seu uso de adjetivo?

CA: Entendo que o que faz disciplinar verbo intransitivo é pensar o percurso como acontecimento (entrevistas/transcrições/modo-montagem das discussões/paradas...)

MM: Tem uma estratégia. Isso o Nietzsche ensina pra gente. A vida precisa ter uma matéria, uma cara, para poder passar. E quando você fala disso - um campo - que essa matéria estratégica, tática. Sua prática vai aonde ela puder chegar. E onde ela puder chegar é o ilimitado - porque a imagem para mim é muito clara do mar, mesmo. Aonde puder vazar. Aonde puder entremear. É isso! E precisa não habitar um lugar fixo para poder fazer isso. Mais uma vez, transdisciplinar não pode ser um adjetivo bonito, diferente, de 'vanguarda' que sirva a classificar/nomear um amontoado - às vezes, equivocado - de práticas esquizo... 'Sou esquizoanalista'. É urgente que seja verbo. 'Minha, esta ou aquela prática transdisciplina na Saúde, num Posto de Saúde, num hospital geral, num hospital onde se produz loucos; numa sala de aula, na vida...' Puxa, Claudia, ainda fico indignada com o que também a Academia produz: saídos das fraldas repetindo frases feitas, mas co-produzindo síndromes do pânico, depressões, psicóticos... Minha pequena revolução: essa 'tese'; minha ferramenta: a palavra - onde ela chegue, atordoando, irritando, cansando...

CA: *Na orientação, é claro que acaba vindo para mim muita gente da Saúde, agora da Assistência Social e que eu gosto, porque são psis que estão lá dentro, inventando coisas. Mas tem também outros que vêm, também, ventilar. Então, tem o Lucas que pega a coisa da Reforma Psiquiátrica como mote, mas que está trabalhando a história oral, numa política da amizade com o Galdêncio Sete Luas (Roratto, 2012). Tem você, que pega Serviço Público e entra com a Literatura, que eu amo e de um modo que eu gosto - porque não é a Literatura enfeitando. É a Literatura tensionando por dentro. Tem o Gabriel que trabalhou, pegando a discussão do acontecimento, mas na verdade, vai trabalhar a questão da Clarice Lispector - então, como ele vai pensar o agenciamento, pegando alguns versos da Clarice, que é o amor... E fazendo isso de uma maneira muito legal. Então, isso, para mim, também, é como na minha vida tem funcionado a Literatura e a possibilidade de ainda ser psi - que é o acesso à Literatura. Eu me formei numa casa lotada de livros. Que a televisão ficava no meio de uma estante tomada. E desde pequena a minha grande questão era pegar aqueles livros para ler. Então, eu lia livros que eu nem sabia o que eu estava lendo. Meus irmãos debochavam muito de mim, porque tinha um livro - acho que foi um dos primeiros fora da Literatura infantil que eu peguei, que era o John Carrick, A Cilada - que era uma coisa. E eu dizia 'cílada'. E eles riam; passavam mal de rir. Mas eu peguei. Aí, fui pegando outros. Tinha lá uma estante...*

MM: E isso tão bacana. Isso me ensina que nem todo movimento na vida tem uma intenção previamente... 'O que eu vou fazer com esse livro?'. Eu estou ali disponível para ele. Sem abandonar o rigor dos planejamentos, das... Se deixar ser tomada. E a partir dali ver o que eu faço com isso. A disponibilidade para a Literatura que, hoje, acredito, que te permite topar essa...

CA: *Com certeza.*

MM: ... esse desafio, como você falou, de vir comigo.

CA: *Desafio de vir com você e também com quem está dentro das Políticas Públicas. Porque, na verdade, não é qualquer um que está dentro das Políticas Públicas. Acho que quem eu escolho orientar – salvo alguns equívocos, às vezes...*

MM: Que é da vida.

CA: *Que é da vida. Erros de avaliação fazem parte. Acho que são pessoas que estão tentando.*

MM: Os meus, os nossos ‘bandos’ e, agora, você traz nomes de pessoas que eu conheço, de pessoas que eu não conheço. Mas os bandos. A gente vai trazendo essas pessoas que de alguma forma tocam, tocaram a gente de alguma forma com a sensibilidade delas. E como não trazer isso para “Narrativas...”? Às vezes, eu quero contar tudo. Não dá para cair na falta. A vida continua e que outras... Isso estava no final da dissertação da Margarida (FERREIRA DA SILVA, 1989). Acho que ela pega Foucault e fala: “que outras histórias de inventem” (p. 103). Que outras Narrativas se multipliquem. Não minhas, não nossas. Mas que isso seja um perturbador.

CA: *É isso!*

ELA se diz:

Ficção!

É que também para ELA, “é impossível conter-se” (CALVINO, 2010, p. 80).

Há uma parte de você que está correndo ao encontro da voz desconhecida. Contagiado por seu prazer em fazer-se ouvir, gostaria que sua escuta fosse ouvida por ela, você também gostaria de ser uma voz... (p. 80)

ELA é Ficção, é Mar, é *Canto da Sereia*, é Movimento que vaza. ELA é e pode deixar de ser. ELA. Que não se quis personagem conceitual, para que não correr o risco de confundir-se com uma imaginária realidade subjetiva. ELA que se quis movimento em mim: encarnação estratégica nas palavras (semânticas?!) de um movimento ao modo da voz encarnada. ELA é o que pode “Narrativas...” para além de um relato descritivo a sustentar novas verdades. Ela é *Começo* para além de uma origem, um movimento acionado. ELA é *Política* para além do aprisionamento das forças, o que está prestes a. ELA é *Pesquisa* para além do levantamento e da organização de dados, uma aventura. ELA é *Linguagem* para além das significações representativas, a proliferação de sentidos.

ELA é *Tempo* para além do aprisionamento dos movimentos, o que escapa. ELA é *Memória* para além da retenção dos acontecimentos no passado, o que nos toma. ELA é *Literatura* para além da realidade imaginária, um modo. ELA é *História* para além da configuração visível e hegemônica de fatos, outra versão. ELA é Vida. ELA é o que deixa de ser. ELA, agora, é o que silêncio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLIEZ, E. Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica. RJ: Ed. 34, 2000.
- ARAGÃO, V. O Narrador Pós-Moderno em Silviano Santiago. RJ: Caetés, 2009.
- AUSTIN, J. L. Quando Dizer é Fazer. PA: Artes Médicas, 1990.
- BAPTISTA, L. A. O Veludo, O Vidro e O Plástico – Desigualdade e Diversidade na Metrópole. RJ: Eduff, 2012.
- _____. Psicologia e Mobilidade: O Espaço Público Como Direito de Todos. Brasília: 2000.
- _____. Corpocidade: Debates, Ações e Articulações. Bahia: EDUFBA, 2010.
- BECKETT, S. O Inominável. RJ: Nova Fronteira, 1989.
- BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política. SP: Brasiliense, 1987.
- _____. Obras Escolhidas. SP: Brasiliense, 2011.
- _____. O Conceito de Crítica Estética no Romantismo Alemão. SP: Iluminuras, 2002.
- BLANCHOT, M. Espaço Literário. RJ: Ed. Rocco, 1987.
- _____. A Parte do Fogo. RJ: Ed. Rocco, 1997.
- _____. O Livro Por Vir. SP: Martins Fontes, 2005.
- _____. Nietzsche e A Escrita Literária. Buenos Aires: Ed. Calden, 1973.
- _____. Conversa Infinita. SP: Escuta, 2007.
- BOJUNGA, L. A Casa da Madrinha. RJ: Casa da Lygia Bojunga, 2012.
- BORGES, J. L. Ficções. SP: Ed. Globo, 1989.
- BUARQUE DE HOLLANDA, A. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. RJ: RPP Ed., 1977
- CALVINO, I. “Um Rei À Escuta”. Em: Sob o Sol-Jaguar. SP: Companhia das Letras, 2010.
- CARROLL, L. Obras Escolhidas. BH: Itatiaia, 1999.
- CAVARERO, A. Vozes Plurais – Filosofia da Expressão Vocal. BH: Ed. UFMG, 2011.
- DELEUZE, G. Lógica do Sentido. SP: Ed. Perspectiva, 1988.
- _____. Nietzsche e A Filosofia. RJ: Ed Rio, 1976.
- _____. Proust e Os Signos. RJ: Forense Universitária, 2006a.
- _____. Diferença e Repetição. SP: Graal, 2006b.
- _____. Conversações. RJ: Ed. 34., 1992.
- _____. Cinema II: Imagem-Tempo. SP: Brasiliense, 2009.
- _____. A Ilha Deserta. SP: Iluminuras, 2014.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Mesetas: Capitalismo y Esquizofrenia. Valencia: Pré-Textos, 1988.
- _____. Mil Platôs. RJ: Ed. 34, 2008.
- _____. Anti Édipo. Portugal: Assírio e Alvin, 1972.
- _____. Kafka: Por Uma Literatura Menor. RJ: Imago, 1977.
- _____. O Que é a Filosofia. RJ: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. e PARNET, C. Diálogos. Lisboa: Relógio D'Água, 2004
- _____. Abecedário de Gilles Deleuze, 2009. Disponível em <http://www.4shared.com/get>. Acesso em 10 de julho de 2010.

- DESPRET, V. “Leitura Etnopsicológica do Segredo”. Em: *Fractal - Revista de Psicologia*, v. 23, n1, jan/abr., 2011.
- DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. SP: Edusp, 2009.
- DURAS, M. *O Amante*. SP: Círculo do Livro, s/d.
- FALEIROS, A. *Um Lance de Dados: Contrapontos à Sinfonia Haroldiana*. SP: *Revista de Letras*, v. 47. n. 1, 2007.
- FARIAS ERNESTO. *Dicionário Latino Português*. MEC, 1982.
- FERREIRA DA SILVA, M. *Pegue o Seu Papel e Cale a Boca*. Dissertação de Mestrado. RJ: FGV, 1989.
- FIGUEIREDO, A. C. *Vastas Confusões e Atendimentos Imperfeitos*. RJ: *Relume Dumará*, 2002.
- FONSECA, T. M. G. (org.) *Pesquisar Na Diferença: Um Abecedário*. PA: Sulinas, 2012.
- FOUCAULT, M. *As Palavras e As Coisas*. SP: Martins Fontes, 2007.
- _____ *A História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. RJ: Graal, 1994.
- _____ *A Verdade e As Formas Jurídicas*. RJ: Nau Ed., 2009.
- _____ *Microfísica do Poder*. RJ: Graal, 1992.
- _____ *Ditos e Escritos III*. RJ: Forense Universitária, 2001.
- _____ *Ditos e Escritos V*. RJ: Forense Universitária, 2010.
- _____ *Ditos e Escritos VII*. RJ: Forense Universitária, 2011.
- FUKUYAMA, F. *O Fim da História e o Último Homem*. RJ: Rocco, 1992.
- GARCIA MARQUEZ, G. “Só Vim Telefonar”. Em: *Doze Contos Peregrinos*. RJ: Record, 2011.
- GERHEIM NORONHA, J. *O Pacto Biográfico: De Rousseau à Internet*. BH: Ed. UFMG, 2008.
- _____ *Notas Sobre Autobiografia e Autoficção*. Em: *Literatura, Crítica e Cultura IV – Interdisciplinaridade*. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- GUATTARI, F. *Revolução Molecular*. SP: Ed Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis, 1986.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. RJ: Nova Fronteira, 1986.
- HECKERT, A. e PASSOS, E. “Pesquisa Intervenção Como Método, a Formação Como Intervenção”. Em: CARVALHO, S. e BARROS, M. *Conexões – Saúde Coletiva e Políticas de Subjetividade*. SP: Ed. Hucitec, 2009.
- HOMERO. *Odisseia*. SP: Martin Claret, 2011.
- KAMKHAGI, V. *Análise Institucional no Brasil*. RJ: Rosa dos Tempos, 1981.
- KLINGER, D. *Escritas de Si, Escritas do Outro*. RJ: Sete Letras, 2012.
- LISPECTOR, C. *Para Não Esquecer*. SP: Círculo do Livro, 1980.
- _____ *Um Sopro de Vida*. RJ: Rocco, s/d.
- LÔBO, L. “Deficiência, Prevenção e Estigma”. Em RODRIGUES, H. B. C. *Grupos e Instituições em Análise*. RJ: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.
- _____ “A Dominação da Diferença: Um Comentário Sobre o Filme *O Enigma de Kaspar Hauser*”. Em: RODRIGUES, H. B. C. *Grupos e Instituições em Análise*. RJ: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.
- DELEUZE, G. e PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D’Água, 2004
- _____ *Abecedário de Gilles Deleuze*, 2009. Disponível em <http://www.4shared.com/get>. Acesso em 10 de julho de 2010.

- DESPRET, V. “Leitura Etnopsicológica do Segredo”. Em: *Fractal - Revista de Psicologia*, v. 23, n1, jan/abr., 2011.
- DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. SP: Edusp, 2009.
- DURAS, M. *O Amante*. SP: Círculo do Livro, s/d.
- FALEIROS, A. *Um Lance de Dados: Contrapontos à Sinfonia Haroldiana*. SP: *Revista de Letras*, v. 47. n. 1, 2007.
- FARIAS ERNESTO. *Dicionário Latino Português*. MEC, 1982.
- FERREIRA DA SILVA, M. *Pegue o Seu Papel e Cale a Boca*. Dissertação de Mestrado. RJ: FGV, 1989.
- FIGUEIREDO, A. C. *Vastas Confusões e Atendimentos Imperfeitos*. RJ: *Relume Dumará*, 2002.
- FONSECA, T. M. G. (org.) *Pesquisar Na Diferença: Um Abecedário*. PA: Sulinas, 2012.
- FOUCAULT, M. *As Palavras e As Coisas*. SP: Martins Fontes, 2007.
- _____ *A História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. RJ: Graal, 1994.
- _____ *A Verdade e As Formas Jurídicas*. RJ: Nau Ed., 2009.
- _____ *Microfísica do Poder*. RJ: Graal, 1992.
- _____ *Ditos e Escritos III*. RJ: Forense Universitária, 2001.
- _____ *Ditos e Escritos V*. RJ: Forense Universitária, 2010.
- _____ *Ditos e Escritos VII*. RJ: Forense Universitária, 2011.
- FUKUYAMA, F. *O Fim da História e o Último Homem*. RJ: Rocco, 1992.
- GARCIA MARQUEZ, G. “Só Vim Telefonar”. Em: *Doze Contos Peregrinos*. RJ: Record, 2011.
- GERHEIM NORONHA, J. *O Pacto Biográfico: De Rousseau à Internet*. BH: Ed. UFMG, 2008.
- _____ *Notas Sobre Autobiografia e Autoficção*. Em: *Literatura, Crítica e Cultura IV – Interdisciplinaridade*. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- GUATTARI, F. *Revolução Molecular*. SP: Ed Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis, 1986.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. RJ: Nova Fronteira, 1986.
- HECKERT, A. e PASSOS, E. “Pesquisa Intervenção Como Método, a Formação Como Intervenção”. Em: CARVALHO, S. e BARROS, M. *Conexões – Saúde Coletiva e Políticas de Subjetividade*. SP: Ed. Hucitec, 2009.
- HOMERO. *Odisseia*. SP: Martin Claret, 2011.
- KAMKHAGI, V. *Análise Institucional no Brasil*. RJ: Rosa dos Tempos, 1981.
- KLINGER, D. *Escritas de Si, Escritas do Outro*. RJ: Sete Letras, 2012.
- LISPECTOR, C. *Para Não Esquecer*. SP: Círculo do Livro, 1980.
- _____ *Um Sopro de Vida*. RJ: Rocco, s/d.
- LÔBO, L. “Deficiência, Prevenção e Estigma”. Em RODRIGUES, H. B. C. *Grupos e Instituições em Análise*. RJ: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.
- _____ “A Dominação da Diferença: Um Comentário Sobre o Filme *O Enigma de Kaspar Hauser*”. Em: RODRIGUES, H. B. C. *Grupos e Instituições em Análise*. RJ: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.
- _____ “Pesquisar: A Genealogia de Michel Foucault”. Em FONSECA, T. M. G. (org.) *Pesquisar na Diferença: Um Abecedário*. PA: Ed. Sulina, 2012.
- LYOTARD, F. *A Condição Pós-Moderna*. RJ: José Olympio Ed., 2011.
- MACIEL JUNIOR, A. *Polifonias: Clínica, Política e Criação*. RJ: Contracapa, 2005.

- MASCARENHAS, M. O Que Pode a Palavra Na Clínica. Monografia de Especialização. UFF, 1997.
- MITCHELL, J. O Segredo de Joe Gould. SP: Companhia das Letras, 2003.
- NASCIMENTO, E. Matérias Primas: Da Autobiografia à Autoficção. Em: Literatura, Crítica e Cultura IV – Interdisciplinaridade. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.
- NEGRI, A. e HARDT, M. Império. RJ: Ed. Record, 2001.
- NEVES, C. E. B. Intervir entre o Desejo e o Capital. Tese de Doutorado. SP: PUC, 2002.
- _____. “Gilles Deleuze e Política: Interferências nos Modos de Se Estar nos Verbos da Vida. Em TEDESCO, S. Ética e Subjetividade. PA: Sulina, 2009.
- _____. Modos de Interferir no Contemporâneo: Um Olhar Micropolítico. Em: Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 56. n. 1, 2004.
- _____. “Psicólogos: A Gente Percebe uma Situação de Sofrimento Intenso. Em: Jornal do CRP/RJ, n. 32. Abril/Maio/Junho, 2011.
- NIETZSCHE, F. Escritos Sobre História. RJ: PUC/RJ, 2011.
- _____. “A Verdade e a Mentira No Sentido Extra- Moral”. Em: Os Pensadores. SP: Nova Cultural, 1987.
- _____. “O Nascimento da Tragédia”. Em: Os Pensadores. SP: Nova Cultural, 1987.
- _____. Assim Falou Zaratustra: Um Livro Para Todos e Para Ninguém. RJ: Civilização Brasileira, 1983.
- _____. A Genealogia da Moral. Lisboa: Guimaraes, 1983b.
- OLIVEIRA, S. A. OLIVEIRA, S. A. João Gilberto Noll: narrativa pós-moderna, corpos pós-humanos. [199-?]. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/noll1.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2011.
- PELBART, P. P. Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura. SP: Brasiliense, 1989.
- _____. “O Tempo Não-Reconciliado”. Em ALLIEZ, E. Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica. RJ: Ed. 34, 2000.
- _____. Palestra Tempo e Criação – I Encontro de Filosofia com Criança Através da Arte. UFF, 1993. (material gravado e transcrito/xerox)
- PESSOA, F. Seleção Poética. RJ: Instituto Nacional do Livro, 1971.
- _____. Mensagem. SP: Martin Claret, 2003.
- QUINTANA, M. Sapó Amarelo. PA: Mercado Aberto, 1995.
- _____. A Cor do Invisível. SP: Ed. Globo, 1989.
- RAUTER, C. Clínica do Esquecimento. RJ: Eduff, 2012.
- RODRIGUES, H. B. C. Grupos e Instituições em Análise. RJ: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.
- _____. “Subjetividades em Revolta” (Xerox, 1993)
- _____. O Homem Sem Qualidade – História Oral, Memória e Modos de Subjetivação. 2004.
- _____. “Para Uma História do Institucionalismo no Brasil: Polêmicas Relativas à História Oral. Em: JACÓ-VILELA, A.M. (org.) Clio-Psyché. RJ: Relume Dumará, 2003.
- _____. “Uma Brasileira na Torre de Babel”. Em Tese de Doutorado. SP: PUC, 2002.
- _____. “Narrativas Pessoais em Processo de Tratamento da Saúde: O Que Fazemos Com O Que Nos Contam?” CRP, 2013.

- ROLNIK, S. Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo. SP: Estação Liberdade, 1989.
- RORATTO, L. V. Reforma Psiquiátrica – Movimento Histórico e Contemporâneo: Narrativas de Uma Vida. UFF, 2012.
- SALEM LEVY, T. A Experiência do Fora – Blanchot, Foucault e Deleuze. RJ: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. Prefácio. Tese de Doutorado. RJ: PUC, 2009.
- SANTIAGO, S. Nas Malhas da Letra. RJ: Ed. Rocco, 2000.
- SANTOS, L. G. Tempo de Ensaio. SP: Companhia das Letras, 1989.
- SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. SP: Cultrix, 1975.
- SUASSUNA, A. Auto da Compadecida. RJ: Ed. Agir, 2005.
- TEDESCO, S. “Literatura e Clínica”. Em MACIEL JUNIOR, A. Polifonias: Clínica, Política e Criação. RJ: Contracapa, 2005.
- ULPIANO, C. Gilles Deleuze, A Grande Aventura do Pensamento. RJ: Funemac Livros, 2013.
- VEYNE, P. M. Como Se Escreve a História. Foucault Revoluciona a História. Brasília: UnB, 1982.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

- ARANTES, G. e LUCIEN, J. Brincar de Viver. LP: Despertar. CBS, 1985.
- BLANC, A. e BASTOS, C. Resposta ao Tempo. LP: Nana. EMI, 1988.
- _____ e BÔSCO, J. Corsário. LP: Bosco. RCA, 1973.
- BUARQUE, C. Mar e Lua. LP: Vida. Philips, 1980.
- _____ e GUERRA, R. Sonho Impossível. LP: Chico Buarque e Maria Bethânia Ao Vivo. Philips, 1975.
- _____ Você Vai Me Seguir. LP: Meus Caros Amigos. Philips, 1976.
- CALCANHOTO, A. Esquadros. LP: Senhas. CBS, 1992.
- NASCIMENTO, M. e BASTOS, C. Cais. LP: Clube da Esquina. EMI, 1972.
- VELOSO, C. Quereres. LP: Velô. Philips, 1984.
- _____ Senhor do Tempo. LP: Caetano Veloso. Philips, 1968.
- _____ O Nome da Cidade. LP: Senhas (Adriana Calcanhoto). CBS, 1992.
- VERCILO, J. e MARANHÃO, J. Ela Une Todas as Coisas. CD: Jorge Vercilo, 2012.
- VILLA-LÔBOS, R., RUSSO, R., BONFÁ, M. Vento no Litoral. CD: V, 1981.

ANEXO I

Esta Pesquisa foi aprovada pelo COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, em 17 de julho de 2012, sob CAAE: 03236412.0.0000.5243.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Para participar desta pesquisa, que tem como objetivo contar uma história das práticas psicológicas, você – psicólogo/a - responderá a perguntas feitas pela psicóloga pesquisadora. As perguntas serão formuladas de modo que possam ser tomadas como uma conversa sobre o que foi e o que é o trabalho oferecido por sua prática. O material – colhido na forma de entrevista e conversa – será gravado e, posteriormente, narrado em forma de tese de doutorado.

Sua participação na pesquisa, completamente voluntária, não implicará em qualquer custo financeiro, assim como não haverá nenhuma forma de pagamento. A qualquer tempo, você – psicólogo/a – poderá desistir da entrevista, julgando necessário.

Este psicólogo/pesquisador poderá usar parte ou a íntegra do material gravado.

O benefício para os envolvidos na pesquisa, que inclui o próprio psicólogo pesquisador, pretende ser que a história das práticas psicológicas estimulem, ampliem e re-direcionem, quando e se for o caso, políticas públicas e estatais que sustentam as práticas psicológicas nas suas articulações com as demais políticas públicas e estatais.

Ainda que entendamos que não seja possível, nesta forma de pesquisa, o “anonimato dos sujeitos participantes”, os nomes dos sujeitos participantes – psicólogos/as – não serão registrados. Portanto, não publicizados em eventuais artigos, congressos ou eventos onde a pesquisa, em forma de tese, possa ser apresentada.

CASO SURJA ALGUMA DÚVIDA QUANTO À ÉTICA DA PESQUISA, O SENHOR(A) PODERÁ REPORTAR-SE AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA, AO PESQUISADOR RESPONSÁVEL E/OU AO ORIENTADOR DA PESQUISA – identificados/relacionados abaixo.

Pesquisador: Marcia R. da S. Mascarenhas – mm.ska@hotmail.com – tel. 26128052.

Orientador: Claudia E. A. B. Neves – abbes@luma.ind.br – tel. 92036292.

Comitê de Ética: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

EU,

diante do exposto acima, concordo em participar da pesquisa intitulada “Narrativas Contemporâneas: A Vida Contada Pelas Práticas Psi – Obra de arte?”. Tendo sido esclarecido pela psicóloga pesquisadora Marcia Regina da S. Mascarenhas e, de acordo com sua duração e propósito, tendo questionado sobre seus aspectos, tendo tido liberdade para decidir sobre minha espontânea participação, concordo em colaborar. Ciente de que sou livre para sair da pesquisa a qualquer momento, de que minha identidade jamais será publicada e de que os dados colhidos poderão ser examinados por pessoas envolvidas na pesquisa com autorização delegada pela pesquisadora, estou recebendo uma cópia assinada deste termo.

Pesquisador: Marcia Regina da S. Mascarenhas

Data:

Assinatura:

Participante:

Data:

Assinatura: